

KATY REGNERY
BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

O Coração da Fera

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA





KATY REGNERY

*O coração
da Fera*

Conto de Fadas Moderno

BASEADO EM BELA E A FERA

Título original: *The Vixen and the Vet*
Copyright © 2014 Katharine Gilliam Regnery
Copyright © 2018 Editora Bezz

Tradução: *cedida pela autora, em acordo feito com o tradutor*

Revisão Final: Vânia Nunes

Diagramação: Denis Lenzi

Capa: Katy Regnery

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações - exceto no caso de trechos breves ou citações incorporadas em revisão ou escritos críticos, sem a permissão expressa do autor e editora.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência e não pretendida pelo autor.

Regnery, Katy

O Coração da Fera (Contos de Fada Modernos)/ Katy Regnery. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2018.

ISBN - 978-85-54288-00-6

1. Romance estrangeiro. 2. Ficção 3. Erotismo. I. Título II. Série

CONTEÚDO ADULTO

*Aviso sobre a tradução: algumas expressões e piadas são quase impossíveis de serem traduzidas *ipsis litteris* para o Português. Portanto, a tradução foi feita para manter a expressão/sentença o mais próximo possível do idioma original.

**Livro lançado anteriormente em Português, por outra empresa, apenas em formato digital. A pedido da

autora, foi mantido o título.

ÍNDICE

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

*Em agradecimento a todos os homens e mulheres que protegem e servem os
Estados Unidos da América, e à Operação Mend, que atende àqueles que
retornam feridos.*

*E para meu pai, que insistiu que meu irmão e eu
Sempre nos levantássemos quando os veteranos passavam.*



Capítulo Um

— Savannah Calhoun Carmichael, você está, ao menos, me ouvindo?

Scarlet, a irmã de Savannah, sentou-se no balanço da varanda da casa vitoriana de seus pais, olhando para sua irmã de forma exasperada. Com os lábios franzidos, ambas eram uma combinação perfeita com os gerânios cintilantes que pendiam alegremente sobre suas cabeças. Savannah fora contemplada com inteligência, mas, sem dúvida, Scarlet era a beleza entre as duas.

— Sim — Savannah suspirou, pendurando seu casaco no corrimão da escada da varanda, olhando para a grossa e lustrosa revista de noivas que Scarlet segurava com ambas as mãos. Em seguida, repetiu obedientemente as informações que a irmã tinha acabado de compartilhar: — *‘Os doze momentos mais importantes em qualquer relacionamento são: um, a primeira vez em que vocês se veem em meio a um silêncio confortável; dois, a primeira vez em que você percebe que gosta mais da companhia dele do que da de qualquer outra pessoa; três’...* — Scarlet ergueu uma sobrancelha de forma desafiadora, e Savannah riu: — Ok, admito, parei de prestar atenção na três.

— Savannah, você é impossível. É uma informação importante. Será que não se preocupa com o fato de que sua irmã caçula vai se casar antes de você?

Savannah, que tinha seus vinte e seis anos, enquanto sua adorável irmã ainda estava nos vinte e dois, inclinou a cabeça para o lado, buscando algum tipo de zombaria na expressão de Scarlet, mas só encontrou preocupação. Scarlet nunca entendera a decisão de Savannah de ir embora de Danvers, Virgínia, e se mudar para Nova York para se tornar repórter. A única vez em que a visitara, passara o final de semana refugiada na relativa segurança de seu quarto de hotel, apesar dos esforços de Savannah para tirá-la de lá.

— Casamento nunca esteve no meu radar, Scarlet. Esse é o seu território.

— Você não quer ser uma daquelas mulheres bem-sucedidas que têm tudo? Um emprego empolgante, além de um marido sexy te esperando na cama todas as noites?

Savannah revirou os olhos. Trabalhar com jornalismo não era exatamente um emprego com um horário certo, de nove às cinco; não que Scarlet compreendesse isso. Depois de se formar no Ensino Médio, a vida de Katie Scarlet Carmichael resumiu-se a trabalhar na floricultura Fleurish em horário integral, ao invés de meio expediente, e abrir um sorriso radiante todas as vezes que Trent Hamilton retornava para casa, aos finais de semana, da Universidade de West Virginia. Claro que nem mesmo os quatro anos de tentações na faculdade mudaram a cabeça de Trent em relação a Scarlet e quando este se formou, ela estava tão impaciente que ele a pediu em casamento no mesmo dia. E lá estava Scarlet, um ano depois, folheando revistas de noivas, preparando seu casamento que aconteceria em julho. Savannah dificilmente invejava sua irmã — elas haviam escolhido caminhos completamente diferentes para suas vidas — mas, às vezes, ela gostaria de ter a obstinação de Scarlet. Tudo o que ela sempre quis foi tornar-se a Sra. Trent Hamilton, amada esposa, mãe e pilar da comunidade; e, *voilà!* Era exatamente isso o que iria ter.

Savannah suavizou sua expressão.

— Acho que eu não me incomodaria com a parte do homem sexy.

— Marido — disse Scarlet. — *Marido*. De carne e osso. Não como os personagens daqueles seriados da HBO que você gosta. Agora, ouça: *‘Número três, a primeira vez em que você está com uma aparência péssima, e ele não se importa nem um pouco’*.

— Qual homem na face da Terra não se importa quando você está com

uma aparência péssima? — Certamente nenhum dos caras com quem Savannah saíra em Nova York. Ela fez uma careta quando o rosto de Patrick surgiu em sua mente. Que Patrick fosse para o inferno! Ele com certeza a tinha magoado.

— Um que esteja desesperadamente apaixonado por você. *‘Número quatro’*... oh! — murmurou Scarlet com um suspiro. — *‘A primeira vez em que vocês ficam conversando até o amanhecer’*. Esta é boa.

Sim, pensou Savannah. É realmente uma coisa boa a não ser que ele esteja apenas contando mentiras, e você simplesmente não percebe porque está cega de luxúria — ela se recusava a admitir que se tratava da *outra* palavra com a letra “a” — e acredita em tudo o que ele diz, porque imagina que seja impossível ele estar mentindo, já que venera seu corpo como se tivesse estudado em uma escola para artes eróticas.

— *‘Número cinco, a primeira vez em que você o leva para conhecer sua família’*.

Savannah olhou para o tapume branco recém pintado da varanda e para a alegre pintura azul celeste do teto. Os gerânios vermelhos brilhantes de sua mãe, dispostos em intervalos regulares, balançavam levemente com a brisa do final da tarde de maio. Nos degraus da varanda, uma passarela de tijolos dividia um remendo bem cuidado de grama e terminava em um portão de piquete branco, flanqueado por azaleias, que abriam para a calçada de uma rua arborizada. Era a quintessência do lar americano, mas, mesmo assim, nunca teve coragem de levar Patrick para conhecer seus pais. Ele crescera no Upper West Side, frequentando escolas particulares e passando verões em Nantucket. Danvers, Virgínia, não seria o local mais sofisticado para seus gostos, e ela não teria suportado a zombaria em seus olhos quando ele examinasse a casa que ela tanto amava. Por isso, decidiu não arriscar.

— *‘Número seis’*... — Savannah olhou para sua irmã e a viu se abanar, enquanto suas bochechas tornavam-se lindamente rosadas. — Oh, meu Deus... *‘A primeira vez que você fica nua na frente dele e não sente um pinga de insegurança’*. Minha nossa...

Savannah sorriu.

— Por favor, não me diga que você e Trent nunca chegaram às vias de fato à luz do dia?

— Isso é um assunto particular. — Scarlet enrubesceu ainda mais. — V-você já? Já fez isso?

— Sexo à luz do dia? Claro que sim.

— Com aquele tal de Patrick?

Scarlet nunca foi uma grande fã de Patrick, e tudo piorou quando jantaram juntos durante sua desastrosa visita a Nova York. Ela disse a Savannah que o pegou rindo dela, e, na verdade, ele estava mesmo. Logo quando ele e Savannah ficaram sozinhos, ele comentou que o sotaque de sua irmã era “poderoso” e ainda acrescentou que ela tinha sorte por ser bonita, o que fazia com que ninguém percebesse esse detalhe. Quando ele perguntou por que Savannah não falava com aquele sotaque, ela explicou que se esforçara muito para perdê-lo durante seus quatro anos na universidade. Quando conseguiu o emprego no *Sentinel*, ele já tinha desaparecido por completo, exceto quando ela bebia demais.

— Não gostava dele, Vanna. Sei que você gostava, então, sinto muito que não tenha dado certo, mas sei que tem alguém muito melhor do que ele para você. Alguém que vai te fazer feliz.

— Tudo bem. Ele acabou se tornando um rato.

Scarlet assentiu.

— Isso é verdade.

— Foi minha culpa não ter percebido o que você percebeu naquele jantar. Mas me diga, qual é a número sete?

— Oh!

Scarlet voltou sua atenção para a revista, enquanto Savannah inclinava-se para frente para pegar seu copo de chá gelado. O vidro estava suado, cheio de gotículas frias, que pingaram no vão entre seus seios enquanto ela dava goladas na bebida.

— ‘Número sete: a primeira vez em que percebe que não quer ninguém mais além dele’.

Bem, com certeza Savannah tinha chegado naquele ponto com Patrick, incapaz de enxergar qualquer outro além dele, achando todos os outros homens pálidos demais em relação ao seu *pedigree* sofisticado, sua aparência aristocrática e seus contatos poderosos. Era uma pena que Patrick nunca tenha demonstrado a mesma devoção. Descobrir que ele vinha se encontrando com outra pessoa enquanto estavam juntos fora como jogar sal na ferida, principalmente depois de ele ter destruído sua credibilidade profissional, sua

reputação e sua carreira.

— Próximo — pediu Savannah.

— Eu adoro esse aqui. ‘*A primeira vez em que você planeja um futuro com ele*’ — Scarlet suspirou. — Foi na primeira série. Durante o recreio. Trent me empurrava no balanço, mesmo enquanto os outros meninos zombavam dele.

Savannah amava sua irmã, mas não conseguia imaginar-se vislumbrando um futuro com alguém que apenas a empurrara em um balanço na primeira série. Não conseguia compreender como Scarlet conseguia ser tão conformada em nascer, crescer, casar-se e morrer em uma cidade pequena, enquanto o resto do mundo inteiro estava lá fora esperando.

— E o número nove?

A expressão sonhadora de Scarlet tornou-se um sorriso.

— ‘*A primeira vez em que viajam juntos*’.

— Esse pode ser um problema.

— O que quer dizer com isso?

— É difícil parecer perfeita quando acorda de manhã. Sem mencionar que viajar pode ser estressante.

— Achei que você adorasse viajar — Scarlet exclamou. — Minha irmã *viajandona*.

— Ah, eu quero. Mas sozinha. Em busca de histórias. Por que diabos eu iria querer viajar com outra pessoa?

— Porque você a ama? Porque o Havaí é muito mais divertido quando... — As bochechas de Scarlet coraram delicadamente, e ela desviou o olhar.

— Não me lembro de você e Trent indo para o Havaí — Savannah provocou.

— Lua de mel — disse Scarlet em um sussurro dramático.

— Ah, então vocês decidiram. Bem, ouvi dizer que é *muito* romântico.

O delicado rubor no rosto de Scarlet espalhou-se por seu pescoço, conforme ela ficava ainda mais corada.

Savannah riu de sua irmãzinha inocente.

— Scarlet, pelo amor de Deus, se alguém te ouvisse, pensaria que nunca sequer beijou um garoto. Qual é o próximo?

— ‘Número dez, quando vocês têm a primeira briga explosiva’ — Scarlet fungou. — Bem, eu espero nunca ter que experimentar isso. — Ela tamborilou seus dedos suavemente no braço do balanço, enquanto a luz do sol refletia em suas unhas pintadas de rosa.

— Está insinuando que você e Trent nunca tiveram uma briga séria?

— Vanna, querida, por qual razão eu iria querer brigar com o homem que eu amo? Uma briguinha cotidiana é aceitável, porém, mais do que qualquer coisa, quero que sinta-se amado, confortável e feliz. Além disso, ele é tão inteligente e bom para mim, e quase sempre tem razão em tudo.

— E quando não tem razão?

— É com mel que se conquista as abelhas.

Savannah riu suavemente.

— Então, você usa de artimanhas para conseguir o que quer?

— É melhor do que brigar.

— Suponho que você nunca fez sexo de reconciliação. Está perdendo, Scarlet.

Scarlet deu de ombros, evitando habilmente a pergunta implícita.

— Nada compensa uma briga com Trent. Nada.

— Bem, faça como achar melhor. Qual é o próximo?

— ‘Número onze: a primeira vez em que percebe que ele é seu porto seguro’ — Scarlet suspirou. — Não é adorável?

Apesar de todo o cinismo do mundo de Savannah, ela precisava admitir que realmente *era* adorável. Conforme fora se apaixonando por Patrick, começara a perceber o quão maravilhoso deveria ser entregar seu coração a alguém, como deveria ser incrível saber que havia alguém ao seu lado e para protegê-la, e como deveria, sim, ser *adorável* se sentir segura com quem se ama, além de inextricavelmente conectados.

Pensando nisso, forçou a si mesma a lembrar da alegria cruel em seus olhos quando ele confessou que, sim, a tinha enchido de informações falsas, em um esforço para subverter a verdadeira história por trás do desfalque financeiro

na empresa de seu pai. E Savannah — a estúpida Savannah, que pensara estar se apaixonando por ele — servira apenas como um bode expiatório, uma transa barata, algo que, no final, ele dispensou facilmente.

— Lamento muito, garota — ele disse, com o que deveria soar como um arrependimento em sua voz. — Foi divertido. E a história foi um milagre. Você criou um caso e tanto para que os parceiros do meu pai levassem a culpa.

— Então, foi o seu pai? Foi ele que traiu todas aquelas pessoas?

— O que importa é a opinião da justiça. Você fez um excelente trabalho para a nossa... causa.

— Mas ele enganou todas aquelas pessoas... — Sua voz falhou quando percebeu quais seriam as consequências adicionais da sua história. — E o *Sentinel* publicou a matéria. E era tudo lixo. Era uma calúnia. Oh, meu Deus! Minha carreira!

— É, você está acabada. Inferno, você chegou em Nova York, vinda de uma cidadezinha esquecida na Virgínia, garota. Vai conseguir superar.

Mas ela não tinha superado. Assim que as cartas cheias de ódio começaram a chegar, foi demitida. Uma retratação foi publicada, mas os sócios do pai de Patrick processaram o jornal, exigindo mais de três milhões de dólares por danos morais.

Não tendo nenhum outro lugar para ir, Savannah quebrou seu contrato de aluguel, arrumou seus pertences e voltou para casa cheia de vergonha, sob o pretexto de que tinha tirado férias para ajudar no casamento da irmã. Seus pais e sua irmã sabiam a verdade, é claro, mas Danvers era uma cidadezinha sonolenta, e a reação da maioria dos habitantes foi: “Que bom que está de volta, querida! E a tempo do casamento de Scarlet!”.

— Katie Scarlet, vou acabar me tornando diabética com tanta doçura. Termine logo isso e acabe com a tortura. Qual é o número doze?

— *‘Número doze: a primeira vez que você percebe que ele te ama tanto quanto você o ama’.*

— O que acontece depois do número doze? — Savannah perguntou, brincando.

— Depois do número doze, vocês estão prontos para o “para sempre” — disse Scarlet, não brincando nem um pouco.

Savannah sorriu sem vontade, enquanto sua irmãzinha fechava a enorme revista e a marcava com uma flor.

— E agora, eu vou me aprontar para o jantar dançante no clube. Tem certeza de que não quer vir conosco, Vanna? O Trent poderia te arrumar companhia.

— Algum dos amigos dele? Cinco anos mais novos do que eu? Ou pior, com o irmão dele, o Lance? Não, obrigada, Scarlet. Mas divirta-se.

Enquanto sua irmã entrava na casa, Savannah deixou que as palavras comesçassem a girar em sua cabeça: *ele te ama tanto quanto você o ama*. Seu coração se encolheu diante de uma vulnerabilidade, de uma ânsia que tentou ignorar. Ela dera uma chance ao amor, mas fora cegada, enganada e destruída. Perdera sua casa, o emprego e tudo pelo que tanto trabalhara. Ergueu os olhos, então, e viu duas crianças loiras andando em suas bicicletas decoradas para o desfile do *Memorial Day*⁴ e tentou encontrar uma fresta de esperança. Mas não conseguiu. Tralhara a vida inteira para escapar de Danvers, Virgínia. Mas lá estava ela, de volta ao ponto de partida.

Surpreendeu-se ao sentir seu telefone celular vibrar no bolso traseiro. Houve um tempo em que seu celular fora o epicentro de seu mundo, atendendo chamadas e respondendo mensagens de texto, perseguindo histórias e seguindo pistas como repórter do *New York Sentinel*. Mas, nas últimas duas ou três semanas, não o sentira vibrar mais do que um par de vezes. Ela o puxou do bolso e viu o código de área desconhecido: 602. Ela pensou por um momento. Hummm. Phoenix. Quem conhecia em Phoenix?

— Savannah Carmichael, *New York Sen...* Hum..., aqui é Savannah.

— Oi, Savannah. Aqui é Derby Jones.

Aquele nome era um espaço em branco na mente de Savannah.

— Hum-hum. Como posso te ajudar, Derby?

— *Para começar, você pode se lembrar de mim* — disse a mulher com uma voz alegre. — *Nós nos conhecemos na Conferência de Jornalismo de West Coast, em Los Angeles, no último outono. Eu estava escrevendo uma história sobre...*

— Cuidados com a saúde para idosos!

— *Isso! Sabia que você iria se lembrar de mim quando lembrasse da*

história.

— Eu sou como aquela senhora no parque que conhece as pessoas por causa dos nomes de seus cães. A mãe de Spot. O pai do Rex. História de cuidados com a saúde dos idosos.

Derby riu.

— *Não sei se você lembra, mas eu estava presa naquela história. Não conseguia encontrar o tom, mas você ficou até mais de meia-noite comigo, analisando minhas anotações e conversando comigo sobre o que eu queria dizer. Quando amanheceu, eu encontrei o tom.*

— É verdade. — Savannah sorriu. — Fico feliz de ter ajudado. Como foi a repercussão?

— *Na verdade, foi tão boa que eu ganhei o Sunshine Award da Sociedade de Jornalistas Profissionais.*

— Vale do Sol?

— *Sim. E também me rendeu uma promoção.*

— Que maravilha, Derby. Sua estrela está brilhando. — Ela tentou ao máximo soar entusiasmada, embora a magoasse um pouco.

— *E a sua está caindo.*

Ui.

— Humm... — começou Savannah, sentindo-se sem palavras.

— *Nossa, que vacilo. Não sou conhecida por ter muito tato.*

— Não diga.

— *Olha, deixa eu ir direto ao ponto. Tenho ficado de olho em você desde aquela conferência, tenho lido seus artigos, acompanhado suas histórias. Você escreveu uma matéria inovadora sobre o sistema de metrô de Nova York. E mereceu o prêmio que ganhou pelo artigo sobre o tratamento preferencial que alguns advogados recebem no escritório da promotoria. Sem mencionar o tempo que gastou andando no banco traseiro de um carro da polícia de NY, durante uma semana, para escrever aquela reportagem fantástica sobre os hábitos dos melhores policiais da cidade. Você é talentosa, Savannah. Mais talentosa do que a maioria. Não consigo entender o que houve com os Monroe, mas parece que você foi enganada.*

Savannah engoliu o caroço que estava preso em sua garganta.

— Foi minha culpa. Eu deveria ter...

— *Não é incomum cair nas garras de uma fonte ruim. Mas, no seu caso, foi um absurdo.*

Savannah fez uma careta, tentando imaginar se Derby iria finalmente chegar ao motivo daquela ligação e se pararia de fazê-la sentir-se como um nada. Já acordava todos os dias com o coração pesado, lamentando a perda de seu sonho; não precisava que alguém a perseguisse com aquilo.

— *Bem, não importa* — continuou Derby. — *Eu percebi isso naquele fim de semana, mas a verdade é que você é uma excelente jornalista. Das melhores. Aposto que você nunca mais cometeria outro erro a respeito de uma fonte, e qualquer jornal teria sorte em ter um talento como você na equipe.*

— Olha, é muito gentil da sua parte dizer...

— *Então, o caso é esse: o Phoenix Times está procurando por alguém para assumir a seção Estilo de Vida. Sei que não seria em Nova York e que não é o Sentinel. Mas para alguém com ambições, alguém que está buscando voltar a se erguer...* — Derby deixou aquele pensamento no ar, e as emoções de Savannah começaram a entrar em conflito.

Estilo de Vida? Ela trabalhara como repórter investigativa para um dos jornais mais conceituados da América. Trabalhar para colunas de estilo de vida significava criar reportagens sobre eventos de culinária e moda, festas de caridade e presenças de celebridades. Sem mencionar que o *Phoenix Times* era um jornal de segunda linha, no máximo. E ficava em... Phoenix. Naquela cidade quente, seca e no meio do nada.

Porém, era Phoenix. A sexta maior cidade dos Estados Unidos e centro de toda atividade do Sudoeste do país. Bem longe de Nova York, de seu fiasco calamitoso no *Sentinel*, mas perto o suficiente de Los Angeles e São Francisco, para onde ela poderia seguir, conquistando espaços maiores, depois de alguns anos de sucesso. E, não, Estilo de Vida não era seu departamento dos sonhos, mas era uma forma de voltar, não era? Depois de alguns meses — anos, talvez —, poderia pedir uma transferência para outra seção.

— Derby — ela disse, enquanto a determinação baixava uma oitava no tom de sua voz. — O que preciso fazer para conseguir?

— *Nosso editor chefe sabe quem você é. Ele está querendo te dar uma*

chance, mas você precisa surpreendê-lo com uma matéria sobre Estilo de Vida primeiro.

— Ah, eu tenho várias coisas que posso enviar e...

— *Não, Savannah. Você não tem. Tentei encontrar alguma coisa, qualquer uma, que você tenha escrito e que pudesse ser considerada uma matéria de comportamento humano. Mas não consegui nada.*

Savannah assentiu, desanimada. Derby estava certa. Ela não tinha nada.

— *Mas Maddox McNabb, nosso editor, adora matérias quentes e o fato de você ter vindo de Nova York. É meio rígido quando edita um texto, mas não tive nenhum problema com ele até agora. Ele consegue deixar uma boa história sensacional, e pelo menos um quarto delas vai para rede nacional.*

— Uau! São ótimos números. Parece que ele tem um toque mágico.

— *Como eu disse, não tenho nada a reclamar. Mas, então... ele precisa de uma matéria. Algo grande, profundo e intimista, que tem que ser entregue a tempo de ser publicado no Quatro de Julho. O que significa que o prazo é de... humm... cinco semanas. Pense em veteranos. Pense em um pai soldado retornando para casa a tempo de participar do churrasco de Quatro de Julho. Aquele tipo de material de cidade pequena que faz todo leitor chorar e querer cantar ‘America the Beautiful’². Como irá escrever, é com você, mas Maddox quer relatórios a cada sexta-feira. Se gostar, ele vai colocar na capa da coluna no dia 4, e já podemos dizer que te verei em Phoenix logo em seguida.*

O cérebro de Savannah começou a girar, mas já conseguia sentir o excitação que se acumulava dentro dela. Comportamento humano não era o seu forte, mas poderia mudar isso. Escreveria a melhor matéria de estilo de vida que o *Phoenix Times* jamais vira.

— Estou dentro. Diga a Maddox que ele terá a ideia e os primeiros esboços na próxima sexta. Em seis dias.

— *Eu sabia que você ia pegar* — disse Derby, com uma voz repleta de aprovação. — *Vou te mandar um e-mail com os contatos de Maddox. O resto é com você.*

Savannah balançou a cabeça, sorrindo para o telefone, maravilhada por perceber que segundas chances vinham dos lugares mais inesperados e determinada a não desperdiçar a oportunidade.

— Derby, não sei nem como te agradecer. Sério. Nem sei o que dizer.

— *Ei, não sou a Madre Teresa. Se você vier trabalhar aqui? Estará me devendo e poderei te alugar para outras sessões da madrugada para analisarmos histórias. Tenho certeza que eu não me importaria em ganhar outro Sunshine Award.*

— Pode contar com isso — Savannah disse com veemência. — Se achar que eu posso te ajudar em alguma coisa, é só gritar.

— *Espero que não se arrependa dessa oferta* — disse Derby —, *porque eu prometo que vou cobrar.*

Savannah gargalhou e trocou algumas informações com seu anjo da guarda, agradecendo-lhe novamente por entrar em contato e também pediu que enviasse sua gratidão a Maddox pela oportunidade. Quando desligou o telefone, o sol já se mostrava agressivamente dourado no horizonte, quase se pondo, iluminando os morros de seu pequeno bairro.

Apertando os olhos por causa da luz, voltou-os na direção da grande casa vitoriana à frente, a três quilômetros de distância, na encosta.

A casa de Asher Lee.

A porta da frente de sua casa abriu, e Scarlet apareceu, usando um adorável vestido de verão de algodão rosa, modestamente coberto por um cardigã cor de menta.

— Ei, Scarlet — Savannah chamou, ainda olhando para a enorme casa marrom à distância. — O que sabemos sobre Asher Lee?

— Asher Lee? — Scarlet se abanava enquanto seguia o olhar de sua irmã até a encosta. — Alguns amigos o chamam de “Eremita” Lee. Pobrezinho. Ele costumava ser um astro do futebol na Escola de Danvers. Mas teve o rosto e a mão destruídos em uma explosão na guerra, e faz uns milhares de anos que ninguém o vê. Desde que voltou, tem agido estranho, se recusa a vir à cidade e contratou a Srta. Potts como criada. Ninguém o vê há quase uma década. Ninguém sabe o que ele faz lá em cima, mas há a bobagem sobre o bicho-papão ou qualquer coisa assim. Mas, sério, é melhor esquecer que ele está lá. É tão estranho e deprimente.

— Você já o viu?

Scarlet balançou a cabeça, mordendo o lábio e desviando os olhos da velha mansão marrom.

— Por que está tão interessada?

Savannah voltou-se para sua irmã, inclinando a cabeça para o lado.

— Acho que está mais do que na hora de alguém demonstrar um pouco da hospitalidade sulista ao nosso veterano ferido.

— O que está tramando, Vanna?

— Nada de ruim, irmãzinha, não se preocupe. Só estou me perguntando se ele gostaria de contar sua versão da história.

— Deixe-o em paz. Tudo o que ele quer é privacidade.

— Não se tiver uma história para contar, Srta. Scarlet. Não se for uma história que ele gostaria que o mundo soubesse.



Capítulo Dois

Asher Lee nunca esperava visitas; e nem gostava delas. Embora Danvers não o tenha recepcionado calorosamente quando voltara para casa, ao menos os locais respeitavam sua privacidade.

Por esse motivo, quando sua antiga campainha tocou naquela tarde de domingo, ele sobressaltou-se, ficando de pé com um pulo da confortável poltrona de leitura, posicionada bem à janela, no lado oeste de seu vasto escritório. Há algum tempo, aquele cômodo fora chamado de biblioteca, e ele ainda guardava uma impressionante coleção de livros a ponto de rivalizar com a Biblioteca Pública de Danvers. Desde que Asher voltara para casa, fizera algumas adições à coleção, ocasionalmente contratando marceneiros para expandir as estantes e prateleiras para caberem mais e mais livros. Livros eram o seu refúgio, seu único e verdadeiro prazer.

Naquele momento, ele estava profundamente imerso em um dos romances de Jennifer Cruise, uma autora que escrevia com um ritmo excelente e com uma sagacidade divertidíssima. Já tinha lido seis de seus livros e havia mais três a serem lidos antes que passasse para outro autor. Mas não um romance daquela vez — havia um limite de quanto romance o seu coração poderia suportar antes de sangrar até a morte, por saber que suas próprias chances de um

“felizes para sempre” eram inexistentes. Às vezes brigava consigo mesmo — por que se torturar lendo sobre algo que nunca, jamais, poderia ter? — mas algumas semanas se passariam e depois que o excitamento dos terrores terminasse, assim como o voyeurismo das biografias e o destemor das aventuras, ele se veria gravitando ao redor dos romances. Outra vez.

Não havia ninguém a quem pudesse tentar impressionar. Além de Srta. Potts, que cozinhava, limpava, lavava e fazia suas compras, e o marceneiro ocasional que trabalhava em sua monstruosa mansão, ele não via ninguém. Apesar dos ferimentos sofridos, aos trinta e quatro anos, ele estava fisicamente apto a viver até os cem anos. Em suma, teria um longo e solitário caminho pela frente. Podia ler o que quisesse.

Quando a campainha tocou uma segunda vez, ele se levantou novamente de sua cadeira. Seu corpo musculoso se movimentou com uma graça surpreendente, dirigindo-se à mesa de cerejeira que não tinha propósito nenhum — ele não escrevia cartas, e seus pagamentos eram feitos por transações em seu *laptop*, que repousava solitariamente no centro dela — e, depois, caminhando até a porta da biblioteca. Abriu-a a tempo de ouvir os passos suaves da Srta. Potts pelo piso de mármore do corredor, apressando-se pela galeria superior e movendo-se o mais silenciosamente possível por um espaço da casa que fora equipado com espelhos decorativos, em ângulos inteligentes, para mostrar quem estava na porta. E foi ali que ele parou, com os olhos fixos no espelho ao seu lado, no momento em que a Srta. Potts abriu a porta.

Ele perdoou seu rápido suspiro.

Já fazia muitos anos desde a última vez em que esteve tão perto de uma mulher. De uma mulher jovem. Uma mulher jovem e muito bonita. Seu coração acelerou, conforme seus olhos se arregalaram, e ele inclinou a cabeça o máximo que conseguiu em direção às escadas para escutar o som de sua voz.

— Srta. Potts! — ela disse, e ele a viu abraçar a mulher mais velha.

— Ora, Savannah Carmichael! Eu te reconheceria em qualquer lugar!

Savannah Carmichael, Savannah Carmichael. Seu sobrenome era vagamente familiar, mas ele com certeza não conhecia uma Savannah Carmichael. Teria lembrado de seu nome. Era como música, como a heroína dos romances históricos mais melodramáticos que lia.

Seu cabelo castanho era liso e brilhoso, e estava puxado para trás em um rabo de cavalo, preso à nuca, e seus olhos também castanhos eram sérios e

determinados. Os lábios eram cheios e rosados, e, por mais que não conseguisse enxergar o resto de seu corpo, a gola V de seu vestido de verão estava bem colada ao corpo, fazendo seu coração se acelerar novamente. Fixou os olhos no vale sagrado que delineava o inchaço de seus seios, com aquela pele branca e levemente sardenta, o que provocou um inchaço nele também, na parte mais ao sul de seu corpo. Deixando escapar um suspiro, desviou o olhar. Era um inferno pensar que ele nunca mais teria chance de experimentar aquele pequeno pedaço de céu outra vez. Não fazia sentido torturar-se olhando para algo que não poderia ter.

— Srta. Potts, eu soube que está trabalhando para Ash... para o Sr. Lee. É muito bom te ver!

Asher ficou surpreso ao ouvir sua voz suave e refinada. A Srta. Potts obviamente a conhecia, mas a maioria dos moradores de Danvers tinha sotaque muito acentuado, e o dela era bem leve. Será que tinha se mudado em algum momento e retornado à cidade há pouco tempo?

— E você, querida? Soube por fofocas que veio passar o verão em casa para ajudar na preparação do casamento da sua irmã.

— Sim. Scarlet vai se casar. Dá para acreditar?

— Dá sim. Scarlet é apaixonada por Trent Hamilton desde a segunda série, querida. Eu tive que separar aqueles dois desde o primeiro dia. Algumas pessoas estão destinadas a ficar juntas. Desde o berço.

Hummm, pensou Asher. Ela tinha uma irmã, e as duas tinham sido alunas da Srta. Potts, então, apesar da ausência de sotaque, ela *era*, sim, natural de Danvers.

A Srta. Potts não a tinha convidado para sentar, pois era uma exigência de Asher. Ninguém tinha autorização para entrar na casa. Nunca. Sob nenhuma circunstância.

— É muito bom ver você, querida, mas o Sr. Lee sempre me mantém muito ocupada. Há algo que eu possa fazer por você?

Ela pigarreou, e ele deu uma olhada nela pelo espelho novamente.

— Não sei se você sabe — ela começou —, mas eu me formei em jornalismo. Estou de férias do meu trabalho no *Sentinel*, de Nova York, mas fui contratada de forma comissionada para escrever uma matéria para um jornal nacional muito respeitado, o *Phoenix Times*. Eles precisam de um artigo sobre

comportamento humano para o Quatro de Julho, e eu pensei... bem, queria saber se o Sr. Lee poderia...

Ele olhou para seu lindo rosto, admirando-a enquanto suas faces enrubesciam. Interessante. Ela estava determinada a conseguir uma entrevista, mas parecia desconfortável em perguntar.

— Ah, querida, me desculpe, mas isso está fora de questão. O Sr. Lee não fala com ninguém. Ninguém mesmo. Muito menos uma repórter.

Ela moveu os ombros.

— Mas ele deve ter uma história para contar. E eu gostaria de ouvi-la. E contá-la. Com ele. *Por* ele.

— Lamento, mas é impossível, querida.

Pela primeira vez, ele reparou no prato coberto por um pano de prato nas mãos de Savannah Carmichael, que foi oferecido à Srta. Potts.

— Eu fiz brownies. É uma receita de Scarlet e estão muito bons. Coloquei meu cartão no topo. Será que você não poderia entregar a ele e só perguntar se poderia considerar me receber?

Brownies. Asher salivou. Mal conseguia se lembrar da última vez em que comera brownies caseiros. Era uma tática interessante para conseguir uma entrevista. Mais inteligente do que surgir com armas em punho fazendo perguntas. Ele poderia ficar ressentido por conta de sua presunção por achar que o conhecia, quando não sabia uma única maldita coisa sobre ele ou sua vida.

— Lamento, mas não vai adiantar.

— Você está recusando?

A Srta. Potts ergueu o queixo e, embora ele pudesse ver apenas suas costas, Asher podia imaginar o que Savannah estava vendo. Com certeza era o olhar impaciente de uma professora de escola primária que precisava aguentar as travessuras de meninas como Savannah.

— Não estou recusando. Vou entregar os brownies a ele. Mas a resposta será não. Na verdade, a resposta será o silêncio. Não quero nenhum mal-entendido entre nós, querida.

— Não haverá — disse Savannah, e Asher cerrou a mandíbula ao sentir o desapontamento em seu tom de voz. — Não tenho expectativas. Mas promete que os entregará a ele?

— Prometo. — Ela pegou os brownies, e Savannah assentiu com um sorriso tímido.

— Obrigada.

— De nada. Vá agora. Envie meus desejos de felicidade à sua irmã, querida.

Ele observou quando Savannah ergueu seus olhos em direção ao espelho pendurado no alto da escada dupla. Asher foi incapaz de desviar o olhar no momento em que seus olhos passaram pelos cinco espelhos e finalmente encontraram os dele. Seus olhos se arregalaram, e ele a ouviu ofegar antes que pudesse recuar, sair do alcance de sua visão. Descansou a cabeça contra o painel de madeira escura da galeria, repreendendo-se por ser tão tolo. Ela o tinha visto. Ao menos vira seus olhos. Merda! Agora ela sabia que ele estava em casa. Sabia que a estava espionando. Merda de novo!

Sem esperar que as duas mulheres se despedissem, ele marchou de volta para seu escritório, abrindo a porta com tanta força que ela bateu contra a parede, ecoando na silenciosa galeria, antes de fechá-la com um baque.

Ele se dirigiu à janela frontal apressadamente, onde poderia espiar a entrada circular de carro sem ser visto. Observou Savannah Carmichael parada sobre a grama, olhando para a casa.

Ela era bela e encantadora, com pouco mais de vinte anos, olhos inteligentes em um semblante pensativo. Inclina a cabeça para o lado, estreitando os olhos castanhos determinados, como se avaliasse se o que tinha visto era real ou uma invenção de sua imaginação. Finalmente, olhou diretamente para a janela onde Asher estava, e ele, mesmo sabendo que não poderia ser visto através do vidro, por conta da escuridão da sala, prendeu a respiração até que ela girou nos calcanhares e entrou em seu carro.

A mansão era quase uma mistura de outro mundo, assustadora e elegante, pelo que Savannah pudera ver da entrada, onde a Srta. Potts estava de guarda. O piso de mármore elegante era um forte contraste com o tapete gasto, que um dia tivera uma cor de granada, que se alinhava com as escadas, e a madeira escura era tão brilhante e ornamentada no corredor da frente, que ela quase podia fechar os olhos e imaginar que estava em 1890, visitando a maior casa da cidade.

Cheirava a limpeza e coisas velhas; uma mistura de pinho e livros encadernados em couro e, conforme Savannah descia as estradas para voltar à cidade, ela se via mais e mais intrigada a respeito do veterano recluso que vivia uma existência solitária, nos limites de uma cidade americana onde flutuava o cheiro de churrasco e fogueiras.

Mas o mais estranho de tudo eram os olhos que ela pensara ter visto no espelho, no topo da escada pouco antes de se virar para sair. Seria um truque da luz, ou teria ela realmente visto os olhos castanhos de Asher Lee olhando para ela por um instante? Ela não sabia ao certo. Mas os vira arregalar e piscar, antes de desaparecerem. Se fossem *mesmo* seus olhos, eles a tinham aprisionado por completo durante o curto minuto em que se haviam encontrado, e um calor estranho e inesperado inundou suas veias enquanto procurava no espelho mais um vislumbre. Não encontrou nenhum.

Truque da luz, ela disse a si mesma, perguntando se a Srta. Potts estaria jogando os brownies na lixeira.

Quem era Asher Lee? Parou no primeiro de vários semáforos na rua principal e se repreendeu. Desde quando Savannah Carmichael precisava se aproximar de uma fonte com brownies ao invés da boa e velha pesquisa? Ora, ela nem sequer se preocupou em parar na biblioteca para examinar a história da família Lee, e Asher Lee em particular. Ele sempre existira debaixo de seu radar — consideravelmente mais velho e tão imensamente trágico, que era mais fácil afastá-lo, imaginando-o como o estranho da cidade —, mas isso não era desculpa para oferecer brownies ao invés de pedir a entrevista com um ângulo construído a partir de uma especialização profissional e investigação. Ela desviou bruscamente no terceiro sinal, virando na Maple Street, onde estacionou em frente à pequena biblioteca pública. Queria descobrir algumas coisas sobre Asher Lee e, depois, voltar à casa dele com um ângulo sólido e profissional para uma entrevista. Daquela vez, não aceitaria um não como resposta, e nada a impediria, nem mesmo Matilda J. Potts.

Asher pôs um fim nas boas intenções da Srta. Potts. Ele sabia o quanto ela queria que ele voltasse a fazer parte do mundo, mas ela não parecia entender o quanto aquela pressão o enfurecia e que servia apenas para aumentar sua frustração de que a recompensa por servir seu país era viver sua vida em uma

prisão solitária, criada por si mesmo.

Externar sua raiva na esteira não tinha ajudado, assim como malhar seus bíceps do braço bom até sentir os músculos queimarem. Olhou para o cartão de visitas pela enésima vez, refletindo sobre a discussão acalorada que tivera mais cedo com sua criada/governanta/mãe substituta/argumentadora extraordinária.

Depois de não dizer nada sobre a visita de Savannah Carmichael, ela lavou a louça do jantar e sentou-se diante dele na enorme mesa de mogno que seu avô importara da Inglaterra em 1925. De seu colo, então, surgiu o prato coberto pelo pano, com o cartão de visitas cuidadosamente posicionado no topo, e ela o colocou à sua frente — levemente fora de seu alcance — e o fitou bem nos olhos.

— Sei que você estava nos observando. Ela viu seus olhos no espelho.

Asher olhou furioso para ela, que se inclinou na cadeira com os lábios inclinados sutilmente.

— Savannah Carmichael sempre foi uma coisinha ambiciosa. Mas é uma boa moça. Seus pais vão à igreja Metodista todos os domingos, e sua irmã adora flertar, mas tem um coração de ouro. Eles mantêm o gramado limpo, puxam suas latas de lixo do meio-fio antes do anoitecer, e eu nunca ouvi que Frank Carmichael tenha voltado bêbado para casa. Os Carmichael são pessoas sólidas. Mas Savannah... aquela garota era especial.

A Srta. Potts começou lentamente a desenrolar as bordas do pano de prato, enquanto devaneava sobre os perfeitos Carmichael.

— Assim como você, ela também sentia que Danvers não era suficiente. Queria ver mais do mundo. Seis anos depois de você se alistar, ela foi para a Universidade de Nova York. Você perdeu uma mão, e ela acabou sendo demitida do jornal mais prestigiado do país. Ambos voltaram para casa para lamber suas feridas.

Asher estremeceu quando a Srta. Potts, com sua habitual despreocupação, comparou suas duas vidas. Ele cerrou a mandíbula, e seus olhos passaram pelo prato antes de se voltarem para ela. Durante os últimos anos, desde que voltara para casa, depois de sofrer lesões “calamitosas”, a Srta. Potts fora sua amiga mais importante, a única pessoa em quem confiava.

— Com exceção de que a vida dela estava apenas começando quando a minha terminou — disse ele, com a voz alterada e salpicada com uma bela dose

de raiva. Ele fora ferido servindo seu país, mas ele não fora exatamente bem recebido e, durante os cinco primeiros anos depois de seu retorno, ele se afundou em si mesmo, bebendo demais e em fúria por todas as horas do dia ou noite. A Srta. Potts permaneceu silenciosamente ao seu lado, tão leal e amável durante todos esses anos sombrios, quando a biblioteca da família Lee começou a, literalmente, salvar sua vida.

— Só porque você quer que seja assim.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa e apontando o dedo indicador esquerdo para seu próprio rosto.

— Eu *quis* isso?

Ela permaneceu impassível.

— Não. Eu não disse que você desejou suas cicatrizes. Mas *você* decidiu viver a vida como um eremita. E isso foi uma escolha *sua*.

Ele não precisava se levantar e olhar no espelho ornamentado com uma moldura dourada, localizado sobre a lareira, para saber que *calamidade* era a palavra certa para descrever o seu rosto. Um de seus olhos era saltado, e a metade direita de seu rosto era uma bagunça retorcida de tecido cicatricial. Perdera um pequeno pedaço do nariz, e usava seu cabelo desgrehado para esconder a cicatriz que restara onde costumava haver sua orelha direita. Mas nenhum penteado seria capaz de esconder o fato de que não havia mais um braço abaixo de seu cotovelo direito. E sua perna direita, também ferida na explosão, sempre o levaria a caminhar com uma leve coxeadura. Fora um jovem bonito um dia, agora, era um monstro. Uma fera.

— Parece que você não se lembra do que aconteceu quando eu voltei.

— Talvez não — ela disse, erguendo o pano e inclinando-se para aproximar o nariz do chocolate escuro. — Hummm.

— Você não viu as expressões nos rostos dos meus compatriotas — ele cuspiu. — Meus amigos. Pessoas que eu conheci minha vida inteira. Que conheceram meus pais e meus avós. Que cuidaram de mim depois do acidente dos meus pais. Eles não conseguiam *olhar* para mim. Ofegavam, encolhiam-se e desviavam os olhos.

Todas as chances de se reintegrar à sociedade haviam desmoronado após aquelas primeiras semanas, quando seu espírito fora assassinado, e Asher decidiu dar as costas às pessoas que também as haviam virado para ele.

— Hum-hum. Isso foi o que eu ouvi. — Ela pegou um brownie e o mordeu, suspirando com apreço. — Ah, meu Deus...

— Eles nem vieram visitar seu antigo astro do futebol. Sentiram-se mais confortáveis fingindo que eu estava morto aqui na minha prisão solitária, então, dei a eles o que desejavam. Também passei a fingir que estou morto. E a única coisa que quero é que me deixem em paz.

A Srta. Potts deu mais uma mordida e olhou para Asher.

— O que foi, querido? Disse alguma coisa?

Ele socou a mesa tão forte que o prato chegou a pular e tilintar em frente a ela.

— Não zombe de mim!

Sem nem sequer erguer uma sobrancelha, a Srta. Potts disse:

— Ah, não estou zombando. Estou me deleitando com um dos excelentes brownies de Savannah Carmichael.

Ele apontou um dedo para ela.

— Você está tentando me provocar.

— Nem sonharia com isso — ela disse, dando mais uma mordida.

— Quer que eu ligue para ela? Quer que eu a convide para assistir ao show de horrores? Com a desculpa de que quer fazer uma entrevista? Talvez eu devesse pedir que trouxesse a câmera também.

— Se quiser...

As narinas de Asher se alargaram, e ele cerrou o punho que ainda lhe restava.

— Mas acho melhor que penteie esse seu cabelo. Fique apresentável, hein.

— Eu não vou fazer isso — ele disse. — Eu nem sequer pareço humano. Não estou apto a voltar à raça humana. — *Não que eles fossem me aceitar, de qualquer forma.*

A Srta. Potts já tinha ouvido o suficiente. Então, calmamente, ela pousou a última parte de seu brownie de volta no prato e virou seus olhos azuis como o céu para encontrar os furiosos e castanhos de Asher.

— Asher Sherman Lee! Você é mais humano do que muitos deles. Assim como Savannah. Ela está em apuros e você poderia ajudá-la. Quando foi a última vez que teve a chance de fazer o papel de herói?

Ele cerrou o maxilar ao ouvir aquela indelicadeza, mas ela o surpreendeu ao deslizar o prato através da mesa na direção dele com apenas um movimento.

— Você quer que sua vida seja diferente? Então, mude-a.

Ele franziu o cenho.

— Ah, simples assim, não é?

— Só não espere muito. Aquela garota é uma sobrevivente. Se você não ajudá-la? Posso apostar que ela encontrará alguém que o faça.

Ela se levantou, limpando os cantos da boca com a ponta de seu polegar, e saiu do cômodo.

Asher continuou irritado por quase uma hora, enquanto a bondade em forma de chocolate por parte da Srta. Repórter Falida estimulavam a lembrança de seus lindos olhos castanhos. Eles tinham se arregalado em surpresa ao encontrarem os dele, mas ele não podia se perguntar como ficariam quando completamente abertos de prazer...

Não. Você não pode pensar em mulheres dessa forma. Não pode atormentar a si mesmo com algo impossível.

Uma vez que não concordara em fazer a entrevista, sentia-se como um aproveitador ao comer um de seus brownies, mas a verdade era que tinha um fraco por brownies caseiros, como os que sua mãe costumava fazer, e um se transformou em dois, dois se transformaram em três. Ainda sentindo-se miserável, acabou-se na esteira por uma hora depois disso. Embora o ferimento em sua perna inibisse um pouco sua velocidade e ritmo, o exercício geralmente o ajudava a liberar parte da tensão do desamparo e da raiva.

Mas, naquela noite, não estava ajudando. Naquela noite, ele queria correr, mas era mortificante não conseguir. Desejou ter uma chance com uma garota como Savannah Carmichael. Ansiava por ter amigos e uma família ao seu redor, mas não tinha. Com cada fibra de sua alma despedaçada, queria ser inteiro novamente, mas não era. Nunca seria. Nunca mais.

Vivia em uma casa em uma encosta, quase totalmente alheio ao contato humano, não porque assim *quisesse*, mas porque fora assim que a vida o deixara. Certo? Certo. E não eram as provocações da Srta. Potts que iriam mudar isso.

Sua perna doía quando ele saiu da esteira e coxeou até sua mesa. Sentou-se na cadeira, enquanto gotas de suor rastejavam pelo seu rosto, caindo de seus cabelos emaranhados e encharcados do treino. Olhou para o telefone, para o cartão de Savannah, depois para seu telefone e novamente para o cartão.

De tudo o que a Srta. Potts lhe dissera naquela noite, o que mais lhe atraía fora: “*Você quer que sua vida seja diferente, Asher? Então, mude-a*”. Será que queria que a vida fosse diferente? Claro que sim. Mas não tinha certeza se dar uma entrevista para Savannah Carmichael iria mudar as coisas. Uma mulher tão linda como ela nunca o veria como algo além de uma história. Ainda assim, ele poderia ajudá-la, não poderia? Já fazia muito, muito tempo desde a última vez em que fora útil para alguém, mas poderia ajudá-la, dando-lhe uma história, assim como a Srta. Potts lhe sugerira. E talvez, em troca, ela pudesse lembrar-lhe como era se sentir novamente em meio a pessoas decentes.

— Merda! — Ele pegou o telefone e discou o número no cartão. — Espero que isso te deixe feliz — murmurou em direção ao teto, onde a Srta. Potts deveria estar assistindo a reprises de seu programa favorito, *A Feiticeira*, enquanto dobrava as roupas lavadas e as passava.

— *Alô? Aqui é Savannah Car...*

— Aqui é Asher Lee. — Ele fez uma careta pela forma abrupta como a interrompeu, mas, puta merda, já fazia mais de uma década que não falava com uma garota.

— *Sr. Lee!* — O calor em sua voz fez seu coração acelerar, contorcer-se e até sentir vontade de rezar. — *Que surpresa!*

— Você é boa fazendo brownies. — Sustentando o telefone entre a bochecha e o ombro, ele deu um tapa na testa. *Você é boa fazendo brownies? Que sutileza, Asher!*

— *Bem, obrigada. Que gentil da sua parte. É uma receita da minha irmã. Vou deixar que ela saiba disso.*

Um silêncio constrangedor se estabeleceu entre os dois, e ele percebeu que ela estava esperando que ele explicasse o motivo da ligação. Asher pigarreou e engoliu em seco.

— Você quer uma entrevista?

— *Sim! Sim, fui designada a criar uma matéria sobre comportamento humano e preciso entregá-la a tempo para o Quatro de Julho. Pensei que...*

bem... um herói da cidade seria uma boa ideia e...

Ela parou de falar quando ele bufou, e Asher fez outra careta. Mas “herói da cidade”? Isso combinava muito mais com imagens de bandeiras e desfiles, não com reclusos amargos e desfigurados.

— Tenho algumas condições.

— *Vá em frente* — ela disse, com uma voz profissional e equilibrada. Ele se perguntou se estaria escondendo um nervosismo.

— Sem fotos.

— *Tudo bem.*

— Você virá me encontrar na minha casa.

— *Tudo bem.*

Ele respirou fundo. Ele não sabia o que ela iria dizer sobre a última condição, mas se encontrar-se com Savannah Carmichael fosse mesmo seu primeiro passo para se reintegrar à raça humana, teria que vê-la mais de uma vez.

— Vamos dividir a entrevista em várias sessões.

— *Hum, é claro* — ela disse.

— Segundas, quartas e sextas. Quatro da tarde. Nas próximas quatro semanas.

Ela hesitou, e ele imaginou que deveria estar considerando se valeria mesmo a pena passar tantas tardes com o “Eremita” Lee, a fera mítica de Danvers.

— *Será que haverá tanto a dizer para preencher tantas horas?* — ela perguntou. — *Pelos meus cálculos, isso dá umas doze horas.*

Ele entrou em pânico, afirmando:

— Você quer a história completa de como me tornei a aberração da cidade ou não?

— *Sr. Lee, se eu o insultei, não era minha... quer dizer, me desculpe por...*

— Você não me insultou. Temos um trato?

— *Sim* — ela disse, segura.

Seus olhos se fecharam quando seus ombros relaxaram, e seu coração, acelerado, bateu contra as costelas com fervor. *Amanhã.*

— Ótimo — ele disse.

— *Ótimo.*

— Srta. Carmichael?

— *Sim, Sr. Lee?*

— É... bem... tenho estado sozinho há anos. Sou um pouco rude.

— *Bem, então* — ela disse, e ele imaginou aqueles lindos lábios cor-de-rosa se curvando, pois, ele ouviu uma nota bem humorada em sua voz cálida —, *you will be in good company.*

Os lábios dele se contraíram em um movimento desconhecido, e ele percebeu que sua boca estava tentando sorrir. Já fazia semanas, se não meses, que tinha sorrido pela última vez, e foi tão desconcertante que o sorriso rapidamente desapareceu.

— Até amanhã — disse ele.

— *Quatro horas* — ela disse, antes de desligar.

Asher colocou o telefone de volta na base sobre a mesa e ficou olhando fixamente para ele, estupefato, durante um minuto inteiro, antes de se jogar de volta na cadeira.

Santo Deus!



Capítulo Três

A primeira vez em que vocês se veem em meio a um silêncio confortável

Savannah olhou para seus cartões de nota estendidos sobre a mesa de café da varanda, e depois checkou o relógio mais uma vez. Três e vinte. Não queria chegar atrasada, e ainda precisaria trocar sua roupa preta habitual por algo menos sóbrio. No dia anterior, pedira emprestado o vestido de Scarlet de gola V, bem mais animado do que o habitual, para completar a imagem da garota dos brownies, e imaginou que seria inteligente fazer o mesmo hoje. Qualquer coisa pela história, certo? Aquela matéria era sua chance, e ela estava decidida a não arruiná-la. Se Asher Lee gostava de alegres garotas do interior e brownies, então, uma novinha em folha lhe seria entregue.

Ela voltou sua atenção para os cartões espalhados à sua frente. Sua ida à biblioteca no dia anterior não fora em vão. Ela descobrira uma quantidade impressionante de coisas sobre ele, que estavam agora anotadas nos cartões de notas e criavam uma linha do tempo sólida da vida de Asher Lee.

Filho único dos impressionantemente ricos Pamela e Tucker Lee, Asher Lee fora preparado para a grandeza desde o nascimento. Frequentou escolas locais, participou de vários clubes e foi estrela do futebol em seus anos de

Ensino Fundamental e Médio. Seus pais morreram em um acidente de um avião fretado durante seu primeiro ano na escola secundária, e a Srta. Matilda J. Potts, uma amiga querida de sua falecida avó, fora nomeada como sua guardiã. Mesmo com a pesada carga de sofrimento, suas notas não caíram, e ele foi aceito na Universidade da Virgínia, onde se matriculou em Medicina. Mas o que ainda estava confuso para Savannah era a respeito de sua aceitação na Escola de Medicina Johns Hopkins, porque não sabia se ele havia terminado ou se a trancara para servir como médico recrutado do Exército. E por quê? Por que não concluíra a escola de Medicina primeiro? Será que queria experiência médica de guerra? Será que tinha um profundo desejo de servir o país? Será que queria morrer? Savannah colocou uma estrela dourada naquele cartão, indicando uma área de sua vida que exigia mais explicações.

A última vez em que Asher Lee apareceu na mídia fora no *Danvers Gazette*, em uma notícia que informava que sofrera lesões graves no Afeganistão, quase quatro anos depois do alistamento. Um mês antes que completasse vinte e cinco anos, uma bomba caseira explodiu perto dele, enquanto tentava arrastar um soldado para um lugar seguro. Segundo o relatório, o lado direito do seu rosto foi severamente ferido, sua mão direita foi amputada e sua perna direita sofreu lesões sérias. Ele passou por várias cirurgias em Kandahar e, depois, em San Antonio, antes de voltar para casa, para Danvers, quase um ano depois.

Havia também um aviso sobre o seu regresso no jornal local, mas depois... nada. Nem um pio. Nem uma palavra. Nem uma menção. Por oito anos. Nada. Ele desapareceu inteiramente da vista do público.

Por quê? O que aconteceu quando ele voltou para casa? Por que não conseguiu se reacostumar à vida civil? Savannah não se lembrava de ter ouvido muitas coisas sobre a família Lee, embora tivesse certeza de que seus pais deviam estar, ao menos, familiarizados com eles. E ela provavelmente estava partindo para a faculdade quando Asher Lee retornou à cidade. Mas não podia deixar de perguntar: como o capitão da equipe de futebol, estudante pela Universidade de Virgínia, um verdadeiro garoto de ouro, se tornara um eremita? E o que vinha fazendo durante todos aqueles anos?

Ela voltou a verificar o relógio. Três e quarenta. Arrumou os cartões em uma pilha organizada, colocou um elástico em torno deles, então, deslizou para dentro de casa.

— Scarlet? — sua mãe chamou.

— É Savannah, mãe.

Sua mãe, Judy, saiu da cozinha, com o corpo enrolado em um avental floral e com uma mancha de farinha no nariz.

— Estou fazendo muffins. Quer um prato deles? Não pode ir de mãos vazias visitar aquele pobre homem.

O coração de Judy Carmichael era feito de puro ouro, e ela se recusava a ver maldade em alguém. Quando Savannah informou à sua mãe que estaria entrevistando Asher Lee durante as semanas seguintes, ela sorriu e acariciou a mão de Savannah como se ela fosse um anjo do céu em uma missão de misericórdia.

— Muffins de banana com nozes, mãe?

— Minha especialidade!

Na verdade, todo o tipo de receita conhecida pelo homem era a “especialidade” de sua mãe, conforme mostravam todas as medalhas azuis emolduradas que cobriam metade da parede da cozinha — uma por quase todos os anos em que participara de concursos de culinária na Feira Estadual.

— Posso levar três?

— Tome quatro — disse a mãe, entrando na cozinha. — Você está pele e osso.

Savannah sorriu, porque isso não era verdade, então, tomou as escadas de dois em dois degraus, pronta para roubar algo doce e de cor pastel do armário de Scarlet, antes de sua reunião às quatro.

Asher andava de um lado para o outro em seu escritório, parando para olhar seu reflexo no banheiro. Começou de baixo para cima.

Seus sapatos mocassins pretos pareciam confortáveis, mas caros. Seus olhos passaram por sua calça *Levi's*, e ele precisava admitir que até ali, tudo bem. Suas pernas eram longas, as cicatrizes estavam escondidas atrás do tecido e sua cintura ainda era tão esguia como quando jogava futebol. Uma camisa preta e azul clara estava enfiada no *jeans*, presa por um cinto de couro preto. Sua mão protética, desconfortável, raramente usada, pendia de sua manga direita. Era um

modelo antigo, ultrapassado, coberto com um látex cor de carne sem mobilidade real. Ele sabia que os modelos mais novos agiam como esqueletos biônicos, mas Asher já tinha se acostumado tanto a ter só uma mão que nem se incomodou em viajar até Walter Reed para encomendar uma nova. Talvez um dia. Por enquanto, ele apenas manteria aquela mesmo ali para que a desfiguração fosse menos óbvia.

Ele manteve os olhos naquele corpo que parecia surpreendentemente normal, forçando-se a não olhar para a parte acima do pescoço. Finalmente, suspirou, sentindo-se pronto para encarar o inevitável. Talvez não estivesse assim tão horrível. Talvez o tempo tivesse feito sua mágica, e, por mais que não estivesse belo, não estaria tão, tão... Ergueu os olhos e arfou, e, então, chegou a gemer.

O tempo não fora gentil com ele, mas não importava, pois a campainha já estava tocando. Savannah Carmichael estava lá, e era tarde demais para voltar atrás.

Daquela vez, a Srta. Potts não fez Savannah ficar plantada na frente da porta, como uma vendedora de aspirador de pó. Ela abriu a porta, dando um sorriso de boas-vindas.

— Olá, Savannah! Que prazer vê-la outra vez! E você trouxe guloseimas também.

— Minha mãe lhes enviou saudações, Srta. Potts. Ela preparou seus premiados muffins de banana com nozes e insistiu que eu trouxesse um prato para você... e para o Sr. Lee.

— Ah, que gentileza! E, falando no Sr. Lee... — A Srta. Potts olhou em direção às escadas.

Flanqueando o espelho no centro do patamar, duas janelas lançavam a luz da tarde em direção ao corredor da frente como holofotes, obscurecendo as feições da figura de pé no topo da escada. Ela olhou para ele, sentindo sua respiração relaxar conforme seus olhos se ajustavam à luz. Ora, ele não era um monstro. Mesmo com o forte brilho, ela podia distinguir suas longas pernas na calça *jeans* e o peito largo por trás da camisa azul. Seu rosto, que capturava todo o poder da iluminação, era apenas uma silhueta de onde ela estava, mas não

importava. Era alto, ereto e forte, nada como o ogro corcunda que ela fora levada a esperar por conta dos poucos trechos de fofoca que ouvira de sua irmã.

Ela deu um passo à frente, sentindo seu sorriso alargar enquanto dizia:

— Sr. Lee.

Lentamente, com o que ela percebeu como sendo um leve, mas controlado, coxear, ele desceu as escadas, enquanto seu rosto começava a entrar em um foco mais nítido. Quando pôde vê-lo, ela se preparou e rezou mil vezes em agradecimento por ter feito um relatório detalhado de todos os seus ferimentos para que soubesse o que esperar.

Meu Deus. Meu Deus.

Ela lambeu os lábios nervosamente, mas assim que seus olhos encontraram os dele, ela fez questão de mantê-los. Como uma criança que escolhe um cavalo em um carrossel e não tira os olhos dele, ela fixou seus olhos nos dele, castanhos, como se sua vida dependesse disso. Seus olhos passaram rapidamente pelo tecido coberto de cicatrizes que cobria sua bochecha direita, pelo olho caído e pela pele queimada que se estendia para o pescoço. Ela lera que ele tinha perdido a orelha, e ela pôde ver que seu cabelo longo, desgrenhado, cobria o lugar onde esta deveria estar. Segurou os olhos no lado de seu rosto sem cicatrizes como um desafio, sem deixar seu sorriso enfraquecer, e propositadamente ergueu a mão esquerda para que ele pudesse apertá-la, pele a pele.

— Srta. Carmichael — ele cumprimentou com aquela voz baixa, profunda e levemente arrogante, que a havia incomodado ao telefone, e também estendeu a mão para tocá-la.

Sua mão era macia e quente, e ela podia sentir os músculos tensos sob sua pele, enquanto apertava sua mão gentilmente. Claro que aquela mão precisava ser forte. Era a única que ele tinha. Ainda assim, a força a surpreendeu, e ela sentiu suas bochechas corarem.

— Muito obrigada por ter concordado em se encontrar comigo — disse ela. Ela nunca mantivera um contato visual tão longo em toda a sua vida, e embora soubesse que era totalmente necessário, sentia que era algo muito íntimo para uma primeira reunião.

— O prazer é meu. Obrigado por concordar com meus termos.

Sua voz era suave, mas reprimida, como se ele soubesse o que fazer, mas

já fizesse muito tempo que não tinha contato com alguém.

— Claro.

— E obrigado pelos brownies. Embora eles tenham me obrigado a fazer meia hora a mais na esteira ontem.

Ele ainda segurava sua mão, e sentindo tanto o calor de sua pele quanto o de seus olhos, ela sentiu-se derreter. Por isso, desviou o olhar e puxou a mão. Quando ela recuou, ele ergueu o queixo, como se estivesse se preparando para sua inspeção.

Ela se recusou a inspecionar seu rosto, mas, pelo que conseguiu extrair de sua visão periférica, ele estava tão desfigurado quanto os relatórios haviam indicado. Olhando para baixo novamente, ela fingiu vasculhar sua bolsa, aliviada por encontrar um caderno e um lápis bem lá no fundo, e os segurou para que ele os visse.

— Podemos começar? — ela perguntou, capturando seus olhos com precisão.

Sua mão boa apontou o lado esquerdo da escada.

— Depois de você.

Ora, ora. Savannah Carmichael era muito mais durona do que ele esperava. E mais profissional. E, pensou ele, perguntando-se pesarosamente onde ela poderia ter obtido aquela informação, mas ela estava preparada: ofereceu a mão esquerda para que ele a cumprimentasse e olhou-o direto nos olhos, não permitindo que seu olhar vagasse pelos ferimentos. Seguiu atrás dela, enquanto subia as escadas, sentindo o corpo inteiro responder à doçura suave de seu perfume, à forma como seus quadris balançavam naquele vestido de verão cor de lavanda, que usava por baixo de um suéter cor creme que apenas chegava à altura de sua cintura.

— À esquerda ou à direita, Sr. Lee?

— Asher — ele respondeu. — Esquerda. Meu escritório fica na primeira porta à esquerda.

Ela parou em frente à porta do escritório, como se esperasse que esta

abrisse por meio de mágica. Ele estendeu o braço por cima de seu ombro, abrindo-a, sentindo o aroma de seu xampu ou de seu perfume — fosse o que fosse, cheirava a uma porra de um milagre. Seu sangue começou a correr em direção ao sul de seu corpo, e ele praguejou bem baixinho. Ele mal a conhecia. Podia estar namorando alguém ou até noiva. Não podia pensar nela naquela forma. Não podia pensar nela, ponto.

— Você é casada, Srta. Carmichael?

— Savannah — ela disse, sentando-se na cadeira de visita, em frente à mesa dele. — Não. Estou solteira.

Ele ignorou o revirar de seu estômago por conta daquela simples afirmação.

— Pensei que seria melhor se sentássemos à janela — ele disse, apontando para um par de cadeiras de frente para uma janela de vidro manchada e antiga, que formava um arco-íris de luzes no assoalho de madeira.

Rapidamente, ele se colocou atrás dela, puxando a cadeira para que se levantasse. Se ele ia ser entrevistado, queria, pelo menos, certificar-se que quando ela olhasse para ele, visse seu lado bom.

Depois que ela estava estabelecida, ele sentou-se ao lado dela, esticando as pernas longas e cruzando-as nos tornozelos. Savannah pousou a bolsa no chão e cruzou as pernas em direção a ele.

— Não quero cansá-lo — ela disse gentilmente, virando o pescoço em direção a ele.

— Não irá.

— Preciso admitir que você não parece do tipo que se cansa facilmente.

Ele não queria levar o comentário dela para o lado sexual, mas, porra, lá estava: a imagem dela sob ele, enquanto ele permanecia sem se cansar a noite inteira. Provavelmente chegou a corar, pois os olhos dela se arregalaram de surpresa, e ela os desviou.

— É que você parece estar em forma — ela disse, com uma nota provocativa em seu tom de voz.

— Eu *estou* em forma.

Foi a vez dela corar, e ele pigarreou, desacostumado a ter uma companhia, muito menos a ter uma linda mulher ao seu alcance.

— Eu te disse que sou rude. Há muitos anos não tenho outra companhia a não ser a Srta. Potts. Não quero assustá-la com comentários estúpidos.

— Eu não me assusto facilmente — ela disse, sorrindo.

— Você se importaria se eu fizesse algumas perguntas antes de começarmos? — ele indagou, virando-se para ela, mas certificando-se de que ela visse apenas o seu lado bom.

— Pode mandar. — Ela se remexeu em seu assento para que seu bumbum adorável fosse empurrado para o canto da cadeira, fazendo com que sua saia cor-de-rosa se balançasse na lateral de sua coxa.

— Para qual jornal é o artigo?

— O *Phoenix Times*.

— Você escreve para eles?

— É um contrato *freelance* — ela explicou, na defensiva. Mas ele não a culpava. Ela mal o conhecia, por que iria compartilhar sua recente má sorte no *New York Sentinel*?

— Uma matéria sobre comportamento humano?

— Hum-hum. — Ela respondeu e olhou para baixo.

Ele franziu o cenho.

— Você não está muito animada para fazê-la, está?

Ela ergueu o rosto, e seus olhos se encontraram com os dele. Foi o momento em que ela olhou para ele de forma mais vulnerável, e o fogo em seus olhos quase o deixou sem fôlego.

— Eu nunca disse isso.

— Seus olhos disseram.

Ela se encolheu, aborrecida, mas, para sua surpresa e admiração, ela assentiu:

— Eu era jornalista investigativa em Nova York no passado. Comportamento Humano não é exatamente a minha praia.

— Mas, ainda assim, fazer uma matéria sobre a minha história parece importante para você. Veio aqui pessoalmente, trouxe brownies...

— Preciso que essa história seja um sucesso — ela admitiu. — Preciso que seja uma história dolorosa de um herói americano.

— Como você sabe que minha história é dolorosa?

Seus olhos se arregalaram, e ela passou sua língua pequena e rosada nos lábios. Parecia um tique nervoso, mas ele estaria mentindo se dissesse que não o afetava. Pois afetava. E muito. Ele se inclinou levemente na direção dela, ainda sentado na cadeira.

— Você era o garoto de ouro da cidade. E agora...

— Agora ele é Archer Lee, um homem ocioso. — A voz alegre da Srta. Potts ecoou no cômodo silencioso, cortando a intimidade do momento enquanto colocava uma bandeja de prata sobre a mesa entre eles.

Asher franziu o cenho, mas foi rapidamente distraído pelo cheiro de muffins caseiros.

Ele virou-se para Savannah.

— Você fez muffins dessa vez?

Savannah preparou-se para falar algo, mas a Srta. Potts interrompeu:

— Ela fez. Não é uma garota esperta? E tão adorável. Você irá reparar que estão faltando dois, Savannah. Não pude resistir.

Savannah corou novamente e, então, olhou para Asher; foi quando algo miraculoso aconteceu. Enquanto ele vivesse e respirasse, jamais esqueceria, porque era, sem dúvida, um milagre tão grandioso quanto o da multiplicação dos pães e peixes. Savannah Carmichael, uma das garotas mais bonitas que já vira, olhou para seu rosto. E simplesmente sorriu.

A Srta. Potts ficou com eles por algum tempo, servindo a cada um uma xícara de café bem quente, enquanto eles comiam os muffins da mãe de Savannah, e, depois, os deixou sozinhos para que continuassem a conversa.

— Um homem ocioso? O que isso significa?

Ele deu de ombros, comendo a última mordida do muffin.

— Na maior parte do tempo, eu leio.

— Ficção? Não ficção? Poesia?

— Um pouco de tudo — ele disse. — Você não vai tomar notas?

Ela olhou para as longas pernas dele. *Sim*, seria a resposta à pergunta. *Sim, ela deveria estar tomando notas*. Mas desde que chegara, a visita passara a ser mais social do que profissional, e ela agora se encontrava em um ambiente tão confortável que não quisera quebrá-lo, pegando seu caderno e suas anotações. Passara a noite inteira preparando seus pensamentos e reflexões, mas poderia verificar aqueles fatos mais tarde. Não era importante criar um relacionamento com seu entrevistado? Sim, claro que era. Aquela primeira reunião deveria criar um conforto de base. Estava fazendo tudo certo.

— Farei isso na próxima vez. Estamos apenas nos conhecendo hoje. — Ela sorriu para ele. — O que você está lendo agora?

— *Agora?* Ah, hum... um livro muito informativo sobre... hum... relacionamentos interpessoais.

Ele corou ao dizer isso, e ela ficou curiosa por conta de tal embaraço, mas decidiu não perguntar. Sua voz era tão profunda e acolhedora, que parecia acalmá-la, e ela poderia ouvi-lo falar sobre livros por horas. Ele também contou a ela sobre sua infância, aparentemente idílica, e deu-lhe um panorama geral sobre seu alistamento para que ela tivesse um quadro para o artigo. Antes que percebesse, o alarme do telefone em sua bolsa fez-se soar como sinos de igreja, avisando-lhe que uma hora tinha se passado.

Ela o silenciou com um sorriso tímido.

— Acho que chegou a hora de eu te deixar em paz.

Seria sua imaginação ou ele pareceu triste ao ouvi-la dizer isso? De qualquer forma, realmente era hora de partir. Desde o momento em que chegou, o assunto fora desviado, então, ela precisava chegar em casa e começar seu plano de ação para a visita de quarta-feira.

O que mais a surpreendeu foi que, no momento em que se situaram diante das janelas, com o lado do rosto dele menos danificado voltado para ela, descobriu rapidamente como era fácil falar com ele. Não se distraíra com sua mão protética, que pendia, fora de sua vista, no braço mais distante da cadeira, nem com sua pele mutilada ou a orelha ausente, pois todos estavam escondidos de sua visão. Tudo o que conseguia ver era a beleza áspera de seu lado

esquerdo, a imperfeição do nariz, o brilho ocasional de seu olho castanho, o jeito fácil com que suas longas pernas se cruzavam à sua frente.

Ele era inteligente, sagaz e culto, e embora tivesse avisado que não era muito polido, ela não tivera nenhuma evidência disso. Na verdade, se não fosse pela máscara de cicatrizes no lado direito de seu rosto, Asher Lee seria um bom partido. Um excelente partido.

Mas o fato era que, apesar de seus melhores esforços para olhar apenas em seus olhos no momento em que ele a cumprimentou, seu rosto era terrível de se contemplar. Ela nunca vira nada tão danificado, tão desfigurado e horrível em toda a sua vida. Mal podia olhá-lo sem uma hesitação, sem pena e, para sua vergonha, desconforto.

Isso servia para que se lembrasse: *não estava ali para fazer um amigo. Estava ali para contar a história dele. Era melhor não misturar as coisas. É uma tarefa, não um encontro casual. Não se esqueça.*

Enquanto se levantava para dizer adeus, olhou para ele. A forma como seus olhos descansavam suavemente, pacientemente, nos vitrais da janela diante deles a fizeram parar para olhar também. Savannah recolocou a bolsa no chão e voltou a sentar-se na cadeira, olhando diretamente para as janelas de arco-íris, enquanto o sol baixava ao longe, banhando-os de cor. Observou a beleza diante dela, sem falar, sem se mover, totalmente hipnotizada pelos tons vermelhos e azuis que dançavam no sol do entardecer. Não lhe ocorreu dizer qualquer coisa, como se perturbar o silêncio perfeito do momento fosse impensável.

Só mais tarde, em casa, surpreendeu-se por ter ficado ali por tanto tempo, sentindo-se tão confortável, em um silêncio tão completo, com alguém que mal conhecia.



Capítulo Quatro

A primeira vez em que você percebe que gosta mais da companhia dele do que da de qualquer outra pessoa.

Apesar de terem vivido aquele momento ao sol, Savannah sentia que era mais importante manter sua total concentração no artigo e ser bem mais profissional na quarta-feira, por isso, chegou pontualmente, levou biscoitos de macadâmia e encontrou-se com Asher no escritório antes que pudesse encontrar com ele no patamar. Ele estava de pé, diante da porta do escritório, observando-a subir as escadas, com um olhar surpreso no rosto, enquanto ela se forçava a manter a cabeça erguida. Com um profissionalismo sem falhas, ela reparou que, por mais que a forma como seu olho direito estivesse saltado fosse chocante, a cicatriz não era tão horrível quanto ela se lembrava. Sorriu-lhe, então, brevemente, com educação, e entrou em seu escritório, sentando-se na cadeira à esquerda, de frente para os vitrais.

— Bem, olá para você também — ele disse, enquanto se juntava a ela.

— Olá — ela disse, colocando seu gravador de voz sobre a mesa entre eles. Ela criara uma regra estrita para não ser distraída pelo lado quase belo de

seu rosto. Na verdade, provavelmente seria muito melhor se ela não olhasse para ele de forma alguma e apenas fizesse perguntas, tomando notas enquanto ele as respondia. Sim, seria melhor. Ela testou o pequeno gravador, pressionou STOP e enfiou-o novamente em sua bolsa, pegando um caderno e uma caneta. — Podemos começar?

Sua voz estava fria quando respondeu:

— Não ia querer prendê-la por mais tempo.

— É melhor assim, você não acha? Que nos concentremos na entrevista?

— Claro — ele disse, cruzando suas longas pernas e entrelaçando os tornozelos.

Nada de olhar para aquelas pernas longas. Nem para os tornozelos.

Entrevista. Primeiro contato com o editor na sexta-feira. Pare de brincar.

— Então, Sr. Lee...

— Asher.

— Asher — ela disse, fazendo-a perder o fio da meada quando sentiu o nome rolar na sua língua. Havia algo de *sexy* nele. O som de *sh*. — É um nome incomum.

— Já se esqueceu de suas lições de catecismo, Srta. Carmichael? Tsc, tsc. E olha que eu recebi informações de que sua família é Metodista fervorosa.

— Catecismo? — ela perguntou, totalmente perdida, enquanto seu caderninho caía em seu colo, completamente esquecido.

— Asher³ era filho de Jacó e Zilpa, que foi criada de Lia.

— A irmã mais velha e feia, que ele não queria — ela deixou escapar, lembrando-se da história.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Acho que você não faltou às aulas de catecismo, afinal.

— Eu sabia que já tinha ouvido o nome antes. Mas por que seus pais o escolheram? Pode-se dizer que ele não teve um começo muito bom.

Ele sorriu ante à observação.

— Pelo significado. *Asher* significa felicidade.

Ela não deveria ter feito o que fez logo em seguida. Não deveria ter virado o rosto para olhar para a parte mais bela de seu rosto, enquanto o sol estava baixo e cálido, tornando o momento mágico novamente. Mas já fazia tanto tempo que Savannah não sentia felicidade. E foi exatamente isso que sentiu quando olhou para ele. Por isso, sorriu.

Por algum lampejo de sorte, aconteceu novamente. Savannah Carmichael olhou para seu rosto horrível e sorriu. Seu coração deu um salto mortal no peito, palpitando como louco, e ele prendeu a respiração enquanto a observava, rezando para que o momento durasse mais do que apenas alguns segundos. Mas, porra! A Srta. Potts irrompeu na sala, cumprimentando-os alegremente e oferecendo biscoitos que derretiam na boca e café quente. Ele realmente precisava ter uma conversa com ela. Apreciava sua consideração, mas queria passar cada minuto possível tendo Savannah só para si.

Nem a conhecia direito. Trocaram algumas palavras pelo telefone e passaram pouco mais de uma hora juntos na segunda-feira à tarde. Mas ela passara a comandar todos os seus pensamentos desde que a vira partir quarenta e oito horas atrás. Tanto a terça quanto a maior parte da quarta-feira se arrastaram em uma lentidão agonizante até que ela voltou, e ele não pôde conter seu desapontamento quando ela chegou muito profissional. O único momento mais interessante foi quando ela o cumprimentou, que olhou para seu rosto por completo, e, surpreendentemente, ele não captou nenhum vislumbre de repulsa ou pena. Ela olhou para ele rapidamente, e, então, caminhou em direção à cadeira, como se conversar com um mutante fosse uma ocorrência do cotidiano. Ele odiava o fato de isso lhe proporcionar esperança.

E então, quando já se sentia praticamente sem nenhuma esperança, ela lhe perguntou sobre seu nome e ofereceu-lhe seu belo sorriso como um presente. Isso fez com que ele sentisse vontade de chorar. Fez com que desejasse escrever uma poesia. Fez com que se sentisse grato pela Srta. Potts tê-lo encorajado a retornar à raça humana. Não importava o que acontecesse com Savannah, ele sempre seria grato por ela tê-lo resgatado e o levado àquele pequeno e seguro pedaço de mundo.

— Biscoitos de chocolate com macadâmia? — ele exclamou com a boca cheia. — Ah, meu Deus, Savannah!

— Essa garota sabe ou não sabe cozinhar? — perguntou a Srta. Potts, piscando para Savannah.

— Ela sabe cozinhar — Savannah respondeu baixinho, arrumando seu cardigã por cima da blusa combinando. Ele tinha checado toda a roupa no momento em que ela chegou. A forma como se ajustava em seus seios era quase um crime, e, sim, estava se esforçando ao máximo para não olhar para eles todas as vezes que ela se abaixava para escrever no caderno. Apesar da aparência, ele era apenas humano, no final das contas.

— Sobre o que estão conversando hoje? — perguntou a Srta. Potts.

— Sobre os anos de formação do Sr. Lee... ou melhor, Asher — Savannah respondeu eficientemente, colocando seu biscoito de volta no prato, ainda pela metade.

— Ah, meu Deus, tenho certeza de que tenho seus registros do dentista em algum lugar por aqui — a Srta. Potts provocou, mas Asher reparou que as faces de Savannah estavam coradas. Seus ombros caíram, enquanto ela se inclinava para trás na cadeira, suspirando.

— Estou sendo rude — ela disse.

— Nem um pouco, querida — garantiu a Srta. Potts, dando tapinhas no ombro da moça antes de virar-se para sair. — Está aqui pelo seu trabalho. Admiro que esteja fazendo isso.

Savannah voltou-se para Asher quando a porta fechou-se atrás da Srta. Potts.

— Me desculpe, Asher. Entrei aqui como uma tempestade. Às vezes eu me esqueço que isso aqui é uma matéria de *comportamento humano*. Acho que ajudaria se eu agisse mais como uma humana.

As palavras de Asher naquela noite de domingo ecoaram em sua própria mente: *Eu mal pareço humano. Não estou pronto para me juntar à raça humana*, além de como a Srta. Potts resumiu as similaridades entre ele e Savannah. *Você perdeu uma mão, e ela acabou sendo demitida do jornal mais prestigiado do país. Ambos voltaram para casa para lamber suas feridas.*

Ele observou a forma como seus lindos lábios se curvaram para baixo, a maneira como a mão que estava mais próxima a ele agarrou o braço da cadeira. Ela estava tentando desesperadamente recuperar-se de sua própria dor, de seu próprio coração partido. E ele podia ajudá-la.

Sem nem pensar no que fazia, ele estendeu a mão e pousou-a sobre a dela, sentindo um golpe no momento em que sentiu o calor de sua pele, antes de perceber, com uma boa dose de horror, que tinha tomado uma liberdade. *Ela é bela, jovem e uma jornalista talentosa. Não precisa que um homem sem esperança e deformado a toque.* Ele se preparou para se afastar, mas ficou chocado pela forma como ela rapidamente abriu os dedos para enlaçá-los nos dele, entrelaçando-os para que ficassem presos. Incapaz de suportar seu olhar, ela começou a olhar para suas mãos, passando o polegar gentilmente por sua pele, enquanto um calor há muito esquecido corria pelas suas veias, despertando-o, fazendo cada terminação nervosa, cada célula, focar sua atenção na pressão deliciosa daqueles dedos apertando sua mão.

Após alguns momentos, ele olhou para ela, mas pegou-a olhando para as duas mãos, exatamente como ele estivera fazendo minutos atrás. Até que ela virou-se para ele, com seus olhos castanhos alegres e confusos, desafiantes e preocupados.

— Tudo bem — ela sussurrou, como se tentasse tranquilizá-lo —, estamos nos tornando amigos.

Foi então que todo aquele calor maravilhoso esfriou, fazendo-o retirar a mão. Amigos. Claro. Ela nunca seria capaz de enxergar alguém como ele como um homem de verdade. Seu coração começou a crepitar, lutando contra o golpe inesperado. Ele abriu um sorriso tenso, descansando a mão no próprio colo.

— Você estava perguntando sobre meus anos de formação — ele disse suavemente, tentando esforçar-se ao máximo para esconder sua amarga decepção. — Continue.

Savannah reparou na mudança imediata no rosto de Asher quando usou a palavra *amigos* e se repreendeu por ser uma covarde. Surpreendera-se com seu gesto, mas ficou ainda mais chocada com a forma como seu coração começou a bater a partir do simples contato de sua mão cobrindo a dela. Foi como se roubassem o ar de seu peito, e um milhão de borboletas tivessem estabelecido morada em seu estômago. Estava surpresa pela força de sua reação. Isso preocupou-a. Inferno, a assustava também. Mal o conhecia. Era impossível que já estivesse apaixonada. Então, desarmou seus sentimentos, lidando com eles de

forma covarde e chamando-o de amigo.

— Conte-me um pouco sobre sua família — ela falou com uma voz cuidadosamente modulada.

Enquanto escrevia as respostas dele, sua mente vagava, tentando esquecer o mal-estar. *Esta é a melhor escolha. Você ainda terá dez sessões depois desta e não pode se apaixonar como aconteceu com Patrick, garota estúpida. Lembre-se de como acabou. Além do mais, como poderia se apaixonar por alguém cujo rosto é igual ao do Freddy Krueger?* Por mais que sua própria maldade a tenha chocado, sabia que era apenas alimentada por seu desejo de manter trabalho e lazer separados, o que só a preocupava mais. Como a maioria das pessoas, sabia ser má quando estava com medo.

— Acho que dá para se dizer que sempre houve Lees em Danvers, porém, suspeito que eu vá ser o último. — Ele pegou a xícara de café e tomou um gole, olhando através das janelas como se estivesse entediado.

Ela prestou atenção nas palavras que tinha acabado de escrever: *suspeito que eu vá ser o último*.

— Isso é ridículo — ela deixou escapar.

— O quê?

— I-isso é ridículo — ela disse com um pouco mais de suavidade.

— Acho que não — disse ele, tomando um gole de café.

— Você não vai ser o último Lee em Danvers.

— Próxima pergunta — ele exigiu em voz baixa, cansado. — Ou devemos encerrar o dia?

Ela girou o caderno em seu colo. Precisava corrigir isso. Não apenas porque se sentia horrível por tê-lo magoado, mas porque quis dizer exatamente o que tinha dito. *Estavam* se tornando amigos. Na verdade, ela mal se lembrava de ter se sentido tão animada para ver Patrick como estivera para ver Asher novamente. Os últimos dois dias se arrastaram enquanto ruminava os momentos de sua última conversa desconexa e o maravilhoso momento de comunhão que compartilharam observando o pôr do sol. Savannah não tinha nenhum amigo em Danvers, além de Scarlet, mas esta estava sempre com Trent, planejando o casamento, imaginando seu futuro. Encontrar-se com Asher lhe parecia algo promissor e especial, e mesmo que Savannah realmente precisasse de uma história para um artigo, meio que queria sua amizade também.

— Uma amizade poderia simplesmente ser uma forma de começar — ela sussurrou, sentindo o calor subir por suas bochechas. Parecera certo dizer aquelas palavras, pois não queria que ele pensasse que o afastara por causa de sua aparência. Porra, ela não era boa com essas coisas.

— Desculpe? — perguntou ele com aquela voz profunda, distante, que deveria ter se aperfeiçoado quando estava na Universidade da Virginia.

— Não estou falando apenas de amizade.

Ele se virou para ela de súbito.

— Você está blefando como no pôquer ou estou ficando louco?

Sentiu os lábios tremerem segurando o riso. Toda a conversa tinha se tornado um absurdo.

— Devo aumentar a aposta? — ele brincou.

— Só não desista — disse ela, sorrindo agora, percebendo o quanto gostava de estar com ele, apesar de sua aparência, apesar do fato de ele mal ter saído de casa em oito anos. Gostava dele.

Ele parecia confuso, perplexo e um pouco fascinado quando colocou a xícara de volta sobre o pires. Em seguida, virou-se para olhá-la nos olhos.

— Eu nem sonharia em fazer isso.

Uma hora mais tarde ele já havia lhe ensinado todos os truques de pôquer que aprendera quando estava no exterior, e quando os sinos da igreja tocaram dentro de sua bolsa, ela não sabia nada sobre seus anos de formação... porém, seu jogo *stud* de sete cartas jamais seria o mesmo.

— Da próxima vez, deixe o despertador em casa — ele avisou, olhando para a bolsa, mas não fazendo nenhum movimento para se levantar. Espreguiçou-se sob a luz de um arco-íris, passando a mão pelo cabelo desgrenhado.

— Por que você não o corta? — ela perguntou, olhando para o cabelo dele. Contudo, assim que falou, desejou poder retirar o que disse.

Sua expressão, que parecera preguiçosa e satisfeita minutos atrás, ficou um pouco tensa.

— Porque ele esconde coisas.

Ela se virou, colocando-se na beirada da cadeira, encarando-o de frente,

por mais que ele ainda estivesse sentado de lado.

— Asher — ela disse suavemente. — Não é tão ruim quanto você pensa.

— Savannah — ele falou sem olhar para ela; o lado direito de seu rosto cingido em granito de tanta raiva. — É tão ruim quanto eu penso que é. Tenho o prazer de me olhar todos os dias.

Ela estendeu a mão, hesitante no início, depois, com mais confiança, e pousou a palma sobre o tecido quente do *jeans* em sua coxa.

— Olhe para mim.

— Não — ele disse, olhando para a mão dela e deixando escapar um leve gemido do fundo de sua garganta.

— Por favor, olhe para mim. Nós somos amigos, lembra?

— O tempo acabou — disse ele em voz baixa, mas com firmeza, virando a cabeça para o outro lado para não olhar para ela.

Ela engoliu em seco, retirando a mão e pegando sua bolsa. Quando começou a se levantar, ele agarrou seu punho, com força, ferozmente, ajustando seus dedos para um aperto mais suave quando ela não se afastou.

— Você vai voltar na sexta-feira?

— Claro.

Os dedos dele relaxaram ainda mais, enquanto o polegar acariciava o interior de seu pulso de forma lenta e suave.

— Que bom — disse ele, soltando-a.

Savannah soltou o ar, que nem sabia que estava segurando, somente quando estava na metade da escada.

— Então, como estão as coisas — perguntou Scarlet, na sexta-feira de manhã quando sentou-se em frente à sua irmã, na mesa de café. — com o “Eremita” Lee?

— Não o chame assim — disse Savannah, olhando para a irmã mais nova com reprovação.

— Está sensível?

— Sensível, não. Basta mostrar algum respeito. Ele é um veterano de guerra ferido.

— Ora, ora. Se eu não te conhecesse bem, diria que alguém está começando a desenvolver um *crush*.

— Cale a boca, Scarlet.

— Vanna e Asher sentados sob uma árvore, B-E-I-J-A-N-D-O — cantarolou.

— Você age como uma criança — Savannah pegou um pedaço de torrada e derrubou os talheres de Scarlet no chão.

— Ah, pelo amor de Deus — suspirou Judy. — Estas não podem ser minhas filhas crescidas brigando como meninas de escola.

— Ela começou — disse Scarlet, mostrando a língua para a irmã mais velha. — Toda melindrosa por causa do novo queridinho.

— Katie Scarlet, eu poderia jurar que você precisava ir buscar uma grande encomenda do seu casamento hoje de manhã.

Scarlet olhou para o relógio da cozinha e pulou desesperada do assento, arrancando a torrada das mãos de Savannah.

— Caraca, estou atrasada! Obrigada, mãe!

Judy e Savannah observaram-na ir e, então, trocaram olhares quando Judy ocupou o lugar de sua filha mais nova.

— Você sabe que ela estava apenas te provocando.

— Eu sei. É só que... Asher é um bom homem. Esta cidade não tem sido muito boa para ele.

— Bem, se há alguém que pode mudar isso, aposto na minha garota. — Ela afastou uma mecha de cabelo de Savannah de seus olhos e segurou seu rosto com ternura, antes de se levantar da mesa para olhar a massa que preparava. Eram *scones* de limão com gengibre. Só de pensar, Savannah ficou com água na boca.

— Sabe, eu conheci a mãe dele, Pamela Lee.

Savannah pousou lentamente a xícara de café sobre a mesa e olhou para

sua mãe com surpresa.

— Conheceu?

— Não muito bem, é claro. Ela era Pamela Lee, e eu era apenas Judy Calhoun Carmichael, uma pobre moça de Big Chimney, West Virginia.

Savannah educadamente se absteve de apontar que Danvers também poderia ser uma porcaria para a maioria das pessoas.

— Ela era esnobe?

— De forma alguma. Era adorável. Uma verdadeira dama. Nós só não frequentávamos os mesmos círculos, lindinha.

— Como você a conheceu?

Judy apontou para a parede na qual suas medalhas estavam penduradas e emolduradas, demonstrando exatamente o espaço entre 1995 e 1997, onde havia uma cruz de madeira pintada de branco, muito simples.

— Você já se perguntou por que 1996 está faltando?

— Claro. Sempre quis saber.

— Porém, nunca perguntou.

— Achei que você tinha suas razões para nunca ter contado.

— Pamela Lee e eu competíamos por cada medalha a cada ano, começando em 1987, quando seu pai e eu nos mudamos para cá. As feiras aconteciam todos os anos, e todos sempre disseram que eu fazia as melhores receitas que já haviam experimentado. No primeiro ano, fui informada por alguns dos outros competidores que ninguém era capaz de vencer Pamela Lee. Ela patrocinava a competição de culinária. Avisaram-me que meus muffins não poderiam ser melhores que os dela. Mas quer saber? — Judy sorriu para Savannah. — Eles eram. Não pude evitar.

Ela apontou para a primeira medalha, no canto esquerdo da parede.

— Foi o primeiro ano em que Pamela ganhou o segundo lugar, ficando com a medalha de fita vermelha. Mas ela era uma dama, Savannah. Na manhã seguinte, me mandou uma dúzia de rosas brancas tingidas de azul, com um bilhete que dizia: “a melhor confeitadeira ganhou”.

“Ela nunca desistiu. Ano após ano, os meus *scones* venceram os *scones* dela, meus biscoitos venceram os biscoitos dela, meus muffins venceram seus

muffins. E a cada ano, sem nunca falhar, essas rosas azuis chegavam à frente da minha varanda com alguma pequena mensagem de cumprimento, para que eu pudesse comemorar minha vitória. Pamela Lee era pura classe.

Judy sorriu carinhosamente para as medalhas azuis, tocando nos quadros cuidadosamente.

— Mil novecentos e noventa e seis — disse Savannah baixinho, com lágrimas nos olhos. — O ano em que Pamela Lee morreu em um acidente de avião.

Lágrimas brotaram nos olhos de sua mãe quando ela se virou e gesticulou para a filha.

— Eu não pude preparar nada nesse ano. Simplesmente não consegui. Pensar naquele pobre menino naquela casa enorme, com pai e mãe desaparecidos... Não entrei no concurso naquele ano, e a pequena cruz branca é em homenagem a Pamela Lee, a mais encantadora mulher que já conheci. Ela me ensinou como ser cortês mesmo na derrota. Nunca vou esquecer sua gentileza para comigo, Savannah. — Judy enxugou o rosto com a ponta do avental, e a própria visão de Savannah tornou-se turva por conta das lágrimas.

— Oh, mamãe — disse Savannah — todos esses anos olhei para essa cruz e nunca soube.

Sua mãe pegou uma porção de massa e, com cuidado, formou um triângulo. Em seguida colocou-o em uma forma untada.

— Bem, agora você sabe. E faça o melhor que puder por aquele menino, sim, lindinha? Faça a coisa certa com ele.

— Farei, mamãe.

— E vai levar alguns *scones* para ele hoje.

— Sim, senhora.

A mãe sorriu para Savannah antes de voltar para seus *scones*.

— E quando ele estiver pronto — ela disse por sobre o ombro —, convide aquele menino para jantar aqui em casa.

Algumas horas mais tarde, depois de ter organizado suas notas, Savannah enviou por e-mail um esboço do artigo para Maddox McNabb, do *Phoenix Times*. Ficou surpresa ao ouvir seu telefone tocando cerca de quinze minutos depois.

— Alô, aqui é Savan...

— *Carmichael. Aqui é Maddox McNabb. Não vai funcionar.*

Savannah piscou, saindo da casa e sentando-se com desânimo no balanço da varanda.

— Como assim não vai funcionar?

— *Eu sei que você está ocupada com o trabalho, então, vou explicar rapidamente. O que você me enviou não é uma matéria de comportamento humano.*

— É a história de como uma cidade negligenciou um herói que retornou da guerra.

— *É um infortúnio. Vai fazer com que as pessoas sintam-se mal, lembrando de todas as vezes que poderiam ter sido mais gentis com um veterano.*

Savannah bufou calmamente. O que havia de errado com isso?

— *Ninguém quer ler sobre isso no Quatro de Julho. Queremos nos sentir bem com nosso país, com nós mesmos. Queremos algo sexy ou, pelo menos, totalmente americano, não uma exposição sobre militares que retornaram da guerra e foram tratados como bosta.*

A ponta da sapatilha de Savannah empurrou o chão, fazendo com que o balanço se movimentasse de forma melancólica.

— Bem, não sei — ela disse. — Acho que é um ângulo importante.

— *Para um furo? Sim. Para Comportamento Humano? Não.* — Ele suspirou. — *Eu sinto muito, Carmichael. Mas não sei se isso vai...*

Era isso. Começou novamente a sentir pânico, e sua boca começou a trabalhar novamente.

— Eu entendi, Sr. McNabb. Sexy e totalmente americano. Sou profissional. Me dê até amanhã, senhor. Vou lhe passar um novo esboço. Sobre o mesmo assunto, mas por um ângulo diferente.

— *Você é muito profissional para trabalhos investigativos, Carmichael. Mas não sei se...*

— *Eu faço, senhor. Eu me conheço e quero este trabalho, então, vou lhe entregar. Tudo o que for necessário. Amanhã. Aguarde minhas notas.*

Em seguida, tocou no botão para encerrar a ligação em seu telefone, antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa.

Asher andava por seu escritório como um urso enjaulado, esperando que as longas horas passassem depressa até que Savannah Carmichael aparecesse novamente à sua porta. O problema era que ele não conseguia mais se concentrar nem mesmo em seus amados livros. Nem Jennifer Cruise estava funcionando, porque imaginava cada heroína como Savannah e, bem... ele não podia imaginar-se como os belos galãs.

Na quarta-feira, quando ela pediu: “Olhe para mim”, com aquela voz sussurrante, ele percebeu o quão perto esteve de atender ao seu pedido. Ela o enganava, com seus vestidos florais e sorrisos radiantes, fazendo-o acreditar que eram simplesmente um homem e uma mulher. E já fazia muito tempo que não se sentia como um homem.

Porque ele não era. Bem, tecnicamente, sim, mas não de verdade. Tinha todos os desejos de um homem, seu corpo se enrijecia e contraía com cada visão dela, vivia para ouvi-la rir e para vislumbrar seus sorrisos cheios de energia. Queria a suavidade de seu corpo sob o dele, enquanto a tocava, acariciava e introduzia-se tão profundamente dentro dela, que o Afeganistão e as bombas e seus pais mortos e os anos de solidão seriam completamente esquecidos.

Mas não era um homem *completo*. Não podia sair de casa. Ainda acordava gritando de vez em quando, banhado em um suor frio, enquanto sentia como se sua mão estivesse novamente sendo amputada de seu braço, e o corpo do Cabo Lagerty estivesse explodindo novamente ao seu lado. Na bolha segura daquelas duas poltronas, banhadas pela luz do dia, ele poderia conversar com ela, conhecê-la, até mesmo tocar sua mão. Mas ele não estava realmente *vivendo* uma vida, e ela não pertencia ao seu mundo. Ela morava na luz do sol, não envolta em sombras.

E, no entanto, apesar de todos esses pensamentos, e talvez porque não tivesse um amigo — muito menos uma amiga jovem, bonita e feminina —, Savannah Carmichael tornava-se ainda mais especial para ele. Mais do que especial, ela era como um milagre. A bela donzela que aparecera no castelo da fera, apenas para encontrar um homem que era muito mais monstruoso do que ela jamais poderia ter imaginado.

Pena que não tenho uma rosa encantada para me transformar de volta em um príncipe quando nos beijarmos. É uma pena que eu sempre vá ter essa aparência.

Ele abriu a porta do banheiro e acendeu a luz, olhando-se no espelho de corpo inteiro. Ela havia lhe perguntado o porquê de ele não cortar o cabelo. Então, Asher o afastou, olhando para o lugar onde sua orelha costumava existir. A pele irritada e retorcida se projetava na lateral de sua cabeça.

— Algumas cirurgias impressionantes têm sido feitas em Maryland atualmente — disse a Srta. Potts suavemente, colocando-se atrás dele e avançando lentamente em direção ao banheiro para pendurar duas toalhas de mão recém-lavadas ao lado da pia. — Tudo que precisa fazer é dar um telefonema e agendar um horário.

— Isso não pode ser consertado por completo — disse ele.

— Não por completo. Mas você devia ver algumas fotos. Eles podem construir uma nova orelha. Podem fazer um enxerto, usando a pele do seu...

— Chega!

Ela sabia que não deveria falar com Asher sobre isso, e se não desistisse eles acabariam entrando em conflito. Poucas coisas o incomodavam mais do que discutir seus ferimentos com alguém que queria que ele entrasse na faca, fosse ele um médico, um conselheiro ou Matilda J. Pott. Era uma decisão que cabia a *ele*. Apenas a ele.

A Srta. Potts ergueu as mãos em um sinal de rendição.

— Quando você estiver pronto.

— Nunca vou estar.

— Não acredito nisso — disse ela, dirigindo-se para a porta. — Não acredito mais, pois quer você goste ou não, acabou de reentrar na terra dos vivos. Agora não poderá voltar atrás.

Ele bateu a porta do banheiro, retornando para sua mesa, deslizando-se para sua cadeira.

Por um lado: *É uma pena que eu sempre vá ter essa aparência.*

Por outro: *Algumas cirurgias impressionantes têm sido feitas em Maryland atualmente.*

Ele olhou para o *laptop* que parecia zombar dele e, em seguida, abriu-o, ligando-o pela primeira vez em muito tempo.



Capítulo Cinco

*A primeira vez em que você está com uma aparência péssima,
e ele não se importa nem um pouco.*

O problema era que Savannah não conseguia encontrar um outro ângulo, porque sua mente continuava retornando ao assunto anterior, não importava o quanto se esforçasse para tentar pensar em outra maneira de contar a história de Asher. Quando chegou à porta da frente da casa de Asher, às 15h55, ainda refletia sobre algumas ideias. Ok. Não poderia se concentrar no fato de Danvers ter condenado aquele homem ao ostracismo. Talvez pudesse contar a história da explosão: como é que não tinham procurado por campos minados com bombas acionadas à distância? Como foi que um médico acabou se colocando naquele tipo de perigo? E por que...?

Foi então que ela se conteve. Estava fazendo a mesma coisa. Jornalismo investigativo, não de comportamento humano. Droga!

A Srta. Potts atendeu à porta com sua alegria habitual e os olhos fixos no prato coberto, esquecendo-se de tudo ao redor, menos no que estava nas mãos de Savannah.

— Ah, meu Deus! Qual foi a tentação que você trouxe hoje?

— *Scones* de limão e gengibre — Savannah disse, olhando para a mulher mais velha e abrindo um sorriso de cumprimento.

— Perdoe-me por dizer isso, querida, mas hoje você simplesmente não está se parecendo consigo mesma.

Savannah observou os olhos da Srta. Potts correrem por toda a sua roupa antes de voltarem para seu rosto. Ah, droga! Estivera tão distraída tentando pensar em outro ângulo para a matéria que esquecera-se de se vestir como Scarlet. Estava usando sapatos de lona brancos, um *short jeans* desgastado colado nas coxas e uma camiseta preta, que tinha uma mancha de mostarda sobre o seio esquerdo. Seu cabelo estava preso em um nó confuso na base do pescoço. Estava um completo caos. Porém, parecia-se consigo mesma.

— Isto sou eu — ela disse com um sorriso tímido, empurrando alguns fios esvoaçantes de seu cabelo castanho de volta para o nó.

— Bem, eu já estava me perguntando quando sua irmã iria parar de te emprestar seus vestidos florais e cor-de-rosa.

— Nada te escapa, não é, Srta. Potts?

— Muito pouco, querida. Já estou viva há uns cem anos ou mais.

— Bem, então isso não vai ser um choque: eu não cozinho. Não, a menos que fique consultando um livro de receitas o tempo todo e faça uma tremenda bagunça na cozinha. Temos sorte quando minhas receitas ficam comestíveis. Minha mãe, por outro lado, é uma confeitadeira campeã. Minha irmã também não é das piores. Mas eu? Sou um desastre na cozinha. Então, que tal suspendermos isso de “Savannah não é uma confeitadeira fantástica?” Pode ser? Ando me sentindo desonesta.

Os olhos da Srta. Potts se arregalaram, mas ela sorriu antes de se virar na direção da cozinha.

— Como quiser, querida — ela respondeu por cima do ombro, como uma reflexão tardia.

Savannah virou-se para o espelho no corredor da frente e olhou para seu rosto. Sem nenhuma maquiagem, ela parecia mais simples do que o habitual. Desamarrou seu cabelo daquele nó confuso e refez o coque. Em seguida, levou a camisa à boca e lambeu a mancha amarelada, o que serviu para torná-la mais úmida, mais escura e mais óbvia. Revirou os olhos e virou-se para marchar até as escadas, mas surpreendeu-se ao encontrar Asher no patamar, olhando para ela.

Com calças cáqui justas e uma camisa Oxford por dentro das calças, ele parecia uma imagem de um velho endinheirado. Ela, no entanto...

— Ouvi a campainha tocar. Estava me perguntando se tinha se perdido.

Savannah parou no primeiro degrau das escadas, esperando que ele verificasse sua aparência e a visse completamente desprovida dos vestidos sulistas, charmosos e florais, que a chamasse de farsa e que lhe pedisse para ir embora.

— Eu não cozinho — disse ela.

— Eu ouvi.

— Mas sua mãe cozinhava. Eu não sabia, até hoje.

Ainda de pé no patamar, iluminado pelo brilho do sol da tarde, seus olhos se arregalaram em reconhecimento.

— Você é filha de Judy Carmichael.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo de repente um desejo insano de pedir desculpas por todas aquelas fitas azuis que sua mãe tinha ganhado.

— Não é de se admirar que tudo que traz seja tão delicioso.

— Minha mãe envia seus cumprimentos. Ela gostava da sua mãe. Muito.

— E minha mãe admirava a sua.

— Eu não gosto de vestidos florais.

— Nem eu. O corte deles atrapalha meu coxear. — Ele começou a descer as escadas com dificuldade, com cuidado, e ela percebeu que seu coxear não era muito perceptível quando se movia lentamente.

— Esta sou eu — ela disse, enquanto ele se aproximava, mantendo as mãos cerradas nas laterais do corpo, deixando que ele avaliasse seu conjunto maltrapilho.

— Gosto de você — disse ele — do jeito que você é.

Ela zombou:

— Com um *short* desbotado, uma camiseta preta manchada e o cabelo em um coque bagunçado.

— Funciona para mim.

— Minha irmã...

— Eu não conheço a sua irmã, mas ela pode ficar com seus vestidos florais, já que eles não fazem o seu estilo.

— Eu pareço o inferno.

Ele parou diante dela, virando seu corpo de forma que o lado queimado de seu rosto ficasse voltado para as escadas, e seu olho bom a varreu de cima a baixo, devagar, preguiçosamente, de forma quase erótica.

— Se o inferno é assim, preciso rever minhas definições de céu. Tenho claramente uma baixa concepção de paraíso.

Ela não queria ter feito o que fez em seguida. Mas nem sequer pensou. Só agiu. Estendendo a mão, gentilmente pousou-a sobre a face suave mais próxima a ela, buscando seus olhos. *Você deveria ser apenas uma história.*

— Obrigada, Asher — disse ela.

Seu mundo girou como um louco, e por apenas um momento seus olhos se fecharam, enquanto se ajustava à sensação de ter outro ser humano tocando-o voluntariamente e com gentileza e carinho. Além da mão ocasional da Srta. Potts em seu ombro ou suas, cada vez mais raras, visitas ao médico, ele não fora tocado por outra pessoa nos últimos anos. O calor da mão dela, de sua pele macia pressionada contra a dele, foi tão inesperado e tão alucinante, que seu rosto chegou a formigar por conta daquela doce descarga elétrica.

Seus olhos se abriram abruptamente quando ela retirou a mão.

— E-eu... me desculpe. Eu não tinha o direito.

— Não estou reclamando, Savannah.

Ela franziu o cenho, e ele percebeu que travava uma batalha interna.

— Não foi profissional.

— Pensei que tínhamos estabelecido que estávamos nos tornando amigos. Posso estar fora de forma, mas acredito que amigos possam se tocar uma vez ou outra.

Ele a viu dar de ombros.

— Sinto-me como um desastre de trem hoje.

— Quer conversar sobre isso?

— Eu deveria estar entrevistando você.

— Primeiro, a amizade. Depois, os negócios.

Ele estendeu a mão, e ela a aceitou distraidamente, enquanto ele a puxava pelas escadas em direção ao escritório. Será que percebera que tinha entrelaçado os dedos aos dele, unindo ambas as mãos? Será que isso fizera o coração dela bater como um louco, assim como o dele?

— Eles não gostaram do meu ângulo — disse ela.

— Seu ângulo?

— Maddox McNabb, o editor do *Phoenix Times*, não gostou da história que eu apresentei. Eu queria escrever um artigo sobre o impacto negativo que uma cidade natal não receptiva tem sobre a psique de um soldado que voltou da guerra.

— Que matéria mais alegre — ele disse, secretamente feliz que aquela linha de história lamentável tivesse sido recusada, embora fosse verdade.

— Eles não acham que seja *sexy* o suficiente.

Ele parou no topo da escada e olhou para ela, que estava dois degraus abaixo, incrédulo.

— *Sexy*? Será que você não mencionou para eles como... eu *sou*?

Ela revirou os olhos e sorriu.

— Não é necessário ser bonito para ser *sexy*. Você é muito *sexy*, Asher.

Pela segunda vez em dois minutos, o seu mundo abalou-se por completo. Buscou algum tipo de zombaria nos olhos dela, mas não havia nenhuma. Ela falou de uma forma tão natural, como se realmente quisesse dizê-lo, como se acreditasse que era verdade. Seu coração batia impiedosamente contra as costelas, e ele sentiu sua pele ruborizar com prazer. Ele se virou, puxando-a para seu escritório, onde relutantemente largou a mão dela para fechar a porta.

Sexy.

— Sim, é claro.

— Suas pernas são... infinitas — ela disse com suavidade, virando-se para encará-lo no centro de seu escritório.

O olhar dele avaliou todo o seu corpo, verificando as pernas *dela*, bronzeadas e longas naquele *short* desgastado, que faziam com que Asher lembrasse de noites de verão na época da escola, quando sentia suas pernas entrelaçadas às de alguma menina bonita e receptiva sobre mantas de piquenique.

— As suas também.

Ele ficou imensamente satisfeito quando ela corou, enquanto balançava a cabeça para ele.

— Você já leu todos esses livros?

Mudança de assunto? Ok.

— Sim.

— *Todos* eles?

— Você é a primeira visita social que recebo em oito anos, Savanna. Então, sim.

Ela entrelaçou as mãos nas costas e caminhou até uma prateleira onde as lombadas que estavam dispostas eram especialmente coloridas. *Romance. Era de se imaginar.* Asher teve o impulso de distraí-la, levando-a para sua vasta coleção de não ficção, para impressioná-la com seu conhecimento sobre a história mais obscura do mundo, mas já era tarde demais. Quando percebeu, ela já estava olhando para todos eles. Preparou-se, então, para algumas provocações.

— Você disse *todos*, certo? — perguntou ela, lançando-lhe um olhar atrevido.

Ah, caramba, ela era mesmo uma figura!

— O que posso dizer? Tenho um fraco por romance.

— Bem, isso é... *sexy* — disse ela, virando-se para os livros. — Talvez eu devesse escrever meu artigo sobre um veterano de guerra ferido que retorna para casa e passa a ler romances.

Ele deu de ombros. Não era bom, mas melhor do que a matéria sobre piedade.

Ela reparou na escada junto à parede, que dava acesso às prateleiras

superiores, e subiu alguns degraus, puxando uma capa especialmente berrante. Leu, então, a contracapa e virou o rosto para ele.

— *A Donzela do Mouro?*

Ele estendeu a mão para arrancar o livro de suas mãos, mas ela levantou o braço por cima da cabeça, adotando uma voz de narrador de filmes ao ler a sinopse.

— *‘Um homem solitário e sombrio em uma terra distante... uma mulher de beleza estonteante, vinda das margens verdes da Inglaterra...’*

— Me dê isso! — disse ele, tentando alcançá-la novamente.

Ela deu uma risadinha.

— *‘...se envolvem em uma paixão ardente...’* Paixão ardente, Asher? *‘Enquanto isso...’*

Ele estendeu a mão novamente para pegar o livro, mas quando ela se afastou, perdeu o equilíbrio. O braço de Asher enganchou-se em sua cintura quando ela caiu, fazendo-a bater de encontro ao seu peito, e ele a abraçou firmemente, até que os pés dela tocassem o chão. Mas, ainda assim, não a soltou.

Ela ofegava suavemente, sem fôlego, com os seios contra seu peito, enquanto seus olhos buscavam seu rosto.

— D-desculpe.

— Eu não... — respondeu ele, tentando ignorar a forma desesperada como seu sangue correu por inteiro apenas para um ponto de seu corpo, deixando-o tonto. O peito de Asher também arfava, não por causa do esforço, mas por tê-la tão perto, em seus braços, apertando-se contra ele. Se morresse agora, morreria feliz.

— Asher — ela suspirou, lambendo os lábios e apertando-os. — Estou bem agora.

Ele percebeu o que ela queria dizer e a soltou, dando um passo para trás e devolvendo-lhe o livro. Savannah o pegou e começou a folhear as páginas distraidamente, inclinando a cabeça para o lado.

— Quando você me pegou, usou seu braço bom.

Ele assentiu.

— Notei que você quase nunca usa o outro braço.

— Isso é porque eu não... o uso.

— Então, por que tem uma prótese?

— Eu só a uso quando você vem — disse ele.

— Por quê?

— Para deixá-la mais confortável.

— Não.

— O quê?

— Tire-a.

— O quê? Por quê?

— Porque eu também não cozinho e nem uso vestidos florais.

Duas coisas aconteceram dentro de seu corpo ao mesmo tempo: seu coração explodiu, e seu cérebro entrou em alerta máximo. Mostrar-lhe seu braço sem prótese? Era um risco. Era um risco grande mostrar-lhe o leve coto oval logo abaixo de seu cotovelo, onde o braço inferior um dia existira. Ele ainda tinha o cuidado de escondê-lo da Srta. Potts.

— Sou eu — disse ela, e, em seguida, repetiu as palavras que ele disse mais cedo: — Gosto de você do jeito que você é.

Sem tirar os olhos do rosto de Savannah, Asher movimentou a mão para desabotoar a manga que se agarrava firmemente ao punho de silicone cor de pele. O botão abriu com um *pop*.

— Minha mãe costuma me chamar de lindinha — Savannah disse cheia de nervosismo, sem desviar o olhar.

Em seguida, ele levou a mão boa até o colarinho de sua blusa, começando a abrir os botões, um por um, até que sua camisa estava aberta e os grandes músculos de seu peitoral foram revelados. Savannah suspirou, dizendo a si mesma que devia se comportar.

— Ajude-me com este aqui — disse ele, estendendo o braço bom para ela.

Ela estendeu a mão, desabotoando a manga, sentindo o calor que emanava do pulso dele, sentindo-se subitamente muito consciente de quão másculo ele era. Não apenas um veterano ferido. Não apenas um soldado

desfigurado. Não apenas um homem que tinha deliberadamente optado por se esconder do mundo. Ele era vida, respiração, calor, e um ser humano totalmente disponível, que estava, naquele momento, fazendo seu corpo se incendiar. Como seria estar com ele?

Quando ela olhou de volta para seu rosto, os cantos dos lábios dele estavam inclinados para cima, e seu olho bom parecia cintilar com uma mistura de surpresa e petulância. Ele tirou a camisa, e ela notou o arnês, que se estendia desde a parte superior do braço protético e cruzava em suas costas.

Ela engoliu em seco.

— Não precisa usar isso por minha causa. Nunca mais.

— Ok — ele respondeu suavemente.

Quando ele tirou o cinto, os músculos de seu peito e da parte superior do braço moveram-se de forma hipnótica. Ela viu quando Asher estendeu a mão, puxando o braço de silicone até que este descolasse, quando ele se virou para depositar o braço e o arnês na mesa atrás de si. Havia ainda uma luva branca com um parafuso de suspensão, ligado ao seu braço. Ele puxou até ceder e também colocou-o na mesma mesa. Então, virou-se para Savannah, provavelmente sentindo-se mais nu do que jamais se sentira em toda a sua vida, enquanto os olhos dela desviavam para o coto oval de carne suave sob seu cotovelo.

Ela começou a se aproximar, mas, em seguida, seus olhos dispararam de volta para o rosto dele.

— Posso?

Olhando para ela com espanto, ele acenou com a cabeça. Seus dedos tremiam quando pousaram suavemente no coto de pele, enquanto ela sentia as texturas e os contornos de sua carne mutilada.

— É tão suave — disse ela.

Ele respirou profundamente e de forma audível.

— Estou machucando você? — ela perguntou.

— Não — ele murmurou. — Nunca.

— Ainda possui alguma sensibilidade?

— Um pouco — ele falou com honestidade. — Principalmente sensações

fantasmas.

Enquanto os dedos continuavam a deslizar suavemente pelo coto, seus seios começaram a subir e descer mais rapidamente do que antes, conforme ela respirava. Savannah o pegou no flagra enquanto ele a observava, e isso o fez voltar o olhar bruscamente para seus olhos. Ela ergueu as sobrancelhas, sentindo o calor em seu ventre, com total consciência de sua presença, da proximidade dos dois, sem barreiras.

A porta se abriu, e Savannah retirou a mão com brusquidão.

— Oh, vejo que resolvemos ficar mais confortáveis — disse a Srta. Potts, entrando no cômodo, segurando uma bandeja de prata com café e biscoitos. — Foi uma boa ideia.

Savannah afastou-se de Asher rapidamente, tentando respirar normalmente enquanto seguia até a cadeira na lateral esquerda, em frente às janelas com vitrais. Assim que chegou lá, levou as palmas das mãos às bochechas quentes, tentando descobrir o que estava acontecendo entre eles. Tentando convencer-se de que o que quer que fosse, era uma ideia muito ruim. Asher sentou-se na cadeira ao lado dela, claramente perturbado pela intrusão inoportuna da Srta. Potts, mas Savannah precisava admitir que estava aliviada.

Não só Asher era vários anos mais velho do que ela — o que não era realmente um problema para Savannah — mas ele também tinha um passado difícil; era um verdadeiro eremita, e, mais importante, era seu entrevistado. *Minha nossa, Savannah. Primeiro uma fonte, agora um entrevistado. Tente trabalhar com um pouco mais de profissionalismo, pelo amor de Deus.*

Sentindo-se entorpecida, ela aceitou a xícara de café que a Srta. Potts ofereceu, determinada a não se distrair com o peitoral surpreendente de Asher Lee, nem com sua voz incrível, nem com seu incrível, incrível, incrível senso de humor. Não, ela seria a jornalista objetiva que fora treinada para ser.

No momento em que Savannah foi para casa, às seis horas, sentia-se muito melhor. O resto da tarde prosseguira sem incidentes. Asher respondera suas perguntas sem segurar em sua mão ou tentar qualquer outro contato físico prolongado. Seus dedos se tocaram uma vez, quando ambos pousaram as xícaras de café ao mesmo tempo na mesa, mas continuaram conversando sem se abalarem. Fora, de fato, uma sessão informativa. Não só tinham discutido os anos de primário de Asher, além dos anos do Ensino Médio, como também conseguira descobrir como se sentia a respeito da infância em Danvers, sobre ser

um Lee, e sobre a perda trágica de seus pais.

Sentira-se especialmente tentada a estender a mão e tocar a dele quando começou a contar essa parte de sua história, mas conteve-se. Se eles continuassem distraindo um ao outro com o florescimento de seu relacionamento pessoal, ela nunca terminaria o artigo.

Espere!, ela pensou enquanto virava a chave na ignição. *Ou terminaria?*

Precisava escrever uma matéria sobre comportamento humano, certo? O que poderia ser mais humano do que a amizade improvável entre uma repórter azarada e um veterano de guerra eremita? Narrativa em primeira pessoa. Duas pessoas que simpatizavam uma com a outra. Ela bateu no volante, cheia de entusiasmo. Era isso! O artigo contaria sobre como ela perdeu o emprego por causa de uma fonte ruim; sobre como ele perdeu a mão e feriu metade do rosto. Falaria sobre a forma como ambos voltaram para casa e como dois desajustados encontraram conforto, amizade e empatia um no outro.

Ela sabia, intuitivamente, que o editor iria amá-lo, e assim que chegou em casa, digitou um rápido e-mail detalhando o novo ângulo e apresentando o artigo completo, com dicas de pôquer e tudo o mais. O título seria: *“Asher Lee: Uma história totalmente Americana”*.

Savannah relaxou em seu quarto de infância durante a hora seguinte, tentando distrair-se sem sucesso, enquanto esperava pela resposta do Sr. McNabb. Em um dado momento, Scarlet surgiu.

— Venha conosco ao clube para jantar e dançar esta noite.

Savannah balançou a cabeça negativamente.

— Estou à espera de um e-mail importante, Scarlet.

— Vou cancelar com Trent, então. Vamos jantar e assistir a um filme. Só você e eu, que tal?

— Amanhã? — perguntou Savannah. Não seria capaz de se concentrar em um filme até que seu novo ângulo da história fosse aprovado.

— Eu vou cobrar. Você deveria agir como minha dama de honra, mas nós mal temos resolvido as coisas do casamento juntas. Sei que não é o tipo de coisa que você gosta de fazer, Vanna, mas o mínimo que te peço é que passe algum tempo comigo antes de eu me tornar uma mulher casada.

Savannah estendeu os braços para a irmã.

— Sinto muito, querida. Eu realmente ando distraída. Se essa história for aprovada, pode significar um novo começo para mim.

— Em Phoenix — disse Scarlet, melancolicamente.

— Phoenix. Nova York. Qual a diferença? Você ainda vai ser a garota mais bonita de Danvers, e eu prometo que vou voltar para casa com mais frequência para fazer Trent Junior se sentar no colo da tia.

Scarlet saiu dos braços de sua irmã, sentando-se na cama.

— Há semanas eu não te vejo tão feliz.

Savannah lembrou-se do braço de Asher ao redor de seu corpo e sentiu o rosto corar.

— Eu não tive a intenção de zombar de Asher no café da manhã — Scarlet disse.

— Está tudo bem. Só não faça mais isso, Scarlet. Ele é um cara incrível.

— É mesmo? — ela perguntou, e Savannah, de tão presa que estava em suas lembranças de Asher, nem conseguiu sentir a nota de advertência na voz da irmã.

— Sim. Ele é inteligente e sofisticado. E muito culto. Ele é um herói de guerra de boa índole. Faz com que eu me sinta...

— O quê? Ele te faz sentir alguma coisa? — perguntou Scarlet.

— Eu não sei. Sinto-me diferente. Melhor. O nome Asher significa ‘felicidade’.

— Vanna, ele viveu naquela casa velha durante todo esse tempo. Nunca vem para a cidade. Nunca recebeu ninguém, exceto você. As pessoas dizem todos os tipos de coisas sobre ele — ela fez uma pausa. — Dizem que sua mão... e seu rosto...

Savannah franziu o cenho, mordendo o lábio inferior para controlar-se diante do ataque de mesquinhez de sua irmã.

— Eu estive com ele três vezes. *Três vezes*, Scarlet. E eu te juro que já nem reparo mais nisso. É bonito? Não. Mas há muito mais nele do que algumas cicatrizes faciais. Ele é... notável.

O telefone de Savannah começou a tocar, e ela estendeu a mão por sobre o corpo da irmã para pegá-lo.

— Sr. McNabb?

— *Carmichael. Ótimo material.*

— Sêrio? — Ela ergueu os olhos a tempo de ver Scarlet em pé na soleira da porta, com uma expressão preocupada no rosto. Savannah cobriu o bocal e sussurrou: — Jantar e um filme amanhã. — E Scarlet balançou a cabeça antes de sair.

— *Aham. Eu realmente gosto disto. Sem contar que vou me sair muito bem no jogo de pôquer de hoje à noite.* — Ele riu. — *Quando receberei as próximas anotações?*

— Eu o vejo às segundas, quartas e sextas.

— *Envie-me algo mais na próxima sexta-feira. Vou decidir, em seguida, se devo dividi-lo em capítulos ou publicá-lo num único grande artigo. Você é uma boa jornalista, Carmichael. Jones estava certa sobre isso.*

— Muito obrigada, senhor. Espero surpreendê-lo!

— *Já surpreendeu. Tchau.*

— Adeus, senhor.

Savannah encerrou a ligação e se jogou em sua cama, erguendo os pés e balançando-os ao gritar:

— Estou de volta, estou de volta, estou de volta!

Quando ela finalmente se acalmou, estava olhando para o teto e se sentindo mais leve do que se sentira nas últimas semanas. Só uma coisa poderia melhorar seu humor: compartilhar a notícia com Asher. Assistir seu rosto iluminar de admiração quando lhe contasse que tinha encontrado outro ângulo para a matéria.

Foi então, e só então, que ela percebeu que teria que passar um fim de semana inteiro e boa parte da segunda-feira sem vê-lo.



Capítulo Seis

A perspectiva de passar um final de semana inteiro sem a companhia de Savannah fez Asher se sentir mais grosseiro do que nunca. Chegou a considerar fortemente se embriagar, para passar aqueles dias entorpecido, mas decidiu que não tinha trabalhado seu autocontrole por anos só para colocar tudo a perder por causa da falta que sentia de uma garota. Assim que ela saiu, ele prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo, vestiu roupas de malhar e subiu as escadas em direção à academia de sua casa, onde passou duas horas levantando pesos para manter a construção de massa muscular sólida no peito, no braço bom e na perna boa. Em seguida, fez todos os seus exercícios de fisioterapia na perna ferida. Duas vezes. Estava suado e cansado quando terminou às oito horas, mas ainda não sentia menos falta dela.

— O jantar está pronto — a Srta. Potts informou-lhe quando apareceu no topo das escadas.

— Eu vou tomar um banho rápido.

— Vai esfriar — disse ela. — Além disso, desde quando você toma banho antes do jantar?

Desde que começara a passar algum tempo com Savannah, seus bons modos começaram a retornar, todos de uma só vez. Mas a Srta. Potts estava

certa. Ele podia comer o jantar agora e entrar no chuveiro mais tarde, quando poderia amenizar a dor das lembranças de suas experiências recentes com Savannah e o desejo que sentia por ela com uma explosão de água gelada.

Sentou-se à mesa da sala de jantar, sorrindo para a Srta. Potts por conta das fatias de rocambole de carne fumegantes e do purê de batatas, ambos cobertos com molho pardo, acompanhados por feijão verde.

— O meu prato favorito — disse ele — Obrigado.

— Você hoje está um ‘*ashado*’, Asher — ela disse, e ele sorriu diante da piada que sua avó costumava fazer. Ela sentou-se em frente a ele, remexendo com as mãos por sobre a mesa. — Preciso te dizer uma coisa.

Ele reconheceu o tom confidencial, e seu sorriso desapareceu no momento em que o garfo estava a meio caminho da boca.

— Marquei um horário para você. Pode cancelar, se quiser.

— Onde? Com quem?

— Na Walter Reed.

Ele jogou o garfo dentro do prato.

— Eu não vou.

— OK. Faça como quiser.

— Eu juro, Srta. Potts...

— Não jure. A consulta é amanhã. — Ela deu de ombros. — Só achei que você poderia querer algo para fazer. Sabe, para passar o tempo.

Coisinha dissimulada. Ela sabia que ele ficaria andando de um lado para o outro pelos próximos três dias esperando por Savannah voltar na segunda-feira. Maldita fosse; ela conhecia suas fraquezas e se aproveitava delas como um míssil tático.

— E também, você sempre pode pegar o telefone e pedir para vê-la neste fim de semana. Não *precisa* esperar até segunda-feira.

— Isso seria presunçoso da minha parte. Ela concordou com segundas, quartas e sextas. Eu não tenho o direito de pedir mais. — *Ainda*.

— Então você está livre para ir a Maryland. Também reservei um quarto no Naval Bridge Inn & Suites para as noites de sábado e domingo.

A Srta. Potts sabia muito bem que ele nunca consideraria se hospedar em um hotel civil, onde as pessoas olhariam para seus ferimentos e se embasbacariam com eles. No Naval Bridge, associado aos militares, ninguém iria sequer piscar durante o *check-in* ou enquanto comia uma refeição tranquila, sozinho no restaurante. Na verdade, no Naval Bridge, ele provavelmente iria ser tratado como todos os outros veteranos feridos, ou, pelo menos, seria respeitosamente saudado por jovens homens inteiros que saberiam como valorizá-lo.

— Por que também a noite de *domingo*?

— A primeira consulta é na tarde de sábado, para sua mão. A segunda é na segunda-feira de manhã, para sua perna e rosto.

— Droga, Srta. Potts.

— Não ouse praguejar para mim, Asher Sherman Lee! — ela repreendeu, com o rosto vermelho. — Não quer ir? Cancele. — Ao dizer isso, levantou-se indignada e saiu do local bufando.

Asher suspirou e, em seguida, pegou o garfo, pegando outro pedaço do bolo de carne.

Bethesda. Já fazia anos que não ia até lá. Não desde que conseguira a desatualizada prótese que usava atualmente, projetada há cinco anos. Ultimamente ele andava lendo sobre novos acessórios, que, de alguma forma, captavam ondas cerebrais sensoriais e enviavam sinais para o braço e para a mão. Braços biônicos. Ele não podia negar que ficara intrigado, se não excitado, pelos novos desenvolvimentos.

Tenho notado que você quase nunca usa o seu outro braço.

Mas talvez ele pudesse usar, se não fosse apenas um pedaço inútil de silicone só para manter as aparências. Ele seria capaz de segurar a mão dela, enquanto a mão protética girava uma maçaneta.

Asher, chega!

Mas sua mente já estava inundada de possibilidades.

Ele seria capaz de erguê-la nos braços e carregá-la para a cama, tocando-a com a mão boa, enquanto tirava sua roupa com a outra. Seria capaz de segurá-la com firmeza contra ele, enquanto sua mão boa traçava as linhas de seu rosto. Seria capaz de envolvê-la com os dois braços...

O aquecedor de óleo no porão chiou, e Asher estava tão perdido em suas fantasias que sobressaltou-se. Droga, ele tinha que parar de pensar nessas coisas. Não estava em um relacionamento com Savannah. Ela não pertencia a ele. Estavam se tornando amigos. Somente isso.

Mas ele se lembrou da sensação de seu corpo pressionado contra o dele na biblioteca, e seu coração acelerou.

— Tudo bem, Srta. Potts — ele gritou. — Eu vou para Maryland amanhã.

Sem perder o ritmo, ela voltou para a sala de jantar, passando pela porta da cozinha, com um sorriso de prazer iluminando seu rosto enrugado.

— Maravilhoso. Eu sabia que você iria.

No domingo à tarde, Savannah considerou passar pela casa de Asher, mas ela não conseguiu encontrar uma desculpa boa o suficiente, e, além disso, o compromisso era entrevistá-lo apenas nas segundas, quartas e sextas. Domingos eram seus dias de descanso, para leitura ou exercícios, que surpreendentemente deixavam seu corpo rígido e tonificado, ela pensou, se sentindo um pouco tola por isso.

A ponta do sapato pendia do balanço da varanda; a borracha rangia contra a madeira dura, enquanto ela olhava para o jarro de limonada na mesinha de café, à sua frente.

Um elegante *Jaguar* verde-escuro parou no meio-fio, estacionando, e ela viu quando Trent Hamilton, com seus cabelos dourados, saltou do carro. Ele piscou para Savannah, abrindo e fechando o portão e, depois, seguiu até a porta da frente.

— Tem um copo extra? — ele perguntou, encostando-se no muro da varanda.

— Claro — disse ela, puxando um copo de uma pilha e servindo seu futuro cunhado.

— Como vai a história? Sobre Asher Lee, o estranho herói de guerra? Savannah revirou os olhos.

— Ele é um veterano, Trent. Mostre algum respeito.

— Não é bom para a cidade ter um velho estranho vivendo como o eremita das colinas.

— Relaxe. Ele é um cara perfeitamente agradável. E ele dá uma certa personalidade a Danvers.

— *Alguma* personalidade.

— Você sabe como ele sofreu os ferimentos? Ele foi para uma zona de guerra e arrastou um soldado ferido tentando salvá-lo. Uma bomba explodiu bem perto dele. Arrancou sua mão e deixou seu rosto e perna cheios de cicatrizes. — Ela não queria parecer tão dura, mas não conseguia se controlar. — O que você tem feito para o bem da humanidade ultimamente, Trent?

Ele terminou de beber a limonada e pousou o copo na mesa com um pouco mais de força do que o necessário.

— Como você e minha Scarlet podem ser irmãs...?

— Ela é a suave. Eu sou a durona.

— Você não é de brincadeira. Ei, que tal eu prometer que nunca mais vou sacanear sobre Asher Lee e você não contar para Scarlet que a irritei?

A única coisa positiva que Savannah poderia dizer sobre Trent era que ele realmente amava Scarlet. De alguma forma, isso fazia com que tudo ficasse bem. Ela mostrou a língua para ele.

— Combinado.

Seu celular vibrou, dentro de seu bolso de trás, surpreendendo-a, e ela acenou, pedindo que Trent entrasse.

— Alô?

— *Savannah, querida, é a Srta. Potts.*

— Srta. Potts! Olá! — De repente, seu coração ficou apreensivo. Por que a Srta. Potts estava ligando? Será que algo tinha acontecido com Asher? — Está tudo bem?

— *Oh, sim, querida. É só que Asher precisou sair da cidade. Ele só*

vai voltar bem tarde na segunda à noite, então, temo que precisará cancelar sua sessão.

A decepção que Savannah sentiu quase lhe tirou o fôlego. Sentou-se de volta no balanço, que movimentava-se, enquanto ela o empurrava com as pernas. Estava contando as horas, minutos e segundos até às quatro horas da tarde de segunda-feira. Descobrir que teria que esperar mais tempo fez com que ela se sentisse muito desesperada, muito infeliz. Precisou engolir o carço que se formava em sua garganta.

— Ele precisou sair da cidade?

— *Infelizmente, sim.*

— Mas ele vai voltar na segunda-feira?

— *Sim, mas voltará tarde.*

— Oh. — Savannah olhava tristemente para a jarra de limonada, observando as gotas escorrerem como lágrimas. — Eu não sabia que ele...

— *Saía de vez em quando? Bem, querida, ele é um **homem**. Claro que ele sai.*

Savannah sentou-se em linha reta quando compreendeu o que Srta. Potts queria dizer. Claro. Ele era um homem. Com *necessidades*. Ele estava fora da cidade satisfazendo suas necessidades. Alguém, alguma terrível prostituta barata, que não poderia compartilhar o mesmo apreço que Savannah sentia por sua inteligência, estaria correndo os dedos sujos sobre seu peito rígido como pedra, durante o final de semana inteiro. Ela fez uma careta.

— Entendo — disse Savannah, esforçando-se para manter o mesmo tom de voz.

— *Eu sabia que você entenderia. Te vejo na quarta-feira?*

— Claro — respondeu ela, sentindo suas narinas e olhos queimarem com... com o quê? Raiva? Sim. Traição? Não que tivesse esse direito, mas, sim. Ciúme? Também. Tristeza? Oh Senhor, *com certeza*.

— *Ótimo. Até mais, querida.*

A Srta. Potts desligou, e Savannah permaneceu imóvel, sentindo seu coração bater desconfortavelmente enquanto tentava lidar com seus sentimentos. Asher Lee. O aleijado e desfigurado Asher Lee estava com seu pau dentro de alguém, enquanto ela se sentava em casa, ansiando por ele, imaginando que ele

estava sozinho em sua casa na colina, com saudades dela também. Mas, não. Não. Esse não era o caso. Claramente sua agenda andava muito mais movimentada do que a dela.

Ela não tinha direito de sentir seu coração doer de forma tão acentuada, mas, ainda assim, não podia evitar. E isso era muito inconveniente, porque confirmava algo importante, do qual suspeitara ao longo de todo o fim de semana: Asher Lee não era somente um artigo para ela; embora também não fosse apenas um amigo. Num curto período de tempo, Asher Lee tornou-se muito mais para o seu coração insensato, e ela odiava pensar que ele poderia ser dela prontamente se ela só mexesse o dedo mindinho.

— Savannah — sua mãe chamou da sala de jantar. — Hora de jantar.

Ela se levantou do balanço, sentindo-se miserável, preparando-se para encarar o casal fabulosamente feliz, os ‘quase Sr. e Sra. Hamilton’, sentado em frente a ela, enquanto seus próprios e breves sonhos de ter alguém especial viravam fumaça.

Foi um fim de semana satisfatório, pensava Asher, enquanto acelerava para o oeste, em direção à sua casa.

As consultas de sábado e de segunda-feira tinham corrido bem, e Asher descobrira muito sobre as opções que tinha. Se ele quisesse usar a mão i-Limb “biônica”, sobre a qual havia lido a respeito, precisaria agendar uma consulta para o implante e outra para o treinamento, mas eles estimavam que poderia ser rápido e estar funcionando até agosto. Quanto ao seu rosto, alguns novos desenvolvimentos na área de reconstrução facial significavam que poderia fazer uma prótese da orelha direita, com base na forma e tamanho de sua orelha esquerda. Ele precisaria de uma operação rápida para implantar ímãs no local onde sua orelha costumava estar e remover qualquer resquício de tecido. Em seguida, a orelha artificial poderia ser montada. Também disseram que ele precisaria de algumas operações simples para remover áreas de contraturas cicatriciais e substituir a pele danificada com enxertos de pele saudável, e outro procedimento para suavizar seu queixo com implantes de silicone. Eram capazes até mesmo de restabelecer o contorno normal do olho direito e suavizar algumas das queimaduras.

Isto requeria mais uma consulta, e, em seguida, as cirurgias poderiam ser agendadas para o verão e outono. Provavelmente quatro a sete procedimentos ao todo. A notícia não foi tão ruim quanto ele esperava, e isto certamente o fizera pensar.

Quanto à sua perna, entretanto, foi onde não teve sorte. Havia procedimentos para substituir os ossos, mas os ossos estavam saudáveis. Eram seus músculos, cartilagens que haviam sido gravemente feridos, e a única coisa que poderia melhorar a função era sua adesão à terapia física diária. Asher comprometeu-se a fazer mais, fazer melhor, para começar a mancar o mínimo possível.

E ele até se encontrou com um velho amigo do Afeganistão, então, não precisou jantar sozinho no domingo. Devia à Srta. Potts alguns agradecimentos, pois fora uma viagem muito mais produtiva do que previra. Sentia-se flutuar enquanto retornava a Danvers.

Mas que inferno, voltava para Savannah.

Ele pensou nela durante o fim de semana inteiro. A cada momento ela se infiltrara em sua mente, em seu coração, e seus sentimentos por ela cresceram com entusiasmo enquanto considerava aquelas melhorias como uma forma de se tornar mais atraente para ela. Verdade fosse dita, ele nunca as considerara antes, quando não tinha Savannah em sua vida. Ao pensar em seu corpo, quente e flexível em seus braços na sexta-feira à tarde, ele afundava no êxtase da fantasia, imaginando como seria beijar seus lábios, encostar a língua na curva de seu pescoço, correr os dedos sobre a pele sensível de seus seios e observar seus olhos se fecharem com prazer.

Um dia, ele prometeu a si mesmo. Não importa o que você tenha que fazer. Algum dia.

Ele olhou para o relógio do painel. Já eram duas e meia. Ainda precisaria dirigir por mais uma hora, por isso, pisou no acelerador, sabendo que as portas do céu se abririam às quatro horas.

E foi por isso que, quando parou na frente de sua casa, às três e quarenta e cinco, e a Srta. Potts explicou que tinha cancelado a entrevista, ele quase perdeu a cabeça.

— Do que você está falando? — ele rosnou, de pé no corredor da frente, enquanto sua mochila escorregava de seu ombro até o chão de mármore com um baque surdo.

— Não pensei que você chegaria em casa a tempo. Não queria que a pobre moça desperdiçasse seu tempo. Quarta-feira ela estará de volta, não é?

— Não, não está bem. *Não* está bem, e eu não gosto da sua interferência.

— Bem, eu nunca... Eu só queria ajudar.

— O que você disse a ela?

— Disse a ela que você precisou sair da cidade, para fazer coisas de homem.

— *Coisas de homens?* — Seus olhos se arregalaram e seu queixo caiu quando compreendeu o significado. — Você deu a entender que eu... que eu estava...

— Ciúme *faz* com que os sentimentos se intensifiquem.

— Srta. Potts — ele gemeu. — Nunca pedi que interferisse!

— Este é o agradecimento que recebo por ajudá-lo? — ela perguntou. Em seguida, virou-se, num acesso de raiva, e voltou para a cozinha.

— Grande ajuda! — ele gritou de volta.

Asher passou a mão pelo cabelo, enquanto decepção e frustração começavam a incitá-lo a fazer algo que não fazia há quase oito anos: saiu mais uma vez pela porta da frente, entrou em seu carro novo e foi em direção à cidade.

Scarlet saiu mais cedo do trabalho e sentou-se ao lado de Savannah no balanço, lendo uma daquelas malditas revistas de noivas outra vez. Mas Savannah mal ouvia uma palavra. Eram quase quatro horas. E não haveria nenhuma onda de excitação naquela tarde, como sempre havia quando ela se dirigia para a casa de Asher Lee. Naquela tarde, não teria conversa. Não teria o toque de sua mão forte e quente. Não teria pôr do sol de arco-íris. Não haveria nada.

Ele fizera parte de seus sonhos na noite passada, virando o lado não danificado de seu rosto e inclinando-se para beijá-la. E, então, tudo tinha mudado, e ela passou a assistir uma loira se contorcer debaixo dele, com sua

bunda perfeita rebolando para frente, uma e outra vez. Ela acordou tremendo, suando e... triste. Odiava sonhos que não terminavam quando o sol nascia. Odiou ainda mais, porque este durou até tarde naquele dia.

— ‘...*E pequenos sacos de presente para convidados de fora da cidade sempre dão um toque agradável*’ — leu Scarlet. — Não é uma ideia legal, Vanna? Sacos de presente para as pessoas que vêm de fora? Diz aqui ‘*certifique-se de incluir garrafas d’água, chocolates, as indicações para a igreja e recepção, e recomendações de coisas para fazer na cidade*’. Poderíamos acrescentar os amendoins de Virgínia, também, e talvez alguns dos famosos muffins da mamãe. Não seria encantador, Vanna? Você ouviu?

— Sacos de Presente — disse Savannah com indiferença. — Encantador.

Ela estava sentada mais perto da varanda do que da casa, o que significava que tinha uma visão desobstruída das crianças andando em suas bicicletas e do carro estranho se aproximando. Suspirou profundamente, sentindo-se desamparada.

Scarlet fez um som de exasperação.

— Oh, pelo amor de Deus, Savannah! Por que você não passa na casa dele amanhã e lhe dá um belo sermão? Não consigo te suportar quando você fica se lamentando. Você é forte e durona demais para ser ranzinza.

Savannah voltou-se para sua irmã.

— Eu não tenho o direito de dar um sermão nele, e só vou continuar deprimida por mais alguns minutos. É porque são quatro horas. Vou melhorar quando formos ao Fowler’s Bridal.

— Você realmente gosta dele.

Savannah deu de ombros.

— Eu não o conheço muito bem. Mas, sim, Scarlet. Gosto dele. Nós temos muito mais em comum do que eu esperava. Acho que eu só pensei... — Ela olhou para longe, para uma mãe empurrando um carrinho de bebê ao longo da calçada. — Bem, não importa.

Ela ouviu o motor de um carro esporte preto parar na frente da casa dela.

— Quem você conhece que é dono de uma BMW preta? — ela perguntou a Scarlet.

Sua irmã se levantou e foi até a grade da varanda, com seu vestido rosa e branco de verão balançando levemente na brisa da tarde.

— Ninguém.

Savannah apoiou o cotovelo no braço do balanço, observando com curiosidade quando o motor ficou em silêncio. Por longos momentos ninguém saiu do carro, mas sua boca se abriu em choque quando uma pessoa finalmente o fez.

— É...? — perguntou Scarlet, voltando seu rosto na direção de Savannah.

— Sim — suspirou Savannah, com o coração batendo como um louco quando seu estômago se revirou de excitação. — É ele.

Asher saltou rapidamente, batendo a porta e mantendo sua cabeça voltada para baixo, enquanto dava a volta no carro. Ele abriu o pequeno portão e avançou até a passagem de tijolos, finalmente erguendo os olhos, só para encontrar Scarlet com os olhos arregalados, observando-o do topo da escada.

— Você é Scarlet — disse ele, estendendo a mão esquerda. — Belo vestido.

Savannah não pôde evitar que um sorriso se espalhasse por todo seu rosto quando ouviu aquela voz e a escolha de saudação. Direto. Perfeito. Ela descruzou as pernas e levantou-se, desejando que o mundo parasse de girar muito mais rápido do que o habitual.

— Ob-obrigada — disse Scarlet, pegando sua mão e lançando um olhar preocupado na direção de Savannah.

Asher seguiu o olhar de Scarlet, e seus olhos se encontraram e descansaram em Savannah.

— Eu só vou... Vou deixar vocês dois... — Scarlet virou-se e se dirigiu para casa, deixando a tela da porta bater atrás dela.

Asher cerrou a mandíbula, e Savannah pôde ver a selvageria em seus olhos. Meu Deus, quanta coragem ele tivera para aparecer ali? Ela imediatamente se esqueceu da prostituta loira e de suas esperanças frustradas. Estendeu a mão para ele, que a tomou, dando a volta em torno da mesa de café e sentando-se ao lado dela no balanço. Uma vez sentado, com o lado do rosto ferido voltado para a casa, ele pareceu relaxar. Um pouco.

Savannah virou o corpo para encará-lo, e um joelho roçou em sua coxa, coberta por uma calça cáqui, quando ela se moveu. Parecia uma pedra, e isso a fez estremecer.

— O que você está fazendo aqui? Você cancelou nossa entrevista.

— Eu *já* teria cancelado. A Srta. Potts cancelou. Eu quase me matei para chegar em casa a tempo de vê-la... para... — Sua voz sumiu, e ele apertou a mandíbula, como se tivesse falado demais. Ele se virou um pouco para olhá-la em seus olhos. — Eu não quero que você pense que estava te deixando na mão.

— Então, você dirigiu até aqui?

Em algum momento, seus dedos encontraram os dela, e seu polegar acariciou as costas de sua mão suavemente.

— Isso foi impulsivo.

— Isso foi uma gracinha — disse ela. Então, ao lembrar-se das atividades dele do fim de semana, ela retirou a mão da dele e girou o corpo para olhar para a frente. — Embora eu esteja surpresa por você ter tempo para mim.

Ela o sentiu colocar o braço ao redor de seus ombros e se forçou para não se inclinar na direção dele, mesmo quando seus dedos começaram a massagear seu ombro levemente.

— Eu estava em Bethesda, Savannah. No hospital militar, onde tive um jantar super sexy com alguém... — Seus olhos estreitados se viraram para encontrar os dela, mas ela estava confusa, parecendo muito inocente. E, caramba, isso o provocava. — O tenente Barry Stevenson. Servimos juntos. No Afeganistão.

— Você não estava... Quero dizer, você não... Ou seja, você não esteve...

— Eu soube que a Srta. Potts fez com que uma inocente viagem parecesse mais do que realmente foi. Embora eu esteja muito feliz por você se importar.

Savannah sentiu o calor do rubor cobrir seu peito e pescoço, subindo para cobrir também suas bochechas.

— Ela me fez acreditar...

— Eu não sei por que ela fez isso. Eu não... *mantenho contato* com

ninguém mais.

O calor em seu rosto era quase doloroso agora, e ela estendeu a mão para o jarro de chá gelado, servindo dois copos e apreciando a sensação gelada contra seus dedos. Que tola. Que idiota completa. Minha nossa, ela diria algumas palavras muito bem escolhidas para Matilda J. Potts, na quarta-feira.

— Quando foi que você chegou na cidade? — Savannah perguntou, quase em um sussurro, tomando um gole da bebida. Embora ela tenha lhe oferecido um copo, ele não moveu o braço para pegá-lo, e seus dedos continuaram massageando seu ombro. Ela queria que ele nunca parasse.

— Quinze minutos atrás.

Ela se virou para olhar para ele, inclinando a cabeça para o lado.

— Você veio direto para cá?

Ele balançou a cabeça, parecendo um pouco envergonhado.

— São quatro horas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Quando você cancelou, eu acabei fazendo planos com Scarlet. Vamos escolher o meu vestido de dama de honra hoje. Conte para você que minha irmã vai se casar em julho?

— Eu ouvi os boatos.

— Srta. Potts?

— A primeira e única.

— Vamos ter que manter um olho nela — observou Savannah, sorrindo para ele, amando a forma como o olho bom se enrugou quando ele sorriu de volta.

Ele finalmente retirou o braço, movimentando-se para frente no balanço.

— Acho que é melhor eu ir, então. Mas, Savannah...

Ela não sabia o que ele estava prestes a perguntar, mas ele mordeu o lábio inferior, olhando para a mão em sua coxa.

— Fique para o jantar na quarta-feira — Ele olhou para ela, e ela viu incerteza em seus olhos, além de esperança e calor.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você ainda quer que eu vá às quatro?

— Claro. Vamos fazer a entrevista em primeiro lugar, e então, depois, nós poderemos...

— Jantar — ela finalizou a frase, perguntando-se se ele conseguia ouvir os batimentos de seu coração. Ele batia tão alto em seus ouvidos que certamente todos em sua rua poderiam ouvi-lo.

— Ora, Savannah — disse sua mãe alegremente, saindo para a varanda. Ela foi seguida por Scarlet, que pairava logo atrás dela, com os olhos arregalados e incertos, que disparavam olhares nervosos para os braços e o rosto de Asher. — Eu não sabia que você tinha visita.

Asher levantou-se imediatamente, oferecendo a mão boa para Judy Carmichael. — Sra. Carmichael. Eu sou...

— Asher Lee. Claro que você é. — Savannah agradeceu a Deus pela bondade de sua mãe. Ela não vacilou, não estremeceu nem ficou boquiaberta quando viu o rosto imperfeito de Asher. Ela sorriu para ele. — Você tem os olhos de sua mãe.

— Sim, senhora.

— Eu gostava muito dela.

— Ela gostava de você, senhora.

— Venha jantar conosco no domingo.

— Oh, eu...

— Eu insisto, Asher. — Ela cobriu a mão dele com a dela, dando leves tapinhas para selar o acordo, antes de liberá-lo. — Vamos esperar por você no carro, lindinha.

Asher e Savannah observaram quando Judy e Scarlet deram a volta pela casa.

— Droga — disse Asher. — Eu deveria ter dito a ela que gosto de seus muffins. E dos biscoitos. E dos *scones*.

— Vai poder dizer a ela no domingo — disse Savannah, chegando a tocar em seu braço para despedir-se.

— Savannah, eu...

Ela olhou para cima, para olhá-lo nos olhos, enquanto caminhavam lado a lado, descendo os degraus da varanda, enquanto a parte de trás de sua mão encostava na dela a cada passo.

— Eu apenas...

— Eu também, Asher — ela disse suavemente. E então, só porque estava muito feliz em vê-lo, e ficou muito feliz por não se sentir mais triste, ela se inclinou em direção a ele, ficando na ponta dos pés, e pressionou seus lábios suavemente na bochecha esquerda.

Os lábios de Asher se abriram em surpresa quando Savannah recuou, e ela fantasiou brevemente em beijá-los também, mas já estava se sentindo tonta o suficiente por conta daquele beijo na bochecha. Virou-se, então, na direção da calçada, afastando-se e voltando-se apenas para acenar quando o ouviu dizer “quarta-feira!”, atrás dela.



Capítulo Sete

A primeira vez que vocês ficam conversando até o amanhecer.

Asher não pediu que vestisse algo chique, mas quando ela chegou na quarta-feira, usando uma blusa prateada que se agarrava a seus seios, calça *jeans* azul-escuro, que praticamente abraçava sua bunda, e sapatilhas pretas, ele sentiu o queixo cair. Seu cabelo estava preso em uma trança frouxa na nuca, e ela usava braceletes em seu pulso esquerdo, que faziam barulho enquanto entregava um pequeno prato coberto à Srta. Potts. Ele já a tinha visto vestida como uma menina do campo e como uma garota da cidade desgrenhada, mas sofisticada era algo novo.

A versão sofisticada esquentava seu sangue e deixava seu corpo rígido. Como no mundo seria possível que ele tivesse uma chance com uma mulher como ela?

Ele ficou assistindo, do topo das escadas, enquanto ela cumprimentava a Srta. Potts.

— Bem, Savannah Carmichael. Você está adorável.

— Fui convidada para ficar para o jantar. — Ele ouviu a cautela em sua

voz.

— É claro que você foi. E Asher pediu especificamente por um piquenique no bosque.

— Um piquenique?

— Você já viu o bosque? — perguntou a Srta. Potts. Savannah balançou a cabeça. — É um lugar especial — disse novamente a senhora, acariciando o rosto de Savannah em um gesto maternal. — Ah, e, querida, eu sinto muito se fiz com que pensasse algo diferente em nossa conversa por telefone no domingo.

— Tenho certeza que sente — respondeu Savannah, com sua voz alta, mas fria.

— Eu sou terrível quando quero provocar — disse a Srta. Potts, dando uma piscadela antes de ir para a cozinha, deixando que Asher continuasse a descer as escadas para saudar sua convidada.

— É bom ver você — disse ele, estendendo a mão para pegar a dela. — Você está linda.

Ela sorriu, entrelaçando os dedos nos dele enquanto ele a levava escada acima.

— Temos mesmo que ficar de olho nela — murmurou Savannah, olhando na direção da cozinha.

— É verdade.

— Ela me enganou deliberadamente, Asher.

— Eu sei.

— Por que ela faria isso?

Ele deu de ombros, feliz por ter se lembrado de deixar a porta aberta para não precisar soltar a mão dela.

— Talvez ela não quisesse que você pensasse que eu estou fora do mercado.

Ela puxou a mão, forçando-o a parar e encará-la antes de se sentarem nas cadeiras.

— Só para constar, eu nunca pensei que você estivesse fora do mercado.

Ele olhou para ela com sua melhor expressão “não brinque desse jeito” e

levou a mão dela aos lábios, roçando sua pele com dolorosa ternura antes de liberá-la para tomar seu lugar.

Ela pareceu surpresa com o toque e permaneceu atrás da cadeira por um momento extra, antes de se juntar a ele.

— Bem, e mesmo que eu achasse — ela disse em um sussurro, emitindo algum tipo de emoção maravilhosa pela qual ele poderia facilmente se apaixonar. Ela ergueu os olhos para ele, e o calor quase o fez agarrá-la. —, certamente não acharia mais.

Asher tinha parado na cozinha para pegar a cesta de piquenique, e a Srta. Potts sussurrou-lhe algo que fez com que ele corasse e lhe lançasse um olhar severo. Savannah considerou perguntar-lhe o que ela disse, mas seus próprios nervos a estavam deixando louca. Em momento algum ele a tinha convidado para sair ou chamado aquela noite de encontro, e, ainda assim, era o mais sexy e mais profundo encontro romântico que já tivera, sendo que não tinha sequer começado.

Um piquenique ao ar livre? Em um lugar chamado ‘o bosque’? Outras meninas poderiam desmaiar por muito menos.

Isso deixou seus sentimentos mais confusos do que nunca. Percebera muito bem, no final de semana, que gostava de Asher, mas enquanto seguia seu corpo perfeito pela floresta, ela se perguntava para onde, exatamente, queria que seus sentimentos a conduzissem. Para uma amizade especial? Para um relacionamento? Amor?

Mais uma vez eles tiveram uma conversa maravilhosa em seu escritório, contou sobre sua decisão de entrar na Universidade da Virgínia, e por que a Medicina lhe parecera a melhor opção de carreira. Ele fora um membro da prestigiosa e secreta fraternidade *Delta Kappa Epsilon* e se recusou a contar a ela sobre seu trote, embora tenha levantado a perna da calça para mostrar uma tatuagem em letras gregas, perto de seu tornozelo, erguendo as sobrancelhas alegremente quando ela estremeceu.

Era, definitivamente, um bom assunto para ela começar o relatório daquela semana — aquela pequena tatuagem. Ainda não tinha contado sobre o novo ângulo da matéria: que ia retratar o crescimento de sua amizade, ao invés de contar uma história simples sobre sua vida. E, além da menção da tatuagem, ela não fazia ideia do que falar naquela semana. Devia mencionar seu ataque de ciúmes por ter sido enganada pela Srta. Potts? Devia descrever os sobressaltos

de seu coração quando ele chegou à sua porta? E sobre aquela noite? Indiscutivelmente, a melhor história começaria naquele momento, quando a entrevista terminou, e eles continuaram a explorar a atração que nascia entre eles. Mas será que estaria preparada para compartilhar o âmago de sua relação com Asher? E o mais preocupante: será que ele iria se opor?

Ela deu de ombros, afastando suas preocupações. Ele lhe dera permissão para entrevistá-lo, certo? A decisão de escolher como retrataria o conteúdo das conversas era apenas dela, não era? Claro que sim. De qualquer forma, ela não tinha sequer começado a segunda parte do artigo ainda. Se, em algum momento, sentisse que sua história poderia invadir sua privacidade, ela poderia falar com ele, então. Simplesmente não havia necessidade para pensar nisso naquela noite.

Mas todos os pensamentos sobre seu artigo, seus sentimentos, sua confusão e seus nervos se tornaram insignificantes quando chegaram ao bosque. Para a surpresa e deleite de Savannah, tratava-se de um rústico pavilhão situado no meio de um pomar de maçãs, a apenas cinco minutos de caminhada pela floresta.

Em um coreto de tijolos havia uma grande mesa de madeira clara, com seis cadeiras confortáveis. Adjacente, havia uma área de estar com uma namoradeira, duas poltronas e um conjunto de mesa rústico, em frente à lareira ao ar livre.

Em cada canto do coreto havia um poste de totem autêntico, e no topo dos postes havia barras de metal estendidas em diagonal até o centro. Todas as quatro barras se reuniam no meio do pavilhão, onde um lustre com chifres de cervos lançava uma luz suave sobre toda a área. Era possível construir uma tenda em toda a área com esses suportes, mas naquela noite eles estavam iluminados por pequenas luzes brancas, que brilhavam e davam a sensação de conto de fadas.

— Oh, Asher — disse ela, olhou-o nos olhos quando este pousou a cesta de piquenique sobre a mesa. — É de tirar o fôlego.

Sim, ele pensou, olhando para o rosto dela sob a luz suave do crepúsculo.
É.

Ele não segurou a mão dela enquanto caminharam pela floresta, já que

estava segurando o cesto, e, pela primeira vez, também não usava sua prótese. Mas estava se sentindo bem, apesar disso. Sentiu-se nervoso apenas quando ambos saíram de seu escritório. Fazia dez anos que não convidava uma mulher para sair, e, embora não estivessem em um encontro oficial, parecia muito com um encontro, não parecia?

Ou será que realmente era? Ele tinha certeza de que ela sentira ciúmes de sua amante inexistente no último fim de semana. Eles agora seguravam a mão um do outro firmemente, e ela tinha até beijado sua bochecha na segunda-feira à tarde. Mas praticamente todos os gestos poderiam cair sob o comportamento de amigos íntimos. E, embora ele amasse sua crescente amizade com Savannah Carmichael, queria muito mais dela, e naquela noite ele daria o primeiro passo para que isso acontecesse.

Pegou o *iPod* dentro do bolso e o ligou em uma estação de encaixe que se conectava a um sistema de áudio externo. Um momento depois, uma música suave começou a preencher o bosque.

Savannah ergueu o rosto ao céu, sorrindo maravilhada ao perceber cada detalhe.

— Você construiu esse lugar? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Não inteiramente. Meu avô construiu o coreto e a lareira nos anos cinquenta. Meu pai acrescentou os totens e as vigas. Há uma tenda que pode ser adicionada para afastar insetos ou intempéries. Eu adicionei a eletricidade e decidi dividir o espaço entre sala de jantar e de descanso.

— Você passa muito tempo aqui?

Ele deu de ombros, abrindo a cesta de piquenique e pegando uma das garrafas de vinho. Era uma safra de boa qualidade, com tampa de desenroscar. Agradeceu mentalmente à Srta. Potts. Saca-rolhas não era o seu forte. Pegou também duas taças de vinho dentro da cesta.

— *Chardonnay*? — perguntou.

— Claro. Eu adoraria. — Savannah apontou para a mesa. — Será que eu devo...?

— Por que não relaxamos primeiro? — Ele balançou a cabeça, apontando para a lareira.

Ele viu quando ela caminhou em direção à pequena área de estar, enquanto rezava para que ela escolhesse a namoradeira. Seu coração quase desmoronou quando ela não o fez. Ao invés disso, escolheu uma poltrona simples, sentando-se bem na beirada dela, retorcendo as mãos e brincando com seus próprios anéis. Estava nervosa, ele conseguia sentir.

Asher entregou um copo de vinho a ela, antes de pegar o seu, depois sentou-se sozinho na namoradeira, de frente para ela.

— Está com frio? Eu posso acender a lareira.

Savannah tomou um gole do vinho.

— Mais tarde?

Ao menos isso soava promissor.

— Posso te perguntar uma coisa? — ela indagou.

Ele assentiu.

— Qualquer coisa.

— Você nunca falou, e eu não sou muito boa em ler nas entrelinhas... Mas isto aqui é um encontro?

Sua franqueza surpreendeu Asher, mas, ao mesmo tempo, o deixou aliviado por poder sanar aquela dúvida.

— Sim.

— E aquela história de sermos amigos? — ela perguntou, enquanto seus olhos se iluminavam na luz suave.

— Gosto dessa ideia — ele respondeu, pousando o copo sobre a mesa entre eles, erguendo o braço e colocando-o no encosto da namoradeira. Olhou para ela, desejando que ela estivesse ao seu lado e, ao mesmo tempo, espantado por ela estar ali com ele. Também tomava o cuidado para não fazer nada que pudesse fazê-la fugir por causa de seu rosto, seu braço, sua perna e sua vida despedaçada. Ainda assim, com a mão, deu alguns tapinhas na parte de trás da namoradeira. — Venha aqui.

Ela sentou-se um pouco mais ereta e, intencionalmente ou não, seus seios também se ergueram, empinando-se contra a blusa. Os olhos dele se fixaram nessa parte de seu corpo, antes de retornarem ao seu rosto.

— Odiei pensar que você poderia estar com outra pessoa — ela

sussurrou.

— Eu não estive com ninguém. Estava pensando em você.

— Nós mal nos conhecemos.

— Ainda bem que não estou te pedindo em casamento, então.

— Se eu me sentar ao seu lado, o que você vai fazer?

Ele engoliu em seco. Era inacreditável que ela estivesse ali. Em um encontro com ele. Por isso, era melhor não pensar muito, porque já era irreal demais para ser verdade. Tudo o que importava era que ele tivesse uma chance com ela. Isso era o que realmente importava naquele momento; e não havia espaço para meias medidas. Não tinha volta.

Os olhos dele se prenderam nos dela por um tempo.

— Eu vou te beijar, Savannah.

Seus olhos se arregalaram, e ele a ouviu respirar profundamente. Depois de um momento que pareceu eterno, ela se levantou e sentou-se ao lado dele.

Asher virou o rosto na direção dela completamente, e Savannah deu-se conta novamente de quão pouco seus ferimentos a afetavam agora, quase como se fosse imune a eles, quase como se ele não fosse o mesmo se não os tivesse. Os olhos dele buscaram os dela quando ele retirou a mão de trás do sofá, tocando seu rosto. Ela começou a sentir certo calor, no momento em que o vinho subiu à sua cabeça. Então, sentiu também os lábios dele tocarem os dela.

Os dedos dele se entrelaçaram nos fios de cabelos dela, segurando-os com pressão, puxando seu rosto para frente, e o coração de Savannah começou a galopar dentro do peito, quando aqueles lábios começaram a se mover contra os dela, escovando, beliscando, hipnotizando. Ela se inclinou ainda mais para frente, pressionando as mãos contra o peito dele, cuja dureza quase a deixou sem fôlego. Sua língua traçou suavemente o contorno dos lábios dela, persuadindo-os a se abrir. Então, ela os abriu docemente, recebendo-o, e quando suas línguas se tocaram, hesitantes no início, enquanto seu estômago começava a se revirar, de forma tão intensa, ela gemeu baixinho.

A mão de Asher deslizou por seu rosto, na direção de seu pescoço,

chegando até a cintura, que ele cercou e puxou contra si com tanta força, que os dedos dela se agarraram à sua camisa, enquanto o calor se agrupava em seu corpo.

Savannah já tinha sido beijada — de forma desajeitada, hesitante, apaixonada —, mas aquele beijo proporcionava-lhe um novo conceito de química. Era como se seu gosto, seu cheiro e seu toque tivessem sido projetados exclusivamente com a finalidade de fazê-la se entregar. Ele a beijou de forma longa, veloz, úmida e profunda, enquanto suas línguas se retorciam uma contra a outra. Os mamilos de Savannah se eriçaram, e ela arqueou o corpo na direção dele, ouvindo seu próprio gemido desesperado e recebendo um som gutural, vindo da garganta dele em resposta, enquanto aquele braço de ferro se apertava ao redor dela.

Os lábios de Asher deslizaram do rosto dela em direção ao pescoço, enquanto a língua se punha a lamber a pele quente, no local exato onde seu pulso vibrava loucamente. Quando ela inalou asperamente, ele apertou os lábios contra esse ponto.

— Asher — ela suspirou, tremendo e ofegando, enquanto revirava os quadris instintivamente em direção a ele.

— Hummm — ele murmurou, prendendo a orelha dela por entre os dentes, fazendo-a ofegar novamente, por conta da intensa sensação de prazer.

— Ah, meu Deus — disse ela, choramingando baixinho, enquanto molhava os lábios, tentando, sem sucesso, recuperar o fôlego, enquanto o mundo continuava a rodopiar em torno deles.

— Sua pele tem gosto de mel quente — ele sussurrou, tão próximo de seu ouvido que ela chegou a estremecer. Ela o sentiu ajeitar a mão, deslizando-a por debaixo de sua blusa para encontrar a pele da parte inferior de suas costas. — Tão doce. Tão desesperadamente doce, Savannah...

Ela murmurou algo incoerente, levando suas mãos até os ombros dele, enlaçando-o pelo pescoço. Ela escondeu o rosto em seu peito, e ele a abraçou, sentindo seus corações saltando e batendo um contra o outro. A força dos sentimentos recém-descobertos de Savannah a fazia se sentir invencível e aterrorizada, além de insatisfeita, pois queria muito mais daquele homem, que vivera a vida nas sombras por um tempo muito longo.

Ele se afastou, com o hálito quente, cheirando a *Chardonnay* e luxúria enquanto descansava a testa na dela.

— Jesus, Savannah — ele disse, com a voz rouca e suave.

— Sim — ela suspirou, com os olhos bem abertos, fixos nos dele, com um olhar profundo e embriagado.

— Isso foi... — ele lambeu os lábios, inclinando-se para morder os dela e puxá-los levemente. — Eu nem sequer...

— Eu sei — ela murmurou, finalmente recebendo algum senso de orientação. Ela inclinou o rosto e fechou os olhos para beijá-lo novamente, com suavidade e gentileza; um beijo de “veja você mais tarde” e não um de “adeus”.

— Não quero parar — ele sussurrou acaloradamente contra seus lábios.

Savannah estremeceu, segurando o pescoço dele, embora ele não pretendesse ir a lugar algum. Ela se remexeu para que sua testa se alinhasse a dele, enquanto seus seios subiam e desciam e cada célula de seu corpo desejava ainda mais e, ao mesmo tempo, menos: mais pele, menos roupa, mais calor, menos qualquer coisa que fosse um obstáculo de sua libertação e satisfação.

Ele a beijou de novo e se afastou um pouco para olhá-la nos olhos.

— De onde você surgiu, Savannah? E por que eu?

— Do outro lado da cidade? — ela disse baixinho, aninhando a bochecha em seu ombro, abrindo os olhos para as milhares de luzes brancas sobre as suas cabeças. — E porque você disse sim.

— Sim para você?

— Sim para a entrevista.

— Talvez eu estivesse dizendo sim para os brownies da sua mãe.

— Ei — disse ela, agarrando um punhado de seu cabelo e puxando-o. — Fui eu que fiz.

Ele riu, sentindo a vibração de seus seios estimulados contra seu peito, sentindo-a bem-vinda e torturante ao mesmo tempo.

— Por falar em comida, você está com fome, querida?

Querida? Sua respiração falhou momentaneamente ao ouvir a palavra carinhosa, inesperada e sexy que saíra de sua boca. Sim. Estou com fome, desejando mais de você. Desejando que me chame de querida novamente. Desejando ter o peso de seu corpo se pressionando sobre o meu. De preferência, sem roupas. Apenas pele, calor e...

— Savannah?

— Hummm? — ela respondeu com um pequeno gemido. — Estou faminta.

Asher a observava rir, por entre mordidas no frio frango frito, contando a ele sobre seu primeiro trabalho em Nova York: um artigo sobre donos de cães que não recolhiam os dejetos de seus animais. Ela era uma boa contadora de histórias, e o assunto era divertido, então, ele se permitiu sorrir em todos os momentos certos, embora estivesse com muita dificuldade para se concentrar. Seu corpo ainda estava elétrico e estremecendo por conta do que tinha acontecido entre eles.

Precisara de uma boa quantidade de coragem para dar um primeiro passo com ela, mas seus receios foram rapidamente superados quando viu que seus olhos se fecharam ao ser tocada no rosto. Ela era tão bonita, principalmente sob a luz suave, tão confiante e tão dócil, e quando ele se inclinou para encostar seus lábios nos dela, algo nascera dentro dele, algo que há muito tempo não sentia e que temera nunca mais sentir. Mas não era apenas a conexão física com uma mulher bonita, tinha a ver com Savannah, com a mulher ambiciosa e focada, corajosa e ciumenta, com suas falhas, mas que parecia ver além de suas lesões. Ela via seu coração.

Ele estava apaixonado por ela. Estava certo disso agora.

— ...Aí você pode imaginar. Eu, na época com vinte e três anos, tentando seguir um homem careca e bem mais velho, com seu *shi-tzu*, para importuná-lo por ele estar ignorando a lei sobre recolher dejetos; e meu fotógrafo corria atrás de mim, resmungando e alegando que não era tão bem pago para fazer aquele tipo de trabalho estúpido. — Ela sorriu, tomando mais um gole de vinho. — Educação através da humilhação.

— Casos da vida real — Asher concordou, erguendo o copo para animá-la.

— Sabe no que eu estive pensando? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado, em um gesto que ele estava começando a amar. — Por que você adiou seus estudos no St. Hopkins? Quero dizer, você se graduou com honras pela Universidade da Virgínia e tinha o caminho pronto para o curso de

Medicina à frente. Então, do nada, você se alista. Admiro o que fez, mas não entendo o motivo.

Lá estava a repórter novamente. Embora ele gostasse da Savannah repórter, gostava ainda mais da Savannah amiga ou da beijadora.

— Eu estava no último ano da faculdade quando o 11 de setembro aconteceu. Tudo o que eu queria fazer era ajudar — ele disse simplesmente, tomando um gole de vinho. — Mas, ei! Pensei que já tínhamos feito a entrevista às quatro.

— Oh! — disse ela, recostando-se, envergonhada. — Me desculpe, eu...

Ele fez uma careta. Não tivera a intenção de embará-la.

— Não, eu sinto muito. É uma pergunta justa, sendo uma entrevista ou não.

— Eu faço isso às vezes — disse ela, franzindo a testa e olhando para o prato. — Minha irmã odeia. Eu me esqueço de agir como uma pessoa. Não consigo parar de perseguir uma boa história. Seja ela qual for.

— Gosto disso em você — disse ele, erguendo a mão sobre a mesa com a palma para cima. Ela levou um tempo para colocar a dela sobre a dele, mas Asher ficou aliviado quando o fez. — Gosto de você como é: ambiciosa. Focada. Admiro isso.

— Nem sempre é uma vantagem.

A ponta de seu polegar começou a acariciar a parte suave da palma de sua mão.

— O que você está querendo dizer?

— Tenho visão de túnel. E não apenas em relação ao meu trabalho. Quando estou focada em algo, quando estou realmente apaixonada, não consigo ver mais nada à minha frente, entende?

— Você está falando no geral ou daqui, especificamente?

Ela deu de ombros.

— Ambos, eu acho.

— Eu sei que você perdeu seu emprego, Savannah. No *Sentinel*. E eu sei o porquê.

Ela levantou os olhos do prato, com uma carranca que azedava sua expressão no momento em que buscou seu rosto. Ela deve ter decidido deixar de lado a cautela, porque afastou a mão para pegar a taça de vinho e deu um belo gole nela.

— Como eu disse — ela falou com tristeza —, tenho uma tendência a ver tudo como um túnel.

— Não foi culpa sua.

— Uma ova que não foi.

— Patrick Monroe é um canalha — rosnou Asher.

— Você fala como se o conhecesse.

— Ficaria surpresa se eu dissesse que sim?

— Muito — disse ela, cheia de confusão em seus olhos castanhos.

— Passamos dois verões juntos em Camp Dooley, em Upstate Nova York.

A boca de Savannah se abriu em surpresa, estava claro em sua expressão que ela conhecia o nome do acampamento de verão para meninos privilegiados.

— Você deve estar brincando comigo!

— Não. E ele era tão idiota quanto é agora.

Os olhos dela brilharam de novo, ele notou, com alívio e prazer.

— Sinto o cheiro de uma história — disse ela.

— Será que ela chega à duplicidade e traição?

— Sim, de fato. Como ele era na época? Pat?

— Superior. Carismático. Fraco.

— Então você realmente gostava dele — ela brincou, com ironia.

— Sim, muito — disse Asher.

— Vocês meninos ricos e seus acampamentos de verão.

— Não me compare com ele. Posso viver em uma caverna, mas não sou um animal.

— Por que ele só passou dois anos em Camp Dooley?

— Ele foi expulso por confraternizar com duas meninas do acampamento Kristina, que era ao lado.

— Ao mesmo tempo?

— Você conhece Pat.

— Infelizmente. — Seus olhos pareciam envergonhados, quando ela terminou o vinho em um longo e único gole. — Ele arruinou a minha vida.

Ele estremeceu ao ouvir o tom de derrota em sua voz, ao ver que ela se rendera facilmente.

— Nah — disse ele. — O *Sentinel* não é o único jornal do país.

— Mas é o melhor.

— Isso é uma questão de opinião. Eu ouvi dizer que o *Phoenix Times* ganhou vários prêmios nos últimos anos. Maddox McNabb parece ter seus colhões, pelo que posso perceber.

— Bem, parece que você sabe da minha vida inteira.

— Sim, querida — disse ele, em um tom baixo e lento, lembrando da sensação do pulso dela sob seus lábios. — Eu sei.

Pela forma como as faces dela coraram e como sua língua lambeu os lábios, ele sabia que sua mente tinha voado em direção à mesma lembrança. Voltou a encher o copo, desviando os olhos timidamente.

— Você me pesquisou — disse ela, pegando o copo e segurando-o, mas sem beber.

— Eu precisava saber com quem estava lidando, Savannah. Protejo minha vida do mundo exterior há quase uma década. Não podia deixar qualquer pessoa entrar nela.

— Então, você viu que eu tenho um fraco pelas minhas... fontes. — Os olhos dela procuraram os dele, como se perguntassem: *Será que você acha que eu sou uma presa fácil?*

— Nem em um milhão de anos eu pensaria que poderia ter uma chance com você, Savannah. — Sua voz soava baixa, e quando ela olhou para cima, os olhos estavam tranquilos. Ela sabia que ele estava dizendo a verdade.

Ele viu seus seios se moverem rapidamente, quando sua respiração ficou mais rasa. Ele olhou para seu pescoço, onde enxergou sua pulsação, e isso fez

coisas terríveis, milagrosas e esperançosas com seu corpo.

— E a sobremesa?

Como a meia-noite se aproximava, Asher puxou duas poltronas para perto da namoradeira, para que pudessem descansar os pés. Savannah tirou os sapatos e encostou a cabeça no peito dele, sentindo-se contente enquanto ele a segurava com o braço bom. Eles mal pararam de falar desde o jantar. As tortinhas de limão da mãe de Savannah haviam sido consumidas horas atrás.

— O que você quer da vida? — perguntou Asher, fazendo sua mão se arrastar para cima e para baixo por suas costas, o que a fazia estremecer levemente. — Onde você quer estar daqui cinco anos?

— Quero estar no topo do jornalismo investigativo, em um dos principais jornais ou revistas do país. Mas também quero relatar localmente as notícias da cidade, e não em nível nacional, porque também quero sossegar. Sei que é um mito, trabalho perfeito, marido amoroso, dois ou três filhos, um *Cocker spaniel* e uma casa que fique a uma hora de uma casa de shows, de um estádio e do mar, mas eu quero isso. Algum dia. Em cinco anos seria muito bom. — Ela respirou fundo e fechou os olhos, ouvindo as batidas de seu próprio coração. — E você?

— Há duas semanas, eu teria dito nada.

— Asher, isso é terrível.

— Mas é a verdade.

— E agora?

— Agora estou começando a ficar ambicioso.

— É bom querer algo — disse Savannah.

— Querer algo dá uma sensação horrível — ele disse suavemente —, principalmente quando suas chances de conseguir são tão escassas.

Suas palavras provocaram uma reação de raiva dentro dela. Com isso, inclinou-se para longe dele, encarando seus olhos sob a luz do fogo.

— Pare de fazer isso.

— O quê?

— Rebaixar a si mesmo.

— Só acho que estou expondo a realidade.

— Não — ela insistiu ferozmente —, você não está.

Ela estendeu as duas mãos para tocá-lo no rosto, sentindo pela primeira vez as palmas pousando simultaneamente na pele lisa e na pele cicatrizada. Segurou-o bem apertado e, deliberadamente, olhou-o nos olhos — tanto o normal quando o outro, cujo encaixe fora danificado pela detonação da maldita bomba. Permaneceu fixa neste, até que ele fechou os dois. Em seguida, ela se inclinou para pressionar os lábios contra a pele mutilada. A respiração dele tornou-se irregular no momento em que ela pousou um segundo beijo na pele lesada de sua bochecha e, em seguida, no canto dos lábios.

Ele rugiu para a vida, e com o braço incrivelmente forte puxou-a para seu colo, abrindo a boca para beijá-la sem sentido, como um louco, para afogá-la e consumi-la, e fazê-la esquecer-se de todos os beijos que vieram antes.

Ela revirou os quadris contra ele, baixando as mãos para seu pescoço. A mão dele deslizou até a pele de suas costas e foi até a frente, para que pudesse pegar um seio através da renda do *soutien*. Amassou a pele delicadamente, enquanto uma ereção crescente pressionava-a na coxa. Savannah rebolou os quadris novamente para pedi-lo que não parasse.

Ela chiou em sua língua quando o polegar e o indicador encontraram seu mamilo, girando-o, provocando-o até que ficasse rígido, então, ele se ocupou do outro. Ela passou as mãos pelo cabelo desgrenhado, segurando-o, agarrando-o, arqueando-se contra ele, enquanto suas entranhas se reviravam, quentes e úmidas, com o poder da excitação, do querer, da necessidade.

Balançou-se contra ele no momento em que a mão de Asher escorregou para longe de seus seios, tocando seu rosto e diminuindo o beijo, retardando-o. Ele beliscou seus lábios, de forma cada vez mais suave, murmurando baixinho:

— Savannah, Savannah, Savannah...

— Não pare — ela suspirou.

— Deveríamos.

— Não, não devemos.

— Eu nunca quis tanto alguém quanto quero você — ele disse, beijando

uma trilha por seu pescoço.

— Então me possua — disse ela, choramingando enquanto ele lambia o local onde seu pescoço e ombro se encontravam.

— Você pode se arrepender, querida — ele disse, com a voz carregada de luxúria, enquanto continuava beijando seu pescoço e a pele exposta de seu peito. Seus dedos deslizaram por sua mandíbula, e seu polegar aplicou uma leve pressão contra sua traqueia, o que a fez sentir-se vulnerável, à mercê daquele homem. Mas confiava nele. E adorou isso.

— Não vou. Sem arrependimentos, Asher. Nada disso.

Ele riu com suavidade contra a pele quente de seu peito, antes de se afastar e olhar para o rosto dela.

— Nós tomamos duas garrafas de vinho.

— Não estou bêbada.

— Sei que não está — disse ele delicadamente — Mas também não está sóbria. Não seria muito cavalheiro da minha parte se tirasse vantagem disso.

Ele beijou sua testa e, em seguida, ajudou-a a descer de seu colo, respirando profundamente, mas suspirando de alívio quando ela se aninhou de volta contra seu peito.

— Não é que eu não queira — disse ele — Você não faz ideia do quanto eu quero.

— Faço uma ideia — respondeu ela, olhando para onde as calças formavam uma tenda de forma quase agressiva.

Ele se remexeu, mostrando desconforto.

— Bem, o que posso dizer? Você mexe comigo, Savannah Carmichael. Sou como massinha em suas mãos.

— Mais como cimento.

— Savannah — alertou.

— Mas infelizmente não está nas minhas mãos.

— Savannah!

— Embora eu gostaria que estivesse.

— Cristo!

— Seu plano para daqui a cinco anos — ela o lembrou atrevidamente. — Quero saber qual é. E não fale mais essa porcaria de não ser capaz de obter o que deseja. Eu estou aqui, não estou?

A resposta veio em uma voz baixa e emocional:

— Você está aqui, querida.

Ela se aconchegou mais para perto, e eles conversaram até o sol raiar e ela adormecer, embalada pelo ritmo de seu coração.



Capítulo Oito

A primeira vez em que você o leva para conhecer sua família

Quando Asher acordou na manhã seguinte, a primeira coisa que sentiu foi o maravilhoso peso da cabeça de Savannah contra seu peito. A primeira coisa que viu, no entanto, foi a cara de desaprovação da Srta. Potts, que estava de pé, diante deles, com as mãos nos quadris.

Ele piscou para ela, enquanto seu braço permanecia em torno de Savannah protetoramente.

— A mãe dela ligou.

— A mãe dela? — ele perguntou, ainda sonolento.

— Querendo saber onde ela estava, já que não voltou para casa ontem à noite.

— Ela deve ter esquecido de ligar. Nós ficamos conversando até o amanhecer.

— A mãe dela estava *muito* preocupada.

— Ela é adulta, Srta. Potts. Tem vinte e seis anos.

— Diga isso para Judy Carmichael. — A Srta. Potts franziu os lábios. — E quanto à reputação dela?

— Não estamos em 1800.

— Sorte sua, ou Frank Carmichael poderia estar aqui com uma espingarda. E ela se tornaria a próxima Sra. Lee.

Ele se recusou a morder a isca, por mais que aquela ideia fizesse seu coração bater ainda mais rápido.

— Hummm — resmungou a Srta. Potts. — Acorde-a e entrem em casa. Vou fazer ovos e biscoitos antes que ela vá embora.

Ela se virou para se afastar, e Asher girou em sua direção, com cuidado para não acordar a sua Bela Adormecida.

— Srta. Potts...

Ela se voltou para ele, com uma expressão desaprovadora.

— Eu me importo com ela. Muito.

— Importar-se com alguém significa procurar sempre o melhor para essa pessoa. Sempre. Sem exceção. — Ela colocou um dedo no queixo, pensativa. — Vou ter que preparar algo especial para domingo. Como uma oferta de paz.

Asher sorriu.

— Torta de pêssego da Mama?

— Isso mesmo — disse a Srta. Potts, assentindo com aprovação, antes de continuar a seguir.

Savannah agitou-se em seu sono, aninhando-se ainda mais nele, que a segurou um pouco mais apertado, beijando o topo de sua cabeça. Ela recostou-se contra ele, respirando lenta e profundamente.

As palavras da Srta. Potts começaram a se repetir em sua cabeça: *Importar-se com alguém significa procurar sempre o melhor para essa pessoa. Sempre. Sem exceção.*

Savannah era oito anos mais jovem do que ele; jovem, vibrante e bonita. Qualquer coisa que ela escrevesse para o *Phoenix Times* seria um sucesso infalível, e ela teria que sair de Danvers, ir para longe dele. Isso retorcia seu

coração em nós, só de pensar em perdê-la depois de compartilhar uma noite como a que passaram juntos. E, ainda assim, era o que ela mais queria no mundo: ser a melhor repórter de um jornal de uma cidade grande.

E para ele, deixar Danvers — deixar o santuário de sua casa — era impensável.

Não havia futuro para eles. Ele certamente não poderia pedir-lhe que vivesse nas sombras com ele, nem poderia segui-la para uma cidade onde as pessoas se surpreenderiam com sua feiura e que o veriam como a fera que era. Ele chegava a duvidar de que ela continuaria tendo interesse por ele em qualquer lugar que não fosse aquela casa em Danvers. Não, não havia futuro para Asher Lee e Savannah Carmichael.

O problema de se sobreviver a algo trágico é que isso muda para sempre suas expectativas. Você passa a se contentar com muito pouco. Torna-se grato por migalhas. Tira o melhor de pequenas misericórdias. Aguenta de tudo. Entende que a vida não lhe deve nada. Então, você não espera nada, e quando algo maravilhoso acontece, você duvida. Sabe que não pode durar.

Ele beijou o topo da cabeça de Savannah novamente, com um anseio tranquilo. Quando chegasse a hora, iria deixá-la ir. Mas, por ora, pelo próximo punhado de semanas, ela lhe pertencia e nada — nada — iria obrigá-lo a afastar-se dela até que estivesse na hora de deixá-la partir.

— Eu decidi — disse Scarlet, no jantar da quinta-feira à noite. — Vegas! Não seria selvagem? Las Vegas, Vanna! Para a minha festa de despedida de solteira.

Savannah ergueu uma sobrancelha para a irmã, contando os momentos até que pudesse desculpar-se, sair da mesa e rastejar para a cama. Depois de dormir por apenas algumas horas ao lado de Asher na noite anterior, estava irritadiça e muito cansada. Claro que se ele surgisse de repente em sua sala, ela se iluminaria em um instante.

Pensando nisso, suspirou, sentindo-se um pouco desgostosa consigo mesma. Estava *naquele* estágio. O estágio patético onde há apenas uma pessoa no mundo que pode fazer você feliz, e onde cada momento sem ele parece pura perda de tempo. O estágio desesperado no qual você sente falta dessa pessoa tão

completamente que não consegue sequer pensar direito, sentindo falta de seu toque, lembrando da maneira como seus olhos se suavizam ao olhar para você, ou do som do gemido que ele solta, bem do fundo da garganta, quando...

— Merda, Savannah! Você está me ouvindo?

— Olha a boca, Katie Scarlet! — repreendeu o pai, Frank, antes de voltar a comer seus feijões cozidos.

— Ela é minha dama de honra, e estou tentando planejar minha festa de despedida de solteira. Mama! — lamentou, olhando para Judy, pedindo por solidariedade.

Judy virou-se para sua filha mais velha, falando suavemente:

— Lindinha, o que você acha dessa ideia de ir para Las Vegas?

— Scarlet odiou Nova York. E Nova York é calma, se comparada com Vegas. Isso é o que eu acho.

Scarlet levantou-se e jogou o guardanapo, que estava enrolado sobre a mesa, em cima da irmã.

— Savannah Calhoun Carmichael, você é a *pior* dama de honra... de todas! — Então, ela saiu correndo da sala de jantar, e Savannah imaginou que haveria lágrimas e almofadas sobre suas cabeças durante os próximos minutos.

Savannah suspirou, sentindo-se exausta e muito mal pela forma como tinha acabado de perturbar a irmã, mas ela também sentiu pena de si mesma — ainda faltava muito tempo para ver Asher novamente, e ela sentia tanta falta dele que chegava a doer, embora ele vivesse a quinze minutos de distância.

Ela estendeu a mão, pegou o guardanapo de Scarlet e o dobrou lentamente. Em seguida, dobrou o seu próprio.

— Vou falar com ela, mamãe.

Judy impediu Savannah, tomando-lhe a mão.

— Fale comigo primeiro.

— Não é nada, só estou cansada.

Seu pai, que era um especialista em captar nas entrelinhas quando estava prestes a ter um papo de garotas, pigarreou e desculpou-se, saindo da mesa para assistir TV.

— Você passou a noite de ontem fora, Savannah. As coisas com aquele rapaz estão ficando sérias?

— Asher? Oh, eu não sei — disse ela. — Gosto dele. Sei disso. Mas não o conheço o suficiente para descobrir o resto.

— Ele gosta de você também.

— Sei disso, mamãe.

— Então, por que você parece tão infeliz neste momento?

— Sinceramente? Acho que eu me iluminaria se ele aparecesse aqui agora.

— Ah — sua mãe assentiu. — Desse jeito.

— E eu tenho que escrever esse artigo. Prometi que seria sobre nossa amizade, sobre como nos tornamos amigos, mas parece que estamos nos tornando mais do que apenas amigos, e eu não tenho certeza se tenho permissão para escrever sobre isso. E se não escrever, perco minha chance neste trabalho. Preciso deste emprego, mãe. Estou fora do mercado. Preciso desse trabalho.

— Então você precisa falar com Asher. Certifique-se de que ele concorda com isso.

— Isso importa? — perguntou Savannah, sentindo-se uma mercenária. — Vai ser impresso localmente, e ele nunca vai sair de Danvers. E eu preciso dessa história. — Ela se encolheu, inclinando a cabeça para trás e depois para frente. — É, importa. Claro que importa. Sei que isso é importante. É tão importante que está me comendo viva.

Judy acariciou a mão da filha.

— Você vai fazer a coisa certa, lindinha. Sei que vai.

Savannah queria ter a mesma confiança que sua mãe.

— Eu vou falar com Scarlet.

— Ela vai se casar — sua mãe lembrou. — E eu sei que nossa Scarlet está com Trent desde sempre, mas ela também tem direito a ficar nervosa. Ela só quer que a irmã mais velha esteja com ela. Não é pedir muito, Vanna.

— Eu sei, mãe. Vou dizer a ela que sinto muito.

— Mas Vegas é uma péssima ideia.

Savannah sorriu pela primeira vez desde que saiu da casa de Asher naquela manhã.

— Myrtle Beach tem muito mais a ver com ela.

— Essa é a minha garota inteligente — disse Judy, sorrindo para Savannah e dando tapinhas na mão dela gentilmente.

Savannah enviou a continuação do esboço de: “*Asher Lee: Uma história totalmente americana*” para Maddox ao meio dia de sexta-feira, e esperou, tensa, para descobrir o que ele tinha achado. Seu telefone tocou às 12h30.

— *Carmichael? Maddox McNabb aqui. Li seu esboço.*

— E?

— *Alguma coisa está faltando. Você está escondendo algo.*

— O que você quer dizer?

— *Suas descrições gerais são boas. Mas a maneira como você o descreve... É meia-boca. É como se você tivesse medo de contar tudo. Foi um encontro, não foi? Esse jantar no bosque.*

Savannah fez uma careta. Ela tentou escrever o artigo como se fossem dois amigos jantando juntos. Aparentemente não convenceu.

— Acho que sim, senhor.

— *Deixe que eu te dê alguns conselhos, Carmichael. Entregue o coração ao trabalho ou desista. Você está apaixonada por esse homem? Asher?*

Savannah cerrou os dentes. Prometera uma história sobre comportamento humano, não sobre sua vida pessoal. Era como se prostituir. Pior, era como prostituir Asher.

— *Seu silêncio me disse tudo o que eu precisava saber. Essa é a história, Carmichael. Sobre como você o conheceu por causa de uma entrevista e acabou se apaixonando. Goste ou não, essa é a história que eu quero. A história que eu preciso. Essa é a história que irá encantar os leitores no Quatro de Julho. A bela e teimosa repórter que se apaixonou pelo veterano de guerra desfigurado. É **A Bela e a Fera** com o Hino Nacional tocando ao fundo. Não gosta? Não escreva*

e seguiremos nossos caminhos. Você decide, garota.

A situação estava péssima.

— Mas, Sr. McNabb, eu posso escrever um excelente artigo sobre as lesões de Asher Lee, sobre a forma como a cidade virou as costas para ele, como ele lê todos os livros nos quais põe a mão e como trancou a faculdade para servir seu país. A história dele é notável. *Ele* é notável. Eu não sou ninguém. Não sou nada. Ninguém vai querer ler uma história sobre mim.

— *Errado!* — berrou Maddox McNabb. — *Odeio dizer, mas aqui e agora? Você é a história. O nome da coluna é comportamento humano. Você é humana. Estou interessado. Reescreva até amanhã, ou não entre em contato comigo novamente.* — E ele desligou.

Savannah cerrou a mandíbula, afastando o telefone de sua orelha e pousando-o no colo, sentindo a cabeça girar. Droga, estava encurralada. E, caramba, odiava estar encurralada. Tinha que haver outra maneira: outra pessoa que pudesse entrevistar, outro veterano de guerra com outra história para contar. Mas, não, Maddox McNabb não estaria interessado em outra história. Ela já tinha uma em mãos.

Ela respirou fundo, deitada na cama e olhando desanimada para o teto. Tanto fazia se o que estava acontecendo entre ela e Asher parecesse muito bom, bom demais para ser usado como assunto para uma matéria de jornal. Expô-los parecia baixo e barato, mesmo só de pensar. E, ainda assim, ela era uma boa jornalista, não era? Todos os seus professores da NYU lhe tinham dito isso, e ela subira rápido no *Sentinel*, antes de ter uma queda inglória. Podia escrever tudo de uma forma que apaziguasse McNabb, mas sem expor o homem mais reservado que já conhecera? *Tem* que haver uma maneira, pensou.

E, então, lhe surgiu: já tinha usado, ocasionalmente, um pseudônimo para artigos que escrevera no *Sentinel*. Usara Cassandra Calhoun, como sua mãe: Judith Cassandra Calhoun Carmichael. Não poderia fazer o mesmo para esse artigo? Claro que poderia! Poderia ser Cassandra, e Asher poderia ser... Adam. E contanto que não mencionasse Danvers, poderia escrever o que quisesse, e a privacidade de Asher seria protegida. Ninguém mais saberia.

Asher fez questão de cumprimentá-la pegando sua mão e puxando-a

contra o peito, logo que ela entrou pela porta, na sexta-feira à tarde. As horas se arrastaram durante os momentos que passara sem ela, sem suas histórias, sem suas provocações e beijos capazes de fazer sua mente girar, e tudo que ele queria agora era passar o maior tempo com ela antes que o deixasse novamente.

— Eu senti sua falta — ela disse baixinho, respirando contra a bochecha dele, fazendo seu corpo se endurecer em todas as partes.

— Eu também.

— É terrível estar assim apaixonada.

— Concordo.

— Não me sentia viva assim há anos.

— Eu também.

— Que se dane a entrevista — ela disse, sem fôlego. — Vamos curtir.

Ele viu estrelas. Literalmente. Estrelas. Como era possível que isso estivesse acontecendo com ele? Mulheres bonitas não apareciam à porta de veteranos desfigurados fazendo uma proposta como aquela.

— Você é uma alienígena? — perguntou.

— Não que eu saiba.

— Será que há cameras ocultas por aqui?

Ela deu uma olhada rápida ao redor da sala.

— Nunca se sabe, mas meu palpite é que não.

— Alguém está te pagando uma grande soma em dinheiro para fazer-me sentir desse jeito?

Ela mordeu o lábio inferior, como se estivesse imersa em pensamentos.

— Não que eu me lembre, mas se um milhão de dólares de repente cair na minha conta, vou te dar metade.

— Então você deve ser real. Bem... você ganhou. Vamos curtir.

Ele se virou para as escadas, mas, daquela vez, eles não seguiram à esquerda. Foram para a direita, para o lado oeste da galeria, passando porta após porta, até que chegaram à sexta e última. Então ele parou. Largou a mão dela e deu um passo para trás, prendendo seus olhos nos dela.

— Meu quarto. Sua decisão.

Ela sorriu e girou a maçaneta.

— Só para que fique bem claro — disse ela, encarando-o enquanto ele abria a porta. — Eu disse curtir, não ter relações sexuais.

Os olhos dele se arregalaram, como sempre acontecia quando ela o surpreendia.

— O que eu queria era ter um tempo com você, só isso.

— Teria sido muito presunçoso da minha parte se eu simplesmente assumisse que íamos fazer sexo, Savannah.

Ela colocou o cabelo liso e castanho atrás da orelha, e os dedos de Asher se contraíram, lembrando o quão macios aqueles fios eram. Lembrou-se também que eles cheiravam a limão. Seu corpo se lembrou que eles estavam anexados à cabeça, que estava anexada ao tronco, que segurava os seios mais lindos que ele já tivera o privilégio de tocar. Suas calças começaram a ficar apertadas novamente. Ele precisou sentar-se rapidamente ao pé da cama e cruzar as pernas.

Savannah examinou o resto do quarto.

— Estamos apenas começando. Oh!

Ela caminhou em direção ao armário, pegando uma foto dele que fora tirada no verão, aos dezesseis anos. Fora a última foto que tirara com os pais. Ela acariciou o vidro, virando-se para encará-lo.

— Oh, Asher!

Claro. Ela nunca o vira antes da explosão. Agora ela sabia o quão ruim ele estava. Asher desviou o olhar, pronto para segui-la até a porta e voltar para a segurança de seu escritório, onde poderiam sentar-se em cadeiras distantes uma da outra, para que ele lhe contasse sobre seu tempo no Exército, enquanto seu coração murchava e morria no peito.

Quando ele ergueu os olhos, ela estava bem diante dele, com lágrimas nos olhos, e ele se preparou.

— Seus pais — disse ela.

Ele mal conseguia falar.

— Esse é você com seus pais.

Ele assentiu.

— Não posso nem imaginar o quanto você sente falta deles.

Ela colocou o porta-retrato sobre uma mesa delicadamente e caminhou alguns passos para sentar-se ao lado dele na cama.

Asher se virou para ela.

— Savannah — ele começou, a ponto de sugerir que voltassem para o escritório, salvando-a de ter que inventar alguma desculpa por bondade ou por algum sentido equivocado de obrigação para com ele.

— Asher — disse ela, colocando a mão em seu peito e empurrando-o para trás, fazendo-o deitar-se na cama, enquanto ela se deitava do lado dele. — Me beija.

Agradecendo a Deus por mais aquele adiamento do inevitável, ele rolou por cima dela, apoiando-se nos cotovelos e olhando para ela com uma ternura feroz.

— Você me aterroriza.

Ela sorriu, remexendo-se, empurrando sua pélvis contra a dele.

— Sou inofensiva.

— Você é letal.

— Estou esperando...

E, então, a boca de Asher reivindicou a dela, sem esperar um segundo a mais.

Savannah estendeu a mão para alisar os músculos tensos das costas de Asher quando ele a beijou, fazendo com que sua língua recuperasse o território que perdera desde quarta-feira. Ela suspirou em sua boca, grata por estar com ele novamente, grata por tudo que sentira na última vez retornar em uma corrida perfeita de calor, luxúria e felicidade.

Deus, o que estava acontecendo com ela? Estava se tornando essa coisa dependente de Asher Lee. Mal conseguia entrar na casa dele sem exigir sua boca

na dela, seu corpo pressionado contra o dela, sua língua acariciando, lambendo e chupando-a. Estava perdendo a perspectiva. Estava, provavelmente, sendo estúpida.

Mas neste exato minuto, com o peso glorioso de seu corpo sobre o dela, aquilo simplesmente não importava. Nada importava, apenas estar com ele e aproveitar o máximo de cada momento. Ela passou as mãos por suas costas até a sua cintura, e retirou sua camiseta até expor sua pele quente e rija sob seus dedos. Ele se afastou de sua boca por tempo suficiente para que a blusa passasse pelo pescoço e pela cabeça. Então, encontrou seus lábios novamente, rolando para o lado dela, enquanto chupava sua língua.

Tudo o que ela queria era sentir sua pele corada e quente contra a dele, de modo que se virou e desatou o *soutien* para que ele pudesse desnudá-la com apenas uma das mãos. E depois, não havia nada entre seu peito e o dela. Nada.

Ele estendeu a mão para tocar seus seios, amassando suavemente a pele estimulada, enquanto beijava seu queixo, seu pescoço e o vale na base de sua garganta. Em seguida, sua cabeça mergulhou para capturar um mamilo duro entre os lábios, girando a língua em torno dele, antes de sugá-lo delicadamente.

Um raio disparou de seu mamilo até a carne dolorida entre as suas coxas, e ela arqueou seu corpo inteiro para cima, para a fonte de seu prazer. Ela gemeu baixinho quando ele trocou de seio, amando a forma como o bico rosa era apertado entre seus dentes, antes de sugá-lo como tinha feito com o outro.

Savannah mergulhou a mão em seus cabelos, hesitando e rebolando debaixo dele, rezando para que ele não parasse. Seu corpo inteiro estava elétrico, apertado e quente bem lá no fundo, onde havia uma energia contida como uma bomba não acionada, à espera de libertação, rezando por alívio.

— Asher — ela sussurrou. — Por favor...

Ainda lambendo e chupando o mamilo, ele enfiou a mão por dentro de sua calça, sob a calcinha, tocando os cachos macios e nas dobras de carne, onde encontrou seu botão inchado, acariciando seu sexo de uma forma alucinante.

— Oh, meu Deus, não pare! — ela gemeu, gritou e, em seguida, quando os dentes dele roçaram seu mamilo, seu corpo inteiro arqueou-se, convulsionando e estremeando, quente e úmida, se desfazendo por completo. Ele voltou para cima dela e beijou seus lábios, cheio de ternura. Em seguida, puxou-a contra seu peito largo, nu e segurou-a até que ela parou de tremer, até que ela respirou profundamente e conseguiu formar um pensamento coerente

mais uma vez.

— Isso foi tão bom para você quanto foi para mim? — ele perguntou, nem mesmo tentando esconder a satisfação e a provocação em sua voz.

— Melhor — disse ela, virando-se para ele com olhos vidrados e espantados.

— Como está se sentindo?

— Como uma deusa — ela respirou fundo e suspirou. — Para alguém que tem apenas uma das mãos, você estranhamente parece *Vishnu*. Em todos os lugares ao mesmo tempo.

— É preciso trabalhar com o que se tem.

— Bem, você realmente trabalhou. — Ela fez uma pausa. — A prática levou à perfeição.

— Pare de adivinhar. Não estive com ninguém desde...

— Ninguém? Em oito anos? Jesus, Asher. Como foi que isso funcionou para você?

— Como você pode observar, eu ainda tenho uma das mãos.

— Nojento! — disse ela, tentando não rir, sem sucesso. — Então eu sou...

— A sortuda beneficiária de oito anos de luxúria reprimida.

— Sou quase uma vaca sagrada.

— Eu poderia começar a te chamar de Isis. A deusa com cabeça de vaca.

Ela se levantou, apoiando-se em seu cotovelo para olhar para ele com um olhar fulminante.

— Não se atreva.

Seus olhos se inundaram dela.

— Eu sou louco por você, querida.

— Então me beije novamente.

Uma hora mais tarde, após muitos beijos, ela vestiu novamente a camisa, mas eles permaneceram na cama, lado a lado, olhando um para o outro. Ele descansou seu rosto danificado contra o cotovelo danificado, imaginando que isso pareceria normal, embora ela não parecesse se importar com sua desfiguração.

— É sexta-feira à noite — disse ele. — Você é jovem e bonita. Não tem um encontro?

— Sim. Aqui.

— Ninguém mais no radar?

— Você acha, sinceramente, que há um orgasmo melhor em Danvers do que o que tive nesta cama, Sr. Dedos Mágicos?

— Estou falando sério, Savannah.

— Cale a boca, Asher. Você está me aborrecendo.

— Tudo bem. Mas não diga que não te ofereci uma saída.

— Eu pareço com alguém que quer uma saída?

— Eu tenho que me esconder aqui. Você, não.

Ela franziu o cenho para ele.

— Você tem?

— Sim. Eu tenho. Assusto criancinhas. Merda, eu assusto até mesmo adultos.

— Você não *me* assusta.

— Você é uma alienígena.

— Você, com certeza, sabe como elogiar uma garota.

— Eu lhe disse que era rude.

— Que rude que nada — disse ela. — Você é mais refinado do que *eu*, garoto-de-acampamento-rico-e-graduado. Nunca conheci outro homem que fosse tão severo consigo mesmo. — Ela se inclinou e o beijou suavemente. — Conte-me sobre Maryland.

Ele fez uma careta. Ainda não estava pronto para compartilhar os detalhes de sua viagem a Maryland com ela. Era algo pesado e muito sério.

Enxertos de pele e reconstrução facial e moldes protéticos. Ele não queria que ela pensasse sobre tudo isso quando estava com ele.

Ele deu de ombros.

— Eles deram uma olhada em tudo. É rotina.

— Você já pensou em... fazer as cirurgias?

Porra, ele não queria falar sobre isso. Especialmente não com ela. Ele tentou pensar em alguma coisa para compartilhar que não tivesse nada a ver com sangue, tecidos e dores.

— Eles, hum, têm algumas mãos biônicas muito legais.

Seu rosto se iluminou.

— Isso soa promissor.

— Odeio usar próteses.

— Por quê?

— As meias de lã que passam por cima do meu braço são desconfortáveis. Eu nunca me acostumei com o ajuste dela, e o ajuste de sucção deixa meu coto vermelho por horas depois. Talvez seja porque nunca tive um bom ajuste, ou talvez eu não tenha dado uma chance a ele por tempo suficiente. Ao invés disso, eu trabalhei a forma muscular e a força da minha mão esquerda.

— Mas você parece estar interessado nesta mão biônica.

A contragosto, ele percebeu que realmente estava. Mencionou a prótese, para dizer a verdade, para desviar a conversa das cirurgias, mas agora que eles realmente estavam discutindo sobre isso, precisava admitir que eram muito legais.

— A tecnologia é incrível. Os dedos podem pegar qualquer coisa que uma mão real pode pegar. Assisti outro veterano pegar uma moeda sobre uma mesa. Tem articulações, sabe? E elas se unem ao nervo existente para que meu cérebro possa realmente dar os sinais para o movimento. Não pude acreditar.

Savannah sorriu.

— Isso soa incrível.

— Sim. Mas eu não sei. Eu precisaria me adaptar a isso, aprender a usá-lo. Eu me viro, sabe? Com o que eu tenho. — Ele estava se sentindo

desconfortável com toda aquela conversa e muito defensivo sobre aceitar ajuda e tratamento, mas também tentava manter sua voz audível e calma.

— Sim, você se vira, de forma espetacular. — Ela estendeu a mão e tocou-lhe o rosto com as costas dos dedos, e ele se inclinou para ela. — Mas você parecia animado. Espero que dê uma chance a isso.

Ele sabia que ela estava apenas tentando ser legal. Ele sabia, mas, mesmo assim, seu comentário realmente o incomodou, porque implicava que ele precisava de melhorias. E, sim, ele sabia que precisava, mas não gostou de ouvi-la dizer isso.

— Por quê?

— Porque pode tornar a sua vida melhor.

Bingo.

— A minha vida é boa.

— Sua vida *não* é boa — disse ela.

Ele recuou, como se ela tivesse batido nele, enquanto a adrenalina subia numa rajada, fazendo-o sentir-se sem fôlego.

— O quê?

— Asher, você é a pessoa mais inteligente, mais corajosa e mais interessante que eu já conheci. Mas por sua própria opção, você se esconde aqui. Está deixando sua vida passar, quando deveria estar vivendo. Um perdedor como Patrick Monroe deveria estar se escondendo do mundo. *Você* é um herói.

— Você não tem ideia de como é — disse ele, tentando manter a calma, lembrando-se de que ela só estava tentando ser gentil, apenas tentando ajudar.

— *Você* faz? Quando foi a última vez que foi à cidade?

— Na segunda-feira. Para a sua casa — disse ele, com firmeza.

— Eu quero dizer, para uma loja ou um restaurante. Há alguns restaurantes legais em Danvers.

— Eles entregam — ele atirou de volta.

— Isso me deixa triste. *Você* me deixa triste.

— *Merda!* — Piedade? Ele não queria sua maldita piedade. Seu coração acelerou em repulsa, o que o fez se encolher. Ele não poderia suportar que aquela

mulher - que Savannah, que o fizera se sentir sexy e vivo pela primeira vez em anos - o visse através daquela lente, que lhe oferecesse pena, como se ele fosse um fracote ferido, como se não fosse homem. Os olhos dela se estreitaram quando ele atacou: — Deus me livre *você* se sentir triste. Se não gosta da maneira como estou vivendo a minha vida, Savannah, *você* não precisa fazer parte dela.

Ela sobressaltou-se quando ele falou, e agora olhava para ele fixamente, chocada, com os olhos arregalados.

— Eu... eu não quis dizer...

— Acredite em mim, já ouvi tudo isso antes. Não preciso ouvir isso de *você* também.

— Oh — ela sussurrou suavemente, mordendo o lábio inferior. — Oh.

Ele não procurava alguém que quisesse mudá-lo, e se era isso o que ela queria — uma missão de misericórdia, tentando ajudar o pobre herói de guerra deformado a encontrar o caminho de volta para o seio do amor da sociedade, com mãos biônicas e reconstruções faciais —, bem, ela podia esquecer. Era seu corpo e a decisão era apenas sua, e se esse fosse o objetivo, era melhor se separarem ali.

— Talvez *você* devesse ir embora — ele a colocou para fora.

Era a sua vez de recuar, enquanto lágrimas brilhavam em seus olhos. Ela se afastou dele, sentando-se e jogando as pernas para a lateral da cama. Apesar da dor em sua cabeça e em seu coração, forçou-se a não olhá-la, a manter o foco no teto claro.

— Eu não queria te incomodar — ela disse suavemente. Mas ele ouviu o pranto que ela estava tentando manter.

Ah, inferno! Será que ela estava prestes a chorar? Droga, ele não tinha a intenção de... maldição!

Ele só não queria que ninguém o mudasse. Ela não tinha ideia de como fora fazer todas aquelas cirurgias em San Antonio, quando ele voltou para casa. Semanas após semanas de agonia, enquanto lhe dopavam, cortavam e suturavam, tentando fazê-lo parecer normal. E não funcionara. Nada funcionara. Ele ainda voltara para casa parecendo uma aberração.

Ela se levantou, ajeitando a camisa, de costas para ele. Ouviu-a fungar baixinho, e seu coração se retorceu com uma nova emoção cravada dentro dele:

pânico.

Ele finalmente tinha alguém em sua vida, mas a estava afastando por causa de alguns comentários bem intencionados, que funcionaram como gatilhos para ele.

O que você está fazendo, Asher? Que diabos está fazendo? Ela não queria aborrecê-lo. Este é um problema seu, não dela. Diga que está arrependido. Conserte isso. Pelo amor de Deus, não a deixe partir assim.

— Savannah — ele começou a falar, com uma voz mais suave. — Espere, por favor, eu não quis dizer. Eu só queria que você...

— Estou indo para casa — disse ela, saindo do quarto correndo, antes que ele pudesse lhe dizer qualquer outra coisa.

— Savannah!

Ele pulou da cama, seguindo-a através da porta do quarto e correu pela galeria, tão rápido quanto sua perna fraca permitia. Por mais que uma boa caminhada ou uma corrida lhe fizessem bem, não deveria fazê-los em alta velocidade, e sua perna doía e queimava quando chegou ao topo das escadas, apenas para ouvir a porta da frente bater atrás dela.

— QUE INFERNO! — ele gritou, abaixando-se para sentar no último degrau da escada, enquanto sua perna pulsava de dor.

A Srta. Potts apareceu do nada na base das escadas, com as mãos nos quadris. Ela apertou os lábios e estalou a língua.

— De alguma forma, não acho que a torta de pêssego vá resolver isso.



Capítulo Nove

Savannah chorou durante todo o caminho para casa, e então, chorou até dormir. Quando ela acordou no sábado de manhã, sem mais lágrimas para chorar, abriu seu computador e começou a trabalhar para reescrever sua história sobre sua noite no bosque. Doía muito lembrar do bosque. Doía muito, porque toda a doçura de Asher fora eclipsada pelo que ele disse naquela noite: *Se não gosta da maneira como estou vivendo a minha vida, Savannah, você não precisa fazer parte dela.*

Quando pensava no quanto seus olhos pareceram frios quando ele disse essa frase, queria chorar tudo de novo.

Ela o ouviu gritar seu nome, enquanto descia correndo as escadas, mas estivera determinada a não permitir que ele a visse chorar; teimara em sair da casa antes que se dissolvesse em lágrimas. Uma pequena parte dela ficou curiosa com o que ele poderia querer lhe dizer — será que quisera se explicar? Desculpar-se? Não importava. O que importava era que ele não tinha nenhum interesse em mudar, e a vida que vivia não era algo que ela queria para si. Só havia espaço para uma pessoa naquela mansão da colina. Ela não estava interessada em consignar sua vida às sombras só porque ele tinha muito medo de dar uma segunda chance ao mundo.

Se era assim que ele queria viver a vida, era melhor que se separassem

logo.

Sua suposição de que não tinha mais lágrimas para chorar rapidamente provou-se errada quando seus olhos queimaram novamente. “Separassem” soou horrível, parecia o inferno. Não importava que o conhecesse há apenas duas semanas. Ela gostava dele. Gostava muito. Era possível que estivesse se apaixonando por ele.

Oh, diabos!

Será que estava? Será que estava se apaixonando por ele?

Não, caramba. Isso não podia acontecer novamente. Não depois de Patrick. Não. Nem pensar. De jeito nenhum.

Ela não estava se apaixonando por Asher Lee. Não permitiria isso. Estava encantada por ele e nada mais. Encantada com seus comentários engraçados e suas provocações que a entorpeciam mentalmente, além dos orgasmos que lhe provocava com apenas uma mão. Um bom orgasmo realmente poderia mexer com uma garota. Era encantamento, não amor, minha filha. Aquela era a verdade dos fatos.

Fatos. Sim. Fatos são reconfortantes.

Ela ignorou o cursor piscando na ela, dizendo-lhe que precisava editar o artigo para McNabb, e abriu um navegador na Internet. Digitou: “definição de encantamento” e pressionou Enter.

EN-CAN-TA-MEN-TO: *Algo tolo, irracional, paixão extravagante ou apenas uma atração.*

Algo tolo? Se apaixonar por um eremita? Confirmado.

Irracional? Sem embasamento ou guiado pelo bom senso? Confirmado.

Paixão extravagante? Ela tentou não pensar na maneira como ele a beijou, mas acabou pensando, e seu corpo inteiro se sentiu subitamente extravagante e apaixonado. Droga. Confirmado.

Porém, havia:

Tolo? Apaixonar-se por alguém brilhante, culto, engraçado, reflexivo e gentil? Não confirmado.

Irracional? Cada célula de seu corpo gritava que Asher era o cara mais pé no chão que já conhecera. Um herói de boa-fé. Um cavalheiro. Um bom partido. Seu bom senso ordenava que ela fizesse o possível para não perdê-lo. Caramba. Não confirmado.

Paixão extravagante? Sim, ele tocara seu corpo como se fosse um violino *Stradivarius*, mas sua paixão era pura bondade e discrição. Ele não os tinha impedido de fazer amor na quarta-feira? Ela não fizera o mesmo na sexta? Não eram tolos nem precipitados. Suas ações eram maduras, apesar da paixão ser capaz de enfraquecer seus joelhos. Ou seja, não confirmado.

Savannah não precisava da Internet lhe dizendo o que já sabia: o que compartilhava com Asher era muito mais do que paixão.

E ela só precisava acreditar... que o que dividia com Asher estava longe de terminar.

Sentir auto-aversão não é a maneira mais agradável de se passar um sábado ensolarado de junho, ele pensou, girando-se apenas para fazer com que o leve cheiro de limão desaparecesse de seus lençóis, embora desejasse tê-lo ali para sempre. De todas as coisas estúpidas, egoístas e tolas que poderia ter feito. Afugentou a única mulher em todo o mundo que conseguira enxergá-lo através de seus ferimentos e gostava dele por *ele*. Era um idiota. *E não a merecia*.

Mas eu a quero. Eu a quero tanto que me sinto morrer só de imaginar que ela pode ter ido embora para sempre.

Estava cansado de rolar na cama durante quase a noite inteira, se imaginando o tempo todo entrando em seu carro e indo bater na porta da casa dela.

E sua perna ainda pulsava como o diabo. Tanto que ele se perguntava se tinha feito algo que pudesse prejudicá-la, embora os médicos lhe assegurassem que, apesar da dor ocasional, ele seria capaz de ganhar funcionalidade completa ao longo do tempo. Mas ele tinha exigido muito de si mesmo.

Exatamente como tinha feito com Savannah.

Ela não tivera ideia de que estava andando em um vespeiro quando perguntou sobre a viagem a Maryland, e ele mesmo dissera a ela que o braço

biônico era interessante. Mas o que realmente lhe incomodou foi quando ela disse que sua vida era “triste”. Ele propositalmente vivia sua vida dentro daqueles muros para preservar o conforto daqueles que o cercavam. Tê-la andando por seu santuário e julgando-o? Dizendo-lhe que a vida que ele vivia era “triste”? Isso fez com que seus olhos enxergassem vermelho. Ninguém tinha o direito de fazê-lo sentir-se patético em sua própria casa.

Contudo...

Sua vida *era* triste. A forma como se escondia do mundo, enquanto outros homens — idiotas como Patrick Monroe — viviam suas vidas ignóbeis sob a luz do sol. Mas como ele poderia retornar à raça humana? Com uma nova mão? Com uma reconstrução facial? Enxertos? Terapia? Não eram os procedimentos que incomodavam. Embora ele não fosse necessariamente fã de hospitais, entendia que eram um meio para um fim. E não era, na verdade, o trabalho que o incomodava — aprender a usar uma nova mão ou cuidar da recuperação de seu rosto — ele gostava de trabalho duro. Também não era a dor, embora não gostasse dela. Mas, afinal, nada poderia ser muito pior do que o que ele já tinha suportado.

O problema era a esperança.

O problema era se seu corpo rejeitasse os enxertos. O problema seria se a nova mão não fizesse jus às suas brilhantes e novas expectativas. O problema era que, mesmo depois das operações de enxertos e terapia, o ajuste da mão e outras coisas, tudo isso, talvez ele ainda assustasse as pessoas com seu rosto. Talvez, no fim das contas, ainda ficasse só com uma mão.

O maior problema da esperança é quando você se vê obrigado a reconhecer a possibilidade de não conseguir o que desesperadamente desejava.

Enquanto ele não concordasse com as operações ou não se equipasse com uma nova mão, ele poderia continuar com sua esperança. Poderia se agarrar a ela, pensando que talvez um dia, quando decidisse que era o momento certo, poderia fazer a operação, ter uma nova mão e, quem sabe, sua vida fosse finalmente mudar para sempre.

Sim, a esperança era o problema, mas a coisa mais assustadora de todas não era a esperança. Era o aviso de uma potencial falha.

Mas nada disso era culpa de Savannah, e ela certamente não merecia aquela réplica pesada. Pensou em suas fungadas e sua voz trêmula, e no modo como correu de seu quarto, de sua casa, dele...

Não, porra! Ele não iria perder Savannah. Não quando ainda tinham duas semanas à frente. Não quando o calor de seu corpo e o brilho de seus olhos faziam com que ele sentisse tudo, faziam com que se sentisse invencível e vivo. Ele levantou-se cuidadosamente, apoiando-se mais na perna esquerda, e mancou até o banheiro. Tinha um banho a tomar... então teria que comprar algumas flores... e, em seguida, começaria uma sessão apologética de humilhações sinceras.

Savannah ouviu a campainha tocar, mas não prestou atenção alguma. Reescrevera o artigo sobre o bosque, mudando o nome de Asher e o seu próprio, para que a história agora fosse lida como uma sobre outras duas pessoas. Maddox insistira que ela usasse os nomes reais, mas Savannah disse a ele que iria considerar essas mudanças mais tarde, mas que não estava confortável em usá-los agora. A contragosto, Maddox aceitou.

E agora ela estava pesquisando sobre Myrtle Beach, planejando a festa de despedida de solteira de Scarlet, enquanto tentava desesperadamente não pensar sobre Asher. Mas ela continuava a ouvir suas palavras uma e outra vez em sua cabeça, razão pela qual, quando pensou ter ouvido a rouquidão de sua voz no andar de baixo, descartou logo a possibilidade de ser ele, achando se tratar de uma brincadeira da sua mente.

Toc, toc, toc. Ela ouviu a voz de sua mãe, do lado de fora da porta.

— Savannah, querida?

— Sim, mamãe. Entre.

Sua mãe abriu uma fresta da porta, em seguida entrou no quarto, carregando o maior e mais extravagante buquê de flores silvestres que Savannah já tinha visto. Flores silvestres que cheiravam a lavanda, madressilva e ar livre. Ela respirou fundo e suspirou, olhando para a mãe.

— Asher Lee — ela disse — está lá embaixo.

Savannah sentiu seus lábios se inclinarem em um sorriso involuntário, e seus olhos se encheram de lágrimas. A mãe dela colocou o buquê sobre a cômoda e passou o braço ao redor dos ombros de Savannah.

— Seja lá o que for que ele fez, está muito arrependido, lindinha.

— Ele gritou comigo e me fez chorar.

— Acho que ele não quis dizer seja lá o que for.

— Ele acha que eu quero que ele mude.

— Mas é claro que você quer — sua mãe disse com naturalidade, limpando as lágrimas de Savannah com a ponta do avental de estampa de girassóis. — Todos nós queremos mudar os homens que amamos. Deixar nossa marca neles.

— Eu não amo...

— Claro que não. Eu estava apenas generalizando. — Judy puxou a filha para seu lado. — Seu pai? Ele costumava fazer uma coisa horrível com o palito de dentes quando começamos a sair. Depois de jantar, ele cobria a boca com uma mão e palitava os dentes com a outra. Bem, uma vez ele fez com tanta força que o palito quebrou entre seus dois dentes da frente, deixando uma farpa e uma gengiva tão inchada, que ele não conseguiu comer carne durante três dias. Cinco dias depois, lá vinha o palito novamente. Então eu disse: ‘Francis Andrew Carmichael, se você colocar esse pedaço de madeira nos dentes outra vez, eu vou embora’.

— O que aconteceu? — perguntou Savannah, plenamente consciente de que Asher devia estar suando lá embaixo.

— Ele me disse que eu não tinha o direito de lhe dizer o que fazer e começou a usar os malditos palitos. Não nos falamos por uma semana. Quando ele me ligou para me convidar para jantar novamente, eu disse que sim. Depois do jantar, ele cruzou as mãos sobre a mesa e sorriu para mim. Não havia nenhum palito de dentes à vista, e nós não compramos nenhum nesses felizes trinta anos de casamento.

— Mas agora não se trata de palitos. Mas de mãos biônicas.

— Vocês, crianças, com seus brinquedos eletrônicos.

— Mãe!

Judy ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Não importa, lindinha. Seja o que for, dá para ser consertado. Principalmente porque você parece ainda mais infeliz do que ele.

Sua mãe a beijou no topo da cabeça e, em seguida, saiu do quarto.

Savannah olhou para as flores novamente, enxugando as lágrimas remanescentes, e sorriu. Ele tinha levado flores, era um bom começo.

Respirou fundo, olhando-se no espelho. Estivera em seu quarto a manhã inteira e ainda estava vestindo pijamas. Precisava se trocar.

Ou não?

Olhou para si mesma pelos olhos dele, passando por seu *short* curtinho de seda vermelha e para o *top* igual em renda. Inclinou a cabeça para o lado, virou-se e desceu as escadas.

Aquilo serviria muito bem para ele.

Oh, meu Deus!

Ele nunca vira nada tão *sexy* quanto Savannah Carmichael, de pé na sala de estar dos pais, com as mãos nos quadris mal cobertos por um pedaço de tecido de seda vermelha, que pendia frágil e escorregava por suas curvas. Era dessa imagem que ele se lembraria quando exalasse seu último suspiro.

— Obrigada pelas flores — ela disse com frieza.

— Obrigado pela vista — ele disse, com bem menos frieza.

— Você me fez chorar — ela retrucou —, e eu geralmente não sou uma chorona.

— Bem, claramente isso me torna um idiota. Por isso, as flores.

— Sem mencionar sua vinda à cidade.

Será que ela estava impressionada por ele ter ido à cidade novamente? Por favor, Deus, faça com que ela fique impressionada. Contudo, ela não aparentava muito isso. Ele, por outro lado, fora reduzido a mingau no exato segundo em que ela entrou na sala, com aquela roupa mínima e o cabelo despenteado.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas. Não podia esperar até amanhã.

— Amanhã?

— Jantar de domingo. Se eu ainda estiver convidado.

Ela suspirou.

— É claro que está convidado.

Ele abriu os braços para ela, que caminhou até ele, propositadamente envolvendo sua cintura com os braços, deixando-o puxá-la contra seu peito.

— Sinto muito, querida — disse ele, beijando-a na cabeça e falando baixinho contra seu cabelo. — Eu não quis dizer o que disse. — Ela mexeu o pescoço para que sua bochecha descansasse em seu ombro, e ele passou a mão demoradamente por aquele tecido elegante em suas costas, pensando o quanto a sensação de tê-la novamente nos braços era incrível. — Sou um pouco resistente a mudanças.

— Mudanças podem ser boas — ela disse em voz baixa, o que o fez segurá-la apertado.

— Eu sei. Estou trabalhando nisso. Prometo.

Ela se inclinou para trás, para olhar em seus olhos, e o momento pareceu incrivelmente íntimo, como se eles estivessem conectados em um nível visceral, como se fossem dois pedaços improváveis de um todo — duas pessoas danificadas, que tinham voltado para casa para se esconderem do mundo e, de alguma forma, encontraram-se.

— Asher, eu não quero mudar quem você *é*. *Gosto* de quem você *é*. Na verdade, *eu mais do que gosto*. E é claro que não presumo saber pelo que você passou, mas o que você quer para si mesmo? Mãos biônicas? Segundas chances? Também quero isso para você.

Ele não podia continuar segurando-a em seus braços por mais tempo sem saboreá-la. Deixou, então, que seus lábios caíssem sobre os dela e beijou-a longamente, derramando todos os medos da noite anterior, sentindo-se aliviado. Memorizou a sensação dela consigo, a forma como se sentia ao ter aquela suavidade pressionada contra ele. Algum dia, quando ela embarcasse em um avião para Phoenix, ele iria sobreviver com essas pequenas lembranças, aqueles preciosos momentos com ela.

— Você é uma alienígena — ele sussurrou em seu ouvido, depois de morder sua orelha, fazendo-a estremecer. — Admita.

— Lisonjeador — disse ela, com sua voz baixa e cheia de luxúria. — Eu invoco a Quinta Emenda sobre meu *status* de alienígena.

— Está um belo dia para um passeio — ele disse, descansando os lábios

contra o punho dela, enquanto os dedos de Savannah mantinham-se entrelaçados ao redor de seu pescoço, com seus polegares fazendo coisas cruéis com sua pele e seu cabelo. — Eu poderia levantar a capota. Poderíamos sair da cidade. Só eu e você. Comprar coisas para um piquenique, encontrar um local e ficarmos juntos até anoitecer.

Ele não fazia ideia de onde aquelas palavras tinham surgido. Quando dirigiu até a casa dela, não tinha a intenção de convidá-la para passar o dia com ele, muito menos passar horas fora de casa. Mas ao vê-la como estava, sentindo-se como se sentia, dizer adeus passou a parecer impossível. Queria mostrar-lhe que não era um covarde cem por cento — ele podia não gostar de se misturar com os cidadãos de Danvers, mas era perfeitamente capaz de deixar sua casa por algumas horas, não era?

— Seu BMW é conversível? — ela perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, senhora.

— Gosto de carros alemães bem rápidos.

— Dirigindo ou no carona?

— Ambos.

— Isso é um pedido?

— Hum-hum.

— Eu amo meu carro, Savannah. Não sou um homem superficial, mas amo esse veículo. Como é seu histórico de condução?

— Essa pergunta é de um homem que me fez chorar?

— Eu adoraria que você dirigisse meu carro para o mais longe e na velocidade que quiser — ele emendou.

Ela se inclinou para trás e deu uma piscadinha para ele.

— Foi o que pensei. Me dá um minuto para trocar de roupa?

— Precisa mesmo?

— Temo que sim.

Ela se afastou de seus braços, mas ele a chamou quando ela chegou à base das escadas.

— Savannah?

Seus olhos marrom-café estavam arregalados e animados quando ela se virou para encará-lo, e o coração de Asher se inchou de amor. Ela poderia ter-lhe feito suar. Poderia ter exigido mais desculpas, tê-lo feito implorar por seu perdão. Mas aquele não era o tipo da sua garota. Não a sua Savannah.

— Obrigado.

Na manhã seguinte, Savannah esticou-se languidamente em sua cama, sorrindo mesmo antes de abrir os olhos.

Seus sonhos basicamente repassaram cada detalhe de seu passeio de carro com Asher, de forma impressionantemente colorida. Seu corpo estava quente e insatisfeito, mas seu coração transbordava com o florescimento de seus sentimentos por ele. Cada minuto que passavam juntos só servia para torná-lo mais permanente em sua vida. Tentou não pensar em Phoenix. Não podia imaginar-se indo para longe dele, mas também não poderia se afastar de sua carreira. Calmamente esperava que uma solução se apresentasse, porque deixar Asher parecia cada vez mais improvável.

Depois que ela sentou-se atrás do volante de seu BMW conversível, virou o carro a noroeste, na Rota 460, para a Jefferson National Forest, onde passaram o dia conduzindo através de Appalachia, com o sol em seus rostos e o vento em suas costas. Aquele carro era como um sonho, e sua mão quente parecia no lugar certo, em sua coxa, tornando-a consciente da presença dele ao seu lado, como se não pudesse deixar que o carro a seduzisse, quando ele estava bem ali.

Compraram sanduíches e café em um *drive-thru*, e encontraram um lugar isolado, perto de um rio, para abrirem uma toalha.

Savannah sentara com a cabeça de Asher no colo. Óculos de aviador obscureciam os olhos dele e o deixavam tão malditamente sexy, que ela se sentiu excitada o dia inteiro.

— Vamos fazer isso na próxima semana também — ele disse, quando ela gentilmente afastou alguns fios de cabelo de sua testa.

O coração de Savannah afundou no peito.

— Não vou poder.

— Oh... — Um único som, repleto de decepção.

— No próximo final de semana será a festa de despedida de solteira da minha irmã.

— Vegas?

— Por que todos pensam em Vegas?

— Acho que é porque o que acontece lá, fica lá — ele disse secamente.

— Não vamos para Vegas.

— Graças a Deus.

— Myrtle Beach — ela suspirou. — Vamos ficar em um apartamento de três quartos no Strand. Nove meninas.

— Nove? Sua irmã terá oito *damas de honra*?

— Minha irmã terá nove *damas de honra* e duas *madrinhas*⁴. *Três delas não poderão ir.* — Savannah parou por um momento, considerando suas próximas palavras. — Trent e seus padrinhos também irão.

Asher não disse nada de imediato. Quando o fez, seu tom estava sério.

— Vários corpos em um apartamento de três quartos.

— Os meninos estão alugando a casa ao lado.

— As despedidas de solteira não são geralmente planejadas sem o noivo?

— Scarlet disse que iria sentir muito a falta dele.

— Então os irmãos Hamilton estarão lá? — perguntou Asher. — Assim como todos os outros homens solteiros, de boa aparência e bem-sucedidos de vinte e poucos anos de Danvers. Espero que você tenha ótimos dias, Savannah. — Ele sentou-se, virando-se de costas para ela. — Acho que nós deveríamos voltar.

— Acho que sim — disse ela.

Ela não estava confusa pela reação dele. Ele não gostou da ideia de que ela passasse o próximo fim de semana com quase uma dúzia de homens atraentes e elegíveis. Savannah compreendia. Mas não pediu desculpas, porque não tinham prometido nada um ao outro. Estariam namorando? Quase isso. Exclusivos? Não que ela soubesse. Ela não tinha usado a palavra *namorado*, nem ele tinha usado a palavra *namorada*. E, francamente, apesar do crescimento de

seus sentimentos por ele, ela não tinha certeza se estava pronta para ser exclusiva. Descobrir novos sentimentos era uma coisa. Mudar seu status do *Facebook*? Isso seria mais real.

Para seu crédito, ele não ficara amuado por mais do que alguns minutos, e eles logo entraram naquela conversa fácil quando ele assumiu o volante do carro e os levou de volta para Danvers.

Ela olhou no relógio da mesa de cabeceira. Teria que ir à igreja em uma hora — preço não negociável por morar na casa dos pais — e jantar de domingo algumas horas depois. Tempo suficiente para que ela colocasse suas anotações em ordem para a próxima edição de “*Asher Adam & Savannah Cassandra: Uma história de amor totalmente americana*”.

A Srta. Potts saiu da cozinha segurando dois pratos cobertos.

— A torta de pêssgo da sua mãe e o bolo “Comida infernal dos Amish”

Asher sorriu.

— “Comida infernal dos *Amish*”?

— Sempre amei a maldade nesse nome — disse ela. — Não se pode usar uma batedeira para prepará-lo, porque os Amish não têm eletricidade, e era um inferno bater a massa com um misturador de mão. Eles passaram, então, a usar café quente para misturar os ingredientes e conseguir uma boa consistência.

Ele teve um *flashback* de si mesmo, quando menino, sentado no banco de trás do carro de sua mãe, enquanto ela falava sobre técnicas de cozimento. A amizade de longa data entre sua avó, Frances Sherman, e Matilda Potts significava que a Srta. Potts muitas vezes dizia e fazia coisas que o faziam lembrar de sua mãe, Pamela Sherman Lee, tanto que, às vezes, chegava a perder o fôlego. Ele se inclinou e beijou-a na bochecha.

— Ela estaria agradecida, você sabe.

— Sua avó foi a melhor amiga que eu já tive, e sua mãe era como uma sobrinha para mim — disse a Srta. Potts suavemente, limpando seus olhos lacrimosos. Em seguida, ajeitou o colarinho da camisa polo de Asher. — Você

está bonito.

— Você é uma mentirosa.

— A beleza está nos olhos de quem vê, Asher. E eu vejo o modo como Savannah Carmichael olha para você.

— Isso pode não durar — ele disse suavemente, sentindo o desespero sempre que tentava, cada vez com menos sucesso, manter-se são.

— Não se preocupe com isso hoje — disse a Srta. Potts, guiando-o até a porta. — Você vai passar boas horas com ela.

— Boas horas? Eu só gostaria de ter uma máscara.

— Desnecessário. Os Carmichael são boas pessoas. Eles criaram Savannah, não?

Uma hora mais tarde, sentado ao lado de Savannah na mesa de jantar de seus pais, com um prato cheio de presunto, batatas, milho e biscoitos, ele ficou surpreso ao descobrir que a Srta. Potts estava certa. Os Carmichael *eram* boas pessoas, e depois das reações incômodas, mas relativamente bem disfarçadas, ao seu rosto, que ele percebeu durante os cumprimentos, eles não o fizeram sentir-se desconfortável outra vez. Notou que os olhos de Scarlet Carmichael ocasionalmente se desviavam muito rapidamente enquanto ele falava e enxergou uma suavidade simpática nos olhos de Judy Carmichael. Mas com Savannah ao seu lado, muito *sexy* em um vestido preto de algodão, e com sua coxa pressionada contra a dele? Ele repetiria aquele jantar a qualquer momento.

O único problema de Asher era com Trent Hamilton, que parecera francamente enojado na primeira vez em que examinou o rosto de Asher, e estremeceu teatralmente mais algumas vezes depois. Somente quando os Carmichael não estavam olhando, é claro.

— Vanna, querida, meu irmão Lance mal pode esperar para se encontrar com você novamente no próximo final de semana em Myrtle Beach — disse Trent, lançando a Savannah seu sorriso de um milhão de dólares.

— Se a memória não me falha, Lancey era um pouco ‘mão boba’ — disse Savannah, olhando para Trent com repreensão.

— Isso foi porque ele gostou muito de você. — Trent puxou Scarlet para si em exibição. — Os rapazes Hamilton e as meninas Carmichael combinam como ervilhas e cenouras.

Savannah endireitou-se na cadeira, ignorando-o, e virou-se para Asher.

— Você já esteve em Myrtle Beach?

Asher acenou com a cabeça, pensando que poderia dar uma bela lição em Trent, se o rapaz continuasse a provocá-lo. Eles poderiam sair da casa, e Asher poderia reorganizar o rosto de Trent rapidamente para que ele aprendesse.

— Particpei de um acampamento militar em Fort Jackson, um pouco abaixo da Carolina do Sul. Myrtle Beach ficava a três horas de distância e, por isso, fomos até lá algumas vezes. Já esteve no exército, Hamilton?

— Não, senhor — respondeu Trent, com os olhos apertados. — Você se importa se eu chamá-lo de senhor? Gosto de mostrar respeito pelos mais velhos.

— Tudo bem, garoto — respondeu Asher suavemente, voltando-se para Savannah, que revirou os olhos por conta das babaquices do cunhado. — Adorei Strand à noite. A forma como o cheiro de algodão doce e bolos de chocolate se misturavam ao cheiro da água salgada e protetor solar no verão... As luzes cintilando... A música...

— Meu Deus, Frank! — Judy exclamou. — Você se lembra da semana que passamos em Myrtle Beach antes de as meninas nascerem?

Os olhos do Sr. Carmichael suavizaram quando ele olhou por cima da mesa para ela.

— Eu me lembro, minha flor.

— Você está certo sobre o algodão doce, Asher — disse Judy. — Será que vocês viram o filme *Sol, Praia e Amor*? Eu amo esse filme.

— É o favorito dela — disse Savannah, voltando-se para Asher com olhos brilhantes.

— Em homenagem à despedida de solteira, no próximo final de semana, acho que podemos fazer uma sessão de cinema em família — disse Judy.

— Oh, senhor! — suspirou Frank.

— Sessão de cinema em família? — perguntou Asher, inclinando-se para Savannah.

— Papai coloca um lençol branco contra a casa, Mama faz pipoca e nós nos sentamos no gramado para assistir *Sol, Praia e Amor*. Fazemos isso pelo menos uma vez por verão. Às vezes duas ou três vezes. Sei de cor cada fala

desse filme.

— Você sabe trabalhar bem a massa⁵? — Asher perguntou, dando um sorrisinho maroto para ela.

— Claro. Mama nos ensinou. E você?

— Sim. Mas hoje em dia não posso. Não mais.

— Claro que você pode. Vamos devagar.

Ele se inclinou um pouco mais, porém parou quando percebeu que estava a ponto de beijá-la na mesa de jantar, na frente de toda a sua família.

— Eu quero te beijar — ele sussurrou.

— Mais tarde — disse ela, remexendo-se em seu assento, de modo que sua coxa esfregou contra a dele.

— Então está resolvido — disse Judy, sorrindo para Frank, que parecia muito cansado. — Quinta-feira à noite! Um pouco antes de vocês pegarem a estrada na sexta de manhã, meninas. Claro que vocês virão, certo, rapazes?

Asher olhou para Trent, cujos olhos semicerraram em completo desgosto, antes de olhar para Judy e ligar seu charme.

— Ah, eu estarei aqui, Sra. Carmichael. Não perderia isso por nada.

Ela sorriu educadamente para Trent, antes de se virar para Asher.

— E você, Asher?

A mão de Savannah apertou a dele por debaixo da mesa, dando-lhe a coragem de concordar com outra expedição à cidade.

— Obrigado, Sra. Carmichael. Não consigo pensar em nenhum lugar onde eu gostaria mais de estar.

Depois do jantar, Trent e Scarlet saíram rapidamente, indo para a cidade vizinha para um churrasco com amigos, e Savannah convidou Asher a juntar-se a ela no balanço da varanda antes de se despedirem.

— Adorei você ter vindo jantar conosco — ela disse quando ele entrelaçou os dedos nos dela, enquanto empurrava o balanço para que se movimentasse suavemente. — Sei que não deve ter sido fácil para você.

— Você torna tudo mais fácil para mim — disse ele. — E sua família é ótima.

— Scarlet estava um pouco quieta. E Trent... — Seu tom era de desculpas, mas ela acabou dando de ombros. — Ele não é de todo mau.

— Tenho certeza que não — disse Asher, sentindo-se um pouco irritadiço. Trent Hamilton era exatamente o tipo tacanho e idiota da cidade que Asher preferia evitar.

— É verdade. E ele ama Scarlet.

— Parece que sim.

— Minha mãe adorou ter você aqui.

Ele soltou a mão dela e colocou o braço ao seu redor, puxando-a para perto e adorando quando ela colocou a cabeça em seu ombro.

— Estamos na metade da entrevista — disse ele. — Você já escreveu alguma coisa?

— Algumas.

— Vai me deixar ler?

— Ainda não — ela respondeu rapidamente.

Ele apertou-lhe o ombro. Podia respeitar isso: ele também não iria querer ter alguém lendo seu trabalho antes de este estar acabado. Ficaram, então, se balançando por alguns minutos. Os irrigadores do jardim faziam uma sinfonia calmante enquanto crianças montavam em suas bicicletas na frente da casa de Savannah e um carro desconhecido seguia pela rua tranquila e arborizada. Já fazia muito tempo desde que Asher passara uma tarde com outras pessoas. Parecia familiar e novo ao mesmo tempo. Reconfortante e assustador.

— Para onde estamos indo com isso, Savannah?

— Eu não sei — disse ela, com uma voz grave e insegura, ainda encostada em seu ombro. Após uma longa pausa, ela olhou para ele. — E você?

Ele balançou a cabeça tristemente, incapaz de olhar em seus lindos olhos.

— Não.

Isso não era inteiramente verdade, no entanto. Ele fazia uma boa ideia de onde *queria que aquilo fosse*. Não queria que ela saísse de Danvers. Não queria que ela o deixasse para trás. Pensar em continuar sua vida sem ela era tão doloroso que era quase impensável. Ele a segurou mais perto de si.

— Talvez devêssemos desacelerar um pouco? — ela perguntou. — Até descobrirmos?

Ele fez uma careta. Essa definitivamente não era a resposta que ele estava esperando. Uma grande decepção o invadiu quando ele assentiu educadamente, beijando-a na testa antes de liberá-la e levantar-se.

— Vejo você amanhã?

— Claro — ela respondeu, surpresa com aquele adeus abrupto e olhando para ele com olhos perturbados, conforme ele descia os degraus da varanda e se dirigia ao carro.



Capítulo Dez

A primeira vez que você fica nua na frente dele e não sente um pingo de insegurança

Savannah passou as tardes de segunda e quarta-feira entrevistando Asher, mas depois de sua bomba sobre “desacelerar as coisas”, na tarde de domingo, algo havia mudado entre eles. Asher estava se segurando, e suas reuniões passaram a ser novamente confinadas ao seu escritório. E, francamente? Ela odiava cada minuto. Ir devagar em uma situação como aquela sempre pareceu a coisa sensata a fazer quando havia incertezas. Mas a química entre eles era tão palpável, e as lembranças de seus toques eram tão reais, que aquela história de desacelerar as coisas a estava matando. Possivelmente também devia estar matando-o, embora ele tivesse saído de seu caminho para respeitar seus desejos.

Ele não colocou o braço ao redor de seu corpo nem segurou sua mão, enquanto estavam sentados atrás do pai dela, de sua irmã e Trent no quintal, assistindo ao filme, na quinta-feira à noite. Então, quando ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido, enquanto os dois protagonistas começaram a se beijar na tela, a respiração de Savannah se acelerou de alívio e prazer.

— Venha para casa comigo depois — ele disse em voz baixa.

— Saio para Myrtle Beach amanhã cedo — ela sussurrou de volta, tentando não gemer com a sensação de seus lábios em sua orelha. O calor de sua respiração fez seu coração acelerar e sua pele formigar.

— Venha de qualquer maneira. Posso te trazer para casa quando quiser.

Ela respirou profundamente e de forma irregular. Ela o queria. Muito. Muito mais do que já quis alguém alguma vez — os meninos ansiosos da escola, os eruditos da faculdade, os homens sofisticados de Nova York. Nenhum deles fazia seu coração apertar como Asher. Nenhum deles fazia com que se sentisse daquela maneira. E talvez ela realmente não pudesse tê-lo para sempre, mas não importava o que acontecesse depois que o artigo fosse publicado, não queria desacelerar. Queria ficar com ele.

— Ok.

Ele suspirou ao lado dela, pegando sua mão. Ela entrelaçou os dedos nos dele e deixou que ele pousasse a mão na coxa dele. Era quente e firme, e o desejo rugiu dentro do estômago de Savannah, tornando impossível se concentrar no filme. Tudo o que ela queria era pular no carro lindo dele, deixar que ele conduzisse até sua casa e permitir que a levasse pelas escadas até o seu quarto.

Ela se aproximou um pouco de Asher na cadeira de dois lugares, para que seus lábios estivessem bem próximos ao ouvido dele.

— Asher.

— Savannah.

Ele olhava para a tela agora, mas seu peito se movimentava mais rapidamente do que minutos antes, e sua mandíbula estava rígida. Sua mão segurava a dela com uma pressão mais definida, e ela se inclinou na direção dele, com sua respiração tocando seu ouvido.

— Só para que você saiba, eu odeio a ideia de desacelerar.

— Somos dois — ele disse com a voz rouca.

Ela mordeu o lóbulo da orelha dele suavemente.

— Eu poderia ficar com você a noite inteira.

Ele se encolheu e umedeceu os lábios, recusando-se a olhar para ela. Mas ela pôde sentir o movimento em suas calças bem perto de sua mão, tentando não sorrir. A mente dele estava tão suja quanto a dela.

— Tudo bem por mim.

— Mas sexo ainda está fora de cogitação por enquanto — disse ela, enquanto sua língua lambia o pequeno espaço sensível de pele onde sua bochecha e sua orelha se encontravam.

Ele gemeu baixinho.

— Isso é uma pena.

— Não seja ganancioso — disse ela, brincando.

Ela não tinha pensado nisso. O problema de ter relações sexuais com Asher era que agora eles tinham deixado a fase de sexo casual para trás, há vários dias. Muitos sentimentos pairavam entre eles naquele momento; sentimentos intensos que ainda não tinham sido articulados, que poderiam prejudicá-los se houvesse algum mal-entendido entre eles. Será que gostavam um do outro? Sim. Será que estavam apaixonados? Sim, senhor. Mas o resto ainda estava apenas despertando. Ela não era sua namorada, e eles não tinham nenhum compromisso. Sexo naquele momento poderia partir o seu coração. E uma vez que os sentimentos de Savannah ainda estavam crus por conta do engano e da traição de Patrick, não podia arriscar seu coração tão cedo. E certamente não com Asher, que significava mais e mais para ela a cada dia que passava. Ela não tinha certeza se poderia se recuperar se Asher a machucasse, e essa parte a assustava muito.

— Temos alguma outra coisa fora de cogitação? — perguntou ele, com as narinas dilatadas, enquanto seus olhos permaneciam focados na tela.

Savannah se inclinou para frente, até que seus lábios roçaram em seu ouvido novamente.

— Não.

Sua respiração acelerou-se ainda mais, e ele apertou a mão dela, virando-se lentamente.

— Nós precisamos ir. Agora.

Sua voz, baixa e exigente, fez os músculos do corpo de Savannah se retorcerem em antecipação. Ela mordeu o lábio inferior.

— Não deveríamos assistir ao resto do filme?

— Não.

Mesmo na penumbra, ela pôde perceber o desejo feroz em seus olhos, provavelmente espelhando o seu próprio. Eles não tinham feito nada desde o piquenique no sábado, e estavam prestes a ficar separados por três dias. Ela conseguia entendê-lo; estava tão desesperado para ficar sozinho com ela quanto ela estava para ficar a sós com ele.

Tomando a decisão pelos dois, ele se levantou, puxando-a consigo. Eles passaram por Scarlet e Trent, que estavam aninhados no banco logo em frente a eles, parando bem atrás da cadeira de Judy.

— Mãe — sussurrou Savannah, colocando as mãos sobre os ombros de sua mãe e sussurrando em seu ouvido. — Asher está com dor de cabeça.

Judy afastou os olhos da tela, olhando para Asher em desânimo.

— Oh, Asher! Sinto muito, querido. Volte novamente em breve, sim?

— Sim, senhora. E obrigado por me receber.

— Chegarei em casa tarde, mamãe — disse Savannah, sem hesitar. — Não espere por mim.

Antes que sua mãe pudesse dizer qualquer coisa, Savannah foi puxada para fora da casa, sentindo o coração disparar quando Asher ligou o carro e partiu para sua casa.

Eles seguiram em silêncio, com uma tensão palpável e quente entre eles, conforme Asher trocava a marcha do carro da terceira para a quarta, da quarta para a quinta, correndo pelas estradas estreitas e escuras em direção à sua casa. Aquela palavra terrível, “desacelerar”, vinha torturando Asher desde domingo à tarde, e depois de três longos dias afastados, ele não podia deixar passar a oportunidade de tê-la para si outra vez. Odiava que ela estivesse prestes a ir para Myrtle Beach com um grupo de homens bonitos, então, o mínimo que poderia fazer era se assegurar que não houvesse espaço para ninguém mais na cabeça dela. Apenas ele.

Ele mal estacionou em sua casa e, quando desligou o motor, o silêncio era esmagador. Ele limpou a garganta, resistindo à tentação de tocá-la de imediato.

— Estou feliz que tenha vindo para casa comigo.

Ela respirou fundo e olhou para a casa.

— Odeio saber que não vou vê-lo até segunda-feira.

Ele estendeu a mão para o rosto dela, acariciando sua bochecha, e virou-se para encará-la.

— Eu também.

Ele se inclinou para frente e tomou o lábio superior de Savannah entre os dele, entrelaçando seus dedos nos fios de cabelo dela, enquanto ela gemia baixinho e se inclinava também em direção a ele. Ela estendeu a mão para segurar seu rosto, aprofundando o beijo, saboreando sua boca e sorrindo. Aquela mulher tinha gosto de pipoca e manteiga, e ele nunca imaginou que assistir a um filme pudesse ser algo tão perfeito.

— Mesmo tendo te visto, senti sua falta — ele murmurou, traçando sua mandíbula com beijinhos.

— Eu também — ela suspirou, inclinando a cabeça para trás, para dar a seus lábios e língua um melhor acesso ao seu pescoço. — Foi um inferno vir até aqui na segunda e quarta, desejando que você me beijasse assim. Mal pude me concentrar na entrevista. Apenas continuava desejando que você me agarrasse e me beijasse, que me dissesse: “Para o inferno com essa história de desacelerar, Savannah”. É terrível sentir tantas coisas tão rápido. — Ela respirou pesadamente contra seu pescoço, enquanto a mão dele deslizava sobre seus seios, ultrapassando o tecido da blusa preta. A pele de sua barriga estava tão quente e macia, que ele desejou saborear aquele calor um pouco antes de passar aos seios. Moldou a carne macia debaixo de sua mão e sentiu quando ela arfou, o que lhe roubou o ar.

— Savannah — ele gemeu, mordendo o lábio superior dela, fazendo-a sentir o mamilo se enrijecer como mármore sob a renda do *soutien*. — Você me deixa tremendamente excitado.

— Lá em cima — ela murmurou. — Sua cama. Agora.

Ele se afastou dela, ofegante, estendendo a mão para abrir a porta, mas sem deixar de olhá-la. Em seguida, deu a volta no carro para abrir a dela. Quando ela saltou, ele a puxou contra si, sem dizer nada, porque não se conteve e precisou beijá-la lenta e profundamente ao luar. Ele nunca conhecera um desejo como aquele e tentou buscar em seu cérebro uma explicação, tentando

entender se aquilo o consumia de forma tão profunda só porque estivera sem algo parecido por tanto tempo. Sua resposta veio rapidamente. Era maravilhoso ter uma mulher bonita em seus braços, sim, mas esses sentimentos não seriam iguais por outra garota.

Eles eram por Savannah.

Savannah, que surgira em sua porta com brownies quando todo o resto da cidade se afastara. Savannah, que lhe oferecera sua mão esquerda em saudação no momento em que o conheceu. Savannah, que cheirava a limões e amava os livros, e que tinha voltado para a cidade para se esconder. Savannah, que era como uma pedra quente, afiada e cheia de fogo. E Savannah, que ficava desejosa e flexível em seus braços, que o deixava beijá-la e, de algum modo, milagrosamente, o queria tanto quanto ele a queria.

Até o momento em que se afastou dela, estava tão duro e tão pronto para enterrar-se dentro dela que era quase doloroso. Por que ainda mantinha o sexo fora de cogitação? Isso o incomodava, porque cada instinto masculino em seu corpo o instigava a fazer amor com ela, mas ele nem sabia o motivo. Será que ela não *queria*?

Ele respirou fundo, afastando-se para olhar para a lua cheia antes de voltar o olhar para o rosto adorável dela. Ele ergueu a mão para sua mandíbula.

— Você é linda o tempo todo. Mas parece um anjo à luz do luar.

Ele estremeceu com uma entrega sentimental, mas seus sentimentos eram estupidamente assustadores e estavam mudando rapidamente de admiração para paixão e para amor. Ele podia sentir isso acontecendo. Estava sendo levado por eles a dizer coisas ridículas.

— Não sou nenhum anjo — ela disse suavemente.

— Você é — disse ele, levando a mão dela aos lábios. Ele estava se apaixonando por ela. Era inevitável.

Savannah o levou até a porta da frente, e ele a seguiu, fechando a porta atrás deles com o pé, começando a subir as escadas. Era incrivelmente sexy — incrivelmente sensual — saber que eles estavam seguindo pela escuridão de sua casa, dirigindo-se ao seu quarto. Ela abriu a porta do quarto, e ele a seguiu.

Seu peito subia e descia rapidamente, tanto pelo esforço de correr por toda a escadaria e pela galeria até chegar ao seu quarto quanto pela força de seus sentimentos e da necessidade desesperada por senti-lo, saboreá-lo, explorá-lo, para ter suas mãos, lábios e línguas em seu corpo. Ela se encostou à porta do quarto, arqueando as costas enquanto mantinha o olhar fixo nos olhos vorazes dele.

Asher deu um passo em direção a ela, colocando a mão na lateral de sua cabeça. Ele se inclinou para perto, sua testa encostando na dela com suavidade, com a respiração entrecortada, provocando os lábios. O meio de suas pernas roçou no dele através das calças. Respirações rápidas faziam seus seios subirem e descerem, com os mamilos roçando em seu peito, uma e outra vez, conforme ela inalava. O atrito tornou-se insuportavelmente difícil, deixando-a desesperada por sua mão e seus lábios para acalmá-la. Seus olhos olhavam profundamente para os dela na penumbra do quarto. As sombras do luar sobre seu rosto faziam parecer como se seu rosto não tivesse ferimentos.

— Asher — ela suspirou, olhando para ele com admiração, enquanto os dedos traçavam as linhas de seu rosto. — Você é lindo à luz da lua também.

Seus olhos brilharam com calor, e sua boca desceu, encontrando-se com a dela. O braço dele enganchou em torno de sua cintura, recuando, até que as pernas dele colidiram com a cama, caindo para trás, arrastando-a com ele, amortecendo a queda com seu corpo. Ele a virou, sem soltar seus lábios, mantendo seu corpo sobre o dela, enquanto saboreava sua boca. Sua mão deslizou por sob a camisa para agarrar seu seio.

Ela gemeu, arqueando-se contra ele, que empurrou o *soutien* para cima, tocando sua carne dolorida e baixando a boca para seu mamilo, sugando-o ferozmente com os dentes afiados e fazendo suas entranhas se revirem de excitação e necessidade. Ela passou os dedos pelo cabelo dele, frustrada e, em seguida, aliviada quando o calor de sua boca se moveu de um seio para o outro. O polegar e o indicador beliscaram a umidade escorregadia de um, enquanto ele se empenhava no outro, girando a língua sobre ele, então, o lambeu em círculos lentos até que ela pensou que iria perder a cabeça.

Seus quadris se moviam ritmicamente sob ele, arqueando contra a dureza de sua ereção, conforme ele a sugava com mais força, enquanto sua mão deslizava por sua barriga só para deslizar até o elástico de sua calcinha. Ela arfou, em surpresa, quando ele encaixou os dois dedos dentro dela, fazendo-a fechar os olhos e gemer de prazer, apertando os músculos em torno daquela

intrusão bem-vinda.

— Deus, Savannah, você está tão molhada. Tão apertada!

Suas palavras a excitavam ainda mais, e ela mordeu o lábio inferior, enquanto os lábios dele desciam pelo corpo dela, beijando o tronco e sua barriga levemente, lambendo o círculo ao redor de seu umbigo. Ela passou a mão pelos próprios seios túrgidos, provocando seus mamilos úmidos com os dedos antes de deslizar até a sua cintura. Ela queria que ele tivesse acesso total. Arqueou-se, tirando seu *short* e sua calcinha, rebolando um pouco para que eles saíssem por seus joelhos. Asher retirou os dedos, arrastando o *short* e a calcinha por seus pés, antes de arrastar Savannah para a beira da cama, ajoelhando-se à sua frente, no chão. Ele agarrou sua perna esquerda e começou a beijar uma trilha, do tornozelo ao joelho, e, em seguida, ele posicionou esta perna por cima do ombro, fazendo o mesmo com a direita.

Oh, meu Deus, ela pensou. Ele vai...

E, então, a mente de Savannah simplesmente se perdeu.

Assim que ela se abriu para ele, os dedos de Asher abriram sua vagina, e sua língua encontrou o botão latejante de seu sexo. Quando ele encostou a língua em sua pele febril, Savannah arqueou o corpo, agarrando o cabelo dele, enquanto choramingava e gemia seu nome.

Savannah já tinha experimentado momentos embaraçosos com sexo oral em sua vida, porém, quando ele pousou os lábios em seu clitóris, estrelas começaram a piscar e queimar atrás de seus olhos. Assim, quando ela já estava prestes a chegar ao limite da sanidade, ele penetrou novamente os dois dedos dentro de seu calor molhado, e ela sentiu quando seus dentes morderam a carne inchada.

— Asher! — ela gritou quando seu corpo inteiro convulsionou contra sua boca, pulsando e relaxando em ondas de prazer repetidas. Cada músculo em seu corpo cerrou-se, vibrando ritmicamente contra ele, quando experimentou o orgasmo mais alucinante de sua vida.

Ela caiu flácida e sem vida quando ele voltou à cama, puxando-a para ele. Ele começou a tirar sua blusa e *soutien*, passando-os por sua cabeça. Savannah percebeu que estava completamente nua agora, completamente satisfeita em sua cama, e não conseguia se lembrar de ter confiado em outro homem de tal maneira. Asher tocou-lhe da forma como um homem toca uma mulher que ama. Ele tocou-lhe como se ela fosse preciosa para ele, e embora

eles não tivessem feito declarações formais de suas intenções, ela queria acreditar que era verdade. Seu braço a puxou firmemente contra seu corpo, e ela instintivamente aninhou-se contra o calor de seu peito másculo, esperando acalmar os calafrios e tremores restantes.

Sua respiração finalmente começou a voltar ao normal.

— Meu Deus — ela murmurou, remexendo-se um pouco e arrastando os seios contra o peito dele, em um tipo específico de tortura. Ele ainda provava a doçura salgada dela em sua boca, o que o deixava tão duro que chegava a surpreendê-lo o fato de ainda haver algum resquício de sangue em sua cabeça para formar um pensamento coerente.

— Já está bom — ele disse, enquanto sentia o aroma de limão de seu cabelo, o que o provocava impiedosamente.

— Como você aprendeu a fazer isso? — ela perguntou, com olhos arregalados e impressionados. O cabelo dela estava todo desganhado e tão *sexy* que o deixou sem fôlego. *Eu fiz isso. Eu a deixei assim.* — Só com uma mão, nada mais.

— Eu não estava usando apenas a mão.

— Não brinca.

A língua dela tocou seu pescoço, e dardos de prazer escaparam de seu pescoço para sua virilha. Ele estava indeciso entre levantar-se para tomar uma ducha muito fria ou esperar para ver o que ela faria em seguida. A ansiedade o estava matando.

— Asher?

— Sim.

— Só tem uma coisa fora de questão nesta noite, não é?

Sua respiração se acelerou.

— A menos que você tenha mudado de ideia.

— Não. Mas todo o resto pode acontecer, certo? — ela ronronou, enquanto seus dentes puxaram o lóbulo da orelha dele.

— Praticamente — ele gemeu.

— E já que temos que ser justos... — Os lábios de Savannah se arrastaram por seu pescoço, deixando beijinhos, assoprando, o que fez com que os pelos em seu braço se eriçassem, enquanto arrepios corriam por suas costas.

— Justos? — ele murmurou sem fôlego, perdendo o fio da conversa.

— Então é a sua vez, não é?

Seu pulso acelerou quando todo o resto de sangue em seu corpo foi jogado às pressas para seus quadris, fortalecendo sua ereção que já latejava dolorosamente.

Savannah beliscou seu mamilo e começou a deixar beijos por seu peito, fazendo seus músculos se flexionarem sob sua boca. Ela beijou seu abdômen trincado, correndo os dentes levemente pela pele dele, enquanto a mão dela deslizava pelo torso dele. Ele prendeu a respiração quando sentiu a mão dela entrar em suas calças.

A outra mão foi até o zíper, enquanto ele se abaixava para empurrar suas calças *jeans*. Era um gesto mais demonstrativo do que útil, mas ele queria ficar nu para ela. Queria que ela fizesse o que quisesse com ele. Sentiu os dedos dela se engancharem no cós de sua *boxer*, puxando-a fortemente por suas pernas.

— Oh, uau — disse ela, com uma voz baixa. — Olhe para você.

Seus olhos se fecharam apertados, e um gemido gutural escapou de sua garganta quando ele sentiu o hálito de Savannah na ponta de seu pênis. Ela o tocou por inteiro com o nariz, subindo e descendo, e então...

— Oh, Deus — ele gemeu, preparando-se.

— Já está bom — ela brincou de volta.

E, então, sua língua o tocou, lambendo-o desde a base até a ponta, bem lentamente — ridiculamente lento, de modo que ele sentiu o calor de sua respiração misturar-se à umidade de sua boca. Arrepios se dispersaram através de sua pele quando ela finalmente o tomou em sua boca, com seus lábios molhados deslizando pelo seu membro rijo.

— Savannah... — Ele jogou o braço por sobre os olhos, quando sentiu a pressão entre as pernas. Asher queria que aquilo durasse para sempre, mas, porra! Já fazia tanto tempo que não sentia algo assim, e ela estava tão quente, que suas emoções estavam no limite.

A cabeça dela subia e descia, enquanto segurava o saco macio de pele com a mão. Ele se sentiu apertar e tensionar, estremecendo de prazer, mordendo os lábios até provar o gosto metálico de sangue. Savannah novamente levou seus lábios até a ponta, primorosamente beijando-o e repetindo o movimento.

Ele não conseguia mais se segurar. Estava bom demais, e já fazia muito tempo desde que alguém o amara assim.

— Querida, eu vou... — ele a avisou, sentindo quando a mão livre de Savannah começou a deslizar para cima por sua coxa, por seus quadris, até que foi descansar em seu coração, onde ele a reivindicou como sua. E, no final, foi a conexão, a intimidade de seus dedos entrelaçados, que o levou ao abismo.

Com um rugido baixo e gutural de rendição, ele entregou-se totalmente ao prazer de seu toque, gozando em sua boca, bombeando dentro dela, uma e outra vez. Com seus músculos flexionados, a parte superior de seu corpo se inclinou para frente, tremendo, até que seus tremores relaxaram e a boca de Savannah o soltou levemente. Ele caiu para trás no travesseiro, fisicamente exausto, esgotado. Ela tomara tudo o que ele tinha para dar, o que o deixou sem fôlego e morrendo de amor por ela. Quando ela engatinhou pela cama, ele ergueu-se de seu coma de prazer e virou-a ofegando e gemendo quando suas bocas se encontraram avidamente.

Ele provou seu próprio gosto na língua dela, o que o deixou rígido novamente, tendo sua ereção embalada contra o calor suave dos cabelos encaracolados entre seus quadris. Ele se balançava contra ela, que gemia baixinho contra sua boca, pousando as mãos em seus cabelos e beijando-o de volta.

— Savannah — ele disse. — Eu te desejo tanto... tanto, querida.

— Não. Não podemos ir até o fim — ela disse, ofegante, enquanto suas mãos deslizavam até os quadris dele. — Mas assim nós podemos.

Ele se apoiou no cotovelo, beijando-a enquanto a penetrava com os dedos, sentindo-se endurecer muito rápido, esfregando-se contra a mão dela. Asher levou a mão ao rosto de Savannah, afastando-se um pouco para olhá-la nos olhos, enquanto a via arquear. Movia-se ritmicamente, acariciando o botão de seu sexo com cada impulso, até que ela empurrou a língua dentro de sua boca, com unhas cravando-se em sua bochecha.

Ela estava molhada e escorregadia, e seus dedos deslizavam sem esforço para frente e para trás. Gemidos e choramingos saíam de sua garganta quando o

beijo começou a imitar o movimento de seus corpos.

Os gritos tornaram-se mais altos, e ele recuou um pouco para assistir o momento em que os olhos dela se fecharam e sua cabeça caiu para trás, batendo contra o travesseiro. Em seguida, ela se desfez debaixo dele, despedaçando-se e estremecendo, conforme tremores se acumulavam em seu corpo.

Foi a coisa mais bonita que Asher vira em toda a sua vida.

— Asher, Asher, Asher... — ela sussurrou, e ele sentiu as contrações continuadas sob ele, vibrando a partir de seu núcleo, irradiando pelas profundezas de seu corpo, enquanto ela massageava toda a extensão de seu pênis, que ainda pulsava.

Apressou o ritmo, sentindo sua própria libertação iminente e olhou para ela, surpreso, quando seus olhos pesados de repente se abriram, brilhantes e luminosos à luz do luar. Ela sussurrou.

— Agora...

E seu coração bombeou, galopando contra o dela, quando tudo explodiu, com fogos de artifício estourando por trás de seus olhos quando ele gozou quente e escorregadio entre eles, esfregando sua pele na dela com a força de sua libertação. E quando ele finalmente parou de tremer, rolou para o lado e apertou-a contra ele, desesperado, total e certamente apaixonado por ela.

— Chuveiro — ele finalmente murmurou em seu ouvido, depois de um longo momento de silêncio e contentamento completo nos braços um do outro. — Nós definitivamente precisamos de um banho.

Savannah não queria se mover. Seu corpo nu parecia gelatina contra o dele, quente e líquido sob o edredom. Ela se empurrou um pouquinho contra ele para que ele virasse de costas, e o seguiu, deitada sobre seu peito, ainda ligados intimamente pela maciez quente entre eles.

— Logo — ela murmurou. — Só fique me abraçando mais um pouco.

O braço de Asher a apertou um pouco mais, enquanto ela olhava para ele. Savannah estendeu a mão, acariciando delicadamente a pele danificada de sua bochecha direita, enquanto seus olhos estavam fixos nos dele.

— Conte-me sobre isso. Conte-me o que aconteceu.

Suas bochechas franziram juntas quando ele olhou para ela, com a incerteza tomando suas feições severas no momento em que seus olhos buscaram os dela.

— Pensei que nossas entrevistas aconteciam apenas às quatro ho...

— Não é uma entrevista. Não estou aqui como sua repórter. Sou apenas sua namo...

Seu rosto começou a queimar no momento em que ela percebeu o que estivera prestes a dizer. Apesar do que tinham acabado de compartilhar, ele não a tinha chamado de namorada ainda. Ela baixou os olhos, encostando o queixo no peito, sentindo-se mortificada.

E, então, sentiu a mão dele em seu cabelo, acariciando-o gentilmente.

— Se minha *namorada* estivesse perguntando, eu consideraria contar a ela.

Ela riu, contra seu peito e, em seguida, levantou a sobrancelha, aliviada.

— Ela está perguntando.

— Espere um segundo — ele sorriu para ela, balançando a cabeça como se estivesse espantado ou confuso. — Como é que *isso* acabou de acontecer?

— Meu namorado adora mudar de assunto — ela respondeu secamente.

— Posso ter um minuto para processar isso? Porque eu vivi até aqui completamente sozinho, durante oito anos. Sou Asher Lee, o “Eremita da colina de Danvers”, e você é a linda e incrível Savannah Calhoun Carmichael, a mulher mais bonita que já desembarcou na cidade, e sem coerção ou ameaça de tortura está voluntariamente chamando a si mesma de minha namorada.

— Mais ou menos isso — ela disse, entrelaçando as pernas nas dele.

— Preciso saber. Você precisa me contar de que planeta é.

— Isso é segredo de Estado.

— Então você admite.

— Eu não admito nada — ela falou com um sotaque russo crível.

Ele riu, e os músculos exaustos dela, levantaram-se, prontos para reclamar mais atenção de Asher.

— Sou louco por você, querida — disse ele.

Ela beijou a pele quente e rígida sobre seu coração.

— Você já me disse isso. Quero saber o que aconteceu com você.

— É uma coisa pesada, linda. Não é como uma leitura leve.

— Já li muita não-ficção, lindo — ela respondeu. — É parte de você. E eu sou parte de você. Então é a hora para nos conhecermos.

O sorriso desapareceu, e ele estendeu a mão suavemente para empurrar a cabeça dela contra seu peito, como se assim fosse mais fácil contar sua história, uma vez que Savannah não estaria olhando para ele. Começou a passar os dedos por seus cabelos, e ela esperou pacientemente, deixando-o tomar seu tempo.

— Nós estávamos no distrito de Zhari, e alguns dos rapazes estiveram fora em patrulha desmontada. Havia um homem em baixa, o sargento Williams, que havia pisado em uma mina, e uma vez que eu era o médico de plantão mais próximo do local, fui levado às pressas para fora da base para ajudá-lo. Quando cheguei lá, ele ainda estava no campo, e eu fui recebido por um cabo de sua unidade, um cara chamado Lagerty. Estávamos conversando, enquanto ele abria caminho até Williams. Caminhávamos lado a lado quando, de repente, ele deu um passo e pisou em outra mina. Ao meu lado. A bomba explodiu quinze pés no ar, matando-o.

“Não senti nada no começo — continuou ele. — Não foi tão alto quanto eu pensei que seria, mas havia uma grande nuvem de poeira e areia, e eu fui jogado um pouco à distância. Sabia que não estava morto. — Ele fez uma pausa por um segundo, e ela o sentiu engolir em seco. Savannah apertou os lábios contra seu peito e esperou. A voz de Asher estava despedaçada quando voltou a falar. — Mas desejei estar. Envergonho-me disso agora. Muitos caras passam por situações piores, perdendo ambas as pernas ou três membros, e, ainda assim, lutam para permanecer vivos. Não sabia o quão ruim estava na época. Não sabia que minha mão tinha sido arrancada e que meu rosto mais parecia carne moída.

Ele retirou a mão de seu cabelo, e Savannah imaginou que deveria estar limpando as lágrimas do rosto. Suas próprias lágrimas molhavam o peito dele, mas ela as deixou cair e manteve as mãos pousadas em sua pele quente. Quando a mão dele retornou ao seu cabelo, ele não mais a acariciava, apenas a descansava ali, enquanto continuava:

— Os estilhaços no meu rosto... Eu não sentia. E minha mão... eu nem

sabia que ela tinha sido arrancada até que um dos outros caras me empurrou de volta para baixo, enquanto eu tentava levantar. Ele ficava dizendo: “Rosto, estilhaços graves”. E outra pessoa ficava dizendo: “Uma amputação, maldita bagunça. Três baixas”, e eu me perguntava o que diabos estavam falando. A única baixa era Williams. Amputado? Quem tinha perdido um membro?

“Eu ficava tentando me sentar. Queria me sentar. Queria sentar e ajudar o amputado, mas eles continuavam me dizendo: ‘Não, não. Fique abaixado. Fique abaixado’. Tentei abrir os olhos, mas as pálpebras não... Eu só...

— Não precisa falar mais — disse Savannah suavemente, mas com firmeza, puxando-o para ela e olhando em seu rosto. Ela usou o dorso das mãos para secar seus olhos e, em seguida, olhou para ele, enquanto o desespero tomava conta de seus olhos. — Asher? Asher, olhe para mim.

Sua respiração era rápida e superficial, um pouco irregular, como se ele tivesse acordado de um enorme pesadelo. Quando olhou para ela, seus olhos estavam brilhando e confusos.

— Você vai embora agora?

— Embora? — perguntou ela, balançando a cabeça para trás e para frente. — Não, não vou te deixar.

Ele engoliu em seco, parecendo desolado.

— Eu te disse que não era bonito.

— Asher — ela falou, enquanto seu coração se partia por tudo o que aquele homem extraordinário tinha sofrido. — Prometo que não vou embora.

Ela se inclinou para a frente, pressionando os lábios nos dele, provando o gosto salgado de suas lágrimas, salpicando minúsculos beijos contra os contornos irregulares de lábios que deveriam ser lindos, mas que não eram mais. E ela os amava do jeito que eram.

A mão dele deslizou lentamente por seu corpo nu, e de volta para seu pescoço, segurando-a ao capturar seu lábio inferior contra os dele. Ela jogou uma perna por sobre o corpo dele para ficar por cima. Ele se sentou, e seu braço posicionou-se em torno dela, apertando-a contra o peito, enquanto seus tornozelos se fechavam em torno de suas costas e ele aprofundou o beijo. Sua língua degustava a dela, e sua mão massageava a pele de seu quadril, enquanto ele chupava sua língua.

Ela sentiu a ereção contra sua coxa, rígida e latejante, e sua decisão foi

rápida e certa. Ela sabia — em seu coração, em sua alma, em um instante — que era o certo.

— Eu quero você — ela murmurou contra seu pescoço.

— Eu quero você também — respondeu ele, sem fôlego, tremendo em seus braços. — Da próxima vez que você vier, eu...

— Não da próxima vez — disse ela, inclinando-se para olhar em seus olhos. — Agora.

Ele franziu o cenho, com a respiração ofegante e quente sobre a pele dos lábios dela.

— Isso é você sentindo pena de mim?

— Sexo de piedade? Eu deveria te bater por isso, Asher.

— Então, o que mudou? — ele perguntou, e ela suavizou quando percebeu a confusão em seus olhos.

— Por um lado, eu não era sua namorada quando cheguei aqui.

Ela lambeu os lábios dele, que se abriram para ela, que começou a girar enquanto ela se ajustava em seu colo, empurrando as dobras de seu sexo, a língua circulando a dela, ela se ajeitava contra a sua ereção, esfregando-se e engolindo um gemido conforme seu calor escorregadio se pressionava contra o dele.

— Além disso...

— Além disso? — ele perguntou, entorpecido.

— Estou tão apaixonada por você, Asher, e...

— E?

— E você está tão apaixonado por mim...

— Eu estou — disse ele. — Nunca me senti assim com ninguém. Não em toda a minha vida.

— Nem eu — disse ela, empurrando sua pélvis para frente e percebendo quando sua respiração começava a ofegar e o momento em que ele fez uma careta de dor e prazer. *Deus, era tão sexy quando o rosto dele resplandecia dessa maneira!* Ela revirou os quadris contra ele só para vê-lo daquela forma novamente.

— Savannah — ele chamou.

— Eu não queria fazer sexo com você, porque não tinha certeza de onde estávamos, mas agora...

— Você sabe?

— Não. Não totalmente. Mas sei que se importa comigo. E eu não sei... mas é o suficiente. — Ela buscou seus olhos, ainda envolta em torno de seu corpo. Não podia esperar mais. Não queria esperar mais. — Estou tomando anticoncepcional. Você está limpo?

Ele olhou nos olhos dela.

— Você sabe que estou.

— Mas precisava perguntar — disse Savannah, inclinando-se para beijá-lo novamente.

Ela segurou o rosto dele entre as mãos, balançando-se contra ele. Beijaram-se loucamente, enquanto ela deslizava as mãos de seu rosto para o pescoço e, finalmente, para os ombros, onde as achatou entre eles, preparando-se. Ela içou seu corpo por completo, e, então, se inclinou para trás, para olhar em seus olhos.

— Ajude-me — ela disse suavemente, olhando para ele com todo o amor que crescia em seu coração.

A mão de Asher foi deslizando por suas costas e, em seguida, começou a alinhar sua ereção para que penetrasse sua fenda.

— Tem certeza? — perguntou ele, pronto para desistir se ela dissesse que não.

— Tenho — disse ela, e, depois, lentamente, dolorosamente devagar, foi penetrada.

Ele ficou completamente imóvel, segurando a respiração quando sua umidade apertada o embainhou numa agonia perfeita. Ele podia sentir cada cume de carne de seda de dentro dela, cada músculo que se ajustava ao seu tamanho e largura. Uma onda de euforia drenou o sangue de sua cabeça, enquanto ele

pulsava dentro dela; sua pele quente e, em seguida, fria, depois quente novamente quando ela se abaixou para ele. Ele só expirou quando a ponta de seu pênis tocou-a bem no fundo.

— Asher — ela gemeu.

— Você está tão gostosa. Tão gostosa, querida. Minha doce Savannah.

Ele estendeu a mão para seu rosto, puxando-a na direção dele para beijá-la à medida que ela rebojava para cima e para baixo. Ele estremeceu, tentando lembrar-se de respirar enquanto tornava-se mais grosso e mais duro dentro dela. Ela se balançava contra ele, e ele chupava sua língua antes de ela se içar novamente. Mas daquela vez, ele também arquejou, empurrando a pélvis para cima, fazendo-a arfar.

Ele gemeu quando ela se preparou de novo, arquejando novamente conforme ela se remexia, até que eles criaram um ritmo próprio. Ela se inclinou para frente, e seus dentes raspavam contra seu pescoço, deixando-o incrivelmente quente. Ele a sentia apertada e tentava ir o mais fundo possível, a ponto de não poder dizer onde ele terminava e ela começava.

— Savannah — disse ele, afastando-se para olhá-la. Ela se movia para cima e para baixo sobre ele, encontrando-se a cada batida, com os olhos fechados e o pescoço dobrado para trás em êxtase. — Goze para mim, querida. Goze para mim agora.

Ela mordeu o lábio, arfando e arquejando, agarrando-o pelos ombros e cravando as unhas na parte superior de suas costas, tirando sangue.

— Asher... eu... eu... Ohhhh!

Seus tornozelos se apertaram em torno da cintura dele, e ela jogou a cabeça para trás. Ele colou os lábios em sua garganta, sentindo as paredes de seu sexo apertarem-se ao redor dele tão intensamente, que perdeu todo o controle que pensou que tinha, investindo dentro dela o mais profundamente possível uma última vez. Tornara-se mais duro do que nunca, berrando seu nome quando o mundo pareceu explodir e mais ninguém existia, exceto ele e a incrivelmente bela, suave e brilhante garota em seus braços.

Savannah, a quem ele amava.

Savannah, a quem ele iria amar para sempre, mesmo depois que ela fosse embora.



Capítulo Onze

A primeira vez em que percebe que não quer ninguém mais além dele.

Asher parou em frente à casa dela no momento em que a van do aeroporto chegou. Ele se inclinou, puxando o rosto de Savannah na direção do seu e, em seguida, passou a língua por sua boca, marcando-a, querendo que ela se lembrasse de cada detalhe do amor que tinham feito, pelo final de semana inteiro, de modo que nenhum outro cara pudesse superar a escaldante intensidade de seus momentos juntos.

Maldição! Ele odiava deixá-la partir.

Ela sorriu timidamente para ele, então corou e baixou os olhos.

— Sinto que todo mundo vai saber o que fizemos. Acho que está escrito no meu rosto.

— Bem... — Ele a beijou com força novamente. — Quero que eles saibam. Especialmente os carinhas do apartamento ao lado.

— Oh, Asher! Eu vivi em Nova York por anos. Visto preto e xingo que é uma beleza. Não sou o que esses garotos estão procurando. Não sou o que eles

querem.

Ele olhou para ela e enxergou aqueles lábios rosados, o rosto corado, os olhos brilhantes e os cabelos castanhos sedosos.

— Você é o que *todo* homem quer.

— Mas eu sou *sua* namorada.

E então ele não teve escolha. Precisou beijá-la novamente, apenas soltando-a quando ouviram um som agudo vindo do lado dela. Asher deixou sua mão deslizar por seu rosto e apertou o botão de sua porta para abrir a janela.

Scarlet Carmichael estava do lado de fora da janela, com as mãos nos quadris e uma expressão muito azeda no rosto.

— Sério, Savannah? *Sério*? Você tinha que desaparecer na noite antes da minha despedida de solteira?

Asher inclinou-se sobre o assento, olhando para Scarlet.

— Me desculpe, Scarlet. Foi minha culpa.

Scarlet fez beicinho.

— Ninguém nunca fez Savannah Carmichael fazer algo que ela não quisesse fazer, Asher Lee. Pare de me enrolar.

— Não fale assim com ele — disse Savannah, pegando a mão de Asher.

— SA-VAN-NAH! A van está aqui! Minhas damas de honra estão bebendo Bellinis. Vamos sair em *dez minutos*, e ninguém fazia ideia de onde nesse mundo de Deus você estava!

— Bem, eu estou aqui agora, já fiz as malas, e estou bem a fim de um Bellini. — Savannah fez um movimento com a mão livre, pedindo que Scarlet se afastasse do carro. — Agora vá. Quero me despedir.

— Faça isso, mas RÁPIDO! — rosnou Scarlet, corando. Ela voltou para dentro da casa, com seu vestido azul e branco, listrado, de verão, deixando um rastro furioso no chão.

Savannah se voltou para Asher.

— Acho que tenho que ir.

— Me desculpe por deixá-la em apuros.

Ela deu de ombros, levando a mão dele aos lábios e beijando-a suavemente.

— Valeu a pena.

Ele se inclinou para frente, trocando a mão por seus próprios lábios e beijando-a gentilmente, com todo o amor em seu coração.

— Seja boazinha, ouviu?

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo docemente quando abriu a porta e atravessou a cerca branca de estacas.

O coração de Asher doía enquanto observava a porta da frente se fechando atrás dela. Então, ele deu a volta e apontou para o leste, em direção a Maryland.

Savannah se sentou no canto de trás da van e descansou a cabeça contra o vidro da janela, ignorando sua irmã e as sete amigas dela do colégio: Linnie, Jenny, Goosey, Bonnie, Millie, Minnie e Ginny. Quando Christy e Kelly se juntassem a elas para o jantar de ensaio e no casamento, o grupo estaria completo.

Todas eram amigas por duas razões fundamentais: 1) Todas eram magras, bonitas e muito sulistas. 2) Amavam a forma como seus nomes soavam juntos, preferindo chamar Scarlet pelo primeiro nome, Katie. Na verdade, na escola, uma vez elas entraram no show de talentos da escola e cantaram “*Oops!... I did it again*”, da Britney Spears, à capela, usando apenas seus dez nomes como palavras.

Portanto, quando todas estavam na van, Jenny decidiu que todas deveriam chamar Savannah de Vanny.

— Vanny é um apelido muito doce — disse Jenny, que já havia passado uma semana em Paris.

— É precioso — concordou Goosey, cujo nome pouco conhecido era Hortense. Sua mãe decidira chamá-la de “Goosey (pequeno ganso)” quando ela era pequena, e o apelido pegou. Entre Goosey e Hortense, Savannah tinha certeza de que teria escolhido Goosey também.

— Todos a favor de Vanny? — perguntou Minnie distraidamente, reaplicando seu brilho labial depois de apenas dez minutos de passeio de carro.

Todas elas levantaram as mãos bem cuidadas e disseram:

— Sim — em uníssono. Exceto Savannah.

— Não. Não estou a favor — disse ela. — E uma vez que não vou responder a ele, qual a utilidade, meninas?

Scarlet lançou um olhar, e Savannah deu de ombros. Ela estava indo para Myrtle Beach e faria o seu melhor para aturar os parvos amigos bem-intencionados de Scarlet. Mas tinha um limite em relação a apelidos ridículos.

— Bem, Savannah é um nome adorável — disse Gina, que era sempre a pacificadora. — Como Magnolia.

— Ou Tulipa. Doce como o mel — disse Linnie, a rainha ofuscante das conclusões sem lógica.

A cabeça de Savannah girou. Um *Tupelo* era doce como o mel. Isso para não mencionar que elas estavam nomeando em flores — e, pelo amor de Deus, um Tupelo era uma árvore, enquanto Savannah era uma cidade. Ela mordeu a língua forte o suficiente até sair sangue, então, voltou sua atenção e cabeça para o vidro frio da janela, apenas evitando bater com a testa contra ele.

E, claro, seus sentimentos se voltaram para Asher.

Como, no mundo, ela iria escrever o próximo capítulo de: “*Adam & Cassandra, uma história de amor toda Americana*”? Será que deveria compartilhar um pouco do que tinha ocorrido no quarto de Asher na noite passada? Ela apertou as coxas bem juntas quando suas lembranças esquentaram suas bochechas, corando-as, e seus olhos se vidraram em luxúria. No final, ela teve cinco orgasmos ao todo e, naquela manhã, quando Asher fez amor com ela, quando o sol estava nascendo, foi o mais bonito de todos.

Quando acordaram juntos, de conchinha, com o rosto voltado para a luz do sol que atravessava as janelas, ela sentiu Asher empurrar seu cabelo para o lado e enterrar o rosto em seu pescoço. Ela suspirou, quente e lânguida, com o corpo dolorido, tanto pelo sexo quanto pelo desejo, quando sentiu sua dureza crescente contra a parte inferior de suas costas. A respiração acelerou, fazendo-a ofegar quando percebeu o quanto o queria novamente, quão certa era a sensação de ser preenchida por ele e como aquela seria a última chance até a próxima semana.

Ela inclinou a perna de cima em um convite, pressionando-se contra ele, que passou a mão de leve por seu seio, chegando à cintura e ao quadril, que ele agarrou suavemente. Asher aproximou-se, e ela sentiu a ponta de sua ereção tocar sua entrada. Savannah cobriu a mão dele com a dela, para dar-lhe permissão e deixá-lo saber que estava pronta. Ele a invadiu, palmo a palmo, cuidadosamente, tomando seu tempo e puxando-a suavemente até se enterrar totalmente dentro dela.

Apesar do cuidado, ela ainda arfou quando ele a penetrou, cerrando os olhos, enquanto ele inchava dentro dela. Asher começou a acariciar seus seios, girando um mamilo com ternura, entre o polegar e o indicador, enquanto ela mantinha a mão sobre a dele, recebendo beijos urgentes na parte de trás do pescoço.

— Mais — ela murmurou, inclinando a cabeça para trás, contra seu ombro.

Ele se afastou gentilmente, deslizando novamente para dentro dela, daquela vez de forma mais profunda.

— Savannah — ele gemeu, com a respiração quente contra seu pescoço. — Tão bom...

— Mais — ela disse novamente, levando a mão dele à boca. Colocou dois dedos dele entre os lábios, para poder chupá-los, rolando a língua ao redor de seus dedos, enquanto seus quadris se afastavam e investiam nela novamente.

A mão de Savannah deslizou para baixo, passando pelos seios sensíveis, pela barriga, deslizando pelas dobras lisas de pele e gemendo enquanto seus dedos esfregavam o broto palpitante de seu sexo, conforme ele gradualmente aumentava o ritmo por trás.

Ele retirou os dedos escorregadios de sua boca, estendendo a mão para beliscar o mamilo até que estivesse duro e dolorido. Savannah arqueou-se contra ele, sentindo a pressão e o calor em seu ventre. Ela apertou sua ereção, que continuava a deslizar e pulsar dentro dela.

— Asher, eu estou tão perto — ele ofegava. — Estou tão...

Ele retirou-se dela por completo, demorando-se em sua entrada, apertando-a contra o peito, e sussurrou:

— Eu amo você, Savannah. — Em seguida, investiu de volta, rude e rápido, tão profundamente quanto possível. Ela gritou, com o corpo explodindo,

a doçura de suas palavras fazendo-a ficar sem fôlego. Seus músculos internos se apertavam em torno de seu pênis, firme, segurando-o com força, mantendo-o bem fundo, enquanto eles encontravam seu clímax tão completamente, morrendo e renascendo nos braços um do outro.

O corpo de Savannah tremia, no canto da van, enquanto ela revivia os detalhes perfeitos. Seus olhos umedeceram quando ouviu novamente as palavras em sua cabeça. “*Eu amo você, Savannah*”.

Por mais que ela já tivesse namorado vários homens diferentes, alguns muito a sério, Savannah nunca chegara ao estágio do “eu te amo” nessas relações. Sempre lhe pareceu forçado ou fabricado, como algo que esperavam que ela dissesse, algo que deveria surgir com algum tempo de relação e que ela poderia excluir da lista, uma vez que as palavras fossem ditas. Mas nunca lhe pareceram reais. Nunca lhe pareceram sagradas. Até aquele momento. Porque ela as ouvira em sua voz, as sentira em seu toque e sabia, só de olhar nos olhos dele, enquanto acariciava seu rosto, que era verdadeiro. Asher Lee a amava.

E, pela primeira vez em sua vida, só porque era a primeira vez que as palavras realmente significavam alguma coisa, elas a assustaram. Não era algo para ser riscado de uma lista, nem simples palavras sem sentido. E ele foi mais corajoso do que ela, porque, mesmo que não tivesse conseguido lhe dizer o mesmo naquela manhã, ela sentia. Também amava Asher. O ato de se apaixonar por alguém era singular em sua vida, e era novidade.

Seu coração batia sem tréguas contra suas costelas.

Savannah não gostava de novidades.

E, no entanto, quando olhou para fora da janela, com os olhos lacrimejantes, percebeu que não se sentia desconfortável com a declaração de Asher. Ela percebeu que havia pouco em sua vida que significasse mais para ela do que Asher. Queria que ele a amasse. Ansiava por seu corpo, mente e coração. Mas ela não sabia como tê-los e mantê-los, quando havia outras coisas que ela queria muito também.

Forçou-se a pensar sobre o artigo que ainda precisava ser escrito e enviado a Maddox em algum momento naquele dia. Bloqueou os sons das meninas que conversavam ao seu redor, e continuou escutando as palavras em sua cabeça: *Eu amo você, Savannah*. Sua mente de repórter insistia em começar o artigo com essa linha e, em seguida, com muito bom gosto, recuar para como eles chegaram a esse ponto. Era exatamente o que McNabb procurava: uma doce

história de amor. Que proporcionasse prazer para todos. Os momentos de “ooh, aah!” que encheriam os olhos das voyeuristas com uma névoa de lágrimas pelo veterano ferido que conseguiu encontrar o amor nos braços de uma repórter.

Ela franziu a testa para seu reflexo no vidro, enquanto afastava-se das colinas verdes.

Não era por causa do anonimato; ela poderia facilmente proteger a privacidade de Asher mudando seus nomes. Não, era um novo problema que Savannah nunca experimentara. Seu caso de amor poderia ser uma grande história, mas pertencia a... *eles*.

Asher dissera essas palavras para *ela*. Só para ela. Sussurrou-as em seu ouvido, enquanto seus corpos estavam intimamente ligados, abraçados terna e reverentemente. Eram sagradas e poderosas, e, sim, formavam uma boa história, mas pertenciam a ela e a Asher. Pertenciam a momentos roubados durante o nascer do sol mais vibrante de sua vida. Pertenciam somente a seus ouvidos, e não a de mais 100.000 estranhos.

E, no entanto, mesmo se ela e Asher pudessem descobrir uma maneira de unirem seus mundos, será que poderia viver uma vida satisfatória em Danvers, sabendo que tinha jogado fora uma chance de reiniciar sua carreira? Será que o brilho seguro do amor de Asher seria suficiente quando ela deixasse seus sonhos mortos na beira da estrada?

— Vanna? — chamou Scarlet, jogando um pequeno pacote e acertando a sua testa. — Você está muito séria para o meu final de semana de despedida de solteira!

Savannah pegou o preservativo em seu colo e balançou a cabeça para a irmã, que em algum momento tinha colocado uma tiara de prata de plástico, onde se lia “Noiva” em rosa, com um curto véu branco nas costas. Três taças de prata estavam passando pelo grupo, e Scarlet agarrou a mais próxima, metendo-se sentada bem do lado de Savannah. Em seguida, gritou:

— Saúde! — sorriu imensamente.

Savannah suspirou. Pela primeira vez, Scarlet estava certa. Seus pensamentos estavam muito pesados. Lidaria com eles mais tarde.

— Saúde! — gritou ela, sorrindo para a irmã e inclinando para trás a taça de vodka com limonada até esta ficar vazia.

— Bem, Asher — disse o coronel McCaffey, médico, quando ele entrou no consultório e sentou-se atrás da mesa em frente a Asher. — Vamos começar com isso, então? Podemos fazer o molde para sua prótese hoje, mas você vai ter que voltar em uma semana para a instalação, e, em seguida, duas semanas para a entrega final. E quando você voltar, aconselho que fique mais um pouco na cidade até realmente aprender a usá-la. Sei que você esperava acabar tudo em duas visitas, mas isso não funciona dessa maneira.

— Eu entendo, senhor.

— Você ainda quer seguir em frente?

O rosto de Savannah apareceu em sua cabeça, e sua resposta foi rápida e fácil. Era hora de fazer planos para viver *no* mundo, não fora dele.

— Sim, senhor. Quero.

O coronel deslizou uma pilha de formulários por sobre a mesa.

— Aqui está a papelada. Você sabe o que fazer. Preciso de tudo assinado o mais rápido possível.

— Sim, senhor. — Ele colocou a mão sobre a pilha por um segundo; em seguida, olhou para cima, encontrando os olhos do médico. — E meu rosto, senhor?

McCaffey abriu um arquivo e olhou com sobrancelhas franzidas antes de fechá-lo e entregá-lo para Asher.

— Espere um minuto antes de olhar isso, filho. Nunca gostei dessas projeções digitais, porque a Medicina, especialmente procedimentos reconstrutivos, não é uma ciência exata. Eu odiaria que você olhasse para isso e se sentisse animado ou desapontado, porque a realidade é que não há garantias. É apenas um palpite, baseado nos procedimentos que os médicos estariam tentando. Mas, bem, é o nosso *melhor* palpite sobre como você ficaria depois das cirurgias iniciais.

Asher olhou para o envelope pardo que guardava suas respostas, sem saber se seria ou não possível viver uma vida normal outra vez. Ele respirou fundo, surpreso com a ansiedade, e abriu. O que viu lá dentro o fez suspirar, e ele piscou várias vezes para não chorar na frente de um coronel.

Não, o homem que olhava para ele não era perfeito. Sua pele tinha tons e texturas irregulares. O nariz ainda era um pouco disforme. Mas tinha duas orelhas simétricas, sua bochecha e mandíbula pareciam quase normais, e sua cavidade ocular direita não estava caída. Se você olhasse para ele por mais de um segundo, notaria que tinha passado por alguma coisa, mas poderia, sem problemas, misturar-se em uma multidão. Não seria bonito, mas poderia levar uma vida normal.

— Senhor, eu... eu não sei... quero dizer... — Asher olhou de volta para a imagem e piscou.

— Está tudo bem, filho, eu sei. — O médico fez uma pausa, depois falou suavemente. — Não há garantias. Esta é uma reconstituição forense, com base no que você tem e o que fomos capazes de fazer no passado. Pode ficar um pouco melhor, pode ficar um pouco pior. A única maneira de saber, com certeza, é tentando.

— Quantas cirurgias? — perguntou Asher.

— Eles acham que quatro, no mínimo. Possivelmente até sete.

Asher fez uma careta.

— Quantos anos?

— Essa é a boa notícia. Se tudo correr bem? Cerca de seis meses. Começaríamos com sua orelha. É possível reconstruir cartilagens de orelhas nos dias de hoje, mas eu começaria com uma prótese. Teríamos que reparar o local, mas a seguir, poderíamos fazer a operação para implantar um ímã, para que o ouvido permaneça no lugar. Vamos pegar um enxerto da sua testa para reconstruir sua cavidade ocular direita. Consertar seu rosto e até mesmo seu maxilar com implantes de silicone. Suavizar a pele queimada na face inferior. Sei que sua perna o incomoda muito. Você pode optar por fazer algo com ela também.

Asher balançou a cabeça.

— Sete cirurgias são mais do que suficientes, senhor. Posso viver com a minha perna do jeito que ela está.

— Você terá que ir e vir muitas vezes, filho. Quatro horas de viagem dirigindo para Virgínia, durante algumas reconstruções bastante traumáticas.

Asher pensou em Savannah novamente, em seu rosto doce e em seus olhos brilhantes. Não podia pedir-lhe que se juntasse a ele e nem que o

esperasse. Teria que deixá-la partir. Ela iria para Phoenix, e ele, para Maryland. E o que o futuro reservava para eles, era algo que iriam descobrir mais tarde.

Por enquanto, ele ainda teria duas semanas com ela, e não iria deixar que nada se colocasse em seu caminho.

— Qual é o nosso tempo?

— A primeira mesa de operações estará disponível em três semanas.

Asher acenou com a cabeça, sentindo-se aliviado.

— Obrigado, senhor.

— Você vai alugar algum lugar aqui em Bethesda? Vai precisar estar no local por grande parte de julho, agosto e setembro. Pode ser que precise retornar em outubro. E se tudo correr bem, estará pronto no Natal.

Natal. Droga! Parecia um tempo muito longo. Não tinha o direito de pedir, mas não poderia deixar de se perguntar se ela ainda iria querê-lo, se ainda estaria disponível até o Natal. Pensar que ela já poderia ter seguido em frente quando a procurasse fez com que seu coração se apertasse.

— Vou arranjar um lugar para ficar, senhor.

O coronel assentiu e apontou para o envelope.

— Não posso deixá-lo com você.

— Eu sei, senhor.

— Alguma pergunta, Asher?

— Não, senhor.

O coronel se levantou, estendendo a mão.

— Bem, acho que nos veremos na próxima semana. Para a montagem. Não se esqueça que tirarão o molde hoje, às quatro horas.

Quatro horas. Tudo de importante na minha vida acontece às quatro horas.

— Sim, senhor — Asher apertou sua mão e seguiu-o para fora da sala.

— Estou feliz que tenha finalmente dado esse passo, Asher. Você se importa se eu perguntar por que mudou de ideia?

Asher sentiu o toque fantasma de Savannah em sua pele, seu corpo

pressionado contra o dele, seus gritos quando chegaram ao clímax juntos naquela manhã. O que acontecera em privado entre ele e Savannah era muito especial, sagrado demais, até mesmo para ser compartilhado com seu médico, em quem ele confiava e de quem gostava muito.

— Sinto muito, senhor. Razões pessoais.

Coronel McCaffey deu-lhe um tapinha no ombro com um sorriso maroto.

— Aposto que ela é linda.

— Ela é — disse Asher, sorrindo, enquanto abria a porta. *Ela é a garota mais incrível do mundo.*

Algumas horas mais tarde, em Myrtle Beach, a garota mais incrível do mundo tinha, definitivamente, bebido demais. Savannah olhou para o meio bife em seu prato e sentiu o estômago protestar.

Elas tinham chegado na cidade na hora do almoço, passaram a tarde tomando sol na praia e encontraram os meninos da porta ao lado, fazendo churrasco.

Trent agarrara sua noiva pela cintura e convidou todos para jantar, prometendo bife e salsicha — com uma risadinha sacana ao mencionar este item do menu, algo que não passou despercebido por Savannah, embora ela pudesse jurar que Linnie parecia confusa —, além de muita cerveja gelada. Como elas poderiam dizer não?

Savannah também não deixara passar o sorriso latente que recebeu de Lance Hamilton, o irmão mais velho de Trent, com quem breve (e desastrosamente) havia namorado na escola. Mais tarde, ela ouviu que Serena Sheperd perdera a virgindade com ele. De acordo com o que ela tinha descoberto, Lance bebericou Rum e *Coca-cola*, sem o Rum, a noite inteira, e Serena fora um alvo fácil.

Lance Hamilton casara-se com uma mocinha doce que conheceu em Chapel Hill e estabeleceu-se em Danvers, apenas para ser pego com sua secretária em uma posição comprometedora alguns anos depois. A mocinha doce acabou por não se mostrar tão doce assim, logo depois da traição, pegou sua filha de três anos de idade, retornando ao Tennessee para um divórcio e um novo

começo. O que deixou Lance, infelizmente, disponível outra vez.

No jantar, Savannah tomou o último lugar na mesa de piquenique, ao lado de Goosey, uma vez que elas foram as duas últimas a chegar. E, então, Lance aproximou-se das duas mulheres.

— Hey, Goosey, pode deixar os mais velhos se sentarem juntos?

Goosey deu de ombros, desculpando-se para Savannah, e levantou-se para deixar seu lugar vago. Savannah revirou os olhos.

— Você sempre soube como elogiar uma mulher, Lance.

— Você está realmente bonita agora, Savannah Carmichael — disse ele, com o rosto voltado para ela, com toda sua ofuscante beleza. Ele tinha lábios perfeitos, maçãs do rosto altas e um nariz aristocrático. Seu cabelo loiro estava penteado para trás, como o de um banqueiro de Wall Street, e ele usava uma camisa polo azul celeste profundo, a mesma cor dos seus olhos.

— Mais uma vez jogando-se em mim, Lance. Desconfio que eu parecia feia antes? — Ela olhou para o decote do vestido preto justo que usava. Não era exatamente um floral, mas ela sabia que Scarlet queria todas as meninas fantásticas naquele fim de semana, e este era o mais próximo que Savannah podia chegar. Segurou, então, o colar de prata robusto que usava em volta do pescoço, brincando com as correntes.

— Difícil dizer, considerando o traje de banho que você estava usando quando chegou na praia. Eu gosto de minhas mulheres de biquíni. — Ele passou um dedo indicador pelo braço dela. — Você tem um biquíni, Srta. Savannah?

— Se eu tiver — ela respondeu com doçura —, não vou desfilas com ele em torno de você.

— Ui! Muito fria. Esse tempo em Nova York deixou você gelada, querida. Gostaria de aquecê-la um pouco.

Savannah pegou sua cerveja e bebeu de um só gole. Era sua terceira ou quarta, e ela estava com a cabeça leve. Mas estar um pouco bêbada também significava que ela poderia manter os pensamentos longe de Asher e do artigo, o que — já que ela não podia ter Asher com ela e não conseguia decidir como escrever sua história — era o melhor que podia fazer por ora.

— Vamos lá, querida. Você e eu já fizemos coisas boas uma vez.

Ele abriu outra cerveja, que estava em uma grande bacia de gelo em

cima da mesa na frente deles, e entregou a ela.

— *Coisas boas?* Saímos em três encontros, Lance. Você tentou me apalpar. Melhor parar por aí.

— Nós estávamos apenas chegando à parte boa. — Ele lambeu os lábios e sorriu para ela, levando a garrafa de cerveja à boca e jogando a cabeça para trás. Ok, Savannah tinha que admitir, embora ela não tivesse certeza se era a cerveja falando ou a visão de Lance sugando aquela espuma: ele *era* tremendamente bonito.

O rosto de Asher passou pela sua mente, e ela agarrou-se a ele, tomando um longo gole de sua própria garrafa.

— Eu estou saindo com alguém, Lance.

— Eu ouvi alguma coisa sobre isso, mas não imaginei sequer por um momento que *fosse* verdade. — Seus olhos se estreitaram quando ele cortou um pedaço de bife, mastigando cuidadosamente.

— Bem, apesar de suas imaginações de mau gosto, é verdade.

— Asher Lee? O velho herói de guerra? O aleijado? — Lance virou-se para Savannah, rindo. — Você é tão excêntrica assim, Savannah? Tem que sair com aberração de circo?

Ela olhou para o bife inacabado quando seu estômago revirou. Já ouvira o suficiente. Não precisava ficar ali e ser educada enquanto Lance Hamilton massacrava o homem que amava.

— Você sempre *foi* um babaca, Lance.

Ela passou as pernas para um lado do banco e levantou-se. *Oh Senhor. Tudo girou.* Deixou cair a mão no ombro de Lance para se firmar, e ele cobriu a mão dela com a dele, colocando o outro braço em volta de sua cintura.

— Minha nossa.

Goosey olhou para eles.

— Você está bem, Savannah?

Savannah não gostava muito da maneira como Lance a estava segurando, mas temia cair se ele a soltasse, então, deu um tapinha na mão da moça com gratidão.

— Muito bem, Goosey, querida.

Lance apertou seu braço ao redor dela e deu a Goosey o seu sorriso de derreter calcinhas, lançando seu olhar para a mesa onde Trent e Scarlet estavam, antes de sorrir para Goosey novamente.

— Não precisa criar alarde, gansinho tolo. Se eles perguntarem, apenas diga que Savannah precisava sair para tomar um ar, e eu fui lhe dar um apoio moral.

Savannah olhou para os olhos preocupados de Goosey e sorriu tranquilizadora antes de dar um soluço bem alto. Ela riu, colocando a mão sobre sua boca.

— Não diga à Scarlet que estou bêbada, Goose — disse ela em um sussurro conspiratório.

— Só tome cuidado, Savannah.

Savannah revirou os olhos para a pequena Goosey. Ela tinha vivido em Nova York, pelo amor de Deus! Poderia lidar com Lance Hamilton numa rápida caminhada na praia, não podia? É claro que podia.

Lance começou levando-a para longe, e quando eles contornaram a casa, ela se afastou dele.

— Mantenha suas mãos longe de mim, Lance.

— Eu só estava tentando ser um cavalheiro. Ajudar uma donzela em perigo.

— O dia em que *you* for um cavalheiro... — disse Savannah, perdendo o foco pelo modo como os olhos dele se estreitaram diante das críticas dela.

Ele agarrou a mão dela e puxou-a na direção da praia deserta, sob um céu que escurecia rapidamente.

— Seja boazinha. Eu ouvi o que disse. Você está com Lee. Não vou tentar nada com você. Podemos apenas nos aproximar da água e olhar para as luzes. Você vai poder respirar o ar do mar, e aposto que vai se sentir melhor num piscar de olhos.

Suas palavras eram amigáveis e reconfortantes, então, embora estivesse segurando sua mão, ele não estava agindo como o Lancey Polvo. Com isso, ela relaxou.

— Inspire — disse ele, diminuindo o ritmo. — Sente esse ar do mar?

— Mmmm. — Asher estava certo. Mesmo àquela distância da costa, ela podia sentir o cheiro de pipoca e algodão doce, bolos e loção bronzeadora. — É exatamente como ele disse.

— *Quem* disse o quê? — perguntou Lance, deslizando um braço ao redor de sua cintura.

Ela não gostava disso, mas ainda não se sentia muito firme, então, ignorou.

— Asher — ela sorriu, pensando nele. — Ele costumava vir aqui.

— Antes de seu rosto ficar todo queimado? É verdade o que dizem? Que ele está todo deformado?

Savannah tentou se afastar, mas Lance segurou-a firmemente contra o quadril. Ela olhou para trás em direção à casa, mas eles tinham caminhado uma distância considerável e agora estavam bem longe.

— Não fale sobre ele desse jeito — disse Savannah, começando a sentir-se irritada. Remexeu-se contra Lance para libertar-se, mas ele a segurava com força.

— Ou você vai fazer o quê?

— Solte-me, Lance

Ele não soltou. Colocou o outro braço ao redor da cintura dela e puxou-a contra seu corpo, pressionando os lábios em seu pescoço, enquanto sua ereção se esfregava agressivamente contra sua barriga.

— Não, eu não penso assim. Acho que você me deve, depois de eu te ajudar a fugir daquele jantar sem envergonhar a si mesma. Eu acho que você me deve alguns beijos, pelo menos.

Savannah afastou sua mão livre e bateu com ela no rosto de Lance com toda sua força, acertando seu nariz.

— INFERNO! — gritou ele, soltando-a para segurar o nariz sangrando.

Savannah não esperou para ver o que aconteceria em seguida. Ela se virou e correu, o mais rápido que pôde, na direção da luz das casas. Estava ofegante e suando, e suas sandálias prendiam na areia fofa, mas ela continuou correndo até que suas pernas foram puxadas. Ela caiu, degustando areia em sua língua enquanto respirava profundamente.

— Você é uma vagabunda barata! Você me deu um soco? — O peso de Lance estava esmagando os pulmões já esgotados de Savannah, e ela entrou em pânico, lutando na areia enquanto ele virava-a de frente. — Eu tentei ser legal.

De repente, ele estava sobre ela, imobilizando seus quadris enquanto rasgava seu vestido.

— Olhe para mim, Savannah. Quero que você esteja olhando nos meus olhos quando eu te foder.

A mudança de posição permitiu que seus pulmões se libertassem, e ela suspirou, balançando os punhos para bater em qualquer parte de Lance que pudesse alcançar. Mas ele era forte e a tinha em desvantagem. Agarrou os dois punhos dela com uma única mão, fixando-os sobre sua cabeça, machucando-a.

— Você vai parar quieta e...

Antes que ele pudesse terminar sua fala, Savannah limpou a garganta e cuspiu em seu rosto, cobrindo um olho e parte de sua bochecha com saliva, que deslizou pelo seu rosto, misturando-se com o sangue de seu nariz. Seus olhos queimavam com fúria na penumbra proporcionada pelas casas próximas, e ele bateu em seu rosto com força, a palma da mão conectando-se com seus lábios, que foram mordidos. Sua cabeça cambaleou com o choque quando ela saboreou o sabor metálico de sangue em sua língua.

— Prostituir-se por aí com um aleijado, quando um homem perfeitamente bom quer você, vagabunda ingrata. — Ele estendeu a mão sob o vestido, e ela sentiu quando ele agarrou o cós da calcinha. Porém, ouviu alguém chamando seu nome.

— Savannah? Savannah, você está por aqui?

— Ei, Savannah? Você está aqui?

Duas vozes. Goosey e Jenny.

Lance praguejou ao ouvir o som das vozes. Então, ele olhou de volta para Savannah, removendo a mão de debaixo do seu vestido e ajoelhando-se ao seu lado, para que não estivesse mais em cima dela.

Ela rolou, ficando de barriga para baixo e, em seguida, apoiando-se em suas mãos e joelhos, tossindo e soluçando, e começou a vomitar na areia.

— Oh, não! — A voz de Goosey estava mais perto agora, atraída pelos sons do vômito de Savannah.

De repente, Jenny estava ajoelhada ao lado dela.

— Oh, Savannah, querida, você bebeu demais.

Lance falou do seu lado:

— Coitada, me bateu no nariz quando se inclinou e o vômito começou.

Nem Goosey nem Jenny olharam para Lance, mas Savannah sentiu pequenas mãos em seus ombros, ajudando-a a se levantar.

— Vamos agora, Savannah — disse Jenny. — Temos que limpar você.

Savannah se levantou, passando as costas de sua mão sobre a boca.

— Oh, querida — disse Goosey, apontando para o lábio que sangrava.
— Você se machucou!

— Eu... Eu... — Savannah tentou recuperar o fôlego, mas o medo latente e a fúria ainda dificultavam sua respiração. Ela olhou para Lance, que estava sentado na areia, pressionando um lenço no nariz que sangrava, enquanto a observava atento.

— Estávamos nos divertindo. Lutando — disse ele, desafiando Savannah com seu olhar.

— Lutando?! Você estava prestes a me estuprar! — gritou Savannah, pressionando o dorso da mão na boca. Uma fina tira de sangue manchava sua mão. Lágrimas correram pelo seu rosto, mas ela mal as sentia, e também não as enxugou. Olhou para Lance até que ele lhe deu as costas, olhando para a água.

— Essa é uma palavra muito feia. E acho que pareço em pior estado do que você, Srta. Savannah — disse ele. Ele estava tentando suavizar o ocorrido, mas podia ouvir a incerteza em sua voz.

— Vou apresentar queixa — disse ela, e ambas, Jenny e Goosey, arfaram. Apresentar queixa era uma decisão agressiva, mas Savannah não se importava. Lance Hamilton era uma ameaça, e cada menina em Danvers devia saber disso, para ter cuidado.

— Garota bêbada sai para uma caminhada na praia. Tanto ela quanto seu companheiro acabam sangrando. Também saí machucado. Talvez devesse apresentar queixas de agressão também.

Ele estava certo. Realmente Lance não tinha feito nada contra ela que ela não tivesse feito contra ele. Ambos estavam sangrando, e não fora realmente um

estupro. Quem iria acreditar em sua versão?

— Você é lixo, Lance Hamilton.

— Savannah, volte para casa agora — disse Jenny rapidamente, puxando o braço de Savannah.

— Você é uma cobra. Um rato. Um estuprador canalha — rosnou Savannah, jogando seu cabelo cheio de areia sobre o ombro e desvencilhando-se das meninas.

— Ora, ora, Srta. Savannah. Não comece a me xingar — disse Lance calmamente, ainda sentado na areia, olhando para o oceano.

— Vamos voltar para casa, querida — disse Goosey. — Vamos limpar você.

— Vocês duas sabem o que ele é. Tão bem quanto eu.

Nenhuma das jovens disse nada. Jenny estendeu a mão e pegou a de Savannah.

— Já chega. Vamos voltar para casa agora, Savannah.

Savannah se inclinou perto do ouvido de Lance.

— Se eu ficar sabendo que você tocou outra mulher da maneira como me tocou hoje à noite, vou escrever a maior e pior exposição que já atingiu Danvers, e todos vão saber o estuprador babaca que você é.

Lance riu presunçosamente sem olhar para cima, e Savannah virou-se, caminhando de volta para a casa, de braço dado com Jenny e Goosey.



Capítulo Doze

A primeira vez em que você planeja um futuro com ele.

Asher conduziu de volta para Danvers no final da tarde de sábado, perguntando-se quando Savannah chegaria em casa, de Myrtle Beach, no dia seguinte. Eles tinham um encontro previsto para segunda-feira à tarde, no horário de sempre, mas isso ainda estava a quarenta e oito horas de distância, e depois de tudo o que tinham compartilhado na noite de quinta, pareciam quarenta e oito milhões de anos. Urgência passara a ser um forte componente de seu relacionamento com Savannah: ele a quis desde o início, desde o primeiro momento em que ela chegou em sua porta com o vestido de verão da irmã e segurando um prato de brownies. Mas o que ele sentia agora tinha crescido para algo visceral, um sentimento que consumia tudo e pelo qual era possível mudar o curso de uma vida.

Ele estacionou em sua garagem e deu a volta no carro, tirando sua mochila pequena do porta-malas antes de entrar em casa. A Srta. Potts abriu a porta da frente.

— Boa tarde, Srta. Potts! — ele exclamou.

— Como foi em Maryland?

— Eles estão fazendo o molde. Tenho que voltar no próximo fim de semana para instalá-lo. Depois disso, estarei pronto.

— E o seu...?

— Meu rosto? — ele suspirou, passando por ela em direção ao corredor da frente. — Não é tão simples.

— Quantas? — perguntou a Srta. Potts.

— Pelo menos quatro — disse ele. — Talvez sete.

— E o que eles estão planejando fazer?

Ele deixou sua bolsa cair de seu ombro para o chão de mármore e encarou-a.

— Orelha. Nariz. Mandíbula. E um pouco do meu queixo.

— É um bom começo — disse ela. — Sua perna?

Ele balançou a cabeça.

— Vou deixá-la como está.

— Eles não podem...

— Não. Só quero o meu rosto.

Ela lhe deu um sorriso triste e acenou com a cabeça uma vez, olhando para longe como se houvesse mais a dizer, mas não soubesse como fazê-lo.

— Posso, uh, eu posso pegar um pouco de comida para você?

Ele olhou atentamente para ela.

— Será impressão ou você está agindo de forma engraçada?

Ela desviou o olhar rapidamente, apressando-se em direção à cozinha.

— Por que eu...

— Srta. Potts — ele disse, seguindo-a. — O que está acontecendo?

Ela parou na frente da pia da cozinha, voltando-se para encará-lo.

— Antes de me culpar — disse ela —, quero que saiba que eu não tive nada a ver com isso desta vez.

— Com o quê?

— Eu... Eu admito que enganei Savannah no fim de semana passado, mas foi apenas porque eu queria que ela o visse como um homem, não um inválido.

— O que você fez? — ele perguntou, preocupado.

— Nada, Asher. Eu juro. Nada. — Ela encolheu os ombros, impotente.
— Ela cancelou segunda-feira. Sem explicação. Apenas cancelou.

— O que você está querendo dizer?

— Savannah ligou de manhã e cancelou a reunião de vocês na segunda-feira.

Seu coração desmoronou, e sua mão começou a suar. Ele cerrou um punho. Myrtle Beach surgiu em sua mente como um sinal em neon.

— O que ela disse?

— Ela disse que não poderia vir e pediu desculpa. Desligou rapidamente.

A mente de Asher cambaleou. Não fazia qualquer sentido. Ele se lembrou da despedida, na frente da casa dela, e não conseguia pensar em nada que indicasse o porquê daquele afastamento. *Os rapazes ficarão na casa ao lado.*

Ele virou-se para a Srta. Potts, para que ela visse a confusão em seus olhos.

— Você ouviu muito barulho ao fundo, como se ela estivesse se divertindo? Na praia? Em uma festa?

— Não. Não ouvi.

Ele engoliu em seco, passando a mão pelo rosto, e ficou surpreso ao sentir sua pele irregular sob a ponta dos dedos. Ainda o surpreendia, por vezes, perceber o quão gravemente ferido estava. E ela estava em Myrtle Beach, com um monte de caras de boa aparência. Sua respiração falhava quando ele pensava nela com alguém. Mas, não. Essa não era Savannah. Ela estivera com *ele* na quinta-feira à noite. *Ela não... Quer dizer, ela não...*

— Quando ela ligou? — ele perguntou bruscamente.

A Srta. Potts pegou o telefone do gancho e entregou-o a Asher.

— Veja por si mesmo.

Ele apertou o botão de menu para olhar para as chamadas recentes, passando por duas outras chamadas para encontrar a de Savannah. 11h23. Então, percebeu algo. Suas sobrancelhas franziram enquanto olhava para o telefone.

— *Savannah* ligou para cancelar? Ou a mãe ligou por ela?

— Oh, não, querido. Não foi Judy. Definitivamente foi Savannah. Se me lembro bem, Frank e Judy passarão o final de semana fora, em missão para a Igreja Metodista de Stone Hill.

Ele se virou para olhar para Srta. Potts.

— Mas a chamada veio da casa dos pais dela.

Srta. Potts assentiu.

— Esta manhã.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— Mas Savannah está em Myrtle Beach.

A Srta. Potts o encarou, aparentemente sem entender e, então, deu de ombros.

À medida que sua mente se esforçava para descobrir as coisas, ele distraidamente deixou cair o telefone de volta no gancho. Em seguida, virou-se na direção da porta da frente.

Savannah fez uma careta para seu reflexo no espelho do quarto. Havia uma crosta de sangue marrom-avermelhada e algumas contusões no lugar onde Lance tinha ferido seu lábio, que estava inchado e descolorido. Ela parou na clínica local, em seu caminho de volta para a cidade, e o médico disse que elas desapareceriam em um par de dias. Mas por enquanto, porém, parecia que ela brigara em um bar.

Depois que Goosey e Jenny a levaram para casa, Savannah pediu-lhes que fossem buscar Scarlet, sem alarmá-la. Esta entrou no quarto nervosa, irritada por ter que sair do churrasco, mas sua expressão se desesperou quando viu Savannah sentada na cama.

— Vanna! O que aconteceu?

— Seu futuro cunhado ficou assanhado demais comigo — disse ela, tomando a decisão de minimizar o que tinha acontecido. Não estava interessada em arruinar todo o fim de semana de Scarlet. Poderia explicar-lhe com mais detalhes uma vez que chegassem em casa.

— O quê? Lance?

— A própria cobra.

— Oh, Vanna, você está bem? Tenho certeza de que foi um mal-entendido — disse ela. — Ora, Lance é apenas um grande paquerador.

— Não é não — disse Savannah, com raiva em seus olhos. — Ele não é.

E algo em seu tom deve ter transmitido a gravidade da situação, porque Scarlet não discutiu. Talvez ela soubesse que Lance era perigoso. Talvez ela mesmo tivesse recebido suas atenções indesejáveis uma ou duas vezes.

Savannah respirou fundo, caminhou até o armário e tirou dele sua mala ainda parcialmente feita.

— Vou voltar para casa — disse ela, dirigindo-se para o banheiro para pegar seu maiô. — Não posso ficar.

— Não! Não, Vanna! Não vá. — Scarlet correu para a irmã, pegou a mão dela e segurou-a. — Vanna, me desculpe. Eu sinto muito pelo que aconteceu.

— Eu também. Mas ainda assim vou voltar para casa — disse Savannah, com seus nervos ainda um pouco destruídos pelo que tinha quase acontecido na praia. — Eu não vou apresentar queixa. Quando você vir Lance, saberá o porquê.

Os olhos de Scarlet se arregalaram.

— Mas se ele alguma vez chegar perto de outra menina de novo, vou acabar com ele, Scarlet.

Savannah chamou um táxi e chegou ao aeroporto às dez horas, pegando o último voo de Myrtle Beach para Washington DC. Passou a noite em um motel no aeroporto em Washington e pediu um carro particular para levá-la para casa de manhã. Enviaria a conta para Hamilton & Filhos. Era o que faria com certeza.

Ela olhou-se no espelho e tocou a pele descolorida cautelosamente,

fazendo uma careta quando a dor atingiu seu cérebro, agravando sua dor de cabeça. Não havia nenhuma maneira do machucado estar curado até segunda-feira. Talvez na quarta-feira, se tivesse sorte.

A Srta. Potts não pressionara para obter mais informações quando ela disse que não iria lá na segunda-feira, mas Savannah ouviu a decepção na voz da mulher mais velha. Savannah odiava magoar Asher. Odiava não poder vê-lo, mas estava envergonhada pelo que tinha acontecido na praia, e não queria que Asher pensasse nem por um momento que ela passara algum momento sozinha com Lance. Era melhor esperar até quarta-feira e não mexer na merda.

Ela sentou-se em sua cama para verificar os e-mails. A tarde tranquila na casa vazia de seus pais fora produtiva, pelo menos. Enviara a terceira parcela do seu artigo para McNabb, e ele ligou de volta quase imediatamente para lhe dizer o quanto tinha gostado.

— *Decidi que vou imprimir a coisa toda de uma vez, Carmichael. Uma grande e bela peça sobre comportamento humano no Quatro de Julho. Como uma garota local e um soldado ferido encontram o amor. Isto vai ser um sucesso.*

Savannah sorriu fracamente para o telefone. Mesmo com o nome de Asher alterado para Adam, Savannah usando seu pseudônimo, Cassandra Calhoun, e Danvers nunca sendo mencionado, ela ainda não se sentia inteiramente confortável compartilhando as intimidades de seu relacionamento com Asher. A mais recente história fora sobre o jantar da família, a noite de cinema e Asher dizendo-lhe que a amava.

Quando escrevera a história, digitara as palavras, e, então, as apagara, reescrevendo-as e encarando-as por um longo período de tempo:

Nas primeiras horas da manhã, eu acordei ao lado dele, banhada pela luz do sol nascente. Pressionei meus dedos em seu rosto cheio de cicatrizes, e ele me olhou, dizendo que me amava.

Ela se recusou, é claro, a acrescentar que eles estavam nus e que, conforme ele dizia aquelas preciosas palavras, continuara a investir profundamente dentro dela, até que acabou lhe dando o melhor orgasmo matinal que ela já tinha experimentado. Moveu o cursor sobre as palavras “dizendo que

me amava”, destacando-as e olhando para elas por um longo momento. Também o amava e odiava que sua história fosse a única maneira de sair do buraco profissional em que estava. Desejava que houvesse outra maneira, mas não havia. Ela só podia ter esperança de que (a) Asher não lesse o artigo, ou (b) a perdoasse por usar partes de sua história.

Ela rolou de costas, olhando para o teto e perguntando o que ele estaria fazendo no momento. Estaria em casa, lendo um livro no bosque? Ou almoçando tardiamente em seu escritório? Tirando um cochilo à tarde ou conversando com a Srta. Potts sobre xadrez? Ela ansiava por ele brutalmente, desejando poder saltar em seu carro e dirigir até lá. Eles poderiam passar mais um fim de semana juntos e apenas deixar os dias derreterem até segunda-feira. E as noites. Oh, Deus, as noites. Sua respiração se acelerou, e seu coração começou a martelar. Nunca tivera um amante tão paciente e apaixonado como Asher. Era como se ele nunca se satisfizesse, e ela, certamente, também nunca estava satisfeita, sempre querendo mais.

Em algum momento ela passara a não mais enxergar seus ferimentos. Eles certamente não a chocavam mais. Via apenas seus lábios, suas mãos, seus braços fortes e seu belo torso... Ele a amava como ela nunca fora fisicamente amada na vida. Era viciada nele. Ficava cada vez mais difícil imaginar seu futuro separados.

A campainha da porta provavelmente tocara duas vezes antes de ela realmente se dar conta; uma interrupção indesejada de seu preguiçoso devaneio. Desceu as escadas. Sua mãe lhe dissera que uma amiga da igreja iria passar para deixar revistas de noivas para Scarlet. Não poderia ser alguém para vê-la, uma vez que ela deveria passar o fim de semana inteiro em Myrtle Beach.

Quando abriu a porta, arfou, chegando a cobrir a boca ferida quando seus olhos bateram em Asher.

Era tarde demais. Ele já tinha visto.

A expressão dele, em um instante, mudara de surpresa feliz para confusão e preocupação. Estendendo a mão, ele passou os dedos por seu pulso suavemente, puxando a mão para longe de sua boca. Enquanto ele olhava para a contusão feia, deixou escapar um suspiro e seu peito inchou enquanto a segurava. Ela tentou soltar o pulso, mas ele a segurou com força e entrou na casa. Ele empurrou fechando a porta atrás dele com o pé.

— O que aconteceu?

— Eu... — Ela ofegava levemente enquanto ele ainda segurava seu pulso. — Eu, hum...

— Não se preocupe em mentir — ele disse suavemente, soltando o punho dela para poder passar o polegar levemente em seus lábios, examinando a pequena contusão. — Eu vou saber.

Seu olhar encontrou o dele, que procurava desesperadamente o de Savannah, mas ela logo se viu amassada contra o peito dele, chorando em seu ombro enquanto seus braços fortes a cercavam.

Eu vou matá-lo. Vou matar Lance Hamilton.

Savannah sentou-se enrolada ao lado dele no sofá. Asher estava com o braço em torno de seu ombro, e ela enterrou a cabeça em seu pescoço, com as pernas dobradas. Parara de chorar pouco tempo atrás, mas a fúria dele tinha crescido, tornando-se ardente e perigosa, apesar da maneira calmante como a acariciava, enquanto ouvia o que tinha acontecido em Myrtle Beach. Cada músculo em seu corpo ansiava por encontrar Lance Hamilton e esmagar o punho em seu rosto.

Deus! Se Goosey e Jenny não tivessem aparecido... se elas tivessem esperado mais alguns minutos para ir procurá-la... Era ruim o suficiente que Hamilton tivesse encostado seus lábios imundos no pescoço de Savannah e tocado-a sob seu vestido. Asher sentia a adrenalina que fazia o instinto de proteção se intensificar, e puxou-a para mais perto, pressionando os lábios em seu cabelo. Hamilton iria pagar. Asher certificaria-se disso. Mas, por ora, precisava se concentrar em Savannah.

— Eu sinto muito por tudo que aconteceu com você, querida. Eu sinto muito.

Ela fungou, uma de suas mãos agarrando a camisa dele, e ele sentiu a respiração engatar.

— Eu não deveria ter bebido tanto — ela disse em uma voz suave, recriminando-se.

— Não! — disse ele bruscamente, inclinando-se para trás para olhar para o rosto dela. — Não faça isso. Você não fez nada errado. Ele é um porco

maldito, Savannah. Você não fez...

— Eu sabia quem ele era, Asher. Não tinha nada que ter ficado a sós com ele. Eu sabia o que ele fez com Serena Shepherd.

— O quê? — perguntou. — A irmãzinha de Jock Shepherd? O que ele fez com ela?

— Pelo que eu sei? Ele a estuprou. Quando estávamos nos formando.

— Estupro — disse Asher, odiando o gosto daquela palavra feia em sua boca.

— No mínimo podemos chamar de forte coerção — Savannah fez uma pausa. — Não, isso é uma mentira. Foi estupro.

— Você tem certeza?

Savannah assentiu, com a cabeça contra seu peito.

— Eu a ouvi no banheiro feminino, falando com sua melhor amiga. Não quis me denunciar, então, me escondi e fingi que não estava lá. Eu ouvi tudo, tintim por tintim. Ela estava bêbada, ele não. Ela disse que não, mas ele continuou.

A mente de Asher cambaleou. Serena era a mais jovem dos quatro irmãos Shepherd, a irmãzinha caçula de Jock Shepherd, com quem Asher jogara lacrosse na escola.

— Jock e Tim Shepherd teriam batido naquele estúpido se soubessem. — Na verdade, ele sabia que Jock e Tim o teriam matado sem sentir remorso.

— Não é algo que uma garota saia anunciando. — Ela respirou de forma irregular, e a mão no peito dele estremeceu novamente. — Se eu soubesse que você estava vindo, eu teria...

— O quê? Tentado encobrir?

Savannah se inclinou para cima, olhando em seus olhos e balançando a cabeça.

— Eu estava bebendo, Asher. Foi uma má decisão caminhar na praia com ele.

Será que tinha flertado com Lance? Dado a ele uma ideia errada? Parecia que ela estava escondendo algo.

— Você *queria* ficar sozinha com ele?

— Não! Eu juro. Eu o chamei de idiota pouco antes de me levantar para sair. Mas vi tudo girar, e ele me segurou, colocando um braço em volta da minha cintura. Não queria que Scarlet soubesse que eu estava tão tonta, e ele se ofereceu para dar uma caminhada comigo, para que eu pudesse espairar, então...

— Calma. Por que o chamou de idiota? O que estava acontecendo pouco antes de você se levantar?

Ele observou uma lágrima rolar por seu rosto. E então ele soube. Soube o que ela estava escondendo, e Asher sentiu como se alguém tivesse acabado de lhe dar um soco no coração.

— Ele estava falando de mim — disse ele calmamente.

Ela olhou para as próprias mãos e balançou a cabeça.

— Ele estava falando de mim, você o chamou de idiota e ele a atacou na praia dez minutos depois.

Savannah não disse nada, mas deu de ombros levemente, e ele soube que estava certo. Fazia sentido. Alguém com o ego de Lance Hamilton não seria capaz de lidar com o fato de que Savannah estava dormindo com um aleijado, uma aberração, e não com ele. Asher cerrou a mandíbula com tanta força que chegou a doer. A mulher que ele amava tinha sido agredida por causa dele. Isso fez seu coração se retorcer, e ele cerrou a mão com tanta força que suas unhas cortaram um pouco a palma de sua mão.

Os ombros de Savannah se dobraram para frente, e ele podia dizer, pelo jeito como estavam tremendo, que ela estava chorando de novo. Então, ele empurrou os pensamentos de Lance Hamilton para a parte de trás da mente e a puxou contra ele, colocando-a em seu colo.

— Não, querida, não. Não chore. Está tudo bem. Você está segura agora.

Ele tirou os sapatos e deitou-se de costas com Savannah, prensada entre ele e as almofadas do sofá. Ela estendeu a mão e puxou um cobertor da parte de trás do sofá, espalhando-o sobre eles, deixando a cabeça cansada cair em seu peito. Ele esfregou suas costas em um movimento calmante, sussurrando que ela estava a salvo. Em poucos minutos, sua respiração se normalizou. Ela estava dormindo.

O fato de ela estar exausta derreteu seu coração. Ela não deve ter

dormido muito na noite passada entre sua saída abrupta de Myrtle Beach e a viagem de volta para Virgínia. Pensando nisso, lembrou-se que ela não tinha dormido muito na noite de quinta também. Ele acariciou seus cabelos delicadamente e sussurrou:

— Eu te amo, Savannah. Sinto muito, querida.

Ele lidaria com Lance Hamilton na segunda-feira. Por enquanto, tudo o que importava era Savannah, e tudo que ele queria fazer era cuidar dela.

Os dedos de Savannah se enrolaram no cobertor macio, e ela suspirou quando seus olhos se abriram. A luz estava fraca na sala de estar de seus pais, e ela se viu sozinha no sofá, embrulhada cuidadosamente em um cobertor. Mas cheiros celestiais vinham da cozinha.

Ela sentou-se, lembrando que Asher estivera com ela e que tinha lhe contado tudo antes de chorar e adormecer em seu peito. Ela respirou fundo e percebeu que se sentia melhor do que tinha se sentido em dois dias, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros ao contar sua história para Asher. Só de estar com ele já se sentia mais segura e melhor do que em qualquer outro lugar. Tentou abrir um sorriso e descobriu que seus lábios ainda doíam, mas a dor estava sumindo.

— Bem, isso é um bom sinal — disse ele da entrada da sala de estar. — Acordar com um sorriso.

— Eu me sinto muito melhor agora que contei tudo a você.

Ele atravessou a sala e se agachou na frente dela, pegando sua mão e levando-a aos lábios.

— Fico feliz.

— Desculpe incomodá-lo com isso.

Seus olhos se ergueram e prenderam-se aos dela, intensos e com raiva.

— Você acha que eu estou chateado com você? Nada disso, querida. Mas eu gostaria de matar Lance Hamilton. Ele é uma maldita ameaça.

Apesar da raiva genuína infundida em suas palavras, o cérebro de

Savannah ficou preso na maneira como ele disse *querida*. Ela adorava quando ele a chamava com tanto carinho, e a maneira como ele falou lentamente soou tão sexy e tão correta que a fez desmaiar um pouco por dentro.

— Você é minha garota, Savannah. Não está me sobrecarregando. Nada está fora dos limites. Eu amo... adoro quando você conversa comigo. Sobre qualquer coisa.

Ela respirou fundo, deixando o cobertor cair de seus ombros.

— Qualquer coisa? — ela perguntou, baixando o tom de voz.

Asher assentiu. Seus olhos não diziam muita coisa, mas ela podia jurar que enxergava um pouco de calor por trás deles.

Ela se inclinou para frente.

— Asher, eu não quero falar sobre Lance Hamilton. — Ela lambeu os lábios e olhou para ele. — Me chame de querida mais uma vez.

Seus olhos escureceram, capturando os dela quando ele se inclinou para frente até que ela sentisse sua respiração em seus lábios.

— Querida.

Tremores percorreram suas costas.

— Você acha que poderia me beijar gentilmente?

— Oh — ele suspirou, sorrindo para ela, enquanto seus lábios se abriam suavemente. — Eu acho que poderia tentar.

Seus dedos se entrelaçaram em seus cabelos, puxando-a para mais perto, e ela fechou os olhos, sentiu-o escovar seus lábios nos dela como se fossem uma pena. Por causa de tal carícia, um raio de calor surpreendentemente forte passou de seu rosto direto para o meio de suas coxas, que se abriram para ele.

Ele caiu de joelhos, se inclinando para frente. Em seguida, sentou-se de cócoras, com o braço em torno de sua cintura, e a puxou para baixo em seu colo. Ela montou nele com as costas contra o sofá, e os tornozelos fechados em torno de suas costas, enquanto seus lábios se tocaram. Ela inclinou o corpo para frente quando o beijo se aprofundou, ainda gentil, mas suas línguas se tocando agora, girando e circulando.

Ela impulsionou os quadris para frente, roçando sobre sua ereção, e ele gemeu contra sua boca. Savannah engoliu o som, enfiando os dedos por seus

cabelos, reunindo-os na nuca e inclinando a cabeça para passar os lábios contra a pele exposta de sua garganta.

Ding-ding. Ding-ding. Ding-ding.

— Merda — ele rosnou, enquanto ela passava a língua por sua pele, saboreando-a. — Querida, isso é o forno — disse ele com os dentes cerrados.

— O forno? — Ela pressionou os seios contra ele, com as mãos atadas atrás de seu pescoço, e seus lábios permaneceram no local quente na base do pescoço.

Ding-ding.

— Eu fiz o jantar — disse ele, com a voz tensa.

— O quê? — Ela foi arrancada daquele coma de luxúria, por conta de suas palavras e recostou-se, afastando-se para olhar para ele.

— Jantar — disse ele, ofegante contra sua bochecha. — Eu fiz um guisado.

— Você me fez um *guisado*? — Ela perguntou, tentando absorver esta informação. Nunca um namorado fora doce o suficiente para preparar o jantar para ela. Nunca. Era uma experiência totalmente nova.

— Guisado de pão francês — explicou ele, enquanto sua mão delicadamente esfregava as costas dela. — É a única coisa que eu realmente sei fazer, e achei que você poderia estar com fome.

Eu estou com fome, ela percebeu. *Por alimento em primeiro lugar, em seguida, por você.*

Ela se mexeu em seu colo e se levantou, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar também. Ele pegou a mão dela e, uma vez que estava de pé, Savannah segurou seu rosto com carinho.

— Nunca ninguém preparou um jantar para mim antes, Asher.

O rosto dele passou de um pouco confuso para muito satisfeito. Ele sorriu.

— Minha gratidão — ela o beijou nos lábios — pode ser — beijou-o novamente — interminável.

— Interminável? — ele perguntou, olhando-a quase como se estivesse surpreso por conseguir falar alguma coisa.

— Hum-hum — disse ela, movimentando seus quadris para que encontrassem a dureza por trás de seus *jeans*, enquanto sua língua rapidamente lambia seus lábios uma última vez.

— Como, hum, como assim sem fim? — ele perguntou, com seus olhos escuros parecendo um pouco drogados.

— O tipo de gratidão que dura... A. Noite. Inteira — ela sussurrou com um pouco de provocação saudável. Então, ela mordeu o lábio inferior, afastou-se dele, e dirigiu-se para a cozinha.



Capítulo Treze

Quando ele acordou na cama dela na manhã seguinte, levou alguns segundos para descobrir onde estava. A luz que filtrava através das cortinas brancas de renda fazia todo o quarto parecer doce e sonhador, e ele a puxou para mais perto, sentindo-se endurecer quando seus quadris tocaram a pele macia de suas costas.

Ela suspirou levemente, mas ele poderia dizer que ela ainda dormia pela maneira como seu peito inchava e relaxava sob sua mão. Ele beijou seu cabelo, sentindo o cheiro familiar de limões, pensando sobre a noite passada.

Eles tinham comido seu guisado na mesa da cozinha dos pais dela, embebendo cada pedaço dourado com xarope de bordo morno e falando sobre o que quer que passasse por suas cabeças. Em um dado momento, ela apontou para uma cruz branca na parede, cercada por fitas azuis, e lhe disse que era uma cruz em homenagem à mãe dele. Porra, seus olhos queimaram ao olhar para ela. A receita do guisado era de sua mãe, e ele sentiu o quão satisfeita ela teria ficado por vê-lo sentado na cozinha de Judy Carmichael com a linda filha dela. Sentia a mão de sua mãe em sua vida, em seu crescente amor por Savannah, e fazia com que ela parecesse ainda mais como uma parte faltante do quebra-cabeças, como algo que ele nem sabia que estava faltando até que ela chegou em sua vida.

Ele perguntou a ela sobre o artigo, e novamente ela objetou, dizendo que iria mostrar-lhe quando tudo estivesse pronto. O fato de ela ficar tímida em relação a isso não o incomodava, embora sua curiosidade estivesse começando a vencê-lo. De qualquer forma, ela rapidamente o distraiu, pegando sua mão e puxando-o até o quarto dela, onde demonstrou o que significava aquela “gradidão sem fim”.

Sua relação física era praticamente alucinante. Antes de seus ferimentos, ele tivera uma saudável vida sexual, mas nada comparado ao que experimentava com Savannah. Ela o fazia esquecer de tudo que acontecera no passado. Tocava-o profundamente, não parecendo ver suas imperfeições e desfiguração; ela via além delas ou simplesmente as aceitava — e isto fazia com que desejasse se ajoelhar a seus pés em gratidão e devoção depois de tantos anos de solidão.

Mas ainda melhor que a química escaldante era a facilidade com que ele podia conversar com ela. Crescer na provincial Danvers tinha seus benefícios: segurança e comunidade, ar fresco, grama verde e beijos roubados atrás das arquibancadas. Tivera a típica infância americana, completa, com pais amorosos e a promessa adicional de um fundo fiduciário considerável. Mas passar um tempo em Charlottesville e no Exército mostrara a Asher muito mais do mundo do que a pacata Danvers poderia oferecer. Ele fora exposto a tantas ideias e culturas diferentes, a formas alternativas de olhar as coisas. Mesmo após retornar a Danvers, ele leu copiosamente, mantendo-se — pelo menos mentalmente — informado sobre o mundo tanto quanto possível. Não que isso realmente importasse naquele momento na vida de Asher, mas mesmo que quisesse misturar-se aos moradores, era improvável que as sensibilidades de uma cidade pequena como Danvers combinassem muito bem com o homem que ele tinha se tornado.

Era por isso que Savannah, que estudou em Nova York, que escreveu sobre eventos mundiais importantes, que manteve sua mente afiada e atual, era tão surpreendente, desconcertante e emocionante para ele. Em uma lagoa muito pequena, eles eram dois peixes iguais, e isso o guiava para ela. Ela era sua amante, sim, mas em um surpreendente curto espaço de tempo também se tornara sua melhor amiga.

— O que você está pensando? — ela perguntou, arqueando-se contra ele e fazendo calafrios percorrerem sua espinha.

— Você — disse ele, inclinando-se para beijar seu pescoço. — No

quanto minha vida é melhor com você nela.

Um longo momento se passou, enquanto eles permaneceram simplesmente deitados juntos, no silêncio de seu quarto, pele com pele, seu coração bombeando contra as costas dela e seus lábios descansando preguiçosamente em seu ombro.

— Eu amo você também — ela finalmente disse baixinho, de costas para ele.

As palavras dela ricochetearam em seu cérebro como algo muito impressionante para suportar. Ele não esperava por elas, não as antecipou, e seu coração — que discretamente desejou aquelas palavras por dias — não sabia como acreditar que era possível que uma criatura tão linda como Savannah se apaixonasse por uma criatura despedaçada como ele.

— Diga isso outra vez — ele sussurrou, fechando os olhos que ardiam para que a voz dela fosse tudo o que existia.

Ela girou, movendo-se ligeiramente para que pudesse ficar de costas, ao lado dele. Asher abriu os olhos para olhar para ela, e com seu cabelo bagunçado e os lábios inchados, ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto.

— Eu também te amo, Asher.

Sem quebrar o contato visual com ela, ele estendeu a mão para afastar fios de cabelo que tocavam sua testa.

— Você me tira o fôlego.

— Eu preciso de você — disse ela, com os seios subindo e descendo rapidamente, enquanto seus mamilos se enrijeciam sob o seu olhar intenso.

— O que você precisa, querida? — perguntou ele, enquanto seus dedos traçavam um lado de seu rosto, fazendo uma breve pausa nos lábios, que se abriram para ele. Ele deslizou um dedo entre os dentes, e ela o chupou fortemente. Um tiro de calor seguiu de seu dedo para sua virilha, fazendo sua ereção inchar enquanto ele se lembrava da sensação dela chupando outra coisa que não o seu dedo.

— Você. — O som era baixo e rouco, entregue, vindo da parte de trás de sua garganta.

— Savannah — ele respirou, retirando o dedo.

— Eu preciso que você me toque — disse ela, lambendo e, em seguida,

mordendo o lábio inferior.

— Onde? Aqui?

Seus dedos se arrastaram até os seios dela, um dedo segurando e circulando lentamente o mamilo, sem desviar o olhar do dela.

— Hum-hum. Mais — ela disse sem fôlego, e ele inclinou a cabeça para segurar sua carne inchada entre os lábios. Ele sugou profunda e avidamente, assim como ela fizera com seu dedo, fazendo-a curvar-se para trás, levantando-se da cama e tomando um seio na boca.

Ela gemeu, e ele mudou para o outro seio, amassando apaixonadamente o que estava abandonado, girando seu ereto mamilo entre seus dedos até que ela gritou.

— Mais? — ele ofegava.

— Mais — ela o desafiou, com olhos escuros e selvagens quando se debruçou sobre os cotovelos dobrados para vê-lo beijar uma trilha em seus seios. Ele permaneceu na pele suave e quente de sua barriga, beijando e acariciando enquanto ela se impacientava abaixo dele.

— Por favor — ela suspirou. Seus joelhos estavam dobrados e espalhados, convidando-o, esperando por ele.

— Aqui? — ele murmurou, deslizando para baixo entre suas coxas, beijando a pele macia e branca antes de abrir seus lábios inferiores com os dedos. Ele fez uma pausa.

— Por favor, Asher — ela arfou.

Ele tomou o botão inchado de seu sexo entre os lábios.

Ela gritou, enquanto ele a chupava, girando sua língua ao redor do nó de nervos inflamados, enquanto ao mesmo tempo, ela agarrava os lençóis ao seu lado, torcendo-os. Seus músculos dobraram e ficaram tensos sob ele conforme ele lavava a doçura de sua pele, chupando-a até sentir que ela mal poderia suportar por mais um instante.

— Eu... eu tenho que... — ela choramingou, batendo a cabeça no travesseiro, e ele ergueu a boca, deslizando seu corpo rapidamente e empurrando profundamente dentro dela com um golpe suave. Ela estava tão quente e molhada... ele gemeu, um som estrangulado, vindo da parte de trás de sua garganta, parecendo quase não humano.

— Goze para mim, querida — ele murmurou.

Savannah abriu os olhos para olhar nos de Asher e arqueou-se para fora da cama, para roçar seus quadris nos dele. As unhas dela desenharam sangue nas suas costas quando ela chegou ao clímax. Seus músculos flexionaram e se soltaram como uma tempestade em torno de seu sexo, puxando-o mais fundo e enviando-lhe o orgasmo mais rápido que ele tinha experimentado em toda a sua vida adulta. Ele gritou quando estremeceu e pulsou dentro dela, exigindo seus lábios e beijando-a até que ambos estivessem lânguidos e exaustos. Com seus corpos ligados por suor e exaustão, eles se abraçaram até que ambos caíram no sono.

— Vanna? Vanna, você está aqui?

Os olhos de Savannah se abriram, e ela olhou para Asher, nu ao seu lado, dormindo com a cabeça em seu estômago. Ela o empurrou para que deitasse de costas, e ele estendeu a mão para ela.

— Scarlet está em casa — ela sussurrou, cutucando-o. Bom Deus, seus pais não iriam entender se vissem que um homem passara a noite em sua casa. Ela esperava que Asher já tivesse ido embora quando Scarlet e os pais chegassem em casa.

— E daí? — ele perguntou, olhando para ela antes de fechar os olhos e aconchegar-se de volta em seu travesseiro.

Savannah saiu da cama, pegou uma calcinha do chão, encontrou um *jeans* em seu assento sob a janela e rapidamente meteu um moletom da NYU pela sua cabeça.

— Asher! Você pode se vestir? — ela sussurrou em seu ouvido.

— Vanna?

Houve uma batida leve na porta. Savannah tropeçou no sapato de Asher e abriu uma fresta na porta para olhar para Scarlet.

— Estou acordando ainda, Scarlet.

— Preguiçosa! Acabamos tendo que pegar o voo das oito da manhã. Surgiu uma conferência de última hora para Trent hoje.

— Oh.

Scarlet franziu as sobrancelhas quando olhou para Savannah pela fresta da porta. — Você vai me deixar entrar?

— Umm... bem, eu...

— Bom dia, Scarlet.

A boca de Scarlet se abriu em um O, antes de olhar para Savannah com curiosidade e diversão. Ela lançou um rápido olhar para além da irmã.

— Bom dia, Asher.

Savannah olhou para trás só para encontrar Asher de pé atrás dela, vestindo nada além de um *jeans* e um sorriso. Ele colocou o braço ao redor de sua cintura e puxou-a contra seu peito, beijando o topo de sua cabeça. Quando ele a puxou de volta para dentro do quarto, ela abriu a porta para Scarlet.

— Estou pensando se conto ou não para Mama e papai.

— Você não faria isso! — disse Savannah, sentindo-se como uma adolescente.

— Não faria? — Scarlet brincou, caminhando pelo quarto de Savannah. Ela sentou-se na penteadeira, e seu rosto ficou sério quando ela apontou para o lábio da irmã. — Você está bem, querida?

Savannah saiu do abraço de Asher e sentou-se na beirada da cama.

— Temos que conversar, Scarlet. Sobre o que aconteceu na praia.

Scarlet olhou para Asher, que assistia as meninas conversarem com os braços cruzados sobre o peito.

— Asher fica — disse Savannah, estendendo a mão para ele.

Ele pegou sua mão e entrelaçou seus dedos aos dela. Scarlet assistiu esta interação com interesse e... Inveja? Sim. Parecia inveja.

— Scarlet — Savannah começou.

— Sim, querida — disse Scarlet — Trent falou com Lance, e eles já me explicaram tudo. Você estava um pouco bêbada, e vocês dois acabaram batendo com as cabeças quando você se inclinou para vomitar na areia. Pobre Lance, foi pego no fogo cruzado enquanto você se sentia mal...

— Pare com isso! — Os dedos de Savannah agarraram os de Asher como

ferro. — Você sabe que não foi assim. E se perguntar a Goosey ou a Jen...

— Oh, querida, Goosey não quer se envolver em uma briga tola de família. — Scarlet se mexera um pouco para pegar uma escova na penteadeira de Savannah, parecendo incapaz ou sem vontade de olhar nos olhos da irmã. — Você estava bebendo na van, Vanna. Bebeu muita cerveja no churrasco. Não pode culpar outra pessoa por suas pobres escolhas. Porque se...

— Você ficou total e completamente insana? Ele teria me estuprado, Scarlet, se Goosey e Jenny não tivessem aparecido. Isso foi o que aconteceu!

Scarlet ainda olhava para a escova de cabelos, mas suas mãos tinham se acalmado e seu peito arfava com a força de sua respiração.

— Bem, eu...

— Scarlet. Diga imediatamente que acredita em mim, que você sabe o que estava prestes a acontecer, o que *teria* ocorrido se essas meninas não tivessem aparecido. Olhe para mim e me diga que sabe que Lance Hamilton teria agredido sua própria irmã, porque você sabe que é a verdade. Você *sabe* que é, Katie Scarlet Carmichael!

Asher moveu-se um pouco para que seu quadril ficasse pressionado contra o dela e posicionou as mãos em seu colo de forma protetora, embora continuasse em silêncio. Ele queria que ela soubesse que estava do seu lado, que acreditava *nela*, mas estava também dando-lhe o espaço para resolver as coisas com a irmã, e ela o amava por isso.

— Ele é um homem promíscuo, um perverso e um *estuprador*, Scarlet!

Os olhos de Scarlet encontraram os da irmã, e, para desgosto de Savannah, estavam frios e furiosos.

— Você está falando do irmão do meu noivo, Savannah. O irmão de Trent. Trent. O homem com quem eu vou me casar.

— E eu sou sua *irmã* — disse Savannah em voz baixa, sentindo-se quase incrédula.

Scarlet se levantou e disse:

— Eu não estava lá. Não vi o que aconteceu, querida. Lance diz uma coisa. Você diz outra. Você estava um pouco bêbada, e ambos acabaram sangrando. Não podemos simplesmente deixar isso de lado? Mesmo que ele

tenha ficado um pouco abusado, você revidou, não é? Tenho certeza de que ele aprendeu a lição. Vamos apenas deixar isto assim.

Savannah olhou para sua irmã, de queixo caído e chocada, como se estivesse olhando para um estranho. Sempre houve uma diferença significativa de idade entre elas, e Scarlet sempre fora uma garotinha de cidade pequena em relação a mulher mais independente e sofisticada que era Savannah. Mas Savannah nunca acreditaria que um babaca como Lance Hamilton poderia começar uma briga entre elas.

— Scarlet — disse ela, estremeando com a angústia em sua própria voz.

Scarlet alisou a saia de seu vestido de verão.

— Está no passado, Vanna.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

Scarlet deu de ombros, mas não encontrou os olhos de Savannah.

— Não há mais *nada* a dizer.

— Certo — Savannah virou-se para Asher com lágrimas nos olhos. — Eu não posso ficar aqui.

Ele soltou a mão dela e acariciou seu rosto com o polegar.

— Então fique na minha casa, comigo, por um tempo, querida.

— Vanna! — exclamou Scarlet, voltando-se para olhar para sua irmã. — Isso é ridículo.

— O que é ridículo é que você não vai resolver isso — disse Savannah em uma voz calma e comedida, encorajada pelo apoio gentil de Asher. — O seu futuro cunhado tentou me atacar. E você quer agir como se não tivesse acontecido. Mas aconteceu. E *precisa* ser resolvido

— Então, o que você quer que eu faça? — perguntou Scarlet com uma voz estridente e sem paciência, enrolando seus pequenos dedos bem cuidados.

Savannah foi para cima dela com as mãos nos quadris.

— Eu quero que você me diga que acredita em mim. Quero que você fale com Trent, e eu quero que ele fale com Lance. Quero que Lance admita que estava fora de controle e peça desculpas, que me diga que nunca vai acontecer novamente. Você quer fazer isso da maneira Sulista? Sem polícia? Ótimo. Mas

nós ainda temos que *acertar as contas*. E se você não vai resolver nada, não posso ficar perto de você.

Scarlet olhou para Savannah por um longo momento.

— Eu sinto muito, Savannah. Verdadeiramente. Mas simplesmente não acho que deva fazer isso. — Então ela saiu pela porta, fechando-a cuidadosamente atrás de si.

Asher se levantou, passando o braço ao redor de Savannah por trás. Ela se virou para chorar em seu peito.

Acertar as contas. Essas eram as únicas palavras que zumbiam na cabeça de Asher enquanto ele dirigia para a cidade na manhã seguinte.

Não que ele não adorasse ter Savannah em sua casa. Adorou acordar ao lado dela naquela manhã e saber que ela ainda estaria lá quando chegasse em casa. Ele adorava saber que eles teriam o dia todo juntos: para andar na floresta, fazer amor no bosque, jantar juntos na longa mesa de jantar que estivera tão vazia por tanto tempo.

Mas ele a amava demais para sentir qualquer prazer que resultasse de seu rompimento com a irmã. Ele podia ver como isso a estava afetando, mas também sabia que Scarlet teria que admitir o que tinha acontecido para Savannah voltar para casa. Além disso, ela precisava conseguir um pedido de desculpas adequado e contrito do irmão de seu noivo. Nada menos do que isso iria funcionar. Hamilton tivera sorte por Savannah não ter apresentado queixa, embora Asher silenciosamente concordasse que teria sido um caso difícil. Ataque sem testemunhas e resultando em lesões quase iguais não seria fácil de provar. E se nem Scarlet estava ao lado de sua própria irmã, não havia nenhuma maneira de Goosey e Jenny concordarem em se envolver. Não que elas tivessem visto qualquer coisa, de qualquer maneira. De acordo com Savannah, Lance já tinha saído de cima dela quando a encontraram.

Acertar as contas. Savannah estava certa. Era a maneira sulista. E enquanto Savannah e Scarlet tinham suas próprias contas para resolver, Asher também tinha as suas. Outro homem tinha violentamente posto as mãos em sua mulher. E ele estaria condenado se o deixasse em paz sem uma lição.

Seria a primeira vez que ele iria a qualquer lugar na cidade, além da casa dos Carmichael, em oito anos. Essa realidade mal cruzou seu radar quando ele parou no estacionamento ao lado da pequena casa de madeira branca que era o escritório da Financeira Hamilton & Filhos.

Hap Hamilton, o pai de Lance e Trent, era o executor de confiança da família Lee, tendo herdado o trabalho de seu pai, Henry Harvard Hamilton. Embora Asher não conhecesse Hap muito bem, eles tinham se falado ao telefone ao longo dos anos, e até agora, Asher não tivera problemas com os Hamiltons. Isso tinha mudado. Depois de resolver as questões com Lance, ele tinha toda a intenção de mudar seus negócios para uma empresa financeira diferente e cortar laços com os Hamiltons permanentemente.

Ele estacionou o carro e caminhou tão rapidamente quanto sua perna permitia até a porta da frente, entrando na pequena área de recepção. A jovem levantou os olhos do teclado, e Asher se preparou.

Ela engasgou, então estremeceu, e seu rosto se contorceu quando mostrou os dentes e estreitou os olhos em horror.

— Oh, meu Deus — ela choramingou, então, fechou a boca, tentando se recuperar. Desviou os olhos de seu rosto rapidamente, baixando-os para sua camisa Oxford apertada, calça cáqui clara e sapatos caros. Ela finalmente expirou, e ele viu seus ombros relaxarem.

— Qual é o caminho para o escritório de Lance? — ele perguntou em um tom baixo e claro.

Ela não olhou para cima, mas apontou.

— À-esquerda. U-última porta à esquerda.

Asher virou sem dizer uma única palavra, andando pelo corredor decorado com bom gosto, passando por uma sala de conferências e um pequeno refeitório. Quando chegou à porta final à esquerda, ele virou a maçaneta e abriu-a.

Lance Hamilton estava sentado em uma cadeira de couro negro alta, de costas para a porta, falando ao telefone.

— Eu não posso garantir, Srta. Simmons, mas tenha a certeza de que vou tentar.

Ao som da porta se fechando, ele girou em seu assento, e seus olhos se arregalaram quando viu o homem em pé diante de sua mesa. Ele olhou para o

rosto de Asher com fascínio por um momento, em seguida, fez uma careta de desgosto, franzindo o nariz.

— Srta. Simmons, ligo para você depois. Algo inesperado e desagradável acaba de entrar em meu escritório. Uh-huh. Num instante. Tchau.

Ele colocou o telefone de volta no gancho sem tirar os olhos de Asher. Então, se inclinou para trás em sua cadeira, colocando os dedos sob o queixo.

— Ora, ora. Pensei que Asher Lee fosse apenas uma história para assustar criancinhas.

— Eu não sou — disse Asher, cerrando o punho.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Lance com uma expressão curiosa.

— Você colocou as mãos em algo que me pertence.

— Oh! Oh! — Lance se balançou suavemente em sua cadeira, com um sorriso bajulador se espalhando por seu rosto. — Ah, então isso aqui tem a ver com aquela puta fria... Savannah Carmichael, não é?

Asher viu tudo ficar vermelho. Fúria vermelha e crua. Ele se inclinou sobre a mesa e agarrou Lance pelo nó da gravata, na base de sua garganta, e puxou-o para frente até que seu rosto bateu na mesa. Lance ficou tão chocado que não teve tempo para reagir.

— Chame-a de puta de novo — rosnou Asher.

— Ela é apenas um pedaço de carne barata do Norte.

Em um instante, Asher puxou Lance, recuou o musculoso braço e esmagou o punho no nariz já ferido de Lance. O sangue jorrou sobre a mesa e em sua camisa quando ele recuou o punho para bater em Asher, mas este bloqueou o golpe com a palma da mão e empurrou Lance para trás. Lance caiu cambaleando sobre sua cadeira, que tombou, fazendo com que o rapaz batesse no chão.

Asher deu a volta na mesa e se lançou, agarrando o homem mais jovem e menos apto, prendendo seus braços nas laterais de seu corpo. Seu punho conectou-se com o nariz de Lance mais uma vez, e o som nauseante de cartilagem partindo foi precedido por um grito estridente.

— Você quebrou meu nariz, seu imbecil!

— Quer ser agressivo com alguém? Lute comigo, não com uma mulher.

— Fui criado para não bater em um aleijado.

— Foi porra nenhuma!

Lance tentou libertar os braços, mas Asher os tinha fixado, e as pernas de Asher eram muito fortes.

— Você é lixo. Sai ferindo e forçando mulheres, seu fodido doente.

— Eu nunca a toquei. Ela é uma vagabunda e está mentindo.

Asher cuspiu na confusão sangrenta que agora era o rosto de Lance.

— Eu lhe disse para não chamá-la assim.

Ele levantou o punho novamente, e Lance gemeu, cerrando os olhos com medo quando uma lágrima rolou pela sua bochecha. *Covarde*, pensava Asher. *Você é apenas um valentão e um covarde*. Ele acalmou a mão e baixou seu punho, falando em um tom baixo, letal.

— Quero que me escute, Lance Hamilton, e escute bem. Se você voltar a chegar perto de Savannah Carmichael com algo além do maior respeito, eu vou voltar aqui com a minha arma e vou atirar em suas bolas. Isso é uma promessa. Balance a cabeça se você me entendeu.

Lance abriu os olhos, mas a maior parte da força de vontade tinha lhe abandonado. Ele estava respirando pesadamente, provavelmente por causa da dor do nariz quebrado, mas conseguiu acenar com a cabeça.

Asher saiu de cima dele e se dirigiu à porta. Quando ele olhou em volta, Lance estava rastejando de joelhos e usando a lateral de sua mesa para se sustentar enquanto se levantava. Levou a mão ao nariz, e ela ficou coberta de sangue.

— Vou apresentar queixa! — Lance gritou atrás de sua mesa. Asher tinha aberto a porta, mas se virou, atravessou a sala e atingiu o punho novamente no rosto de Lance antes que ele pudesse entender o que tinha lhe atingido. Ele caiu para trás em sua cadeira novamente, gemendo de dor, e Asher agarrou os braços da cadeira, prendendo-o ali.

— Rapaz, será que você não sabe quando calar a boca? Que inferno!

Lance sentava-se parecendo miserável, olhando para Asher.

— Ouça-me, Lance. Esta é a última vez que eu vou falar com você antes de deixar seu rosto parecido com o meu. Você não vai apresentar queixa

nenhuma. Nem contra mim. Nem contra ela. Se você alguma vez se atrever a incomodar Savannah novamente, vou encontrar Serena Shepherd e pagar o que for preciso para trazê-la de volta para Danvers e fazê-la corroborar com cada palavra que Savannah Carmichael disser sobre você. Então, se você não quer ser conhecido como o estuprador do condado e ficar preso pela próxima década, vai deixar isso de lado e *nunca* mais vai chegar perto de Savannah Carmichael novamente. Você está me ouvindo, seu estuprador de merda?

— Eu ouvi. Eu ouvi — Lance murmurou, escorregando em sua cadeira, completamente derrotado. Quando Asher saiu do escritório, ele encontrou Trent Hamilton em pé no corredor, pálido e chocado. Obviamente tinha ouvido tudo.

— Seu irmão é uma *ameaça* — disse Asher, enxugando os dedos ensanguentados em suas calças. — Mantenha-o sob controle antes de se casar com uma moça daquela família. E eu falo sério. Ou vai sobrar para você também.

Trent engoliu em seco, olhando para Asher com algo novo em seus olhos. Respeito? Admiração? Sim. Isso estava lá, além do choque e do pavor. Talvez as mulheres não fossem as únicas pessoas que Lance Hamilton gostava de intimidar em sua vida. Talvez Trent também tivesse sido uma vítima. O rapaz finalmente assentiu, sem tirar os olhos de Asher.

Este, estendeu a mão para apertar o ombro de Trent, antes de virar a cabeça na direção do corredor.

— Oh, meu Deus! — disse a Srta. Potts. — Oh! Não diga! É verdade?

Savannah sabia que não era educado escutar, mas estava desesperada por uma xícara de café. Ela abriu a porta da cozinha e deparou-se com a Srta. Potts, que segurava o telefone com muita atenção, com um olhar inquiridor. Ela acenou para Savannah, apontando para a cafeteira no canto do balcão. Savannah pegou uma caneca no armário e encheu-a, encostada ao balcão.

— Isso é chocante, Sophia. Oh, meu Deus. Chocante.

Savannah olhou para cima, e a Srta. Potts apontou para a mesa da cozinha, onde um prato coberto estava no centro da mesa. Savannah descobriu-o, encontrando biscoitos e muffins. Ela pegou um e sentou-se.

— Uma ambulância? Oh, meu Deus! Não dava para alguém tê-lo conduzido para a clínica local para levar alguns pontos? Sério? Estava muito quebrado? Oh, meu Deus!

Savannah mordeu o muffin e tentou não sorrir. Ela estava familiarizada com aquele tipo de conversa. Ouvira coisas parecidas na cozinha de sua mãe mil vezes. Alguém em Danvers tinha começado uma briga com outra pessoa e toda a cidade ficava em polvorosa.

— Bem, eu tenho que dizer que sempre achei que ele iria revelar-se um mau rapaz. Fui professora dele e sempre foi um encrqueiro, desde o começo. Estava preocupada que seu irmão fosse da mesma forma, mas Trent era uma criança muito mais doce. Seja como for, eu imagino que ele tenha merecido. Alguém sabe o motivo?

As orelhas de Savannah animaram-se logo que ouviu o nome de Trent, e ela começou a se concentrar mais cuidadosamente na conversa, tentando não parecer abertamente interessada. A Srta. Potts viu os olhos confusos de Savannah e sorriu beatificamente para a moça antes de voltar sua atenção para a chamada.

— Sim. Sim, Sophia. Você está certa. Bem, milagres sempre acontecem. Tenho certeza de que ele vai estar de volta a qualquer minuto. Ah, sim. Sim, eu ligo. Tchau.

Srta. Potts colocou o telefone de volta no gancho e virou-se para Savannah, redefinindo seu rosto em um sorriso gentil.

— Como está o seu muffin, querida?

— Está muito bom — disse Savannah, vasculhando o rosto da mulher, tentando descobrir o que estava acontecendo. — Receita da Sra. Lee?

A Srta. Potts sorriu.

— Claro.

— Então, algo muito importante deve ter acontecido para Sophia Henry colocar a fábrica de fofocas para funcionar tão cedo. Já são 8h15?

— Sim, querida. São quase 9.

— Eu ouvi o nome de Trent Hamilton? Tem a ver com Asher? — Savannah olhou ao redor da cozinha. — *Onde* está Asher?

— Bem, eu suspeito que ele estará de volta a qualquer minuto.

— De volta?

— Parece que ele tinha negócios na cidade.

— Que negócios?

— O tipo de negócios onde o rosto de Lance Hamilton é esmurrado — disse ela com doçura.

— O-o quê?

— Sim. Na verdade, parece que Asher Lee apareceu na cidade pela primeira vez em quase dez anos. Estacionou na Hamilton & Filhos, indo direto quebrar o nariz de Lance Hamilton, e foi embora.

— A-Asher? — O muffin ficou pendurado nos dedos moles de Savannah. — Foi Asher que...

— Asher — confirmou a Srta. Potts, pegando o muffin da mão de Savannah e colocando-o delicadamente sobre um guardanapo.

— Oh, não — disse Savannah, jogando-se em sua cadeira. — Ah, não. O que ele fez?

— Minha melhor aposta? — A Srta. Potts apontou para o local onde Savannah ainda estava ferida, em seguida, deu a volta na mesa para pegar a mão da moça. — Ele se apaixonou. Alguém se meteu com sua garota. Ele acertou as contas.

Uma emoção primitiva percorreu Savannah, e seu coração começou a bater em uma dança tribal contra suas costelas. Ela repreendeu-se por aplaudir tal barbárie, mas a ideia de que Asher tinha realmente se aventurado até a cidade para defender sua honra era tão sexy e tão querida que ela não sabia o que pensar.

— Srta. Potts...

— Sim? — a senhora estava eufórica, com seu rosto brilhante e satisfeito.

— Ele foi para a cidade. Ele... — Ela olhou para a mulher mais velha, sentindo-se confusa.

— Ora, é claro, querida. Ele é um homem. E ama você. — Ela acariciou a mão de Savannah antes de liberá-la. — Ele não ia à cidade há quase dez anos. Mas agora? Ele já foi à sua casa mais vezes do que posso contar, e acabou de

quebrar o nariz de Lance Hamilton. — A mulher deu de ombros e riu como uma estudante, radiante, enquanto bebericava de seu copo de café. Savannah olhou para ela como se tivesse um parafuso solto, mas a Srta. Potts sorriu-lhe, serena como se fosse a rainha da Inglaterra. Eventualmente seu sorriso mudou de alegre para grato, enquanto ainda olhava para Savannah.

— Você está mudando a vida dele, Savannah. Não consegue ver isso?

— Ele bateu em um homem. Isso não é civilizado. Eu não deveria aprovar.

— Mas você aprova, e eu também. — A Srta. Potts riu, apoiando as mãos sobre a mesa e levantando-se para renovar seu café. — Isso é honra, querida. Nós somos sulistas. É a nossa maneira de resolver as coisas.

As suas próprias palavras, no dia anterior, ecoaram em seus ouvidos. *Você quer fazer isso da maneira Sulista? Sem polícia? Ótimo. Mas nós ainda temos que acertar as contas. E se você não vai resolver nada, não posso ficar perto de você.*

— Eu não queria que ele... — ela sussurrou, enquanto seu coração se acelerava de amor. Ele tinha ido até a cidade para defender sua honra, e ela não conseguia se lembrar de qualquer homem, em toda a sua vida, que tivesse feito algo tão romântico por ela. Isso a fez sentir-se amada e cuidada, segura e adorada. Protegida. Reivindicada. E mesmo sendo uma garota tão moderna, percebeu que adorava aquilo. Ela precisava vê-lo, precisava segurá-lo, precisava que ele soubesse o quanto isso significava para ela, que ele tivesse colocado seus próprios medos e preocupações de lado apenas para que pudesse acertar as contas por ela. — Oh, Asher!

— O quê, querida?

A porta da cozinha se abriu, e Asher surgiu na porta, com respingos de sangue em sua camisa, seus olhos escuros e possessivos focados em Savannah.

— Vou deixar vocês a sós — murmurou a Srta. Potts, esgueirando-se em torno de Asher à sala de jantar.

— Asher Lee — disse Savannah, sem fôlego, levantando-se da mesa, sentindo os joelhos vacilarem pela força de seus sentimentos. — O que você acabou de fazer por mim?

— Savannah Carmichael — disse ele, com o rosto suavizando-se com o

mais terno e amoroso sorriso que ela já tinha visto. — Eu te amo. *Você não sabe que eu faria qualquer coisa por você?*

Ela correu pelo cômodo, jogando os braços ao redor de seu pescoço, enquanto ele a puxava para perto. Quando os lábios se encontraram, ela jurou que iria descobrir uma maneira de nunca, nunca abandoná-lo.



Capítulo Quatorze

A primeira vez em que vocês viajam juntos

Viver com Asher não era algo que Savannah tivesse planejado, mas na sexta-feira de manhã ela já se sentia tão confortável em sua casa que começara a sentir que era o certo. Seu pai se opôs, a princípio, com a decisão de ela ir viver temporariamente com Asher, mas depois de ouvir sobre a cena na Hamilton & Filhos, nenhum de seus pais pronunciou outra palavra. Embora o boato não fosse inteiramente claro nos detalhes, todos pareciam entender que Lance Hamilton tinha passado dos limites com Savannah Carmichael e que Asher Lee a tinha defendido.

Ambos, Savannah e Asher, foram considerados por muito tempo como estranhos: nascidos e criados como pessoas de Danvers, mas que tinham deixado o conforto tranquilo de sua cidade natal em busca de um sonho pelo mundo, Asher, em Charlottesville e no exército, e Savannah, na cidade de Nova York. Embora ninguém entendesse completamente o que uma garota bonita como Savannah tinha visto em um aleijado como Asher, de certa forma, fazia sentido que tivessem acabado juntos.

Dois seres bizarros se encontram. A vida não é estranha? O amor não

é imenso?

Após a cena do espancamento, Scarlet enviara uma mensagem para a irmã, com apenas três palavras: *Contas acertadas agora?*, Savannah escreveu em resposta: *Apenas entre Asher e Lance. Não entre mim e você.* Scarlet não lhe deu qualquer resposta depois disso.

O que mais incomodava Savannah era a incapacidade de Scarlet de aceitar a sua versão dos acontecimentos como a verdade. Suspeitava que Scarlet sabia que Lance era um porco, mas não entendia por que ela não admitia isso. Como eles poderiam passar férias com os Hamilton se Savannah não se sentisse segura? Como poderia compartilhar sobrinhas e sobrinhos com Lance, se não pudesse ficar sozinha em um cômodo com ele? No mínimo, ela precisava de um pedido de desculpas verdadeiramente arrependido, ou precisava saber que Scarlet e Trent nunca lhe pediriam para interagir com ele de novo. Até que uma dessas duas coisas acontecesse, ela não poderia fazer parte da vida de Scarlet. Isso doía. Mas era o correto.

Também parecia certo ficar com Asher, que havia se tornado o centro de seu mundo. Eles conversavam e faziam caminhadas juntos, liam livros aconchegados em sofás e deitados lado a lado em mantas de piquenique. Partilhavam pedaços da vida um do outro, e Savannah ficava maravilhada com o quanto eles tinham em comum e com o quanto eles não tinham. E o quanto não importava que nem todos os caminhos de suas vidas se cruzassem, porque isso seria simplesmente chato, e Asher não era nada chato.

E as noites – quando ele a tocava, balançando-se dentro dela e reivindicando-a por completo. Ela se pegava perguntando a si mesmo o que seria da vida sem ele. Seu coração já havia convencido sua mente de que o amor que sentiam era tão genuíno, tão forte e seguro, mesmo sendo tão novo, que iriam superar tudo o que estava por vir e descobrir uma maneira de ficarem juntos. Evitavam falar sobre isso, mas a maneira simples como passavam os dias juntos significava que estavam se dedicando e se ligando mais e mais um ao outro.

Seu plano era simples: ela iria terminar o artigo e, então, ela e Asher teriam uma longa conversa sobre o que viria em seguida, e desde que isso incluísse estarem juntos, tudo ficaria bem.

Na sexta-feira à tarde, ele sugeriu um almoço no bosque. Mais tarde, eles jaziam entrelaçados na namoradeira lendo em seus *Kindles*. Com a barriga cheia e o sol em seu rosto, Savannah estava apenas começando a cochilar quando ouviu o suspiro de Asher.

— O que foi? — perguntou ela.

— Eu estava adiando contar a você... — Seus olhos estavam sérios, como se ele tivesse uma grande ou má notícia, e o pulso de Savannah acelerou. — Preciso viajar amanhã. Para Maryland.

— Viajar?

Sentindo uma vergonha humilhante, não estava apenas surpresa ao ouvir que ele precisava viajar no fim de semana, estava triste também. Genuinamente. Estava bancando a namorada irritada, chorona, dependente e triste. Poderia até mesmo ter feito beicinho.

Ele traçou o contorno de sua boca com um dedo, demorando-se suavemente sobre a pele quase curada de seu lábio inferior por um momento.

— Apenas por uma noite.

A noite inteira? Ela fez mais beicinho.

— Oh. Por quê?

Ele desviou os olhos dela, afastando a mão do seu rosto, como se preferisse não dizer:

— Consulta médica.

Ela mordeu o lábio inferior. A última vez que eles haviam discutido sobre consultas médicas, ele tinha se excedido e feito com que ela chorasse. Savannah engoliu em seco, olhando para ele. Tinham evoluído desde então, não tinham? Não estavam próximos o suficiente agora para que ela pudesse perguntar sobre essa parte de sua vida também? Ela reuniu sua coragem.

— Que tipo de consulta médica?

Ele coçou o queixo, olhando para ela.

— Você não vai querer ouvir sobre isso, Savannah.

— Sobre o quê? — Seu rosto deve ter registrado a confusão que sentia, quando ele olhou para ela. — Claro que eu quero.

— É deprimente.

— Não é deprimente. É parte de quem você é. Quero saber tudo sobre você.

— Como repórter?

— Como namorada.

Ele fechou a capa de seu *Kindle* de forma abrupta.

— Eu não quero sobrecarregá-la.

— Não é um fardo. Eu... Eu... Você sabe o quanto eu me preocupo com você.

Savannah não sabia por que era tão difícil para ela devolver os muitos “Eu amo você” de Asher, mas era. Embora ela tenha conseguido lhe dizer que estava se apaixonando por ele, e embora sentisse o amor em seu coração, ela também sentira todas essas coisas por Patrick, até certo ponto, e estava hesitante em dizer tudo aquilo tão rapidamente. Queria dizê-las para apenas mais uma única pessoa em sua vida. Mais e mais, ela pensava querer que Asher fosse essa pessoa, mas só precisava de um pouco mais de tempo para ter certeza.

“Eu me preocupo com você” e “Eu te amo” não são a mesma coisa, e Asher estava tentando fazer com que a posição dele na vida dela subisse de patamar. Ela sabia disso. Podia sentir. Os olhos dele se tornaram severos por um minuto, antes de relaxar.

— Eu provavelmente poderia resolver tudo em um dia, se você ficar desconfortável aqui sem mim.

— Seriam oito horas de condução em um dia, Asher! — Então ela teve uma ideia. — Eu poderia ir com você.

— Como você acabou de dizer, é uma viagem de oito horas.

Ela deu de ombros, ganhando um pouco de coragem. Ele não tinha dito que não, afinal de contas.

— Mas nós estaríamos juntos. E nesse caso, não me importaria nem se fossem *oitenta*.

Ele piscou para ela, quando o significado daquelas palavras o atingiu, pouco antes de seu rosto explodir em um largo sorriso, que o fez puxá-la para mais perto.

— Oito horas de ida e volta, só para que eu possa ser equipado com uma nova mão.

— Biônica? — ela perguntou.

— Uh-huh. Eu vou ser um homem parcialmente biônico quando eles

terminarem — ele disse, com uma voz feliz, beijando seu cabelo.

— Contanto que você seja o *meu* homem parcialmente biônico — disse ela, inclinando-se sobre o peito dele e prendendo seus lábios em um beijo. — Estou dentro.

Eles permaneceram em silêncio, enquanto a zona rural de Virgínia passava em um borrão. Savannah estava no banco do passageiro, com seus dedos digitando nas teclas de seu computador. Estavam quase a meio caminho de Maryland.

Asher sentia-se surpreso por ela ter se oferecido para ir com ele. Depois de tantos anos sozinho, parecia inacreditável que no curso de poucas semanas tivesse chegado tão longe, que pertencesse a outra pessoa, e outra pessoa pertencesse a ele. E, embora a rapidez com que tudo foi acontecendo entre eles provavelmente devesse alarmá-lo, isso não estava acontecendo. Mais do que tudo, ele queria que as coisas acontecessem ainda mais rápido: queria um ‘para sempre’ garantido com Savannah.

E, no entanto, a viagem até a cidade lembrara a Asher o quão temível era seu rosto para estranhos. A recepcionista na Hamilton & Filhos mal fora capaz de olhá-lo nos olhos sem horror. O problema de discutir o futuro era que tornava-se impossível planejar qualquer coisa, quando ele não podia sequer se misturar com a humanidade.

Ele via as múltiplas cirurgias como a única chance real de um futuro com Savannah. Mas ainda não tinha mencionado os procedimentos para ela, e isso o estava corroendo. Não sabia como contar. Sempre que pensava em começar o assunto, era assim que soava:

Depois que você terminar de escrever seu artigo, eu vou me mudar para Maryland por meio ano para ter meu rosto operado várias vezes. E eu sei que você está planejando ir para Phoenix se lhe oferecerem um emprego. Sei também que nós estivemos juntos somente por pouco tempo, mas eu estou apaixonado por você, e a ideia de ficarmos longe por tanto tempo me faz querer morrer, então...

Ele ia ficar com o *então* e esperar pelo resto. Não havia nenhuma maneira mais fácil de terem essa conversa. Então... ele precisava dizer a si mesmo que deveria viver o momento e desfrutar do tempo que tinham juntos,

porque esse período no paraíso estava rapidamente chegando ao fim.

Ele olhou para ela, sentindo-se consciente de que seu lado ruim estava em plena exibição enquanto ele dirigia ao lado dela. Será que isso não a incomodava? Por que ela não tremia quando olhava para ele? Como ela era capaz de acolher seus avanços, seus afetos, sem aversão ou horror? Incomodava-o que não confiasse nela, porque a queria muito. Decidiu não se focar nesses pensamentos e apenas perguntar a ela diretamente.

— Savannah?

— Hmmm?

Embora ela tivesse parado de digitar, ainda estava olhando para a tela atentamente, provavelmente relendo o que tinha escrito.

— A minha aparência...

Ele manteve os olhos focados na estrada, mas com o canto do olho viu quando ela mexeu a cabeça.

— O que tem ela?

— É péssima. Às vezes eu não entendo como você pode... Quero dizer, por que você...

— Encoste — ela disse suavemente, mas com firmeza.

Ele fez o que ela pediu, observando-a enquanto fechava seu computador e o colocava no chão. Ele sentiu os olhos dela em seu rosto, no lado ferido — gravemente danificado —, o mesmo que fizera uma recepcionista se horrorizar há alguns dias. Ficaram em silêncio por vários minutos, com Asher olhando para fora do para-brisa e Savannah olhando para Asher.

— Olhe para mim — ela finalmente disse.

Ele torceu o pescoço para olhá-la, com medo do que veria e, então, sentiu-se prestes a chorar quando percebeu a compaixão e o carinho em seus olhos.

— Alguma vez você assistiu *O Império do Contrabando*, na HBO?

— Não — disse ele, surpreso com a pergunta.

Ela olhava para ele enquanto falava em voz baixa.

— Tinha um personagem naquele show, que ficou até morrer, na

última temporada. Não penso em mim como uma chorona, mas eu chorei quando ele morreu. Algumas vezes, na realidade. Ele tinha se tornado a minha parte favorita do show desde o dia em que apareceu; eu vivia para ver suas cenas. Eu fazia todo o possível para estar em casa a tempo de assistir nas noites de domingo. Chegava a sair de uma festa mais cedo. Desligava o telefone... E depois de assistir, eu revia todas as cenas com ele. Eu as assistia durante toda a semana. Isso me segurava até a semana seguinte. Se for possível se apaixonar por um personagem de TV, talvez eu fosse um pouco apaixonada por ele.

Seria totalmente irracional que Asher sentisse ciúmes deste personagem? Porque ele sentia. Respirou fundo e viu os olhos de Savannah brilharem, e os lábios dela se transformarem em um sorriso, enquanto falava de um ator de TV com quem Asher nunca poderia competir.

— Seu nome era Richard Harrow no show, e ele foi interpretado por Jack Huston. Era alto e magricela, não forte como você. Tinha cabelo preto grosso e um — ela tocou o lábio superior — bigode. Ele tinha uma voz grave que eu achava muito *sexy*, e eu voltava em cada cena onde ele aparecia só para ter um gostinho daquela voz. Ele tinha, provavelmente, uns trinta e poucos anos, e havia algo em relação a ele. Era confiante e incerto, feroz e terno, protetor, melancólico, fiel, vulnerável. Atraente. Complicado. Ele desistia de sua vida em um episódio, mas, em seguida, lutava por ela com sua última gota de força nos seguintes. E ele fazia qualquer coisa, *qualquer coisa*, por alguém que amava. Todo domingo à noite eu assistia *O Império do Contrabando* só por isso, por Richard Harrow.

Asher respirou fundo e suspirou.

— Bem, isso é ótimo, Savannah. Te pergunto sobre o meu rosto, e você me conta sobre um ator lindo da TV. Obrigado por me mostrar o que você queria, ao contrário do que você tem. — Ele pegou as chaves para ligar a ignição. — Se você não...

— Cale a boca, Asher — disse ela, mexendo em seu telefone, em seguida estendendo-o a ele. — Aqui está uma foto dele.

Atraente. Ela dissera *atraente*, certo? Asher olhou para fora da janela, não querendo olhar para a imagem do atraente ator em seu telefone, confuso sobre o porquê de ela querer partilhar tudo aquilo quando o que ele realmente queria era alguma tranquilidade sobre por que uma menina tão linda como Savannah Carmichael estava perdendo seu tempo com ele. Ele queria confiar nela, mas, em vez disso, ela estava esfregando aquele ator na sua cara.

— Só vamos continuar a viagem, hein?

Ela estendeu a mão para seu braço, apertando o coto na palma da mão e envolvendo a pele com seus dedos.

— Não até que você olhe.

Ele se virou e olhou para seus dedos perfeitos em seu braço imperfeito. Começava a sentir-se zangado agora. Se ela estava brincando, não era engraçado. Estava prestes a dizer-lhe para pegar o maldito telefone e enfiá-lo no traseiro quando seus olhos bateram na imagem iluminada na tela.

Ele olhou, incrédulo, enquanto os dedos dela suavizavam em torno de seu braço.

— Este é ele? — perguntou, pegando o telefone e puxando-o para mais perto. Ele olhou para a foto por um longo momento, com os olhos vidrados e em chamas, antes de olhar para cima para encontrar os dela, castanhos, fixos nele. — Este é... o ator, o personagem, de quem você estava falando?

Ela sorriu suavemente e balançou a cabeça.

Ele olhou para a foto no telefone. O lado direito do rosto do homem era quase totalmente normal. Mas o lado esquerdo. Oh, Deus. A cavidade ocular direita era um marrom-colorido, um buraco escancarado sem globo ocular. Sob este havia um corte irritado vermelho de uma cicatriz cercado por carne derretida que seguia até aos lábios, que foram rasgados e, em sua maioria, não reparados. Sua mandíbula superior sofrera uma grave lesão na estrutura. Na verdade, seus ferimentos faciais eram tão ruins quanto os de Asher. Ele olhou fixamente, sem fôlego, para a foto antes de levantar os olhos para Savannah.

Ela fungou, erguendo o braço para limpar uma lágrima de seu rosto, e riu baixinho, como se estivesse tirando sarro de si mesma.

— Ele era um veterano da Primeira Guerra Mundial no show. Nunca chegou a contar como ele conseguiu as lesões. Mas era maravilhoso. Todo mundo que assistiu ao show se apaixonou por ele. Todo mundo o amava. Você não vê? Eu estava preparada para você. Exceto que você é muito mais do que um personagem de TV, Asher. Não é só confiante e incerto, feroz e terno, protetor, melancólico, fiel, vulnerável... *atraente*... e complicado como o personagem, mas você é meu. Você pertence a mim, e é o seu corpo quente que se pressiona contra o meu à noite, e o que você faz com esse corpo me faz... me faz perguntar a mim mesma como vivi sem você até agora.

Era exatamente como ele se sentia também. Cada momento que passava com Savannah o fazia imaginar exatamente a mesma coisa. Saber que sua vida poderia ser muito mais doce, muito melhor com alguém como ela, fazia com que as lembranças do passado fossem muito mais insuportáveis, assim como a incerteza que tinham pela frente.

— Então, *este* é Richard Harrow — disse ela, puxando o telefone de sua mão e olhando carinhosamente para a tela antes de colocá-lo em cima de seu computador no chão. Ao olhar para Asher, seu pequeno sorriso desapareceu. — Este é o homem por quem eu poderia ter estado um pouco apaixonada... bem, antes de eu me apaixonar por você.

Suas últimas palavras foram ditas tão baixinho que a respiração dele ficou irregular, e seu coração parou por um segundo, como se ele realmente não a tivesse ouvido corretamente. Asher buscou seus olhos, e em suas profundezas viu a verdade de suas palavras e sua história, e ele soube que podia confiar nela, que não tinha necessidade de se preocupar com a veracidade de seus sentimentos. Podia confiar nela. Podia acreditar nela.

— Então não me pergunte novamente sobre o seu rosto. Não pense nem por um minuto sequer que eu estou enganada escolhendo estar com você. Só sei o seguinte: você saiu dos meus sonhos completamente formado. Eu não poderia deixá-lo escapar.

Ele não sabia o que dizer. Duvidou que pudesse formular palavras, mesmo que soubesse o que elas significavam. Estendeu a mão para ela, puxando-a contra si tão firme quanto possível, pousando os lábios em seu cabelo. Sentiu a tensão se arrastar lentamente por seu corpo enquanto ela o segurava, esfregando as mãos suavemente para cima e para baixo em suas costas.

— Eu não mereço você — disse ele contra a pele quente do pescoço dela.

— Depois de tudo pelo que passou? Você merece o que quiser. E se o que quer sou eu... sorte a minha.

— É você que eu quero — disse ele. — Mas eu sou o sortudo.

— Ok, Harrow — disse ela, inclinando-se para trás e colocando a mão no lado ferido de seu rosto, enquanto lágrimas secavam nas bochechas dela. — Se isso significar muito para você, podemos considerá-lo o sortudo do casal. Contanto que você prometa continuar a ser minha fantasia.

Em resposta, ele se inclinou para pressionar seus lábios nos dela, engolindo seu suspiro e correndo a mão das costas para seu pescoço. Ela o tranquilizara da maneira mais surpreendente, genuína e crível possível, e quando ele a beijou, sentiu isso: a certeza do porquê de aquela garota tão bonita o querer para ser seu homem. Ele sentiu na maneira como seu coração batia mais forte, no modo como seus dedos deslizavam pela pele macia de sua nuca, exigindo mais de seu beijo, e no jeito como tudo era tão intenso, porque ele sabia que ela o queria. Porque confiava que pertenciam um ao outro totalmente.

Naquele momento, ele recuperou-se novamente. Pela primeira vez em quase uma década, quem ele era e o que ele queria ganhavam vantagem sobre sua aparência. O homem que tinha se escondido do mundo por mágoa e raiva estava quase completamente desaparecido agora, e em seu lugar retornara Asher Lee — confiante e incerto, feroz e terno, protetor, melancólico, fiel, vulnerável, atraente e complicado — inteiro novamente, graças ao amor de Savannah Carmichael.

Enquanto Asher foi resolver os trâmites de sua mão biônica, Savannah sentou-se de pernas cruzadas sobre a cama, na grande e confortável suíte do hotel onde estavam hospedados, digitando o capítulo final de seu artigo para o *Phoenix Times*. Uma vez que faltava uma semana para o Quatro de Julho, Maddox precisava de todo o artigo finalizado para que pudesse ser editado e colocado na edição especial.

Ela mastigou um punhado de *Pringles* e olhou para o cabeçalho novamente — “*Adam & Cassandra: uma história de amor toda Americana*” — e sorriu.

Na segurança de pseudônimos, Savannah decidiu usar pedaços reais de diálogo de conversas que tinha tido com Asher. Enquanto examinava as trinta páginas de documentos, diferentes citações saltavam dela:

“*Eu sou, hum... eu sou rude...*” “*Você está blefando como no pôquer ou estou ficando louco?...*” “*Se o inferno é assim, preciso rever minhas definições de céu...*” “*Eu não estive com nenhuma outra pessoa. Estava pensando em você...*” “*Querer algo dá uma sensação horrível. Principalmente quando suas chances de*

conseguir são tão escassas...” “Eu sou louco por você, querida...” “Eu adoraria que você dirigisse meu carro por quanto tempo quiser e na velocidade que quiser...” “Estou me apaixonando por você, Cassandra...” “Eu te amo. Faria qualquer coisa por você.”

Seus olhos brilhavam com lágrimas conforme ela passava as páginas. Aquelas palavras que eram tão preciosas para ela, tão queridas, que se destacavam em preto e branco, eram um testemunho vivo dos dias em que Asher Lee começara a se apaixonar por ela. E, de repente, sentiu-se grata por ter preservado os dois sob uma fachada cuidadosamente anônima.

Ela rolou para a última página, relendo cuidadosamente a conclusão antes de enviá-la:

Adam ainda seria considerado agorafóbico, mas estou incentivando-o a sair para o mundo mais e mais. Quanto a mim? Eu encontrei o meu próprio e moderno Richard Harrow e, em meus olhos, nenhum homem jamais foi tão bonito.

Adam e eu ainda não discutimos o futuro, mas espero que o ‘para sempre’ esteja em jogo. Não é todos os dias que você se apaixona pelo homem dos seus sonhos. E quando acontece, quer que o ‘para sempre’ comece o mais cedo possível.

Nós ainda temos um caminho a percorrer, mas eu acredito em nós, e sei que vamos encontrar o nosso felizes para sempre.

Ao longo da última semana, Savannah passara a ficar mais confortável com a ideia de proteger a si mesma e a Asher através de pseudônimos, principalmente para evitar se preocupar com a reação de Asher com a história. Mas agora, vendo o artigo pronto, sentiu-se incerta. Evitara propositalmente contar a ele muito sobre o artigo, porque estava preocupada com sua reação. Asher era uma pessoa privada — a mais reclusa e privada que já conhecera, de fato — mas concordara em ser entrevistado, e ele confiara nela para escrever uma história sobre sua vida. *Sob o ângulo de um soldado ferido e as boas-vindas frias que a cidade lhe deu*, seu coração preocupado se lembrou. Mas ela o silenciou. A privacidade fora protegida, não fora? Sim. Sim! Além disso, o artigo

seria impresso no Arizona, pelo amor de Deus! Ninguém que ele conhecia teria a chance de lê-lo, certo? Certo.

Ela pôs de lado seus sentimentos e começou a digitar um e-mail para seu editor.

Caro Sr. McNabb,

Segue o artigo sobre Comportamento Humano concluído, em anexo. Sei que o senhor tem lido os episódios, mas esta é a história inteira. Editei-a em algumas partes, para melhorar o texto.

Queria reiterar o quão importante o anonimato é para mim. Embora Asher Lee tenha me dado permissão para compartilhar sua história, esta não é exatamente a forma como ele acreditou que eu estaria escrevendo. Ele viveu sua vida em verdadeira reclusão por mais de oito anos, e estou ansiosa para proteger e respeitar sua privacidade.

Por isso, o senhor vai notar que mudei o nome dele e empreguei o uso de meu pseudônimo, Cassandra Calhoun. Obrigada pela compreensão da necessidade para este tipo de critério.

Se o senhor achar que eu seria uma candidata adequada para liderar a seção Comportamento Humano de seu jornal, eu espero que considere dar-me a vaga. Prometo que não vai encontrar ninguém mais orientado, dedicado e comprometido.

Obrigada, Senhor

Savannah Calhoun Carmichael

Releu o e-mail uma última vez, e, em seguida, satisfeita, pressionou Enviar.

Depois que sua mão começou a ser preparada, Asher deu uma caminhada ao redor do terreno do hospital por meia hora antes de voltar ao hotel. Precisava contar a Savannah sobre suas cirurgias, e, em seguida, dar-lhe algum espaço para

compartilhar seus sentimentos sobre o que aconteceria em seguida entre eles. Nenhum dos dois planejava ficar em Danvers, mas será que ela queria tentar um relacionamento a distância? Ela em Phoenix, e ele, em Maryland? E-mails e telefonemas aos montes, e ele estava disposto a pagar para que ela fosse vê-lo todos os finais de semana. Talvez ela dissesse que sim. Talvez concordasse.

Sua mão suave quando ele abriu a porta do quarto do hotel.

— Como foi? — ela o chamou, e ele entrou no vestíbulo da suíte.

— Bem. Estará pronto na próxima semana. Savannah, eu preciso falar com você...

Savannah estava ajoelhada no centro da cama, vestindo o mesmo *baby doll* vermelho que o deixou completamente aturdido no dia em que passou em sua casa para pedir desculpas por ter gritado com ela. O sedoso e frágil *top*, com alças finíssimas sobre os ombros macios, e a parte de baixo de seda vermelha. Ela estava sentada sobre os calcanhares, com o cabelo trançado frouxamente sobre seus ombros, os seios empinados para a frente. Parecia doce, dócil e *sexy* como o inferno.

— Respire — disse ela, sorrindo para ele.

Ele deixou escapar uma enorme bufada de ar, deslumbrado com a visão dela esperando por ele. Merda! Como conseguiria falar com ela daquele jeito?

— O que você estava prestes a dizer? — Ela perguntou, seus olhos baixando sedutoramente para o local abaixo de sua cintura, onde ele estava endurecendo como cimento à luz do sol.

— Eu tenho certeza de que ia dizer que ambos precisamos ficar nus e passar a tarde toda na cama.

— Só na cama? — perguntou ela, chupando o dedo e, em seguida, tocando o próprio mamilo através da seda. O tecido transparente escureceu por causa da umidade quando ela arrepiou o mamilo. Oh. Meu. Deus. Ela ia matá-lo.

Ele olhou ao redor do quarto. Chuveiro... chão... sofá...

— Você não vai nem conseguir andar amanhã.

— Isso é uma promessa? — ela perguntou, traçando o outro mamilo.

— Sim — disse ele, chegando por trás de seu pescoço para puxar o *top* por sobre a cabeça. — Agora deite-se.

Os olhos de Savannah se arregalaram um pouco por causa do tom de voz que ele usou, mas ela mexeu as pernas debaixo dela, deitando-se nos travesseiros. Ele observou a forma como seus seios passaram a subir e descer com mais urgência.

Asher soltou o cinto e baixou os *jeans* e a *boxer* por seus quadris, em seguida, subiu na cama.

— Isto aqui — disse ele, com a mão deslizando pela perna dela só para tocar na borda de seda de seu *short*. — Precisa sair.

— Você não gosta dele?

— Eu adoro — disse ele, puxando o *short* para baixo com força e segurando-o entre o polegar e o indicador antes de jogá-lo no chão. — Deus, você está encharcada.

— Estive esperando por você — ela murmurou.

— Abra as pernas, querida.

Ele a olhou fixamente nos olhos sem vacilar e se ajoelhou na cama quando os joelhos dela se abriram para ele. Sua ereção estava dolorosamente rígida quando ele se inclinou para frente para colocar a mão sobre os cachos quentes no centro das coxas dela. Ele a apertou levemente, e seus quadris arquearam para cima para cumprimentá-lo.

— Abra os olhos, Savannah. Eu vou te provar e quero que você me assista.

Ela gemeu, ofegando enquanto o observava abaixar a cabeça, aproximando-se cada vez mais do botão pulsante, escondido entre as pregas da carne excitada.

— Asher — ela engasgou, enquanto seus dedos abriam seus lábios, e sua língua pousou exatamente onde ele sabia que ela o desejava. Ele lambeu a doçura salgada, girando a língua sobre sua pele inchada, com seu próprio apetite aumentando, conforme o corpo dela arquejava ao seu encontro e os sons suaves vinham da parte de trás de sua garganta. Ele enfiou a mão sob sua bunda para segurá-la no lugar e trancou os lábios em torno de seu sexo, deixando sua língua chicotear cada vez mais rápido até que ela fechou os olhos e gritou seu nome. Ele sentiu o corpo dela tensionar e, em seguida, transformar-se em geleia, sentindo as contrações acumularem conforme ela murmurava: “AsherAsherAsher”, uma e outra vez, com seu nome derretendo em sua língua

como um mantra.

— Eu quero você — disse ele, com a voz tensa e cálida quando se ajoelhou entre suas pernas.

— Por favor, Asher — disse ela, enquanto seus olhos se abriam novamente. — Eu preciso muito de você.

Era tudo o que ele precisava ouvir. A resposta de seu corpo fora quase suficiente para levá-lo ao limite. Ele se inclinou e penetrou em sua umidade quente com um golpe suave, gemendo quando ela recebeu todo o seu comprimento.

— Não feche seus olhos — disse ele, mantendo-se parado. Ele pulsava dentro dela, inchando e alongando enquanto as paredes quentes de seu sexo se apertavam ao redor dele.

Seus olhos se abriram, naquele tom castanho escuro e um pouco drogados. Os lábios que ele gostava de beijar mais do que qualquer outra coisa se abriram, e ela engoliu suas respirações rasas. Moveu sua pélvis até pressioná-la contra a dele, fazendo-o sentir a forma como seus músculos relaxados flexionaram.

— Eles estão abertos — ela murmurou.

Ele se inclinou para trás, saindo quase completamente dela só para, em seguida, enterrar-se novamente em seu interior com uma ternura dolorida. Ele estava se controlando como um louco para não estocar violentamente até deixá-la inconsciente.

— Eles são lindos — ele sussurrou.

— Eles são apenas castanhos... ahhh — ela gemeu quando ele investiu novamente. Ela ofegava dando um gemido sexy no final de cada respiração. — Os meus olhos são apenas castanhos.

— Eles são seus — disse ele, sentindo o prazer acumular-se, sentindo seu controle chegando ao fim quando investiu novamente nela, ganhando impulso. — O que significa que são meus.

— Seus — ela murmurou contra seus lábios, e ele mergulhou a língua em sua boca, imitando o ritmo de seus quadris.

Quando ele se afastou, ela choramingou.

— Goze comigo, querida — ele a encorajou. — Goze novamente.

Asher sentiu-a muito mais apertada sob o seu comando, apertando-o, ofegante em sua boca antes de jogar a cabeça para trás, enquanto seu corpo se contorcia e tremia em êxtase. Ele observou o rosto dela, espantado, pegando a parte de trás de seu pescoço e puxando-a para si, sem energia, estremecendo, enquanto ele a embalava em seu momento final. Seus sentimentos de posse e de pertencimento, de querer e de amar, o levaram ao limite da razão, e ele gritou: “Eu te amo!” contra a pele úmida de seu pescoço antes de cair em cima dela em um emaranhado de pernas, saudade e amor correspondido.



Capítulo Quinze

Savannah passou os dedos sobre a pele macia e quente das costas de Asher, amando o peso do corpo dele cobrindo o dela, amando o fato de ele ainda estar dentro dela. Por muito tempo sentiu-se uma garota sozinha e ambiciosa em uma pequena cidade do Sul, uma garota de Danvers em Nova York, uma teimosa nortista da Virgínia. Aqui, com Asher, ela era apenas Savannah, uma garota que amava um rapaz, uma mulher que amava um homem, uma pessoa que era amada completamente. Assim era exatamente como sentia-se com ele: completa. Finalmente plena.

— Asher — disse ela, muito próxima à sua orelha, querendo dizer a ele, querendo que ele soubesse que ela fora apenas uma pessoa pela metade antes de encontrá-lo.

Ele se mexeu, começando a se afastar.

— Estou esmagando você?

— Não. — Seus dedos se acalmaram, e ela o empurrou para que deitasse de costas, envolvendo seus tornozelos em torno de suas pernas. Flexionando seus músculos internos, ela o sentiu endurecer novamente.

— Fique mais um minuto.

Ele relaxou, deixando cair seu peso para trás sobre ela. Seus braços caíram para ambos os lados de sua cabeça, onde os cotovelos descansaram perto de seus ouvidos. Ele estendeu a mão para afastar os fios de cabelo de sua testa, olhando em seus olhos.

— Savannah — disse ele, em voz baixa, sério. — E se eu precisasse ficar aqui por mais tempo? Em Maryland?

— Você quer dizer ir para casa na segunda-feira, ao invés disso?

Ele balançou a cabeça lentamente, com foco no lugar onde seus dedos a tocavam com ternura.

— Não. Nós iremos de volta para Danvers amanhã, mas e se eu tivesse que voltar aqui para ficar mais do que um fim de semana? Se precisasse ficar por um tempo?

Ela abriu a boca para dizer algo, em seguida, fechou-a, mordendo o lábio inferior em um gesto que ele reconheceu como reflexivo, mas chateado. Ela estava ponderando isso em sua cabeça.

— Você quer dizer se *mudar* para cá?

Ele concordou, finalmente olhando em seus olhos.

— Temporariamente.

— Por quanto tempo? — ela perguntou, pousando as mãos em seus ombros e o empurrando suavemente.

Ele beijou a testa dela e rolou de costas ao seu lado. Savannah apoiou-se sobre o cotovelo, segurando a bochecha contra a palma da mão, olhando-o nos olhos.

— Cerca de seis meses.

Seus olhos brilharam de preocupação.

— Por quê? Você está doente?

— Não, querida. Nada disso. Eu... — Ele se apoiou também contra o cotovelo, na direção contrária a ela. — Precisarei realizar mais procedimentos. Você sabe, não te falei muito sobre a explosão e nem sobre o que veio depois. Você está pronta para ouvir?

Ela assentiu com a cabeça, inclinando-se para beijá-lo. Percebeu que aquele seria um ponto de virada no seu relacionamento; aquele era Asher

finalmente se abrindo por completo, finalmente contando a ela as mais viscerais e íntimas verdades de seu trágico acidente. E, de repente, Savannah sentiu-se silenciosamente grata que o artigo já tinha sido enviado e que esta parte de Asher iria sempre ficar segura com ela.

— Eu sempre estive pronta, Asher.

Seus olhos disseram a Savannah o quanto a amava. Mas ela observou quando seu rosto começou a endurecer pouco a pouco, até que um vinco se formou entre as sobrancelhas.

— OK. Então eu lhe contei sobre a explosão. Minha mão se foi. Orelha se foi. Parte do meu rosto... se foi. — Ele engoliu em seco e cerrou a mandíbula antes de continuar. — Tudo aconteceu em um único momento, sabe? Muito rápido. Um ruído. Poeira. E você fica... destruído. Um monstro que faz as crianças chorarem. A fera que faz homens crescidos se encolherem e desviarem o olhar em horror. — Ela começou a protestar, mas ele sacudiu a cabeça antes de lhe dar um sorriso triste. — Não você, querida. Mas todos os outros, sim. — Ele se inclinou para frente e a beijou nos lábios antes de continuar. — Eles, hum... eles ficam conversando com você para que não entre em choque enquanto inserem uma IV (intravenosa). E, de repente, você está em um Black Hawk, um helicóptero, uns vinte e cinco minutos mais tarde. Você não tem total ciência do que está acontecendo. Está meio que tentando se situar. De qualquer forma, eles nos levaram – a mim, a Williams e a Lagerty – para KAF, para Kandahar, para o hospital de lá. É um hospital da OTAN⁶, multinacional, um bom centro de traumas.

Os olhos de Savannah se encheram de lágrimas, que tentou conter, enquanto respirava profundamente para manter o controle. Seu coração estava se partindo cada vez mais, conforme a história se desenrolava, mas não queria que ele pensasse que a estava perturbando. Queria que Asher continuasse a conversar, mas sua voz tinha gradualmente reduzido, e ele parecia estar perdido nos pensamentos. Ela se inclinou e apertou os lábios em sua bochecha. Quando se afastou, ele a olhou — atordoado e ferido —, e ela preocupou-se, por um momento, ao perceber que ele não estava *com* ela.

— Asher? Asher?

Ele piscou duas vezes, respirando fundo antes de se lançar de volta à sua história.

— De qualquer forma, eu descobri depois que levou três horas para que

eles salvassem meu braço. As amputações são geralmente mais rápidas. Levou mais tempo porque queriam salvar meu cotovelo, e a ferida estava imunda, coberta de terra, areia e cascalho. Sou grato que o tenham salvado.

Ele piscou de novo, rapidamente, respirando pesadamente pelo nariz como se não quisesse chorar.

— Asher — disse Savannah, tentando ela própria não chorar — Eu vou girar e pressionar-me contra você. Quero que se segure em mim e continue falando, certo? Apenas me conte tudo o que quiser, ok?

Sem esperar pela resposta dele, ela se moveu na cama e deslizou até ficar por cima dele, por sobre a pele dura e quente de seu peito. O braço dele rodeou-a com firmeza, puxando-a ainda mais para si, enquanto ela pousava a palma da mão contra seu peito, sob seus seios.

— Vá em frente, Asher.

— Eles, uh... eles limparam meu rosto, mas minha cabeça estava embrulhada. Minha orelha tinha ido embora. Parte da minha maçã do rosto, parte do meu osso maxilar superior... também se foram. Não perdi meu globo ocular ou minha visão. O que foi pura sorte. Eles me colocaram em coma induzido por causa da dor, mas eu nunca sofri parada cardíaca, nem mesmo no caminho para San Antonio.

Savannah cobriu sua mão com a dela, apertando-a levemente.

— Eu, uh, passei o ano seguinte no Centro Médico do Exército de Brooke, em San Antonio, me reabilitando. Principalmente o meu braço. Aprendendo a lidar com apenas um. Meus pulmões tinham sofrido muitos danos, e eu os exercitei de volta. Minha perna tinha necessidade de fisioterapia. Eu fiz mais de vinte cirurgias no meu rosto, também, apenas para que ficasse nesse estado. Eles reconstruíram a bochecha e o queixo da melhor forma possível.

Savannah fez uma careta, choramingando levemente enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto, molhando o peito dele, embaixo de sua cabeça.

— Você está bem, querida? — perguntou.

Ela apertou sua mão novamente e acenou com a cabeça.

— Você chega a um ponto em que tem que decidir se quer ou não viver — disse ele — Eu tinha apenas um lado funcionando perfeitamente, e o meu corpo era um mundo de dor. Nessa hora, você se olha no espelho e sabe... — Sua

voz engasgou, falhou e ele pigarreou. — Sabe que ficará sozinho para sempre, que ninguém jamais irá... ninguém...

Sua respiração ficou pesada e carregada novamente, e Savannah suspeitava que ele estava chorando tanto quanto ela. Então, se remexeu em seus braços novamente, e, sem olhar para o seu rosto, aninhou-se contra seu corpo. Suas pernas se entrelaçaram com as dele, seus seios se pressionaram contra seu peito, e ela descansou os lábios sobre a pulsação em sua garganta. O braço dele apertou-se em torno de sua cintura, e os ombros estremeceram com soluços tranquilos.

E, então, ela soube. Percebeu em surpreendentes e aterradores detalhes que Asher Lee não tinha ninguém quando voltara para casa. Depois de anos de distância de Danvers, não houve ninguém para recebê-lo em casa. Não houve pais amorosos. Sem amigos. Ninguém além de uma velha amiga de sua avó, que concordou em trabalhar e manter a casa para ele. Ele estivera completamente sozinho. Não teve ninguém por quem viver, e, ainda assim, decidiu viver.

Ela manteve os braços em volta de seu pescoço enquanto ele chorava em seu ombro. Suas próprias lágrimas mantiveram-se numa constante quando ela finalmente entendeu as profundezas do seu desespero, da solidão esmagadora. Seu coração se partiu com isso. Sua alma se afundou.

Como, em nome de Deus, ele tinha ficado vivo? Não tendo ninguém nem nada para voltar? A não ser que talvez soubesse, em algum lugar profundo e secreto, que um dia ela iria procurá-lo.

— Asher — disse ela, de olhos fechados, aninhando-se em seu pescoço carinhosamente.

— Sim — ele finalmente conseguiu dizer, limpando a garganta e respirando fundo.

— Você ficou vivo, Asher. Acho que talvez você tenha ficado vivo para *mim*.

O impacto de suas palavras o fez tremer em seus braços, e ele expirou quando o ar escapou de seus pulmões.

— Respire — ela ordenou pela segunda vez.

Asher respirou profundamente, perplexo com a onda de sentimentos que o invadiu quando ela disse as palavras: *Acho que talvez você tenha ficado vivo para mim*. Será que ela conseguia entender o vazio de sua vida quando ele retornou do exército? Não havia ninguém esperando. *Nunca* teria alguém à espera. Até que aquela linda garota veio bater em sua porta com brownies, vestindo um vestido de verão da irmã. Só então seu coração adormecido começou a bater novamente.

Savannah estava certa. Ele não sabia disso na época, é claro, mas ela estava certa. Ele tinha ficado vivo para ela.

— É verdade. Eu fiquei vivo para você. Para o sonho que era você.

— E agora eu estou aqui.

— E eu nunca vou deixar você ir embora — ele disse ferozmente, sua mão se movendo possessivamente para seu quadril.

— Será que vamos ter essa conversa agora? — perguntou ela, erguendo o pescoço para limpar a umidade de suas bochechas.

Ele respirou de forma irregular e suspirou. Contar sua história o cansara emocionalmente. Nunca tinha falado nada daquilo em voz alta, então, foi desgastante revivê-lo. Mas ele precisava falar com ela sobre o futuro. Não podia suportar mais.

— Eu acho que sim — disse ele, traçando o lado de seu rosto com os dedos.

— Asher, eu... Eu odeio isso, mas... se eles me oferecerem o emprego em Phoenix, eu vou aceitá-lo — ela disse rapidamente, como se fosse perder a coragem se não o fizesse. — É a minha única chance. Tenho que voltar a andar com meus próprios pés. Não posso terminar minha carreira como a fracassada que foi demitida pelo *Sentinel* por causa daquele desgraçado do Patrick Monroe. Não posso deixá-lo vencer. Não posso deixar que isso seja o fim. Preciso ver como será o próximo capítulo. Sinto muito, Asher. Eu sinto muito. Eu me apaixonei por você, você sabe disso. Mas nunca iria me perdoar se virasse as costas para... — Ela não podia mais falar. Lágrimas caíam por todo o seu rosto de novo. — Eu n-não sou uma chorona.

— Sei que você não é. — Ele enxugou as lágrimas com o polegar, amando cada célula de seu corpo, cada batida de coração que ele sentia ao seu lado. Ela era forte e valente, e se não fossem todos aqueles problemas, nunca

teria ido procurá-lo, então, ele nunca teria a chance de conhecê-la, de amá-la. — Shhh, querida. Shhh. Nunca pediria que você desistisse dos seus sonhos. Nunca.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele e apertou os lábios contra os dele com alegria e alívio. Ele passou a língua pelos dela, que se abriram para recebê-lo. Quando ele se afastou, ofegante e excitado, ela remexeu os quadris contra ele.

Por mais que ele quisesse se perder no momento, precisava ser mais claro, como ela fora com ele. *Diga, Asher. Diga.*

— Mas eu não posso ir com você — disse ele em seu ouvido. — Quando cheguei em casa, as pessoas não me reconheceram. As pessoas ainda tremem quando olham para mim. Não posso estar com você e ter essa aparência.

— Sim, você pode. Você pode vir para Phoenix e viver lá exatamente como faz em Danvers. Eu não me importo, Asher. Eu apenas...

— Não, querida. Não. Eu não posso fazer isso com você. — Ele lambeu os lábios, colocando a mão em seu rosto molhado de lágrimas. — Eu não posso te pedir para se esconder do mundo comigo. Isso não iria funcionar. Eu eventualmente ficaria com ciúmes de onde você fosse e quem você conhecesse, de toda essa parte de sua vida na qual não poderia me incluir. E você iria se cansar de sempre estar em casa comigo. Isso nos mataria.

Ela fungou, inclinando-se para pressionar seus lábios nos dele, deixando que provasse o gosto salgado de suas lágrimas na língua.

— *Por favor, venha comigo* — ela implorou-lhe suavemente, e isso o matou porque ele faria qualquer coisa por ela. E, por um momento selvagem, ele pensou: *vou fazer isso. Vou vender minha casa em Danvers e vou comprar uma casa em Phoenix. Que se danem as operações. Só vou viver como sempre vivi, com meus livros e um jardim no quintal. E no final de cada dia, Savannah vai voltar para casa para mim, e eu estarei esperando. E no final do dia, ela vai me contar tudo sobre o mundo, o qual ela irá a festas e conhecerá pessoas, trazendo o mundo para mim, e... e ...*

Huh. *Trazer o mundo para mim.* Desde quando o mundo importava tanto para Asher Lee? Ele interrompeu aquela linha de pensamento e obrigou seu coração a bater mais devagar enquanto ponderava o que estivera pensando. O mundo importava. Porra, importava, sim. Queria ser uma parte dele novamente. Isto não era apenas por causa de Savannah. Era por causa dele também.

— Eu tenho que fazer isso — ele sussurrou. — Não é apenas por você. Mas por mim também.

Ela se inclinou para trás para olhar para ele.

— O que você quer dizer com isso?

— Estou cansado de viver sozinho. Estou farto de me esconder. Quero ir a restaurantes. Quero ir a uma livraria. Não quero as pessoas me encarando. Acho que... Quer dizer, eu pensei que o mundo lá fora tinha se acabado para mim, mas não é verdade. E eu não sabia disso até conhecer você. Quero viver no mundo de novo por sua causa.

Ele se lembrou das palavras que havia dito para a Srta. Potts no primeiro dia em que Savannah surgiu: *Não estou apto a voltar à raça humana*. Mas agora ele estava. E Savannah tinha feito com que ele quisesse uma segunda chance de viver. Pensando nisso, ele buscou seu rosto, observando a forma como seus cílios vibravam quando ela piscava e pensou o quão terrível seria não poder vê-los todos os dias.

— Você sabe que eu te amo? — perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, estendendo a mão para ele, colocando-a em seu rosto.

— Este não é o tipo de amor que termina — disse ele em voz baixa. — É para sempre. Não importa se você vai para Phoenix e eu vou ficar aqui por um tempo. Nós vamos encontrar um ao outro novamente. Sabe disso, Savannah Carmichael?

Ela assentiu com a cabeça novamente, infelizmente com lágrimas ainda transbordando em seus olhos castanhos.

— E eu vou te dizer outra coisa. Não estou preocupado que você encontre alguém, porque não há qualquer outra pessoa na face da Terra que possa te amar tanto quanto eu te amo. É impossível, porque nenhum homem jamais amou uma mulher tanto quanto eu te amo. E não estou preocupado que eu encontre alguém, porque você me trouxe de volta à vida e me deu uma segunda chance. Você é meu milagre, Savannah, e eu vou *sempre* pertencer a você.

Ela assentiu com a cabeça uma terceira vez, capturando seu lábio superior entre os dela e chupando-os carinhosa e preguiçosamente, esfregando os seios contra seu peito, enquanto as mãos seguravam seu rosto. Asher sentiu que ela o estava tocando para tranquilizá-lo, mas quando se afastou, os olhos dele

estavam brilhantes e obscuros, e seu corpo inteiro respondia a ela, como sempre acontecia e sempre iria acontecer, endurecendo como uma pedra mágica sob seu comando. Queria esquecer que estavam deixando um ao outro, esquecer que teriam que viver por um tempo separados. Ele queria se perder no corpo dela e vê-la perder-se no dele.

— Quando é que você vai precisar voltar para cá? — perguntou ela, com sua respiração se acelerando enquanto olhava para ele.

— Em pouco mais de uma semana — disse ele. Cada célula de seu corpo implorava-lhe para levá-la, para prová-la, enterrar-se dentro dela até que nada existisse além daquele momento, enquanto ainda estavam juntos. — Meu primeiro procedimento será na sexta.

Eles estavam falando sobre algo sério, algo triste, e, ainda assim, seu coração batia com amor por ela, seu corpo estava tenso de desejo, desesperado para sentir a plenitude que sentia apenas em seus braços.

— Temos oito dias — disse ela, lendo seus olhos. Ela deu um empurrão contra seu peito, para que ele caísse para trás, e passou uma perna por sobre os quadris subindo em seu colo.

— Nós vamos aproveitar todos eles — disse Asher, com os dedos amassando a pele macia do quadril de Savannah, no momento em que ela se esfregou em sua ereção. Ele deixou sua mão deslizar para a frente, entre suas pernas, para o emaranhado de cachos, acariciando, buscando.

— Mais — ela suspirou baixinho quando ele enfiou dois dedos em sua fenda macia e molhada. Os olhos dela se derreteram. — Ame-me, Asher.

E ele a amou.

E ele a amaria.

Para sempre.

Na segunda-feira de manhã, enquanto Asher malhava na academia em sua casa, Savannah recebeu um e-mail de Maddox McNabb. Ele tinha amado o artigo e disse-lhe que depois de algumas edições, ele seria publicado na primeira página da seção Comportamento Humano, no domingo seguinte, em Quatro de Julho. E mesmo que não tivesse oficialmente oferecido o trabalho a Savannah, no entanto, ela assumiu que era apenas uma formalidade. Impressão do artigo, depois a oferta de trabalho. Por mais que odiasse a ideia de deixar Asher, estava com a resposta pronta. O segundo capítulo de sua vida profissional não seria

como a repórter principal do *Sentinel* nem em um dos programas de notícias em Nova York, como tinha planejado, mas no *Phoenix Times*. Ainda não amava aquele plano, mas era muito melhor do que jogar a toalha.

Era um lugar respeitável para começar de novo, porém, por mais que tentasse sentir-se entusiasmada com a ideia de um novo começo, uma parte dela — a parte que incluía seu coração — resistia e reclamava por deixar Asher em Maryland por um semestre, enquanto ela começava uma nova carreira do outro lado do país. Sim, ele tinha lhe encorajado a ir. Não, ele nunca iria se colocar no caminho de seus sonhos. E, pelo amor de Deus, estavam juntos há apenas um mês. Mas deixá-lo para prosseguir com sua carreira enquanto ele era submetido a seis meses de cirurgias dolorosas? Isso não parecia nada bom e a incomodava, fazendo-a pensar no caminho de sua vida, fazendo com que se perguntasse se suas prioridades eram corretas ou se, como antes, com Patrick Monroe, estava cega para a realidade pela força de sua ambição.

Sentia falta do conselho gentil de sua mãe e até mesmo da alegria saltitante de Scarlet, e foi por isso que ela ficou tão grata por receber uma mensagem de sua irmã na tarde seguinte.

Hey, Vanna. Quero saber se eu e Trent podemos ir à casa de Asher no sábado à noite depois do trabalho.

Savannah olhou para Asher, que estava lendo na poltrona ao lado dela, enquanto uma chuva de verão batia nas janelas. Eles haviam trabalhado durante toda a manhã para fazer as malas e empacotar uma boa parte dos pertences dele para Maryland.

— Asher. Scarlet acabou de me mandar uma mensagem.

Ele olhou para ela, com o rosto impassível, mas interessado.

— O que ela disse?

— Ela e Trent querem vir amanhã à noite.

Ele descansou o *Kindle* em seu colo e respirou fundo.

— Você está pronta para ouvir o que eles têm a dizer?

— Não estou pronta para aceitar qualquer merda.

Ele sorriu para ela, inclinando a cabeça para o lado.

— Essa é a minha garota. Mas recusar seria apenas colocar lenha na fogueira.

— Não, eu quero vê-los. Mas vou mandá-los embora se ela começar a dizer que Lance é irrepreensível.

— Você não vai saber o que eles querem até conversarem, querida.

Savannah respirou fundo, olhando para a mensagem.

— E eu vou estar com você a cada minuto — acrescentou ele em voz baixa, ultrapassando a pequena mesa entre eles para tocar o braço dela.

Savannah pegou sua mão e entrelaçou os dedos nos dele, olhando para a direita para capturar seus olhos enquanto estes olhavam para ela com tristeza. Ela não pôde evitar sentir seu estômago se retorcer com a simples doçura de suas palavras. *A cada minuto*. E, então, seu cérebro a torturou, pensando: *Por apenas mais cinco dias, e então o quê?* O vazio da solidão da separação. A agonia de ficarem longe um do outro por meses sem fim.

Gostaria de resolver tudo, ela digitou. *Vejo-os aqui às 17h30*.

— Pedi a ela que venha às cinco e meia, para que tenham ido embora antes do jantar.

— E se você resolver as coisas, vai voltar para casa?

Ele parecia calmo, sereno, olhando para o vitral, à sua frente, que estava coberto com gotas de chuva, mas seus olhos foram atraídos para os dedos dela, que se retorciam silenciosamente.

— Não, Asher — ela murmurou, colocando seu *Kindle* sobre a mesa e levantando-se. Ela tirou o e-reader do colo dele e colocou-o sobre a mesa, sentando-se em seu colo. O braço de Asher envolveu sua cintura. — Quero aproveitar cada minuto que ainda tenho com você.

Ele virou a cabeça ligeiramente para beijá-la, e Savannah fechou os olhos, como fazia frequentemente agora, memorizando a sensação da pele de Asher contra a dela: o calor de sua boca, a maciez de sua língua, a maneira como suas próprias entranhas se reviravam e sua calcinha umedecia. A forma como a ereção dele saltava à vida na parte inferior de seu corpo, pressionando-se através de seu *jeans*. A forma como o cotovelo direito descansava firmemente em seu quadril para mantê-la no lugar, enquanto a mão esquerda deslizava sob sua camisa para acariciar a pele de sua barriga.

Memorize isso tudo, Savannah. Memorize-o, de modo que quando você estiver longe, vai se lembrar do gosto de estar com ele. Lembre-se do toque de seus dedos, dos arrepios em seus seios, a maneira como a boca suga seus

mamilos, o que sente quando ele desliza, grosso e impaciente, para dentro de seu corpo. *Lembre-se como é ser amada.*

Ela chorou em sua boca, e ele engoliu seu choro, movendo a mão no peito para deslizar por baixo do *soutien*. Savannah puxou a camisa por sobre a cabeça e mostrou os seios para ele.

— Eu quero você — disse, abrindo os olhos para encontrá-lo olhando para ela. — Agora. Aqui mesmo. É a única coisa que torna tudo suportável.

— Eu sei — disse ele.

— E... — acrescentou ela, deslizando para fora de seu colo, estendendo a mão para a fivela do cinto — eu quero me lembrar de tudo. Não quero esquecer.

— Nem eu, querida.

Ela desabotoou as calças e empurrou-as para baixo, passando-as pelas coxas dele, enquanto ele se inclinava para ajudá-la. A ereção saltou livre, rígida e inchada, brilhando ligeiramente no topo. Levantando os olhos para ele, ela puxou para baixo sua própria bermuda e sua calcinha antes de subir de volta em seu colo, com os joelhos afundando no assento, em ambos os lados de seus quadris, antes de abaixar o corpo para recebê-lo.

O braço de Asher segurou-a pela cintura, enquanto pequenos sons, saídos de sua garganta, faziam-na arfar de desejo. Os olhos dele mostravam felicidade, segurando-a cativa enquanto ela se movia tão lentamente quanto possível, tentando sentir cada lugar onde ele a tocava, dentro, fora. A palma da mão em seu quadril nu, a maneira como seu pênis se estendia por sua passagem apertada, o caminho de seu pescoço inclinado para frente, para que ele pudesse descansar a testa em seu peito.

Quando ele a tomou por inteiro dentro de si, ele respirou fundo, soltando o hálito quente em seu pescoço. Ele levantou a cabeça para que seus olhos se encontrassem e olhou profundamente para ela enquanto ambos permaneciam imóveis, tão intimamente juntos quanto possível.

Ele pulsava dentro dela, mas não se movia, mantendo seus olhos fixos e regulando a respiração enquanto uma gota de suor escorria da testa por sua bochecha.

— Você já tentou sexo tântrico? — ele perguntou com a voz baixa, rouca. — Li sobre isso.

Se fosse possível para ela ficar ainda mais úmida e mais quente, ela

ficou. Arregalou os olhos, e os lábios se abriram em antecipação. Não, ela não conhecia. Sim, ela queria conhecer.

— Mantenha os olhos em mim. Respire comigo — ele sussurrou, respirando fundo pelo nariz, o que inchou seu peito e fez seu peitoral firme esfregar-se fugazmente contra seus mamilos, apertando-os imediatamente. Ela olhou para ele, observando-o, vendo seu corpo afastar-se dela. — Respire junto comigo.

Eles inalaram juntos, focados nos olhos um do outro. Um arrepio rastejou pelas costas de Savannah quando seus mamilos eretos entraram em contato com a pele dele novamente. Sua pélvis deslocou-se ligeiramente para cima, e ela tentou manter os olhos abertos quando sensações a agrediram.

— Respire outra vez — ele ordenou, e ela estendeu a mão, colocando-a nos ombros dele, afastando-se conforme respiravam juntos e ele apertava a bunda dela, investindo lentamente, em seguida, liberando seus músculos, puxando-os para trás. Os movimentos eram lentos e curtos, mas ela sentiu cada nervo quando ele lentamente massageou-a por dentro, seu peito áspero contra o pulsar de seu coração e a pele sensível de seus mamilos.

— Mais uma vez — ele ordenou, e ela engoliu em seco, cerrando os músculos internos, prendendo-o. — Segure-o.

Ela ofegava, suando contra ele enquanto os mamilos se apertavam contra seu peitoral e o pênis latejava dentro dela, segurando firme por seus músculos. Sua respiração estava se tornando menos controlada, superficial e irregular, enquanto se olhavam, recusando-se a quebrar o contato visual.

Finalmente ele libertou seus músculos, e ela sentiu o ligeiro movimento descendente do seu sexo. A pressão em sua barriga, naquele lugar mais quente e sagrado que possuía, estava construindo uma intensidade quase insuportável.

Ela gemeu quando eles respiraram profundamente outra vez juntos, preparando-se para a forma como ele deslizou fundo dentro dela, transferindo as partes mais secretas de seu corpo para o dele próprio. O contato visual era alucinante, lancinante, como se ele estivesse observando sua alma. E ela queria isso, mas nunca se sentira tão despida para alguém antes. Não conseguia desviar o olhar, mesmo quando sentiu a umidade das lágrimas rolando lentamente pelo rosto.

— O que estamos fazendo? — ela perguntou, colocando os braços em volta do pescoço dele.

— Eu estou estragando você — ele disse com firmeza — para qualquer outra pessoa.

— Asher — ela engasgou, enquanto o prendia dentro dela novamente. O encontro entre os quadris muito louco, muito doce, muito exigente para ignorar. O êxtase começou, deixando sua pele quente, em seguida, fria. Fazendo-a tremer e, então, suar. O pescoço dela inclinou-se para trás quando ela abriu seus músculos internos e sentiu-o rijo dentro dela, movendo-se infinitamente, quebrando seu controle.

Instintivamente ela arqueou seus quadris para frente, e ele gemeu, esquecendo-se de respirar. O braço de Asher apertou-se como ferro em torno de sua cintura quando ele abaixou a cabeça, pegando-lhe o mamilo com a boca, ainda investindo nela. Ela inclinou-se para trás, por sobre seu braço, oferecendo seus seios para ele, jogando a cabeça de volta quando a primeira onda de orgasmo caiu sobre seu corpo, estilhaçando seus pensamentos até que a única ideia em sua cabeça era o nome de seu amor, *Asher Asher, Asher*.

A mão dele deslizou por sua espinha e apertou sua nuca, empurrando a cabeça dela em direção à sua, para que pudesse capturar os lábios apaixonadamente, buscando, exigindo, a língua mergulhando para acariciar a dela enquanto rosnava seu nome.

— Savannah! — gritou ele, levantando o pescoço e empurrando-se em seu calor molhado pela última vez. — Agora!

Um grito rasgou sua garganta quando a ponta de seu pênis beijou a parte mais funda de sua intimidade, e seus músculos se apertaram ferozmente ao seu redor. Ele foi profundo em pulsos longos enquanto os músculos dela convulsionavam, flexionados e lançando-se descontroladamente, drenando-o até que a cabeça dele pendeu, mole, em seu ombro. O braço em torno de sua cintura relaxou, e ela se inclinou para frente até que sua testa se enterrou na curva do pescoço dele, onde, a cada momento, ela desejava mais que pudesse permanecer para sempre.

— ...Então você vê, Vanna, não precisa se preocupar. Lance irá para a Califórnia amanhã e não vai voltar a tempo para o casamento. Não vai voltar por

um bom tempo. Eu prometo.

Asher apertou o ombro de Savannah, e ela olhou para ele com gratidão antes de se voltar para a irmã.

— E sobre o que aconteceu em Myrtle Beach? — ela perguntou.

Scarlet acenou para Trent, pegando sua mão.

— Lance admitiu, Savannah... enquanto estava sob anestesia no hospital, depois de redefinirem seu nariz. — O olhar inquieto de Trent virou-se para Asher antes de voltar para Savannah. — Ele disse que foi abusado com você e conseguiu o que merecia.

Asher sentiu Savannah tensa ao lado dele e podia ler sua reação como um livro: *abusado e estuprador* não eram a mesma coisa. Ela surpreendeu-o ao respirar fundo antes de corrigir Trent.

— Ele foi mais do que abusado, Trent.

— Tenho certeza de que ele foi — disse Trent. — Ele é meu irmão, Savannah. Isso não significa que não o vejo pelo que ele é. Mas, Vanna, ele se foi agora. Disse que era humilhante demais ficar aqui depois de ter apanhado de um a... Bem, ele simplesmente decidiu que era hora de seguir em frente. Ele tem um... um irmão de fraternidade em San Francisco. Acho que isso vai ser uma solução melhor para ele do que aqui. Disse a ele que não o queria no casamento — Trent falou — a menos que viesse se desculpar por tudo o que aconteceu, mas ele disse que não conseguiria retornar em duas semanas, de qualquer maneira. — Ele olhou para baixo e suas bochechas estavam em chamas — Sinto muito, Savannah. Em nome de minha família, eu sinto muitíssimo por Lance tê-la assustado e machucado seus lábios. Lance sempre disfarçou seu lado violento. Acredite, eu sei disso mais do que ninguém.

Asher suspeitara disso quando vislumbrou a expressão de Trent no dia em que visitou Lance. Trent deu ao homem mais velho um lento aceno de cabeça respeitoso. Asher acenou de volta, em seguida, virou-se para Savannah.

— Querida, eu vou deixar você e sua irmã terem uma conversa de garotas e vou levar Trent para tomar um *bourbon*.

Savannah se voltou para ele com um sorriso surpreso em seu rosto. Ele raramente usava seu charme sulista com ela, mas isso não significava que não poderia fazê-lo se quisesse. Ele deu uma piscadinha, gesticulando para Trent segui-lo. Quando saíram da sala, espiou a tempo de ver Scarlet saltar de sua

cadeira para sentar-se ao lado de Savannah, e viu como Savannah abriu os braços para sua irmã mais nova.

Ele colocou a mão no ombro de Trent, guiando-o na direção certa.

— Duas semanas e meia, huh? Até o seu dia de casamento?

— Sim, senhor. Scarlet e eu ficaríamos honrados se você concordasse em participar com Vanna.

Asher abriu caminho para a pequena sala adjacente à despensa. Apontou para duas cadeiras.

— Sente-se Vou pegar uma bebida para nós.

Ele nunca recebera outro homem naquela casa, embora tivesse visto seus pais receberem seus amigos muitas vezes e lembrava-se da maneira como seu pai oferecia *bourbon* na sala pequena enquanto as senhoras passeavam pelos jardins ou visitavam o salão.

Ele encheu dois copos de cristal com gelo e derramou o *bourbon*, agitando o líquido âmbar em cada vidro antes de se juntar a Trent em uma das duas cadeiras de couro estabelecidas na frente de uma lareira que não era acesa há anos.

— Então, o que você me diz? — perguntou Trent. — Podemos contar com você?

— Eu aprecio seu convite — disse Asher — e ficaria honrado de participar com Savannah, mas não vou estar aqui. Estou indo a Maryland. Vou ficar fora durante seis meses.

Trent tomou um gole de seu *bourbon* e assobiou baixinho.

— Porra, isso é bom.

— Era do meu pai.

— Posso lhe fazer uma pergunta, senhor?

— Só se você parar de me chamar de senhor — disse Asher.

— Desculpe, Sr... uh, Asher. Eu estava imaginando... se foi prazeroso dar uns socos em Lance...

Asher ficou surpreso ao ver que Trent Hamilton estava falando sério.

— Sim, foi. Eu sei que ele é seu irmão, mas enquanto Savannah for

minha, ninguém vai colocar as mãos nela sem um ajuste de contas. — Ele deu de ombros. — É a nossa maneira de lidar com as coisas.

Trent assentiu com a cabeça em concordância.

— Eu subestimei você.

Asher tomou um gole de *bourbon*.

— É o meu rosto. Ele afasta as pessoas. É por isso que estou indo embora, na realidade. O Tio Sam ofereceu-se para dar um jeito nele, consertá-lo.

— Eu vou cuidar de Savannah enquanto você estiver fora.

— Eu aprecio isso, mas duvido que ela esteja aqui. Está indo para Phoenix.

Trent fez uma careta.

— Mas vocês dois...

— Vamos dar um jeito — disse Asher com convicção, lembrando a maneira como Savannah tinha desmoronado em seus braços algumas horas atrás, a maneira como eles se encaixavam, a maneira louca como a amava mais do que ele já tinha amado outra alma viva. — Na verdade, se tudo der certo... Acho que você e eu podemos ser cunhados algum dia.

Os olhos de Trent arregalaram, e ele ergueu a taça.

— Pelas garotas Carmichael.

Asher tiniu seu copo no dele bem de leve.

— Pelas *nossas* garotas Carmichael. Por Savannah e Scarlet.

— Então você vai voltar para casa, querida?

— Eu vou — disse Savannah. — Na manhã de segunda-feira.

— Não antes?

— Asher vai se mudar para Maryland na segunda-feira. Vou ficar com ele até que ele vá.

— Isto me lembrou uma coisa. Mama vai fazer um churrasco em família no domingo para o Quatro de Julho. Seremos só nós. Ela quer que Asher vá — Scarlet respirou fundo, fazendo uma careta para a irmã. — Savannah, você está... Quero dizer, você não está *apaixonada* por ele, está?

— Totalmente — ela respondeu sem hesitar.

— Oh. Oh, você está? Mas ele é... ele está deformado, e é um eremita. Como você, eu quero dizer, como vocês vão construir um futuro juntos?

— Ele não está deformado, Scarlet; ele está desfigurado, não que eu dê a mínima para isso. E um eremita? Bem, ele foi à casa de Mama e papai quantas vezes? E fizemos uma viagem para Maryland na semana passada. E ouvi um boato de que ele esteve na cidade na semana passada para uma visita a Lance Hamilton. Não me parecem atitudes de um eremita.

— Você sabe o que quero dizer, Savannah. Vocês não têm um plano. Você está indo para Phoenix e ele é... ele é Asher Lee.

— Ele é meu — disse Savannah, em um tom de aviso.

— Tudo bem, querida, como vai ser com o seu trabalho?

— Eu não tenho todas as respostas! — Savannah agitou-se. Quando pensava no sexo alucinante que ela e Asher tinham acabado de compartilhar, a intimidade, o amor, seu coração inchava dolorosamente. Então, olhou para Scarlet, que estava simplesmente fazendo as perguntas que Savannah gostaria de fazer se a situação se invertesse, e perguntou:

— Lembra-se do artigo que você estava lendo para mim? No dia que Derby Jones me ligou? “*Os Doze marcos mais importantes em um relacionamento*”?

— Eu lembro. Estou surpresa que *você* se lembre. Não é exatamente o tipo de coisa que você gosta.

Savannah sorriu.

— Você me perguntou naquela tarde: “Você não quer ser uma daquelas mulheres de carreira que têm tudo? Um emprego empolgante além de um marido *sexy* te esperando na cama todas as noites”?

— Sim. E você me disse que o casamento não estava nos seus planos.

Savannah suspirou.

— Eu disse. Eu disse isso.

— E agora? Está em seus planos, Vanna?

Ela olhou para Scarlet, com o peito apertado e com os olhos brilhando, porque aquilo estava em seus planos. Estava brilhante e estridente, buzinando em seus ouvidos. Era praticamente a única coisa em seus planos. Não havia nem sinal de Nova York. Nenhum vislumbre de Phoenix. Apenas Asher, e isso a assustou, pois, ser uma doce esposa de alguém nunca fora seu objetivo.

— Eu não sei o que fazer.

— Ah, querida! — Scarlet colocou o braço ao redor de Savannah, acariciando seu ombro levemente. — Acho que você finalmente foi fisgada.

— Eu não posso deixá-lo. Mas não posso ficar. — Ela levantou os olhos para olhar para a irmã. — O que eu faço, Scarlet?

Quando Scarlet finalmente falou, seu conselho foi entregue em uma voz calma e clara, e Savannah percebeu que sua irmã era muito mais sábia em assuntos do coração do que ela.

— Eu acho que você deve seguir seu coração. Se sua carreira é a dona dele, você vai para Phoenix. Mas se for Asher Lee, você vai para Maryland.

— E se cada um tiver uma metade?

— Não é possível montar dois cavalos com um único traseiro, querida. Experimente e você vai se machucar.

Scarlet nunca falara palavrão na vida. Nunca. Savannah olhou para sua irmã, estupefata, por um total de dez segundos antes de ambas estourarem em risos. Scarlet, que tinha coberto a boca com a mão, em estado de choque, se juntou a ela.

Mas o problema permaneceu, e muito depois de Scarlet e Trent terem saído, Savannah voltou a pensar. Carreira ou amor? Ela teria que fazer uma escolha.

E o que quer que fosse, ia perder algo.

E o que quer que fosse, teria que viver com isso.



Capítulo Dezesseis

Quando acontece a primeira briga explosiva

O domingo floresceu, e o sol da manhã brilhava no rosto de Asher quando ele se virou para olhar para Savannah dormindo ao lado dele. Aquela seria sua última noite juntos. No dia seguinte, ele partia para Maryland, e eles começariam sua separação de meio ano.

Um agente imobiliário recomendado pelo hospital tinha encontrado um lugar agradável e mobiliado perto do hospital, e Asher assinara toda a documentação necessária para seis meses de locação. Dez caixas de roupas, livros e outros itens pessoais tinham sido coletados pelo UPS na sexta-feira de manhã, e ele estava praticamente pronto. Duas malas de viagem estavam alinhadas ordenadamente na porta de seu quarto, enquanto outra estava aberta no assento da janela.

Sem acordar Savannah, ele pegou sua *boxer* no chão, vestiu-a e, depois, foi sentar-se junto à janela, olhando lá para fora, para os fundos da casa, para o bosque e mais adiante. Além de não querer deixar tudo para trás por tanto tempo, sabia que iria sentir falta de casa. E isso o surpreendeu um pouco.

Porém, mais do que a casa, ele iria sentir falta de Savannah, o que não o surpreendeu nem um pouco, e enquanto fazia as pazes com a ideia de separação — eles haviam prometido enviar mensagens diárias e se falarem frequentemente pelo telefone —, parte dele ainda se perguntava se estaria sendo egoísta em suas escolhas ao priorizar algo acima dela. *Não é tarde demais*, sussurrou uma voz em sua cabeça, mas ele a calou, porque *era* tarde demais. De qualquer forma, seria covardia segui-la para Phoenix quando tinha tantas coisas a fazer antes de ficarem juntos.

Ele voltou para a cama, deitando-se cautelosamente na curva do corpo dela. O que dissera a Trent na noite passada era a mais pura verdade. Olhou para o tom rosado da bochecha dela, virando-a em sua direção para beijá-la suavemente, sabendo que sua barba matinal iria arranhá-la um pouco e acordá-la.

— Eu vou me casar com você algum dia — ele sussurrou.

— Hmmm? — ela murmurou, com a voz rouca e bêbada de sono.

— Nada, querida — disse ele, gentilmente acariciando seus cabelos. — Eu estou indo dar um passeio no bosque.

— Eu vou também — ela sussurrou, com os olhos ainda fechados.

— Fique dormindo.

— Eu posso dormir quando você for embora — disse ela, e uma lágrima escapou através da fenda de seu olho fechado, rolando sobre seu nariz e caindo silenciosamente no travesseiro.

Seu coração se apertou, e ele se inclinou para pressionar os lábios em sua testa.

— Volte a dormir, querida. São apenas oito e meia. Estarei de volta em uma hora.

— Tudo bem — ela disse, ainda meio adormecida, e girou para deitar-se de lado.

Ela acordara chorando. Chorando, embora tudo o que ele mais quisesse no mundo fosse fazê-la feliz. Desejava que houvesse alguma maneira de tranquilizá-la, dizendo que eles estavam apenas começando algo maravilhoso, que ambos reconheciam aquela relação como o presente especial que era, e

desde que tudo permanecesse forte, sincero e verdadeiro durante seu tempo separados, eles ficariam juntos no final.

Ele vestiu um *short* de corrida e uma camiseta, então, calçou seu tênis de treino. Correr estava proibido, por causa de sua perna ruim, mas uma agradável caminhada matinal lhe faria bem.

Ele encontrou a Srta. Potts ao pé da escada. Vinham evitando um ao outro até certo ponto desde a chegada de Savannah no domingo. Ela desaprovava que a moça dormisse na cama de Asher e, no entanto, a seu crédito, ela mantivera a opinião para si mesma depois de expressá-la respeitosamente no primeiro dia.

— Bom dia, Srta. Potts — disse Asher.

— Asher — Ela sorriu para ele, mostrando as rugas de seu rosto. — Não sei o que vou fazer nesta grande casa velha sem você até o Natal. Tem certeza de que não vai precisar de mim em Maryland?

Ele balançou a cabeça, estendendo a mão para colocar o braço em volta dos ombros dela e puxá-la contra seu corpo carinhosamente. Por muito tempo houvera apenas a Srta. Potts em sua vida. Não tinha percebido o quanto a chegada de Savannah tinha afastado um pouco a mulher mais velha de sua vida.

— Você tem sido boa para mim — disse ele, apertando-lhe o ombro.

Ela fungou uma vez.

— Você é como um neto para mim. Você me proporcionou com o que a vida não me abençoou.

— Nós sempre seremos uma família — ele disse, sorrindo para ela. — Ninguém nunca me deu uma bronca como você, Srta. Potts.

— Oh, eu não sei, não — disse ela, olhando para cima. — Eu acho que aquela menina poderia mantê-lo na linha direitinho — Ela fungou novamente, sorrindo para ele. — Não me importaria de ter um bisneto, você sabe. Enquanto ainda sou jovem o suficiente para desfrutar deles.

— Sem pressão por enquanto, Srta. Potts. E eu aqui pensando que você não gostava da ideia de Savannah dormindo na minha cama.

— Eu não gosto da sua *namorada* dormindo em sua cama. Agora, se ela fosse sua *esposa*... — Os olhos da Srta. Potts brilharam, e ela tocou em seu braço levemente. — Ela é boa para você, Asher.

— Sim — disse ele. — Ela é.

Savannah finalmente admitiu a derrota no terceiro zumbido de seu telefone em questão de minutos. Bocejou, abrindo os olhos lentamente quando um quarto e quinto zumbido seguiram em rápida sucessão. Procurou em toda parte pela maldita coisa. Sua conta no *Twitter* fora criada para alertá-la das dezenas de tendências, mas o único alerta que manteve após sua derrocada em Nova York fora para quando o nome dela fosse mencionado. Buzz. Buzz, buzz.

— Droga! O que há de errado com você? — ela perguntou, grogue, pescando seu telefone na mesa de cabeceira. Recostou-se no travesseiro, deixando seus olhos sonolentos se ajustarem à clara luz do dia. Deu uma olhada na hora — 9h12 — e depois prestou atenção nas mensagens de alerta que apareciam, uma após outra, em seu *feed* de notícias.

Ela sentou-se contra a cabeceira da cama e digitou sua senha. Seu coração começou a palpitar com uma súbita explosão de pequenos pontos de alerta vermelhos, que praticamente cobriam sua tela inicial. Dezenove novos e-mails, cinquenta e seis novas notificações do *Twitter* e trinta e uma — não, trinta e duas, não, trinta e três — notificações de *Facebook*. Alguma coisa tinha se tornado viral, mas o único alerta que ela tinha programado era para seu próprio nome. O que estava acontecendo? Será que poderia ter esquecido de apagar outro alerta que de repente virara notícia naquela manhã?

Seu pescoço se ergueu quando ouviu o som do telefone tocando na casa de Asher. Desde o dia em que fora lá para sua primeira entrevista, não se lembrava do telefone tocar mais de uma vez ou duas, e era quase sempre no fim de tarde, quando Sophia ligava com fofocas para a Srta. Potts. Estava tocando *agora*? Um pouco depois das nove horas em uma manhã de domingo? Em um *feriado*? Ninguém em Danvers se daria ao trabalho de ligar para a casa de alguém durante o horário da igreja, e as empresas não estavam abertas para fazerem suas chamadas de telemarketing irritantes. Quem estava ligando a uma hora tão incomum?

Sua pele formigava desconfortavelmente, então, checkou o telefone. Clicou no ícone do *Twitter* e abriu a aba de Notificações. Sessenta e duas? Não

tivera mais do que cinco durante todo o mês de junho. O telefone da casa tocou novamente enquanto ela lia as mensagens. DEUS!

#DeusAbençoeAmerica #LeiaEsteArtigoAGORA #SavannahCarmichael
#PhoenixTimesHistóriadeamordoséculo!

#BelaMelhorHistóriadeAmor VersãoTwitter Vocês TÊM que ler isto!!
#SemperFi #SavannahCarmichael

#VeteranoRepórterRomance Confira a mais nova matéria de Comportamento
Humano do #PhoenixTimes e que Deus abençoe
#SavannahCarmichaelAsherLee

— O-o quê? Espera aí!

Sua boca se abriu enquanto ela lia e relia o último *tweet*. Por que o nome de Asher aparecia nele? Seu coração estava praticamente escapando de seu peito quando o telefone da casa tocou novamente e seu celular zumbiu para alertá-la de mais mensagens.

Ela abriu seu e-mail, checando os assuntos: *Excelente artigo, amei a nova peça, Parabéns...* Não havia nenhuma palavra de Maddox, por isso, ela abriu um navegador da Internet em seu telefone e digitou www.phoenixtimes.net.

— Vamos lá, vamos lá, vamos lá — ela murmurou, lançando as pernas para fora da cama para vestir sua calcinha e camiseta. Onde estava Asher? No andar de baixo?

Não. De alguma forma, ela sabia que ele estava caminhando no bosque. Ele devia tê-la beijado para se despedir antes de sair, embora ela não tivesse nenhuma lembrança sólida do momento.

— Vamos lá, porra — disse ela, enquanto o pequeno cursor girava, tentando carregar a página. Ela jogou uma camisa sobre a cabeça, em seguida, segurou o telefone, andando pelo cômodo, entrando em pânico, nervosa, suada e gelada.

— Respire, Savannah — disse a si mesma, abrindo e fechando seu

telefone sentindo como se fosse morrer. Como diabos tinha acontecido? Precisava respirar fundo, tentando desesperadamente acreditar que apesar dos alertas, houve algum engano.

A primeira página finalmente surgiu, e ela clicou em Comportamento Humano, começando novamente a esperar, enquanto o navegador carregava.

— Droga, vamos lá — ela disse, andando de um lado para o outro mais uma vez antes de olhar para baixo. E então... então ela viu:

Savannah & Asher: Uma História de Amor Toda Americana.

— Não! — ela gritou, passando os olhos pela tela quando o telefone da casa tocou novamente. E sob o título da história, o nome que ela temia ver: Savannah Carmichael.

Ela se afundou no assento sob a janela, o ar saindo de sua boca enquanto olhava para a pequena tela.

Fui até a casa de Asher Lee em uma tarde ensolarada de maio, vestindo um vestido de verão emprestado da minha irmã, segurando um prato de brownies recém- assados nas minhas mãos trêmulas. O Sr. Lee é o estranho mítico da nossa cidade. O pária. O eremita. O bicho-papão. Crianças jogavam ovo em sua casa no Dia das Bruxas e as mães alertavam suas filhas adolescentes a chegarem em casa cedo para que Asher não as encontrasse na escuridão e não abusasse delas. Mas a verdade? Asher era um homem como qualquer outro, um que tinha sido horivelmente ferido em serviço ao nosso grande país.

Savannah engoliu fracamente enquanto lia a versão pesadamente editada de sua história. As palavras *aberração mítica*, *bicho-papão*, e *horivelmente* nunca tinham figurado na sua escrita, e ela não escrevera sobre mães advertindo suas filhas sobre ele.

— Oh, meu Deus.

Ela girou a tela para baixo, incapaz de suportar o que estava lendo: todo o artigo fora picado, editado e reescrito com o máximo de sensacionalismo. Ouvira falar de jornais que faziam isso, mas quando Maddox McNabb disse “edições”, isso nunca lhe ocorreu — nunca, nunca lhe ocorreu o que isso poderia

significar, que eles iriam usar o que ela tinha apresentado como um esboço, reescrevendo completamente seu artigo.

Eles tinham usado nomes e lugares reais. Havia cortado o texto tornando-o mais sensacionalista. Tinham lhe dado todo o crédito.

Ela parou de ler no meio do caminho porque seu estômago se retorcia em nós que não iriam se desembaraçar. Ela não precisava ler mais para saber que o resto seria uma sombra de seu original. Enquanto isso, o zumbido continuou conforme as pessoas liam “seu artigo” e comentavam sobre ele.

Quando o choque se transformou rapidamente em fúria, ela clicou no ícone do telefone e procurou o número de Maddox McNabb. Chamou seis vezes antes de seu correio de voz atender.

“Aqui é Maddox McNabb, editor-chefe do Phoen...”

Ela finalizou a ligação enquanto uma lágrima serpenteava pelo seu rosto. Ela não tinha o número de telefone de casa dele. Mas ela tinha o número de Derby Jones.

— *O-Olá? Quem é?* — Perguntou a voz grogue do outro lado da linha, e Savannah percebeu que eram sete e meia em Phoenix. Em um domingo. Em um feriado.

— *Derby? Desculpe acordá-la. É Savannah Carmichael.*

— *Savannah. Savannah? Certo. Oi. Hey, está cedo.*

— *Eu sei. Desculpe-me, eu vou desligar rápido. Você tem algum número de telefone particular de Maddox McNabb?*

— *Maddox? Sim. Em algum lugar. Hum. Oh, tenho neste telefone em que estou falando. Posso mandar por mensagem para você?*

Savannah imaginou Derby segurando o telefone com os olhos fechados, pronta para voltar a dormir.

— *É realmente importante, Derby.*

— *Não. Certo. Eu vou te enviar uma mensagem imediatamente.* — Savannah ouviu lucidez na voz de sua amiga. — *Assim que desligarmos.*

— *Obrigada. Desculpe por te acordar.*

— *Ok. Ei, está tudo bem?*

Olhando pela janela, Savannah viu Asher caminhar dentro da floresta, alto e orgulhoso, o sol criando fios mais claros em seu cabelo escuro. Caminhava enquanto refletia, com um leve sorriso nos lábios, como se ponderasse algo agradável. De repente, como se soubesse que ela estaria assistindo, ele olhou para as janelas do quarto dele, encontrou o rosto através vidro e levantou a mão em saudação. O coração dela se apertou, e lágrimas brotaram de seus olhos quando ela levantava a mão trêmula e encostava-a no vidro entre eles.

— Não — respondeu. — Definitivamente, nada está bem. Adeus, Derby.

Ela finalizou a ligação sem tirar os olhos de Asher. Ele sorriu para ela, incapaz de enxergar àquela distância que sua expressão se despedaçava. Ele levou o dedo aos lábios e soprou-lhe um beijo antes de continuar a caminhar em direção à casa.

Os dedos de Savannah permaneceram na janela, em desespero. Sem querer, ela traía a privacidade do homem mais privado que já conhecera. Como ele iria perdoá-la?

Antes, tinha outras coisas a resolver. *Ding*. Olhou para baixo e viu uma mensagem de texto de Derby. Precisava falar com Maddox McNabb.

Asher entrou alegremente na cozinha, limpando seus tênis enlameados sobre o tapete de boas-vindas que a Srta. Potts mantinha na porta dos fundos. Havia café quente, e Savannah estava acordada. Ele odiava o fato de ela acordar com lágrimas nos olhos e sabia que seria um dia triste para eles, então, tomou uma decisão. Embora não estivesse pronto para pedi-la em casamento, queria que ela soubesse que essa era sua eventual intenção. Queria tranquilizá-la de que seria sua para sempre; que o que eles tinham era tão precioso que, contanto que protegessem, iriam encontrar-se no final daquele semestre de separação.

Quando o telefone tocou na parede, ele sobressaltou-se, surpreso e, em seguida, olhou ao redor, procurando pela Srta. Potts. Quando ela não veio apressada para a cozinha para atendê-lo, ele estendeu a mão, tirando-o do gancho.

— Alô?

— *Asher Lee, é você?*

— Sim.

— *Sr. Lee! Olá! Sou Jennifer Durant, do Fox and Friends, e nós queremos saber se podemos reservar...*

— Whoa! — disse. — Devagar. Você é do programa de televisão *Fox and Friends*?

— *Hum-hum. Mas diga, você prefere Asher ou... Harrow?*

— O quê? O que você está...

Ela deu uma risadinha coquete e, em seguida, continuou com uma voz mais profissional.

— *Nós gostaríamos que você entrasse no show. Queremos que conte tudo sobre como vocês dois se conheceram e sobre como essas faíscas nasceram, a partir de seu ponto de vista.*

— Faíscas? Você está falando sobre o artigo? A explosão da bomba?

— *Ah, não. Não vamos tocar nesse assunto. O que a América amou foi a história de amor.*

— A história de amor?

— *“Savannah e Asher: Uma História de Amor Toda Americana”. Sr. Lee, é um momento ruim?*

O quê? De que diabos ela estava falando?

— Pegou, sim, Srta. Durant. Eu preciso ir. Ligue outra hora.

Ele colocou o telefone de volta no gancho antes que ela pudesse responder, enquanto tentava descobrir o que estava acontecendo. Então, analisou os fatos. Sim, era Quatro de Julho, e o artigo de Savannah sobre seu tempo no Afeganistão e sua amarga recepção na cidade natal iria sair naquele dia. Ele estava esperando que ela acordasse para que pudessem lê-lo juntos. Será que a mídia estava tentando ler nas entrelinhas da história que fora relatada? Ele balançou a cabeça, enchendo duas canecas de café, quando o que o fez congelar lhe ocorreu.

Você prefere Asher ou... Harrow?

Seu rosto corou, pensando em uma mulher desconhecida usando

apelido que Savannah ocasionalmente usava. Será que era uma fã do mesmo programa que tinha caracterizado Richard Harrow e estava fazendo uma associação com base na similaridade de suas lesões? Seu coração começou a bater mais rápido.

Algo não parecia certo.

Ring. Ring.

Ring. Ring.

Ele atravessou a cozinha determinadamente.

— Alô? — ele foi conciso. Estava se sentindo confuso e traído, não gostava nada disso. Precisava ir até o quarto e falar com Savannah, tentar descobrir o que tudo aquilo significava.

— *Asher Lee, aqui é Clifton Winter, vice-presidente da Van Cleef & Arpels.*

— O quê? Quem?

— *Van Cleef & Arpels, a joalheria premier em Manhattan. Nós aqui somos grandes apoiadores de veteranos, e queremos que você saiba que se estiver procurando um requintado anel de noivado para a Srta. Carmichael, te...*

— Sr. Winter! Eu acho que você está enganado...

Sua voz foi abafada enquanto ele falava com alguém.

— *Droga, eu pedi a você que ligasse para Asher Lee em Danvers, Virgínia!*

Ele ouviu a voz de uma mulher em segundo plano.

— *Mas é ele.*

— *É o Sr. Lee?*

— Sim, mas...

A linha ficou muda. Asher olhou para cima e viu o dedo de Savannah pressionando o botão de desligar. Ela estendeu a mão sem dizer nenhuma palavra, pegou o telefone da mão dele e o colocou suavemente sobre o balcão da cozinha. Seus olhos estavam vermelhos e resignados quando o telefone começou a apitar com um sinal raivoso de ocupado.

— Savannah — ele perguntou, procurando os olhos dela —, *o que*

diabos está acontecendo?

— Venha sentar-se — disse ela, cruzando a cozinha para pegar as canecas de café que ele tinha acabado de servir.

Ele sentou-se à mesa, e ela colocou uma caneca na frente dele antes de pegar a outra e sentar-se em frente a ele.

— Asher...

— Por que programas de televisão e lojas de joias estão me ligando?

Ela mordeu o lábio. Não tinha ideia de por onde começar.

— Eu usei pseudônimos. Juro por Deus, Asher. Não usei nossos nomes reais.

— Você quer dizer no artigo? — Ele olhou para ela, confuso. — Eu não me importo que tenha usado meu nome. Eu te dei permissão para me entrevistar.

— Eu sei. Você deu. Mas para um artigo sobre suas lesões, o Afeganistão e sua volta para casa.

Ele assentiu.

— Certo. Então...?

— Não foi sobre isso que eu escrevi no final das contas. — Ela procurou em seu rosto, mas ele permanecia cauteloso e curioso. Ainda confiava nela. Mas provavelmente não tinha encaixado as peças. Ela fechou os olhos, desejando descobrir uma maneira de contornar a situação, mas não conseguia. Estava presa.

— Bem, sobre *o que* foi então? — Ele perguntou.

— Asher — ela começou, olhando para ele com os olhos cheios d'água.

— Sobre o que você escreveu, Savannah? — perguntou ele.

— Nós.

Seus olhos escureceram, e seus lábios se estreitaram em uma linha fina.

— Nós.

Savannah estendeu a mão para cobrir a dele, orando a Deus para que Asher encontrasse uma maneira de entender como toda esta confusão havia acontecido.

— Nós. Como conhecemos um ao outro. Como começamos a passar mais e mais tempo juntos. Como nos tornamos amigos, nos apaixonamos e...

— Jesus Cristo, Savannah. A história é a *nossa* história?

Ela assentiu com a cabeça, timidamente, quando ele puxou sua mão de volta.

— Eu nunca disse que você poderia fazer isso.

— E eu nunca disse que *eles* poderiam fazer da maneira que fizeram. O título que enviei foi “*Cassandra & Adam: Uma História de Amor Toda Americana*”. Deixei claro a eles que deveriam usar pseudônimos. O projeto inicial nunca mencionou Danvers. Eu protegi sua privacidade. Eu juro.

— Parece *realmente* protegida agora.

— Me desculpe, eu...

— Deixe-me lê-lo.

Seus ombros caíram com o alívio. Sim. Sim, ele poderia ler sua versão original e entender que ela tinha usado a história deles, mas também tinha protegido suas identidades e escrito coisas bonitas sobre como se conheceram, como se apaixonaram, como seus ferimentos nunca tiveram importância.

— Eu vou pegar meu computador e te mostrar o meu original.

— Não, eu quero ler o que foi impresso nesta manhã para todo mundo ler.

— Mas... — Ela engoliu em seco. — Eles mudaram muito.

Seus olhos a desafiaram.

— A essência do que você escreveu ainda estará lá, não é?

— Por favor, não o leia — disse ela.

— Por que não?

— Porque não é o que eu escrevi. — *Bicho-papão. Filhas*

adolescentes. Ela olhou para o homem incrível e digno à sua frente, e seu coração sangrou por como ele fora retratado. — Foi editado. Não é o que eu escrevi. Não é o que eu penso de você. De nós.

Seus olhos brilharam de preocupação e fúria.

— Pegue seu computador. *Agora*, Savannah.

Ela virou-se e saiu da cozinha, só para encontrar a Srta. Potts sentada na escada.

— Não sei como ele vai conseguir perdoá-la — disse ela calmamente, enquanto Savannah passava.

— Nem eu — disse Savannah. *E eu não sei como eu vou me perdoar.*

Asher sentiu os olhos dela nele o tempo todo enquanto lia o artigo. Era um texto bastante inútil, aumentado para ser tão sensacionalista quanto possível. Ele foi retratado como um Quasimodo parcialmente demente, e ela era pintada como a bela americana que teve pena da fera.

Toda vez que lia um trecho de sua vida juntos, ele silenciosamente escondia um suspiro de surpresa. A primeira vez em que ele pegou a mão dela entre as duas poltronas. O primeiro beijo. A primeira vez em que ele disse que estava se apaixonando. O bosque. O passeio de carro nas montanhas. *O filme na casa dos pais dela*. Ele espancando Lance. Eles passando o fim de semana em Maryland. Ela lhe contando sobre Richard Harrow. Estava tudo lá. E pela forma como foi contada, parecia que ela tinha humanizado um animal, apaixonando-se por suas flagrantes imperfeições. Ela era um modelo de virtude feminina que de alguma forma conseguiu olhar além de sua desfiguração, enxergando seu coração. E havia uma vibração de felizes para sempre no final, muito enjoativa, além de insinuações como: *Ele teve a mão amputada e o rosto desfigurado, mas oh, é maravilhoso na cama. *Pestanas piscando**.

Algumas partes o deixaram sem fôlego, porque fizeram-no lembrar dos momentos perfeitos que vivera com ela, mas, em seguida, sua expressão se tornava mais severa. Os melhores momentos de sua vida foram publicados na seção Comportamento Humano de um jornal, espalhados por agências de notícias que queriam um dramalhão para aquele feriado.

‘A Bela e a Fera’, com o “hino nacional” tocando ao fundo.

Quem escrevera aquele texto tinha talento, ele pensou com tristeza. Terminou de ler o artigo, que finalizara com “as esperanças de Savannah para um futuro que seria uma questão de destino, apesar da grave agorafobia de Asher e do rosto que fazia crianças gritarem”.

A confusão e a raiva que sentia por ela eram tão desesperadoras, tão afiadas, que ele se perguntou como falaria com ela sem dizer coisas imperdoáveis. Sentia tanta dor por sua traição, pela maneira como ela usou sua bela história, que se perguntava como as tripas ainda estavam dentro de seu corpo. Como elas não estavam espalhadas por toda parte, para o mundo inteiro ver? Ah, mas era isso mesmo. Elas estavam. Ele foi fechando o computador lentamente até trancá-lo com apenas um clique silencioso.

— Eu não escrevi isso — ela disse suavemente, retorcendo as mãos.

— Que engraçado. — Ele olhou para ela. — Aqui diz que você escreveu.

— Posso mostrar o original?

Ele balançou a cabeça.

— Não tenho vontade de ler mais nada.

— Asher, nós estamos nisso juntos. Eu juro, sou tão vítima quanto você.

Seus olhos se ergueram para encontrarem os dela, e ele balançou a cabeça com uma fúria que queimava lentamente. Seu coração se apertou de dor, porque ela era tão bonita, e ele a amava tanto, apesar da humilhante, castradora e traidora exposição. Deixou sua raiva de lado e a agarrou:

— Não, querida. Você não é. Você teve uma escolha. Eu não tive.

Era a primeira vez que ele a chamava de querida num tom sem carinho, e ela fez uma careta enquanto ele se mantinha cuidadosamente impassível.

— Asher, eu não posso fazer nada a respeito do fato de que eles imprimiram o artigo com nossos nomes, nem como massacraram meu original com suas edições para criar caricaturas em vez de pessoas. Mas, posso explicar por que fiz isto? Por que escrevi esse artigo?

Ele balançou a cabeça, desesperado para que ela dissesse alguma coisa

— qualquer coisa — que lhe permitisse compreender, confiar nela, ainda amá-la, ainda tê-la em sua vida.

— Eu precisava dessa história, Asher. Eu precisava dessa oportunidade depois do que aconteceu com Patrick Monroe. Precisava provar a mim mesma. Precisava provar que eu não era apenas alguém sem talento que foi enganada por uma fonte. E você se lembra daquele dia que eu vim e lhe disse que Maddox McNabb queria algo *sexy*, e...

— Pare! — Asher sentiu seu rosto corar com o calor. — Por favor, cuidado com o que vai dizer em seguida.

— Não, eu vou dizer. Eles queriam algo mais *sexy*, então...

— Então, você resolveu foder o aleijado; o bicho-papão que ataca adolescentes na calada da noite.

— Asher! Pare com isso! — O rosto dela virou-se para trás como se ele a tivesse esbofeteado. — Não! Deus, não! Eu *nunca* escrevi essas palavras, e não foi assim que aconteceu. Não se *atreva* a usar palavras como essas sobre nós.

— O quê? Palavras que são *verdadeiras*? Sim. Posso imaginar, seria desconfortável para você.

Lágrimas brilharam em seus olhos, e ela fechou a boca, olhando para ele. Seus seios subiam e desciam rapidamente. Ela estava respirando tão rápido que ele podia ouvir os soluços vindos da parte de trás de sua garganta, mas ele tentou ignorá-los desesperadamente.

Algo dentro de Asher estava começando a doer, e ele sentia-se estranho, como se estivesse novamente vivendo os primeiros meses de San Antonio, quando teve que decidir se queria viver ou morrer. E, por um momento, quando ele analisou a situação e percebeu que era possível que todo este relacionamento tivesse sido uma atuação da parte dela, ele *desejou* morrer.

Ele respirou fundo e se recompôs. Talvez ela tivesse continuado a escrever a história da bomba durante semanas; talvez essa *fosse* a história, e ela mudou na última hora, quando se recusaram a imprimi-la.

— Tudo bem — disse ele, tentando proferir uma voz audível. — Responda-me uma coisa. Há quanto tempo você sabe?

— Como assim?

— Que este deveria ser o ângulo? Que *nós* seríamos o ângulo e não a

explosão da bomba e a minha triste recepção na volta para a sociedade?

Ela devia saber onde ele queria chegar, porque seu queixo caiu. Ele queria saber se o relacionamento tinha começado antes ou depois do novo ângulo. E, sim, ela estava prestes a dizer-lhe que tinha começado depois. Ele fechou os olhos.

— Por favor, Asher — ela sussurrou.

— Quanto tempo? — ele perguntou, com os olhos piscando abertos.

A voz dela falhou ao responder.

— Desde o bosque.

— Uau — ele suspirou, olhando para longe dela. — A primeira noite em que nós nos beijamos. A primeira noite que curtimos um ao outro. — Ele suspirou, e foi um som áspero e difícil. — Que megera. Você realmente interpretou o papel da sedutora.

— Não, *não* é isso. Não houve encenação. Maddox *sabia* que eu estava apaixonada por você. Ele sabia disso, e essa era a história que ele queria. E eu só...

— ...Fodeu o aleijado. Para uma história. Para salvar sua carreira.

— Pare! Não! — ela disse, com surpreendente convicção. Então, enxugou os olhos. — O que eu sinto por você é real. Nada disso foi uma atuação, e eu estava desconfortável em escrever nossa história para um jornal, então, pensei que se usasse pseudônimos poderia nos proteger e ainda entregar o artigo. Mas eles devem ter querido usar os nomes reais para ser mais genuíno. Se eu soubesse... Asher, eu nunca teria enviado a história se soubesse que eles usariam nossos nomes reais.

— Você acha que isso é o que importa para mim? *O uso do meu nome?* Savannah, o que aconteceu comigo no Afeganistão? Foi terrível, mas não era um segredo, e não era sagrado. *Você* era sagrada para mim. *Nós* éramos sagrados. O que estávamos construindo também. O que tivemos. — Ele engoliu o nó enorme na garganta, passando a mão pelo cabelo. Olhou para o rosto da mulher que amava, a mulher com quem queria se casar, e seu estômago se revirou ao perceber que estavam com pensamentos completamente diferentes. — O que me incomoda é que você pegou nossos momentos mais significativos, os momentos mais incríveis da minha vida, e jogou-os numa seção de Comportamento Humano de um jornal para que todos pudessem ler. Você pegou as palavras que

dissemos um ao outro, os nossos sentimentos, nossos momentos íntimos mais pessoais e os *usou*. Para entretenimento. Para conseguir sua preciosa carreira de volta. Se você começou querendo isso ou não, acabou nos usando. Você não apenas contou uma doce história anônima. Você escreveu a *nossa* história, e sem minha permissão. Usou detalhes específicos que definiam quem nós éramos um para o outro. Quando eu lhe disse que estava me apaixonando por você na cama? Aquilo foi pessoal. Realmente pessoal. *Não* está tudo bem por você ter compartilhado. E isso me faz pensar o valor que você deu para nós. Porque, para mim, o que tínhamos era tudo. Era o paraíso. Era para sempre. E para você... Era apenas uma história. — Ele fez uma pausa, com o peito arfando. Estava exausto e tonto, e queria enrolar-se em sua cama e chorar como um bebê. — Será que *alguma* coisa importou para você? *Realmente* importou?

Ela estendeu a mão, mas ele puxou o braço para fora da mesa e recostou-se na cadeira.

— *Tudo* importou para mim. *Você* me importa mais do que qualquer coisa, Asher.

— Não. Não, você não tem que dizer isso. — Ele se levantou da mesa e olhou para longe dela, porque vê-la tornara-se quase insuportável. — Isso é uma mentira. É evidente que eu *não* importo para você, porque você me transformou em uma história, mesmo que tenha dito que isso a fez sentir-se desconfortável. Você sabia o que estava arriscando, mas sua carreira supera tudo.

— Não supera, Asher. Costumava ser assim, mas não mais.

— Mesmo que eu acreditasse nisso, é um pouco tarde agora, você não acha? Para um surto de consciência?

— Não diga isso. Por favor, não diga que é tarde demais. Eu já disse a Maddox que não quero o maldito emprego. Disse-lhe que *nunca* mais poderia trabalhar para ele depois do que fez.

— Isso é uma vergonha. Você trabalhou duro para isso.

Ele ouviu o tom gelado em sua voz, mas não conseguia evitá-lo. Não sabia no que acreditar. Queria acreditar nela, mas em sua opinião não parecia uma boa ideia. Ela os tinha usado para colocar sua carreira de volta nos trilhos, sem mencionar o constrangimento escaldante do próprio artigo. Havia partes da história de amor que o teriam sensibilizado se não fossem coisas que aconteceram com ele. Mas *eram* coisas sobre ele, e a maneira como ele havia sido retratado fora mais do que humilhante.

— Asher — ela choramingou, levantando-se para alcançá-lo, mas baixando as mãos quando ele recuou um pouco.

— Savannah, eu não faço ideia do que é verdade e o que não é. As coisas entre nós aconteceram muito rápido, mas eu acreditava que era porque nossos sentimentos eram fortes e porque abrimos e seguimos nossos corações. Mas eu me pergunto agora se você estava motivada para entregar o artigo que eles queriam. Tenho que saber se os seus sentimentos foram fabricados por causa de uma boa história. As belas coisas que dissemos um ao outro estão todas fora de contexto e banalizadas no artigo, espalhadas como uma prostituta que tropeçou na calçada.

Lágrimas cobriam o rosto de Savannah enquanto ela se adiantava e apertava as palmas das mãos contra o peito dele.

— Eu estou tão triste pela forma como aconteceu. Sinto muito pelo que escrevi. Sinto muito por ter confiado neles.

Ele engoliu em seco, sentindo seu corpo remexer pelo toque de suas mãos, combinado com a imprecisão de suas palavras.

— Você nos traiu quando enviou essa história para eles, Savannah; quando nos expôs a esse tipo de inspeção pública.

— Eu não queria.

— Mas você fez isso, querida. Você fez.

— Asher, por favor, diga que ainda me ama. Por favor, diga que só está com raiva e que não é tarde demais para nós.

A respiração de Asher falhou, e ele gemeu com a dor que aquelas palavras lhe causaram. Ele respirou profundamente duas vezes e cerrou a mandíbula quando retirou as mãos dela de seu corpo, antes que isso pudesse enfraquecê-lo. Sua voz tornou-se trêmula e fraca pelo esforço que precisou fazer para colocar certa distância entre eles, porque ela era o metal do seu ímã, e tudo o que ele queria era estar com ela, mesmo que fosse errado.

— Isso está me matando agora, Savannah. Eu mal tinha forças para dizer adeus antes disto acontecer. Não posso lidar com isso agora. Tenho que sair para Maryland pela manhã. Terei uma operação na terça-feira. Não posso mais fazer isso agora.

— Por favor, me diga que não terminou. — Lágrimas escorreram pelo seu rosto em um fio. — Eu cometi um erro. Um grande erro. Eu te amo tanto.

— Eu acho que você se ama mais. — As palavras saíram antes que ele pudesse detê-las, antes que pudesse avaliar se elas eram mesmo verdade. Mas estava tão irritado que se agarrou a elas e sentiu o curso de rendição através de seu corpo como um bálsamo contra a raiva, o choque e a tristeza. Sua voz era amarga e aveludada ao mesmo tempo.

— Você tem a sua história. Está de volta ao jogo.

— Ash...

— Mas agora eu acho que você deveria ir embora.

Ele se virou de costas para ela, indo em direção à porta da cozinha.

Ela chorou em soluços de cortar o coração.

— Oh, meu Deus, Asher, *por favor*, não faça isso.

— *Eu* não fiz nada — disse com a voz entrecortada. Quando ele se virou para olhar para ela, o sol da manhã filtrava através da janela da cozinha, deixando Savannah tão bonita que era insuportável olhá-la, então, ele desviou o olhar dela. — A não ser que tenha cometido o erro de realmente me apaixonar, enquanto você estava — ele deu de ombros — desempenhando um papel digno de um *Oscar* para salvar a sua carreira.

Ela engasgou, segurando o fôlego por um momento como se doesse para respirar. Ele ordenou a cada célula de seu corpo para que não se aproximasse dela, e elas obedeceram, mas custou-lhe, e ele sofria pela privação. Ele virou-se para sair porta afora, e sua voz o deteve.

— Eu sei que você está com raiva, Asher, mas não foi uma atuação. Nada disso foi uma atuação — disse ela, com a voz engrossada pelas lágrimas e pesar, enquanto falava pelas suas costas. — Eu cometi um erro. Só cometi um erro.

Lágrimas queimaram seus olhos quando ele passou pela porta, deixando-a bater atrás dele.

Capítulo Dezessete

A primeira vez em que percebe que ele é seu porto seguro.

Durante a semana seguinte, Savannah aprendeu algo terrível.

Ela aprendeu que, quando o seu coração está partido, o resto do seu corpo para de funcionar também.

Seus olhos iniciavam cada dia cheios d'água, lágrimas que surgiam em vão, sem aliviar sua dor nem acalmar as lembranças dos olhos inchados e ardentes dele. Seus ouvidos não sintonizavam qualquer som ao seu redor, recordando apenas o timbre de sua voz amada. Seus dedos procuravam no vazio ao lado dela, no escuro da noite, buscando a pele quente de seu corpo. E não importava a profundidade ou a quantidade do ar que respirava, ela não poderia aliviar a terrível sensação de aperto nos pulmões, que era um lembrete constante de sua perda.

Seu arrependimento era inflexível.

E o coração dela, que nunca tinha sido partido daquela forma antes, se sentia vazio, como se algo bonito tivesse, um dia, criado morada lá, mas estivesse desocupado agora, sem aviso prévio ou permissão. E a beleza do que viveram deixou para trás uma essência única, afiada e indescritível, como uma lasca profundamente enraizada que doía constantemente quando se lembrava:

Eu o perdi.

Scarlet foi buscá-la na casa de Asher depois da briga, e Savannah ligara e mandara mensagens para ele várias vezes desde então, mas seu telefone de casa ficou fora do gancho por tempo indeterminado, e ele não atendeu o celular nem retornou suas mensagens. Na terça-feira, ela parou de ligar, porque não queria distraí-lo de sua cirurgia, mas, na quarta, sua resistência se dissolveu, e ela ligou de novo para dizer o quanto o amava e o quanto estava pensando nele. Desenvolveu uma compulsão por verificar seu telefone, o que invariavelmente a levava às lágrimas incessantes, porque, enquanto seu celular se enchia de mensagens de vários jornais buscando entrevistas e editores, procurando formas de explorar ainda mais sua relação com Asher, nunca chegava qualquer mensagem *dele*. Até o final de semana, quando ela desistiu. Jogou o telefone na privada e não o olhou desde então.

Matar o telefone fora benéfico, *na maior parte*, para cortá-la do mundo, mas quando o telefone de casa tocou, seu coração ainda saltou com esperança de que fosse Asher... e depois sangrou um pouco mais quando descobriu que não era.

Duas vezes ela entrou em seu carro para dirigir até Maryland e exigir que ele a ouvisse e desse a ela outra chance de se explicar. Embora quisesse muito estar com ele, para que ele recebesse seu amor e apoio enquanto era submetido a procedimentos dolorosos, ela se conteve ambas as vezes, sabendo que era provavelmente a última pessoa que ele gostaria de ver, a última pessoa

em quem ele poderia encontrar conforto. Ele ainda não acreditava que o que tiveram fora real.

Às vezes sentia raiva. Ele não tinha dito que a amava? Não tinha prometido que pertencia a ela com a mesma certeza de que ela pertencia a ele? Como poderia um artigo de jornal fazê-lo virar as costas para seus sentimentos por ela de forma tão definitiva? Mas, então, ela relia o artigo publicado — a maneira como soava, como parecia — e entendia o porquê de ele ter pedido que fosse embora. Poderia culpar Maddox McNabb e o *Phoenix Times* até ficar com o rosto azul de raiva, mas se não tivesse escrito nem enviado o artigo, se tivesse dado mais valor a Asher do que à sua carreira, nada daquilo teria acontecido. Era sua culpa por estarem separados.

Embora Asher não tivesse realmente dito a palavra “Acabou”, a raiva e a traição em seus olhos, quando pediu que ela saísse de sua casa, a fez sentir como se ele também estivesse pedindo-lhe para deixar sua *vida*. E sem ele, era como se sua âncora tivesse sido levantada, e ela estivesse à deriva em um frio e escuro oceano. Com um pesar tão grande e abrangente quanto esse mar frio, ela sabia que tinha cometido o maior erro de sua vida. Na tentativa de igualar o placar com Patrick Monroe e o *Sentinel*, ela arriscou Asher, o amor de sua vida. E o tinha perdido. Catastroficamente o perdera. E era insuportável.

Ironicamente, a carreira pela qual arriscou tudo não significava mais nada para ela. Nos dias após o artigo ser impresso, ela recusou o emprego no *Phoenix Times* duas ou três vezes, e se ela ainda estivesse com seu telefone, ainda estaria recusando ofertas de outros jornais todos os dias. Não queria nunca mais escrever um artigo de jornal durante o tempo em que vivesse.

Se é que podia chamar sua vida de *vida*.

Savannah sentia o mundo se movendo ao seu redor — Scarlet saía para o trabalho pela manhã, a mãe dela assava guloseimas para a loja de chá local, seu pai ocasionalmente espreitava em seu quarto para lembrá-la de fazer alguma coisa, mas o seu profundo pesar a diferenciava do resto da humanidade. Ela perdera o interesse em tudo ao seu redor, exceto naquilo em que trabalhara obsessivamente: memorizar cada detalhe de seu tempo com Asher.

Depois do jantar, que ela raramente comia, ela subia as escadas de volta para a cama que tinha deixado apenas horas antes, fechava os olhos e lembrava-se dos detalhes de cada dia específico que passara com Asher, começando desde o início, quando vira o brilho de seus olhos no espelho. Recordava de cada toque, cada olhar, cada palavra falada entre eles, e, então,

recriou os dias em páginas, gravando meticulosamente cada detalhe o mais exato possível, até que seus olhos ardiam e a madrugada iluminava os céus fora de sua janela. Porque para Savannah, reviver os momentos que passaram juntos era a única forma suportável de sobreviver aos dias em que passavam separados.

O futuro era muito triste sem ele, e ela tentava desesperadamente se agarrar ao passado, ignorar a eventualidade de que não teria novos dias preciosos para se lembrar, e seguir no vazio escuro de uma longa vida sem Asher Lee.

— Acorde, Vanna.

— Vá embora, Scarlet — ela murmurou contra seu travesseiro.

— São quatro horas da tarde. De uma segunda-feira. Você tem que se levantar. Nós vamos dar uma caminhada.

— Não. Não vou.

— Essa coisa toda de piedade, “pobre de mim”, está ficando um pouco cansativa, Vanna. Sei que você está machucada, mas precisa vestir as calcinhas de menina grande e se controlar. Pelo amor de Deus, eu vou me casar em seis dias.

Isso a arrancou de seu sono, o que Savannah suspeitava que fosse sua intenção.

— Oh, eu sinto muito se meu coração partido está interferindo em seu casamento.

— Não, não está. Você está chafurdando. E ainda estamos indo para uma caminhada, vamos caminhar. — Scarlet passou uma roupa, uma camiseta, pela cabeça de sua irmã.

Savannah se sentou meio grogue.

— Você é o diabo.

— Eu sei que você não queria dizer isso, minha querida irmã.

— O inferno que não. — Ela puxou a camiseta por cima de um *soutien* esportivo que vinha usando por dois dias diretos.

— Você não queria. Sei o quanto você sente falta de Asher — acrescentou Scarlet suavemente, e Savannah congelou por um momento, suprimindo o soluço que ameaçou partir sua garganta apenas com a menção do nome dele.

Scarlet entregou-lhe um par de tênis.

— Vamos lá. Calce isso. Quero falar com você.

Scarlet liderou o caminho para o térreo, e Savannah parou no último degrau, vendo sua mãe olhando para ela, preocupada.

— Saindo para uma caminhada, lindinha?

— Scarlet insistiu.

— Vai ser bom para ela, mamãe.

Judy assentiu para Scarlet antes de voltar seu olhar para Savannah.

— Já faz mais de uma semana, querida. Você ainda não...

— Não *o quê*? Esqueci? Superei? — A voz de Savannah estava cheia de fúria. — Eu o amo, Mama. Ele é *tudo* para mim. Não vou esquecê-lo. Não posso superar.

— Não era isso o que eu ia dizer, embora, agora que você mencionou, parece que você está mais desistindo do que tentando. — Sua mãe colocou a mão suavemente em seu rosto quente. — Eu ia dizer outra coisa. Você não acha que já sentiu pena de si mesma por tempo suficiente? Não acha que é hora de descobrir como recuperá-lo?

Savannah respirou fundo. *Recuperá-lo*. As palavras eram esperançosas e tentadoras, e sua mãe usou-as como se fossem possíveis. Como se Savannah não o tivesse traído, exposto, humilhado, mentido para ele e desvalorizado sua relação e a explorado para salvar sua carreira arruinada. Recuperá-lo? Ele teria de perdoá-la em primeiro lugar, e isso não parecia muito provável.

Ainda assim, ela não podia mentir para sua mãe. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, caindo sobre a mão de sua mãe.

— Vá com Scarlet, lindinha. Ouça o que ela tem a dizer.

Judy virou-se e voltou para a cozinha, onde um aroma de limão flutuava, doce, pelo corredor, e pela primeira vez em mais de uma semana, a boca de Savannah encheu-se de água.

Scarlet a pegou pelo braço, levando-a pela porta da frente, descendo os degraus da varanda e passando por entre as azaleias vermelhas que ladeavam o portão.

Recupera-lo. O coração de Savannah saltou esperançosamente, repetindo as palavras em um *loop*, perguntando-se se seria possível. Como poderia corrigir tudo o que tinha feito de errado? Como poderia convencê-lo de que apesar da bagunça que havia feito, ela o amava mais do que a sua carreira, mais do que qualquer coisa no resto do mundo? Ela pensou na raiva que vira em seus olhos, quando ele pediu que fosse embora, e seu coração se apertou.

— Eu fiz uma coisa — desabafou Scarlet, apertando o braço de Savannah enquanto se aproximavam do fim do quarteirão.

— O quê? O que você fez?

— Eu encontrei seu telefone no banheiro, e, bem, li que se você colocar um telefone molhado em uma tigela de arroz por um tempo, às vezes ele pode voltar a funcionar.

— Funcionou?

— Sim.

O coração de Savannah se acelerou, e ela parou de andar, enquanto uma pergunta varria todos os outros pensamentos em sua cabeça.

— Asher...

— Não. Não, querida — disse Scarlet sacudindo a cabeça com simpatia. — Não. Eu não tinha a intenção de lhe dar esperanças. Não tinha nenhuma mensagem dele. — Ela fez uma pausa e, então, prosseguiu, com um tom mais animado. — Mas um monte de mensagens de pessoas que querem falar com você.

— Eu não quero falar com ninguém, Scarlet! Foi assim que entrei em toda essa confusão! Existe apenas *uma* pessoa com quem quero falar!

— Bem, ele não quer falar com você agora, não é?

— Dane-se!

Scarlet agarrou o braço de Savannah e marchou com ela, descendo a colina até as instalações da escola primária onde trabalhava.

— Você não ouse falar assim comigo, Savannah Calhoun Carmichael. Eu

não me importo o quanto o seu coração esteja partido. — Ela sentou-se em um dos balanços e olhou para a irmã mais velha, sem nenhum argumento. — Sente-se. Balance-se. Ouça.

Savannah foi apanhada tão desprevenida pelo comando que obedeceu, sentando-se e começando a empurrar cautelosamente para definir o ritmo de seu balanço.

— Você já me comprou um presente de casamento? — perguntou Scarlet.

Os ombros de Savannah caíram. Não, ela não tinha comprado nada e se odiava por se tornar tão egoísta, tão consumida pela culpa, tristeza e pesar que isso não tinha nem passado por sua mente.

— Eu sinto muito, Scarlet. Estou uma bagunça.

— Vou encarar isso como um não — disse Scarlet com exatidão. — Só para ficar registrado. Você é, sem dúvida, a *pior* dama de honra que eu já vi, ouvi falar, li sobre ou encontrei em toda a minha vida. Sei que meu casamento não está no topo da sua lista de prioridades, mas você é minha irmã, e eu sei que está triste por Asher. Mas você foi a culpada e não está fazendo droga nenhuma para consertar as coisas ou tê-lo de volta. — Ela bufou uma vez, com raiva, então, pareceu centrar-se novamente, voltando ao seu discurso: — Ouça... só tem uma coisa que eu quero de você. Portanto, não se incomode com um presente. Só faça o que eu pedir.

— E o que seria?

— Diga que vai *fazer* em primeiro lugar.

— Tudo bem. O que você quiser.

— Eu quero que você ligue para Todd Severington, da True Love Publishing. Ele é um editor. Está esperando sua ligação, e eu quero que você ouça o que ele tem a dizer. Isso vai ser o seu presente de casamento para mim. Fazer essa ligação.

— Um editor de romances? — Ela tentou manter a voz calma. — Você perdeu a cabeça?

— É possível que Trent pense a mesma coisa quando estou falando em buquês e flores para ele pôr na lapela, mas, em geral? Não, não perdi.

— Não, você não está falando sério. Você deve ter perdido a cabeça se

acha que vou ligar para um editor de romances, Katie Scarlet Carmichael.

— Oh, meu Deus, você está me provocando! — Scarlet agarrou a corrente do balanço de Savannah e a puxou com tanta força que ele parou. — Você está deprimida e desanimada. Você mal come. Você mal toma banho. Você não faz nada além de digitar naquele computador a noite inteira, o que mantém eu, papai e mamãe acordados. Você bagunçou a sua vida *de verdade*, e eu estou tentando te *ajudar*, sua mula. Disse que você não poderia montar dois cavalos tendo uma única bunda, mas você me ouviu? Não, não ouviu. Mas agora vai ouvir. *Vai* falar com Todd Stevenson e *vai* ouvir o que ele tem a dizer. Está me escutando?

Savannah se perguntou se era possível o rosto de alguém ficar ainda mais vermelho do que o de sua irmã. Ela tinha medo de que Scarlet estivesse prestes a explodir se não concordasse.

— T-tudo bem. Vou ouvir o que ele tem a dizer.

Com isso, Scarlet sorriu e tirou o telefone de Savannah do bolso de trás da calça capri floral.

— Bem aqui, agora. — Ela digitou no teclado e entregou o aparelho.

Savannah olhou para a tela, empalidecendo quando percebeu que sua irmã tinha discado o número.

— *Alô? Alô?* — Ela ouvia um homem falar.

Balançou a cabeça para a irmã, sem palavras, mas Scarlet ergueu o braço da irmã, posicionando o telefone em sua orelha, murmurando:

— Diga Oi.

— Oi? — disse Savannah.

— *Srta. Carmichael? Savannah Carmichael?*

— Sim.

— *Que ótimo. Scarlet me disse que você ligaria esta tarde.*

— Minha irmã é muito persuasiva — disse ela com raiva, apertando os olhos para Scarlet.

— *Ela é mesmo. E completamente charmosa.*

Savannah olhou para Scarlet.

— *Alguns podem pensar assim.*

— *Ela disse que você tem escrito todas as noites. Um material muito bom.*

Savannah cobriu o telefone e sussurrou.

— Você esteve lendo minhas coisas?

Scarlet deu de ombros, parecendo um pouco culpada, então, olhou para a areia a seus pés, como se tivesse algo fascinante ali.

Savannah engoliu em seco.

— Senhor, eu preciso ser franca. Não estou interessada em nada que você tenha a dizer. Prometi a Scarlet que iria ouvi-lo, então, por que você não faz a sua proposta para que eu possa lhe dizer não, lhe dar adeus e parar de desperdiçar seu tempo e o meu?

— *Entendo. Bem, Srta. Carmichael, eu aprecio sua honestidade. Vou direto ao assunto aqui, apenas para o caso de você ficar interessada. Como todos no mundo da edição, gostaríamos de editar a sua história. A **verdadeira** história de como você se apaixonou por Asher Lee.*

— Sinto muito, senhor — disse ela de forma grosseira, sentindo-se triste, cansada e extremamente irritada com Scarlet. — Essa história não está à venda. Obrigada pela oferta, mas eu...

— *Bem, eu fico muito feliz em ouvir isso, porque não quero comprá-la.*

No início, ela achou que não tinha ouvido corretamente.

— O q-quê?

— *Eu não quero **comprar** sua história — disse ele de novo, com uma voz clara. — Quero leiloá-la. Para a caridade. Especificamente para uma instituição de caridade associada com a UCLA, chamada Operação Mend. Você já ouviu falar? É minha instituição favorita desde que meu irmão teve trinta e dois por cento de seu corpo coberto por queimaduras, após a explosão de uma bomba no Iraque. A Operação Mend reconstrói os rostos dos veteranos feridos. Eles vão fazer um grande evento em Washington, DC, no Dia do Trabalho, e se você estivesse disposta a escrever sua história, poderíamos leiloar a primeira cópia, em seguida, imprimir mais cópias para venda, com cem por cento dos lucros beneficiando a Operação Mend depois que cobrirmos nossas despesas. Você e o Sr. Lee são muito populares agora, e eu aposto que sua história seria*

uma grande fábrica de dinheiro para a Operação Mend, e, bem, eu pensei que talvez...

Savannah inclinou a cabeça para trás enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. De alguma forma ela conseguiu olhar para Scarlet, que tinha parado de se balançar e estava sorrindo para ela através de suas próprias lágrimas.

— *Isto é algo que você estaria interessada em discutir, Srta. Carmichael?*

Savannah segurou o telefone entre o ombro e a orelha, usando as costas de uma das mãos para limpar seus olhos, e a outra para alcançar a mão de sua compassiva, inteligente e surpreendente irmãzinha.

— Sim, Sr. Severington — ela respondeu com a voz trêmula, hesitante e esperançosa, que deixava seu coração mais leve pela primeira vez em uma semana. — Isso é, definitivamente, algo que eu estaria interessada em discutir.

Savannah olhou para a casa de Asher e, depois, para o manuscrito no banco do passageiro ao lado dela. Respirou fundo, imaginando, pela centésima vez, se tudo isso era um grande erro.

Fazia quatro semanas desde que falara pela primeira vez com Todd Severington, e com exceção do casamento de Scarlet, Savannah passara os dias todos, inteiros, escrevendo a história de como ela e Asher se apaixonaram. A sua versão. Tinha compartilhado o livro apenas com sua mãe, Scarlet e Todd, e todos eles concordaram que era uma história muito bem contada de duas pessoas desajustadas que encontraram uma à outra e se apaixonaram. Esta era a história que Savannah desejou que tivesse sido publicada no *Phoenix Times*. Era a verdade, e sua beleza brilhava.

O texto já tinha sofrido uma edição e precisaria de mais uma antes do leilão, em três semanas. Mas antes que pudessem dar mais um passo à frente, Savannah insistiu que precisava da permissão de Asher.

Ela engoliu o nó na garganta e abriu a porta do carro, pegando a pasta vermelha no banco e a colocou debaixo do braço, em direção à porta da frente. A

Srta. Potts a atendeu depois de dois toques.

Quando a porta se abriu, Savannah foi assaltada por lembranças de seu tempo com Asher, e sua respiração tornou-se irregular. No primeiro dia em que chegou naquela casa... seus olhos no espelho... a maneira como ele surgiu na escada, com a luz do sol brilhante atrás dele... puxando-a pelas escadas para o quarto. Ela choramingou, em seguida, forçou-se a concentrar-se na razão pela qual estava ali. O rosto da Srta. Potts não lhe transmitia boas-vindas, mas, pelo menos, ela não bateu a porta na sua cara.

— Olá, Savannah Carmichael.

— Olá, Srta. Potts. É bom te ver.

— Hmm — ela disse, olhando para o manuscrito, depois de volta para Savannah. — Você sabe que Asher não está aqui, não sabe?

— Eu sei. — Ela respirou fundo. — Como ele está?

— Indo.

Savannah estava desesperada para fazer mais perguntas, mas podia ver a Srta. Potts fechando mentalmente barreiras em torno de Asher para protegê-lo.

Desde que Scarlet recuperara seu telefone, Savannah passara a escrever uma mensagem de texto para Asher todas as tardes às quatro horas, e o sentimento era sempre o mesmo: *eu cometi um erro. Sinto muito. Sinto sua falta. Eu amo você mais do que qualquer coisa. Espero que um dia você possa nos dar outra chance.*

Ela ainda não tinha recebido uma resposta, mas conforme escrevia a história deles, revivia a ternura e a riqueza de seu relacionamento. As palavras que circulavam mais e mais em sua mente eram as que ele havia dito depois do final de semana em Maryland juntos. Ao discutir sua mudança iminente para Phoenix e a dele para Maryland, ele dissera: *Este não é o tipo de amor que termina. É para sempre. Não importa se você vai para Phoenix e eu vou ficar aqui por um tempo. Nós vamos encontrar um ao outro novamente.*

Ela sabia que a raiva e a mágoa levavam tempo para cicatrizar, especialmente quando alguém já estava passando pelo trauma de repetidos procedimentos médicos. Mas ela tinha fé que eles ainda tinham o tipo de amor que não terminava, e ainda tinha fé que eles iriam encontrar-se outra vez.

— Ele esteve em casa?

Os lábios da Srta. Potts se apertaram em uma linha fina.

— Posso ajudá-la, querida?

— Pediram-me para escrever um livro.

O rosto da Srta. Potts se transfigurou em desaprovação, e seus olhos caíram sobre a pasta como se ela estivesse coberta de lama.

— Acho que é melhor nos despedirmos, querida.

Quando a porta começou a se fechar, Savannah estendeu o pé tentando pará-la. — Por favor!

A Srta. Potts abriu a porta, dando a Savannah um olhar mortal.

Savannah falou calmamente, com sua voz tremendo, nervosa.

— É a minha história e a de Asher, a forma como deveria ter sido contada. A maneira como eu gostaria que tivesse sido contada. A maneira como eu a enxergo. É bonita e delicada e mostra tudo de bom sobre ele, sobre nós. Eu prometo a você que fiz o certo dessa vez.

O rosto da Srta. Potts suavizou... um pouco.

— Que bom para você. Mas fazer dinheiro com a história daquele pobre homem...

— Eu não vou! — disse Savannah. — Eu prometo. Não ganhei um centavo com a minha história e de Asher. Rasguei o cheque do *Phoenix Times* e lhes disse que não iria trabalhar para eles nem se minha vida dependesse disso.

— E isto? — A Srta. Potts apontou para o livro como se fosse uma pilha de cocô, com o nariz enrugando de nojo.

— É por uma boa causa.

— Será que essa causa é a sua carreira, querida?

— N-não. Eu o escrevi para um leilão... para beneficiar a Operação Mend.

Srta. Potts não conseguiu esconder sua surpresa. Ela olhou para o fichário vermelho novamente, como se talvez ele não fedesse desesperadamente.

— Operação Mend?

— Sim, senhora. É a minha história e de Asher, sim, mas todos os

rendimentos irão para a Operação Mend.

— Hmm. — Seus olhos estavam consideravelmente menos gelados. — O que você quer que *eu* faça?

— Eu estava esperando que você me desse o endereço dele. Queria a permissão dele para...

— Absolutamente, não. — Ela olhou para o chão, piscando várias vezes. Sua voz estava aguda quando falou de novo. — Você não faz ideia do quanto machucou o garoto.

— Eu faço — sussurrou Savannah, enquanto uma lágrima serpenteava pelo seu rosto. — Eu prometo a você, eu sei. Não há pesar bastante em todo o mundo que expresse a minha própria dor.

Os olhos de Srta. Potts estavam brilhando quando ela os ergueu.

— Eu não posso lhe dar o endereço, Savannah.

— Você pode enviá-lo para ele? Eu pago pela entrega. Mas você pode pedir-lhe que leia? Perguntar a ele se me permite imprimir-lo?

— *Eu* tenho que ler primeiro.

A boca de Savannah se abriu em espanto e gratidão, e ela balançou a cabeça vigorosamente.

— Claro! Claro que você pode lê-lo. Por favor, leia.

— E eu vou decidir se vou ou não enviá-lo. Você não precisa me pagar.

Mais lágrimas se juntaram às primeiras quando Savannah entregou o manuscrito à sua professora do segundo grau.

— Aquele artigo de jornal era terrível, Savannah. Poderia ter ficado muito melhor.

— Sim, senhora, mas eu não escrevi aquilo. Sei que ele não acreditou em mim. Mas eu juro para você, o que eu enviei e o que eles imprimiram eram artigos completamente diferentes. Esta — ela apontou para o manuscrito — é a *nossa* história.

— Bem, então vamos ver. Adeus, eu acho.

A Srta. Potts começou a fechar a porta, mas Savannah sentiu um ardor repentino em sua barriga, um desespero para dizer mais, para ter certeza de que a

pessoa mais próxima a Asher precisava saber como ela ainda se sentia a respeito dele.

— Srta. Potts?

A senhora enfiou a cabeça para fora da porta. Savannah falou de uma vez só.

— Eu o amo. Eu o amo tanto. Eu o amo mais do que qualquer outra coisa. Isso está me matando... não estar com ele.

A Srta. Potts olhou para ela por um momento. Finalmente suspirou alto, balançando a cabeça para Savannah com desaprovação.

— Apesar de tudo — ela finalmente disse —, ele ainda ama você também. Deseja não amar, mas não pode fazer nada sobre isso. — Ela encolheu os ombros. — As pessoas esperam a vida inteira pelo que vocês dois encontraram. Não importa se estão afastados, não importa o quanto machucaram um ao outro.

Os ombros de Savannah tremiam com soluços silenciosos enquanto a Srta. Potts falava.

— Obrigada — Savannah disse, esmagada pela generosidade da mulher. Ela fechou os olhos momentaneamente para deixar o milagre das palavras acontecer. — Muito obrigada.

— Você precisa saber de uma coisa, querida. — A Srta. Potts apoiou a pasta debaixo do braço e enfiou a mão no bolso, puxando de lá o telefone de Asher e mostrando-o para Savannah. — Ele sabia que precisava se concentrar nos procedimentos médicos quando chegasse em Maryland, então, deixou o aparelho comigo. Verdade seja dita, não acho que ele suportaria levá-lo com ele. Não com todas aquelas ligações terríveis que estavam chegando sem parar. De qualquer maneira, você provavelmente não merece saber, mas vou me sentir culpada todos os dias às quatro horas se não te disser isso. Ele não está ignorando suas mensagens, Savannah. Ele não as está recebendo.

A Srta. Potts fechou a porta depois de prometer que entraria em contato.

Ele ainda a amava. Apesar de tudo, ele ainda a amava.

Pela primeira vez em semanas, Savannah respirou profunda e completamente, chegando a encher os pulmões sem que doesse. E o coração dela, que estivera tão à deriva e órfão sem aquele homem, lembrou-se — sem a

angustiante dor da perda — que o coração de Asher ainda era seu lar.



Capítulo Dezoito

— Caramba!

O especialista do Exército, Fred Knott, estava sentado à mesa com Asher, tentando, sem sucesso, pegar uma carta de baralho sobre uma plataforma arrumada.

— Tente novamente — disse Asher, usando sua nova mão para pegar a pilha de cartas à sua frente e embaralhá-las com uma pequena ajuda de sua mão esquerda.

— É fácil para você dizer.

— Ei, eu tive que aprender tudo exatamente como você. E tenho apenas cinco semanas a mais do que você, soldado. Daqui a cinco semanas, você vai estar tão rápido quanto eu. — Asher se aproximou e empilhou o maço. — Continue. Tente novamente.

Fred inclinou-se para frente, com o rosto gravemente queimado transformado numa máscara de concentração, quando usou o dedo biônico indicador para deslizar a primeira carta para fora do baralho e segurá-la entre o dedo indicador e o polegar. Ele a ergueu-o e sorriu. — Olhe para isso!

Asher sorriu de volta.

— Vê? Eu disse que você ia chegar lá.

Fred olhou para a carta e sua expressão se deprimiu um pouco. Asher conhecia os sinais. Seu amigo estava prestes a ficar um pouco triste.

— Eu tinha tudo isso como garantido, sabe? — disse Fred, piscando rapidamente para Asher antes de se voltar novamente para o baralho. — As coisas mais estúpidas e pequenas que eu conseguia fazer antes. E nem agradecia por elas.

— Ter ambas as mãos é algo que *todos* temos como certo. Todos *consideramos* isso como garantido. Não se debruce sobre isso, Freddy. Experimente os palitos agora. — Asher deslizou uma caixa de palitos de dente por sobre a mesa e observou Fred se concentrar novamente, enquanto tentava pegar apenas um.

Nas últimas cinco semanas, não só Asher tinha quase dominado o uso de sua mão biônica, que ele usava quase constantemente, a menos que estivesse

dormindo, mas também já tinha realizado dois procedimentos no rosto. Os ímãs já tinham sido instalados na pele onde sua orelha costumava estar, e um ouvido protético fora equipado. A primeira vez que se olhou no espelho e viu sua nova orelha, precisou olhar duas vezes: era muito chocante ver duas orelhas similares em ambos os lados de sua cabeça. A primeira coisa que ele fez foi marcar hora com um barbeiro nas proximidades, recomendado por uma das enfermeiras, e cortou o cabelo curto, formal, como costumava usar na escola.

Tinham feito duas operações simples para remover as áreas de tecido da cicatriz em seu rosto deformado, para levantar a pálpebra e substituir as áreas fortemente marcadas com enxertos de pele saudável. Em duas semanas, eles tiraram um pequeno pedaço de pele do lado direito da testa, perto da linha do cabelo, e usaram-no para reconstruir o canto do nariz e estabelecer o contorno normal dos olhos. Ele ainda precisaria igualar o queixo e as maçãs do rosto com implantes de silicone em setembro. Asher estava realmente começando a se sentir diferente, como se reconhecesse a si mesmo um pouco mais, como se estivesse entrando em foco.

Mas, por mais que seu rosto estivesse passando por essas melhorias bem-sucedidas, não havia nada no mundo que pudesse ser feito para consertar seu coração partido.

Quando Asher perdeu seus pais, ele aprendeu, com a ajuda de um excelente terapeuta, como colocar sua dor em compartimentos para que ela não assumisse toda a sua vida. Ele se concedia cerca de uma hora todos os dias para lembrar do pai e da mãe, vendo fotos e recordando seus momentos favoritos, mas quando o tempo alocado terminava, ele se forçava a pensar em outras coisas, forçava-se a ligar para um amigo ou fazer algum exercício, ou, de alguma forma, retomar sua vida.

Empregava agora a mesma estratégia. Em momentos de silêncio, permitia-se pensar em Savannah por um determinado período de tempo, mas a mistura de emoções que sentia era tão brutal que até mesmo quinze minutos o deixavam sem fôlego. Raiva, traição, amor, saudade, tristeza e dor. Principalmente, ele só orava pelo fim da dor. Para não se sentir tão sozinho e sem rumo. Para encontrar uma maneira de esquecê-la ou deixá-la para trás, porque não podia continuar vivendo desolado desta forma por tempo indeterminado.

Ele releu o artigo duas vezes assim que chegou em Maryland, e chorou em silêncio após a segunda leitura, esmagado pela dor que sentia. *Bicho-papão?*

Fera? Tinha propositadamente se escondido do mundo para evitar esses tipos de comentários mordazes e lê-los, vindos de Savannah, a quem ele amava mais que tudo, estava lhe rasgando em pedaços. Quebrara suas próprias regras convidando-a a entrar em sua vida, e aquele foi o resultado: humilhação, vergonha, traição total e completo desgosto. Um chute no estômago não poderia machucar fisicamente mais do que as lembranças sombrias da terrível manhã em sua cozinha.

Quando se lembrava daquela manhã com todos os detalhes de cortar o coração, vacilava entre acreditar que ela era uma fraude sem alma, ambiciosa, que deveria ganhar um prêmio por suas habilidades de atuação, ou uma jovem mulher que fora traída por um editor, tudo porque estivera cega pela oportunidade de reavivar a carreira que perdera e pela qual tinha trabalhado tão duro.

Ele ainda estaria igualmente zangado com ela se a história tivesse sido impressa com pseudônimos, mas teria sido mais fácil acreditar que ela tentara escrever a história que fora contratada para escrever e, ao mesmo tempo, proteger seu anonimato. Ele ainda não teria gostado de vê-la usando sua história sem sua permissão, mas sem aquela intensa humilhação, ele poderia ter sido capaz de perdoar o erro de deixar sua ambição anular seu julgamento.

Mais do que qualquer outra coisa no mundo, sentia falta dela. Queria acreditar que seu tempo juntos fora real e que, sim, ela tinha cometido um erro muito ruim, mas que sua intenção nunca fora humilhar nem trair. Ele só não sabia como descobrir a verdade.

Em seus sonhos ele via seu rosto enquanto ela chorava na cozinha. Ouvia a voz em sua cabeça, implorando-lhe para dizer que não era tarde demais, pois o amava mais do que tudo. Ele acordava com os mesmos suores frios que costumava ter quando voltara para casa da guerra, porque: *Oh, meu Deus*, queria acreditar nela! Nunca tinha experimentado o tipo de amor que sentia por Savannah e que acreditara que ela sentia por ele. Depois de saber como era uma vida com Savannah, uma vida sem ela era quase insuportável.

Como a maioria dos amputados, Asher sabia o que era sentir um membro fantasma. Muitas vezes ele sentira a mão, como se ainda estivesse ligada a seu corpo, e ainda era acordado por isso no meio da noite, apenas para perceber, mais uma vez, que ela fora amputada em uma mesa de operação em Kandahar. Como um membro fantasma, a presença de Savannah o assombrava. Assombrava-o no local onde ela costumava se deitar ao seu lado. Onde ela

costumava viver em seu coração. Quando pensava em seu rosto sorridente, ou em seu corpo de encontro ao dele, ou em sua voz dizendo as palavras *‘eu estou me apaixonando por você’*, ou a forma como seus olhos se suavizavam com amor quando ela olhava para ele... Ele não conseguia se convencer de que tudo fora um teatro. Seu coração não permitia que sua mente acreditasse, apesar das esmagadoras evidências contra ela. Sentia falta dela da mesma maneira como quando perdera a mão, como algo que lhe tinha pertencido e que fora, em um terrível e brutal momento, rasgado, enviado para longe.

Apesar de tudo, Asher ainda estava profunda e irrevogavelmente apaixonado por ela. E ele odiava isso, porque até que entendesse o que realmente tinha acontecido, amar Savannah não era inteligente ou seguro. E porque já não confiava nela, não importava o quanto quisesse acreditar, não importava o quanto quisesse perdoá-la. Apesar do quanto ainda a amava, descobrir a verdade parecia a coisa mais inconcebível de todas.

— Você está indo bem, Asher — disse o coronel McCaffrey, enquanto inspecionava o rosto de Asher. — Gosto da rapidez com que o inchaço tem diminuído. Acho que podemos começar com o próximo procedimento alguns dias mais cedo. Vou verificar a sala de operações para amanhã, ver se podemos fazer logo o enxerto no nariz.

Asher assentiu.

— Eu também ouvi que você tem sido muito encorajador para alguns dos amputados recentes que estão tentando aprender a se recuperar.

— Eu sei como é se sentir, senhor, voltando para casa para o nada. Ter essa aparência.

— Pelo que ouvi, você tem jeito com os mais jovens. Já considerou envolver-se mais nisso?

— O que quer dizer, senhor?

— Numa posição remunerada ou voluntário. Compartilhar sua história, oferecer apoio, estudando o lado terapêutico do atendimento. Talvez continuar a graduação que nunca terminou na Johns Hopkins.

Asher tinha que admitir que gostava de trabalhar com os mais novos.

Eram jovens, e muitos deles pareciam tão sem esperança. Estava na posição única de ser capaz de entendê-los.

— Vou pensar nisso, senhor.

— Se não se importa que eu diga, Asher, você parece um pouco para baixo. Quando você veio aqui em junho, nós conversamos muito brevemente sobre uma moça.

Asher desviou o olhar.

— É complicado, senhor.

— Você com certeza parece arrasado sobre isso. — O médico respirou fundo. — Eu li o artigo, Asher.

Asher fez uma careta, cheio de embaraço e com suas bochechas quentes.

— Imaginei que você estaria bravo com isso.

Asher assentiu, ainda olhando para longe.

— Ela não é uma escritora muito boa, mas a história? — Ele fez um estalo com a língua. — Ah, eu não sei. Parecia que os personagens se amavam muito.

Asher engoliu o nó na garganta e, finalmente, olhou para seu médico.

— Eu a amo. Quero matá-la em alguns momentos, mas a amo. Só não sei o que fazer com ela.

— Mulheres. Não podemos viver sem elas. Mas a ideia de matá-las é péssima, entretanto. Já tentou falar com ela? Agora que o burburinho morreu?

— Tenho tentado me concentrar nisso aqui.

McCaffrey concordou.

— Entendo. Especialmente se você não quer ficar com ela. Ela te chamou de bicho-papão.

— Ela não escreveu isso, senhor.

— Ah, não?

Asher piscou algumas vezes, dando-se conta do que tinha acabado de dizer, como tinha acabado de defendê-la. Era uma coisa confusa, e ele não queria

pensar a respeito.

— Bem, ela afirma que não escreveu.

— Huh. Acho, então, que você tem algumas coisas para descobrir, Asher.

— Eu acho que sim, senhor.

— Posso apenas dizer uma coisa?

Asher assentiu.

— Você tem vindo aqui há anos para exames, e nós nunca conseguimos convencê-lo a experimentar uma nova mão ou a fazer as operações depois do que aconteceu. Então, de repente, você está aqui. Quer a nova mão; quer operar o rosto. Esse artigo? Era uma porcaria: parte história de amor e, sim, parte humilhação. Mas, veja, ela mudou você, Asher. Para o bem. Ela lhe ajudou a seguir em frente. E nós só mudamos por certas pessoas. Nós só queremos mudar para certas pessoas. Se valia a pena mudar por ela, provavelmente ela vale a pena para sentar e conversar.

— Obrigado, Senhor.

O doutor McCaffrey levantou-se, e Asher seguiu o exemplo, oferecendo sua mão direita e sentindo-se orgulhoso quando o médico foi capaz de agitá-la com firmeza. Ele se virou para sair.

— Oh, e Asher?

— Sim, senhor?

— Andei pesquisando sobre ela. É uma coisa linda. Se não é a garota para você, acho que não vai ficar sozinha por muito tempo, hein? — Então ele sorriu e voltou a sentar-se à mesa, voltando sua atenção para os arquivos que o esperavam.

Asher fechou a porta, ficando de pé na pequena sala de espera com a mão boa cerrada em um punho. Imaginar Savannah com outra pessoa que não fosse ele deixou-o tão desesperado e tão furioso que queria bater em alguma coisa. Ainda não tinha certeza do que fazer, mas sentia falta dela ferozmente, e embora não estivesse pronto para falar com ela, pelo menos, precisava descobrir se ela havia começado a seguir em frente.

— *Asher!* — A voz de Trent Hamilton estava repleta de surpresa, mas feliz. — *Como vai? Meu pai e eu temos falado muito sobre aquele bourbon que eu provei em sua casa naquele dia. O estoque dele mal consegue se manter no Jingles Liquor.*

— Que bom. Ainda bem que pude apresentá-lo a um clássico. — Asher estava estranhamente confortado pelo tom familiar da cidade natal caracterizado em Trent. — Eu acho que posso lhe dar os parabéns, não posso?

— *Sim, senhor. Agora sou um homem casado.*

— Fico feliz por você, Trent. Como está Scarlet?

— *Ela está muito bem. Nós passamos uma semana em Maui e nos divertimos muito.*

— Fico feliz em ouvir isso.

Asher fez uma pausa. Sentiu uma gota de suor escorrer pelo lado bom de seu rosto.

— *Hum, Asher, você não quer saber sobre Savannah?*

Outra longa pausa. Sua voz soou rouca aos seus ouvidos quando ele falou:

— Como ela está?

— *Bem, senhor, ela ficou mal por um bom tempo depois que você partiu. Ficava na cama o dia todo. Não comia. Dormia em horas estranhas. Scarlet mal conseguia levá-la para caminhar ao ar livre. Ela perdeu um pouco de peso, e seu rosto estava sempre inchado.*

O coração de Asher se retorceu por pensar nela tão infeliz.

— Você disse ‘por um tempo’. E agora?

— *Ela está muito melhor. Desde que começou a escrever um livro, ela parece...*

— Savannah está escrevendo um livro?

— *Sim. Sabe, aqueles repórteres e editores a incomodaram durante semanas. Ela finalmente se entendeu com um.*

Uma fúria cresceu dentro dele como ácido. Ela passara uma semana sentindo-se triste, mas finalmente cedeu, provavelmente lamentando sua decisão precipitada de recusar o trabalho em Phoenix e aceitando um contrato para escrever um livro.

Maldição, ela era tão perversa quanto ele imaginara.

— Bem, eu espero que ela tenha pego um bom adiantamento. Eu tenho que ir, Trent.

— *Oh, bem... eu... Ok. Foi bom falar com você, Asher.*

— Sim. Cuide-se.

Asher desligou o telefone, pegou um copo de vidro em seu armário da cozinha e encheu-o até a metade com o mesmo *bourbon* que Trent gostara tanto.

Ele passeou pela cozinha, com a adrenalina fazendo seu corpo todo tremer de raiva. Ela lamentara por ele e pela morte de seu relacionamento por uma semana antes de aceitar um contrato para escrever um livro sobre eles, e então, de repente, já estava muito melhor. Ele pegou o copo, bebeu o conteúdo e estava prestes a jogá-lo contra a parede quando a campainha tocou. Colocando o copo no balcão, ele foi abrir a porta.

O entregador lhe estendeu um pacote.

— *FedEx*. Assinatura, por favor.

Asher assinou a nota de entrega, em seguida, pegou a caixa e entrou. Colocou-a sobre o balcão e encheu o copo de novo. Seu coração estivera sangrando por todo aquele tempo, enquanto ela tinha começado a escrever um livro. Não era ruim o suficiente que ela o tivesse massacrado no artigo do *Phoenix Times*. Precisava fazê-lo em formato de livro também.

Bem, daquela vez ele iria processá-la. Iria processá-la até as calças por calúnia e difamação e qualquer outra coisa que pudesse pensar. Virou o copo de *bourbon* e ignorou a queimação em seus olhos.

— Que inferno! — ele gritou, finalmente jogando o copo na parede. Este se espatifou por todo o chão da cozinha. *Não* ia chorar por ela, não importava o quão ferido estivesse.

Virou-se, então, na direção da caixa sobre o balcão. Poderia ser uma distração, mesmo que fosse apenas sua correspondência mensal enviada pela Srta. Potts. Rasgou o lacre e sentou-se na sala de estar, ainda irritado pelas

notícias de Trent.

Girando a caixa, sacudiu-a levemente e um fichário vermelho caiu em suas mãos, com um *post-it* colado em cima. Lia-se, simplesmente:

*“Querido Asher. Leia isso. Eu não pediria se não fosse importante.
Srta. Potts.”*

Ele olhou para o arquivo anônimo, perguntando-se o que poderia ser.

Nada o preparou para o choque ao abri-lo na folha de rosto.

*Era uma vez
Por Savannah Calhoun Carmichael*

Ele correu a mão boa sobre as palavras, tocando-as, perguntando se os dedos de Savannah as teriam tocado também, e, de alguma forma, ele sabia que tinham. Seus olhos se incendiaram dolorosamente, enquanto ele olhava para o seu nome.

— Era uma vez — ele suspirou.

Fechou a pasta e leu a nota da Srta. Potts mais uma vez, em seguida, abriu-a novamente e ficou olhando para o título por mais alguns segundos. Ousaria lê-lo? A Srta. Potts, que o amava como um neto, estava lhe pedindo que o lesse, dizendo que era importante. Respirou fundo, então, virando a página.

Era uma vez, quando eu fui até a casa de Asher Lee em uma tarde ensolarada de maio, vestindo um vestido emprestado da minha irmã, segurando um prato de brownies recém-assados, como uma oferta de paz ao estilo sulista. Honestamente, eu não tinha ideia do que esperar.

Aqui está o que eu sabia sobre Asher Lee: ele era um soldado que fora desfigurado no Afeganistão, e que voltara para a nossa pequena cidade de Danvers,

Virgínia, e quase ninguém o vira desde então.

Eu não tinha ideia que estava começando a jornada mais importante da minha vida naquele dia, que eu iria, literalmente, encontrar o homem dos meus sonhos. Que eu iria me apaixonar tão profundamente, tão plena e completamente, que o tempo em que vivi sem ele seria quase irreconhecível. Não tinha ideia de que meu maior amor se tornaria meu maior arrependimento, e que eu estaria presa em uma meia-vida por causa de alguém que mal conseguiria olhar para mim de novo. E ainda assim, sabendo tudo o que sei agora, teria pedido emprestado o vestido de verão e assado aqueles brownies, porque amar Asher Lee foi o maior presente que recebi; e ser amada por ele, pelo pouco tempo em que ficamos juntos, me ensinou tudo que eu sempre precisarei saber sobre amor verdadeiro. Mesmo que nunca possa tê-lo novamente, eu agora sei como é ser o tudo de alguém...

— Oh, meu Deus — disse ele, enquanto as palavras na página pareciam nadar diante de seus olhos. — Savannah.

Ele se recostou na cadeira e continuou a ler, sem se mover, exceto para virar as páginas pelas próximas três horas e meia. Ele riu e chorou, fechou os olhos em agonia, e parou por instantes numa parte, quando ficou muito difícil continuar.

Era a mais bela história de amor que ele já tinha lido. De todas. De toda a sua vida. Em toda a sua biblioteca não havia uma história que se igualasse àquela. E enquanto ele lia, recordou cada palavra, cada momento, cada olhar e toque. Podia sentir o cheiro de seu xampu de limão e provar o guisado. Lembrou-se do calor suave do ventre dela sob as pontas de seus dedos, do jeito como ela suspirava contra sua boca enquanto faziam amor.

Isto rasgou seu coração em pedaços e remendou-o de uma vez. O que ele nunca soubera fora o quão desesperadamente ela tinha lutado com sua decisão de escrever a história, com medo de sua reação, sempre esperando que ele entendesse, desejando que houvesse uma outra maneira, e, finalmente, apostando tudo na confiança que estabelecera com seu editor, apenas para ser

completamente traída. Ele não questionou a veracidade; podia sentir isso. E, finalmente, entendeu como tudo tinha acontecido, como ela tinha se apaixonado por ele e como acreditara que, mesmo que a história o perturbasse, seu amor seria capaz de lidar com um pequeno artigo em um pequeno jornal de outro estado. Ela certamente nunca esperou que seria cortado e editado. Ela nunca pensou que uma grande agência de notícias entraria na jogada. Nunca esperou que se tornasse viral.

Ela havia recusado o emprego no *Phoenix Times* e em todos os outros jornais, incluindo o *New York Sentinel*, que lhe oferecera um emprego em sua seção de Comportamento Humano. Devia ter lhe doído muito pedir que enfiassem o emprego... Ele quase sorriu ao pensar.

A única coisa que ele não entendia era por que ela tinha finalmente cedido e decidira fazer dinheiro com a história. Tinha que admitir que aquele livro estava muito bem escrito e retratava a história com precisão, com liberdades literárias. Era uma história para se orgulhar, embora ele ainda se opusesse à capitalização por conta do fiasco do *Phoenix Times*. Ainda se sentia mal por isso.

Em seguida, chegou na página final.

Pensei que obter minha carreira de volta era mais importante do que qualquer coisa, mas estava errada. A coisa mais importante era Asher, e perdê-lo foi a experiência mais difícil da minha vida, embora eu tenha me esforçado para sobreviver.

A pior parte de sobreviver, no entanto, é o que te espera no outro lado. Asher sabia disso quando voltou para casa do Afeganistão, para uma casa vazia, numa cidade que não conseguia aceitá-lo, mas ele escolheu sobreviver e continuar vivendo. Cheguei a acreditar que ele tinha sobrevivido para mim; agora não tenho certeza se isso é verdade, uma vez que o machuquei mais do que tudo.

Como eu disse, pensei que obter minha carreira de volta era mais importante do que qualquer coisa, mas estava errada. Agora sei o que perdi, e meu arrependimento não terá fim, porque vou sempre amar Asher Lee, e tudo o que posso fazer é lutar para ser a pessoa que um dia ele amou.

FIM

Asher soltou um suspiro profundo e trêmulo, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Elas escorregaram de seu queixo para a página discretamente, e conforme se espalharam, ele percebeu que havia um texto na página seguinte também.

Virou a página, e se pensara já estar destruído pelo impacto de sua história, o que ele leu a seguir o deixou em ruínas:

100% dos rendimentos de ‘Era uma vez’ beneficiarão a Operação Mend, UCLA - uma organização sem fins lucrativos que fornece tratamentos médicos especializados e necessários para deixar nossos soldados feridos inteiros novamente.

Ele cerrou bem os olhos, fechando a pasta, mas segurando-a contra o peito com força. Ainda permaneceu sentado por um longo tempo, absorvendo a história, chegando à conclusão de que ela falara a verdade e desejando tocá-la, estar com ela, conversar com ela e dizer-lhe que não era tarde demais, que nunca seria tarde demais, porque ele nunca iria amar alguém tanto quanto a amava.

Quando ele não suportou mais, retornou à primeira página e começou a ler tudo de novo. Leu por muito tempo, uma e outra vez, até que seus olhos começaram a arder, e ele se deu conta de que era hora de ir para o hospital para sua próxima cirurgia.



Capítulo Dezenove

A primeira vez que você percebe que ele te ama tanto quanto você o ama.

— Savannah Calhoun Carmichael, você está me ouvindo?

Scarlet, que segurava uma revista de *Mamãe & Bebês* bem grossa entre os dedos elegantemente cuidados, olhava para Savannah. Savannah remexeu-se no assento no parapeito da varanda para olhar diretamente para sua irmã mais nova, que tinha descoberto naquela manhã que estava grávida.

— Sim. Eu estou. *“Doze recomendações para escolher a melhor pré-escola para seu filho”* — Savannah suspirou. — Não é um pouco cedo para pensar sobre isso?

— *Não é* — Scarlet fechou a revista e a descansou no colo. — Um bebê em maio. Não é maravilhoso? Não está feliz que vai ser tia?

— Muito feliz. E muito feliz que minha sobrinha ou sobrinho vai ter a melhor mãe na cidade.

Scarlet sorriu e olhou por cima do parapeito da varanda para o pulverizador, quando este começou sua rotação preguiçosa.

— É difícil acreditar que o verão está quase no fim. Não faltam nem duas semanas para o Dia do Trabalho.

Savannah assentiu com a cabeça, pensando em Asher. Não era tão dolorido quanto fora escrever o livro *Era uma vez*, mas ele estava sempre presente, no entanto. A Srta. Potts lhe enviara uma mensagem, na semana passada: '*Asher disse que você pode publicar – Srta. Potts*'.

Savannah comemorara, em primeiro lugar, porque isso significava que Asher tinha lido seu livro. Pensara que ele tinha compreendido que ela escrevera meticulosamente como uma carta de amor, abrindo seu coração para ele em todas as páginas e esperando que quando lesse a verdade, ele fosse entender as decisões que ela tinha tomado. Mas, conforme os dias passavam e não recebera qualquer contato de Asher, seu espírito mergulhara em trevas novamente. Recentemente, especialmente quando ficava frio à noite, ela voltava seus pensamentos para o Natal, perguntando se ela e Asher poderiam começar tudo de novo uma vez que ele estivesse em casa novamente. Era a única fantasia que realmente a fazia prosseguir.

— Fico feliz que você ainda esteja escrevendo — disse Scarlet. — Acho maravilhoso que Todd tenha lhe oferecido um adiantamento para seu próximo livro.

— Mmm — murmurou Savannah. — Eu acho que vou arranjar um apartamento aqui na cidade. Sair da cola de mamãe e papai. Um lugar ensolarado, onde eu possa escrever.

— O bebê e eu vamos visitar a famosa tia Vanna, a escritora de romances. Quem diria que você acabaria fazendo isso?

Savannah sorriu para a irmã. Vinha conseguindo sorrir outra vez ultimamente. Não que estivesse feliz, mas a vida prosseguia, exigindo ser vivida, e Savannah era uma sobrevivente, como Asher.

— Eu, com certeza, também não imaginava. É algo bem distante de reportagem investigativa, mas parece legal. Mais legal do que eu poderia ter esperado. E ninguém nunca vai editar nada do que eu escrever. Tenha certeza disso. A aprovação final em todas as edições foi a primeira coisa que insisti no meu novo contrato.

— Seu livro é maravilhoso, Vanna. De jeito nenhum Asher pode tê-lo lido e pensado diferente.

Savannah deu de ombros.

— No meu melhor palpite, ele deve ter lido há, pelo menos, cinco ou seis dias. Esperava que ele me falasse algo. Mas...

— Dê-lhe um pouco de tempo — disse Scarlet. — Talvez ele tivesse uma cirurgia planejada para o dia seguinte, ou no outro. Talvez precisasse se concentrar nela. Sei que é difícil ser paciente.

Savannah assentiu com a cabeça, mas, por dentro, estava perdendo a esperança.

— Não há nenhuma outra maneira de eu dizer tudo a ele, sabe? Que cometi um erro e quanto estou arrependida. Que ele foi, é e sempre será o amor da minha vida.

Scarlet se levantou, colocando o braço em volta da cintura de Savannah.

— Eu sei que tudo vai dar certo.

Savannah desejou compartilhar do otimismo da irmã.

— Obrigada, Scarlet.

— Por quê?

— Por me trazer de volta à vida. Por me amar quando eu estava tão odiosa. Eu chamei você de diabo.

— Oh, eu sei. Eu estava lá.

— Eu fui a pior dama de honra existente.

— Isso mesmo — Scarlet disse. — Você vai ter que me compensar; ser a melhor madrinha que o meu bebê poderia ter, ouviu?

Savannah riu.

— Por que você continua me dando chances?

— Porque isso é o que se faz quando se ama alguém. Por isso sei que Asher vai voltar algum dia, Vanna. Porque ele te ama. Mais do que jamais vi um homem amar uma mulher. Isso não vai mudar.

Lágrimas brotaram nos olhos de Savannah.

— Obrigada, Scarlet — ela balbuciou, não confiando em sua voz.

Scarlet olhou para o relógio.

— Tenho que ir. Tenho um jantar me esperando. E tenho uma grande notícia para compartilhar esta noite. Pobre Trent. Espero que ele esteja pronto para ser pai.

— Se ele não estiver — disse Savannah, puxando a irmã de volta para seus braços. — Sei que você vai prepará-lo rapidamente.

Scarlet desceu as escadas da varanda em direção ao seu carro, voltando-se mais uma vez para Savannah e sorrindo.

— Tenho certeza. Sei que ele vai voltar algum dia.

Scarlet parecia tão certa que era quase como se soubesse alguma coisa que não podia lhe contar. Ela saberia se Asher tivesse algum dia entrado em contato com Trent ou Scarlet. Não. Ela só estava tentando reconfortá-la.

Os olhos de Savannah arderam, mas ela sorriu e acenou com a cabeça, dizendo adeus.

Depois que Scarlet desapareceu de vista, Savannah sentou-se no balanço e assistiu ao cair da noite. Os gerânios vermelhos e brilhantes estavam um pouco cansados agora que o verão chegara ao fim, e as azaleias não iriam florescer novamente até o próximo ano. Crianças andavam em suas bicicletas no final da rua, e uma dupla de jovens mães passeava com carrinhos de bebê. A vida zumbia ao seu redor, e embora Savannah fizesse o possível para forçar-se a ficar envolvida, isso demandava grande esforço. Ela fechou os olhos, inclinando-se para trás no balanço.

Sentia falta de Asher.

Sentia falta dele a cada segundo de cada dia.

E mesmo que a dor fosse suportável agora, não era menos constante.

Fazia quase seis semanas desde o Quatro de Julho, seis semanas sem uma palavra de Asher. Ela se perguntava o que ele pensara enquanto lia seu livro, sua história. Ela se perguntava se ele rira e chorara tanto quanto ela ou se as palavras tinham ferido seu coração, lembrando-o dos melhores momentos que tinham partilhado. Ou será que teria lido as palavras dela com indiferença fria, apenas concordando em deixá-la publicar por conta da causa beneficiária? Será que ainda pensava nela e em tudo o mais? Será que ainda a amava?

— Tenho certeza de que não — ela sussurrou baixinho, com a brisa fresca da noite beijando suas bochechas.

— Você tem certeza de que não o quê, querida?

Ela arfou e, então, se acalmou. A voz de Asher. Claro. Era rara a hora sem que ela travasse uma conversa imaginária com ele. Sua cabeça recriava aquela voz tão facilmente que ela poderia quase ser levada a acreditar que ele estava ao seu lado.

Ela respirou profundamente, mantendo os olhos fechados, determinada a desfrutar da fantasia durante o tempo que durasse.

— Tenho certeza de que ele não me ama mais.

— Então, você pode estar errada.

— Eu... — Seu coração começou a bater mais forte, e ela suspirou profundamente, ofegante. Não podia ser. Não poderia ser ele de verdade. Ela congelou, com medo de que o fato de respirar pudesse fazê-lo desaparecer. — Asher?

— Mantenha os olhos fechados, Savannah.

Ouviu-o subir os degraus do alpendre e lutou para obedecer à sua instrução, enquanto seus dedos se retorciam em seu colo e suas pernas se balançavam e tremiam ferozmente pelo desejo de estender a mão para ele. Ouviu-o passar para a varanda e mover-se ao redor da mesa até que se acomodou no balanço ao lado dela.

— Você está aqui — ela soluçou. — Você finalmente está aqui.

— Eu estou aqui — disse em uma voz baixa, e ela ouviu a emoção em sua voz grave. Estendeu a mão para ela, enlaçando seus dedos sem esforço.

— Eu quero abrir meus olhos.

— Eu preciso que você me ouça primeiro, querida, ok?

Ela assentiu com a cabeça, com seus dedos se apertando em torno dele. Era Asher. Era Asher voltando para casa, para ela, assim como Scarlet previra. Ela faria qualquer coisa que ele quisesse. Qualquer coisa para saber que sua história não tinha terminado, que nunca terminaria, que seu futuro ainda o incluiria.

— Aquele artigo...

Sua cabeça caiu para frente em tristeza.

— Asher...

Ele falou de uma vez, mas suavemente, com ternura.

— Eu sei que você não escreveu daquela maneira. Sei que não seria capaz — ele fez uma pausa, engolindo em seco — de usar aquelas palavras para se referir a mim. Sei que você fez tudo que pôde para proteger a nossa identidade, e eu sei que ficou chocada com a repercussão que teve. Acredito em você.

— Eu juro para você...

— Shhh. Você precisa parar de me interromper, Savannah, ou vou ter que beijá-la para mantê-la calada.

Seu coração acelerou descontroladamente, e ela considerou seriamente interrompê-lo novamente assim que possível. Mas ela sabia que era importante que o deixasse falar.

— Naquela manhã, eu não sabia em que acreditar. Mas sinto que não tive fé em você. E deveria ter tido. Deveria.

— Não! — ela disse em uma voz despedaçada, enquanto seus dedos massageavam os dele. — Você não tem que dizer que está arrependido. Eu fui a culpada. Eu...

Ela engasgou quando sentiu o calor de seus lábios contra os dela, e não conseguiu mais segurar a lágrimas. Chorou enquanto tentava alcançar o rosto dele com a mão livre, e foi impedida pelo aperto de uma outra mão ou algo semelhante. Seu cérebro esforçou-se para imaginar o que a estava segurando, mas, então, a língua dele tocou-a e cada pensamento desocupou sua cabeça à medida que se afundava naquele paraíso mais uma vez. O que quer que segurasse a mão dela desapareceu, e, de repente, ele estava cercado sua cintura com dois braços completos, puxando-a contra seu peito enquanto duas mãos pousavam em suas costas.

Ela provou o sal das próprias lágrimas, e talvez as lágrimas de Asher também, quando ele mergulhou em sua boca, inclinando os lábios sobre os dela para beijá-la de forma boba, para beijá-la sem sentido, para beijá-la como se a amasse ainda mais do que antes.

Ele se afastou, mas rapidamente ajustou sua posição para que o queixo dela descansasse em seu ombro e seus seios encostassem contra seu peito. Ela abriu os olhos e olhou para as mãos em torno de suas costas.

— Você está me segurando com dois braços.

— Sim, estou.

Ela riu, com lágrimas ainda escorrendo por seu rosto.

— Você me impediu de tocar o seu rosto com a sua... sua mão.

— Isso mesmo.

— Eu quero ver seu rosto, Asher.

— Ainda não — disse ele suavemente. — Temos que terminar de conversar sobre o passado em primeiro lugar. Quando falarmos sobre o futuro, então você poderá me ver.

Savannah respirou fundo e suspirou, fechando os olhos e agradecendo a Deus por estar de volta em seus braços e pela perspectiva de falarem sobre o futuro.

— Ok.

— Eu recebi o seu livro na última segunda-feira, querida. E li. E então eu li novamente. E li duas vezes mais, até que o sol surgiu e eu precisei ir para o hospital para a minha terceira cirurgia.

— Oh — ela suspirou. Scarlet tinha razão. Ele não a evitara. Ele não conseguira entrar em contato.

— Savannah, eu queria mais do que qualquer coisa ligar ou vir até você, mas precisava comparecer à cirurgia, e precisei me recuperar um pouco antes que pudesse dirigir até aqui.

— Claro.

— Esse livro... — Sua respiração se engasgou com a emoção, vibrou contra seu peito, e ela saboreou a sensação dele tão perto. — Esse livro foi a coisa mais linda que eu já li. Ele me falou tudo o que eu precisava saber. Eu... Eu entendo, Savannah. Entendo como tudo aconteceu.

Lágrimas brotaram nos olhos dela novamente quando o agarrou com mais força.

— Não vou mentir para você. Quando Trent me contou que estava escrevendo um livro, quase perdi a cabeça, mas, logo depois, a Srta. Potts me enviou o manuscrito, e, oh, Savannah, sinto muito por ter duvidado de você.

— Você tinha todo o direito de duvidar de mim — ela soluçou, estremecendo contra ele. — T-todo o direito.

— E você fez isso para a Operação Mend, o que significa que nossa história vai arrecadar dinheiro para ajudar outros rapazes feridos. E eu estou... Bem, eu estou muito orgulhoso disso, embora ainda haja uma parte privada de mim que desejava que a nossa história nunca fosse compartilhada, seria egoísmo da minha parte, já que publicá-la pode fazer tanto bem. De alguma forma, é uma coisa boa. Uma coisa mais do que boa. Significa que serei capaz de servir mais uma vez para algo, de fazer algo de bom, retribuir. Tudo por sua causa.

— Tudo por causa de *nós* — disse ela. — Eu preciso ver você.

— Ok. Um minuto mais. Tenho mais algumas coisas a dizer antes que você possa olhar para mim, ok?

— Por que não posso vê-lo?

— Porque eu estou diferente, querida, e quero dizer essas coisas enquanto ainda sou o Asher por quem você se apaixonou. Quero dizer, assumindo que você, que ainda esteja... se você ainda...

— Você não precisa perguntar.

— Eu não acreditei em você. Virei as costas para nós.

— E eu te magoei. Magoei tanto. Sinto muito, Asher...

— Shhh. Eu sei, querida. Eu sei. — Ele acariciou as costas dela suavemente.

— Eu nunca deixei de amar você, Asher. Nem por um segundo. Nenhuma vez. Fui estúpida o suficiente para pensar que minha carreira poderia possivelmente ser mais importante do que você. Mas descobri rapidamente que nada importa mais para mim do que você. Nada. E eu posso sobreviver sem você... mas não posso *viver* de verdade a menos que esteja com você.

Ela sentiu o estremecimento dele com suas palavras, enquanto o velho balanço rangia sob seus corpos e ele a puxava tão firmemente contra si quanto possível. Suas pernas nuas se entrelaçaram nas dele, e seus dedos se enroscaram contra as costas dela. E, Deus, como ela desejava que eles estivessem nus na cama, com membros entrelaçados, pele com pele.

— Eu também te amo — ele finalmente respondeu em seu ouvido. — Eu te amo tanto que me senti morrer lentamente longe de você por tanto tempo.

— Eu também.

— Eu não quero nunca me separar de você outra vez — ele respirou

contra sua pele, e isso fez arrepios navegarem pelas costas de Savannah. — Nunca mais a partir deste momento.

— Nem eu — ela suspirou, sentindo-se tonta, sem fôlego e mais feliz do que jamais esteve em toda a sua vida.

Ela o sentiu se remexer, como se estivesse reunindo coragem.

— Ok — ele suspirou. — Você está pronta para me ver?

— Sempre estive pronta, Harrow.

— Harrow — ele repetiu em voz baixa, com admiração. O homem despedaçado dos sonhos dela.

Durante alguns dos momentos mais sombrios da separação, ele se preocupara em nunca mais ouvi-la chamá-lo assim. Foi tão maravilhoso ouvir o apelido, que ele riu em seu ouvido e isso quebrou a tensão apenas por tempo suficiente para que ela relaxasse, afrouxasse os braços ao redor dele e se afastando, mantivesse os olhos bem abertos ao olhar para ele.

Ela arfou, prendendo a respiração, e arfou novamente, com o rosto contorcido, começando a chorar novamente.

— Oh... meu... Deus — ela gemeu, estendendo a mão timidamente para tocar seu rosto com dedos trêmulos. — Oh, Asher.

Ele rapidamente catalogou as mudanças que ela devia estar percebendo: uma nova orelha, um rosto mais suave, um olho normal, com algo que parecia uma cavidade ocular, e um nariz completamente reconstruído. Ele ainda precisava dos implantes na mandíbula e bochecha, mas já parecia muito diferente da última vez em que ela o vira. Por um momento, quando ela olhou para ele com as mãos cobrindo a boca, ele sentiu-se nervoso. E se ela não gostasse das mudanças? Se quisesse de volta o homem por quem tinha se apaixonado?

Então, ela o chocou, como sempre fazia, quando disse em meio a lágrimas:

— Seu cabelo está tão curto.

Ele riu, e ela começou a rir também, com aquele belo sorriso ocupando todo o seu rosto enquanto lágrimas escorriam e os ombros tremiam de soluços e risadas misturados.

— Eu mudei à beça, e ela percebe o meu cabelo. — Ele estendeu a mão com o dedo indicador biônico, ouvindo o zumbido leve do mecanismo enquanto enxugava uma lágrima de seu rosto.

Ela estendeu a mão, sorrindo, e agarrou o dedo suavemente, puxando-o para olhá-lo.

— Meu homem parcialmente biônico — disse ela, segurando o esqueleto coberto de silício em suas mãos e olhando para ele.

Ela finalmente levantou os olhos para ele e sorriu um pouco triste.

— Você parece bem. Mas tão diferente. Não se parece com o Asher Lee que conheci há quatro meses.

— Talvez não, mas ainda sou ele. E você ainda é a garota que o ama, não?

— Sim — disse ela, balançando a cabeça. — Eu sou.

Ele estendeu a mão, a sua verdadeira mão, e espalmou a bochecha dela, observando enquanto ela fechava os olhos e se apoiava nele.

— Savannah...

— Hummm?

— Tenho que voltar para Maryland esta noite. Não deveria nem ter saído, mas depois da revisão desta manhã, eu disse que não poderia esperar mais para vê-la, e o doutor McCaffrey afirmou que não poderia me impedir de agir como um idiota por uma mulher. — Ele sorriu, lembrando-se do médico e sorrindo. — Ainda tenho alguns procedimentos em espera. E tenho trabalhado com alguns dos rapazes por lá. Encorajando-os e lembrando-lhes que há um grande mundo lá fora, que eles precisam descobrir uma forma de ser parte dele.

Ela estremeceu, balançando a cabeça, tentando ser corajosa. Ele a conhecia tão bem. Ela o agarrou pela camisa, e ele se inclinou para pressionar os lábios nos dela.

— Mas eu não quero voltar sem você.

Asher procurou seus olhos, sentindo em seu coração, em sua alma, que

estava pronto para dar um grande passo para sempre.

Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta com o polegar e o indicador biônicos, pegando o anel de ouro brilhante que pedira para a Srta. Potts encontrar na caixa de joias de sua mãe e mandar polí-lo. Parara em sua casa para pegá-lo, antes de ir ver Savannah, e ganhou um grande abraço cheio de lágrimas de sua governanta/avó substituta, que lhe desejou sorte e disse-lhe: “Savannah Carmichael não é uma idiota, por isso, não fique nervoso”.

Segurou o anel cuidadosamente, com seu verdadeiro polegar e o indicador, girando-o para que o diamante ficasse em evidência.

Savannah gemeu e começou a chorar mais uma vez, no momento em que ele estendeu a joia para ela, tomando-lhe a mão.

— Savannah Calhoun Carmichael, o dia que você chegou à minha porta, usando um vestido emprestado e segurando um prato de brownies, foi o primeiro dia da minha vida. Conhecer você, te amar, ser amado por você, tem sido como renascer. Um anjo me dando uma segunda chance de viver.

“Você me disse uma vez que eu sobrevivi para você, mesmo que não a conhecesse ainda. E eu lhe disse que não só tinha ficado vivo para você, como que nunca a deixaria partir.

“Nunca deixei. Nem quando estava tão magoado e irritado, nem enquanto estávamos separados. Você esteve comigo em todos os minutos; o seu sorriso, sua risada, a maneira como olha para mim, o jeito que me toca, a maneira como diz que me ama. A cada minuto, você estava comigo. Tão profundamente ligada ao meu coração, tão ferozmente abrigada à minha alma, que eu percebi que viver sem você é impossível.

Ele olhou para seu rosto, suave e macio, que também olhava para ele com amor suficiente para durar uma vida inteira.

— Savannah, quer se casar comigo? Por favor, querida, por favor, diga que vai se casar comigo.

Ele prendeu a respiração, observando seus olhos. Tinha-lhe ocorrido durante o passeio até sua casa que ela poderia dizer não. Poderia dizer que ele não tinha confiado nela, que não tinha acreditado nela o suficiente. Poderia dizer-lhe que precisava de mais tempo para ter certeza se eram certos um para o outro. E se ela dissesse isso? Bem, ele não iria desistir até que ela dissesse sim. Voltaria para casa o mais rápido possível, e depois do Natal iria acampar em sua

varanda. Eventualmente, ela veria que ele não desistiria deles, que o amor que tinham era imortal. Se tivesse que esperar, ele esperaria, mas — Deus! — como poderia esperar enquanto seus olhos castanhos o olhavam daquela forma? Como queria que a garota dos seus sonhos dissesse...

— Sim! Claro que sim!

Savannah levantou a mão trêmula e baixou o quarto dedo para que Asher pudesse deslizar o anel de sua mãe por ele, e todo o seu corpo estremeceu de alívio.

Ela estendeu a mão para tocar suas faces, puxando seu rosto na direção do dela, e, então, inclinou a cabeça de modo que seus lábios se encontraram, no momento em que ele a puxou para seus braços, mais determinado do que nunca a não deixá-la partir novamente. Quando eles se afastaram, sem fôlego, ele descansou sua testa contra a dela.

— Só para você saber, seu pai disse sim primeiro.

— Não teria importância se ele dissesse não.

Ele a beijou, então, porque ela era sua. Porque ele estava muito aliviado e grato por não ter que suportar mais um dia de sua vida sem ela. Porque ela era a sua melhor amiga, sua amante, sua noiva e seria a mãe de seus filhos algum dia. Porque ela fora sua segunda oportunidade e seu felizes para sempre quando toda a esperança parecera ter desaparecido.

— Eu vou te amar todos os dias para o resto da minha vida, Asher Lee — ela sussurrou, respirando contra seus lábios, fazendo-o se perguntar se não haveria algum tempo para que parassem em seu quarto uma ou duas horas antes de dirigirem de volta para Maryland juntos. — Eu prometo que nada será mais importante para mim do que você. Eu te amo mais do que qualquer coisa no mundo, e prometo que sempre amarei.

Definitivamente haveria tempo para uma parada rápida, ele pensou, sorrindo para sua noiva.

— Eu prometo o mesmo — ele disse, com uma voz baixa repleta de emoção, com amor e saudade, aliviado por saber que Savannah pertenceria a ele para sempre. — Eu vou te amar mais do que qualquer outra coisa. Todos os dias para o resto da minha vida.

Savannah ouviu a voz de Scarlet falando, em maio, à noite, há muito tempo, clara como o dia: *‘Número doze: A primeira vez que você percebe que ele te ama tanto quanto você o ama’*, e ela recuou para olhar nos mesmos olhos que haviam capturado os dela pela primeira vez em um espelho, tantos meses atrás.

— O que você disse? — ela perguntou, com uma voz suave e sem fôlego.

— Eu prometo o mesmo — repetiu ele. — Eu vou te amar para o resto da minha vida.

— Número doze — ela murmurou, sacudindo a cabeça com admiração. — Scarlet estava certa.

— Número doze? Scarlet? — Ele sorriu para ela. Em seu rosto havia uma mistura de amor, luz e confusão. — O que isso quer dizer?

O coração de Savannah disparou com ternura quando sorriu para o seu belo homem, inclinando-se novamente para sussurrar a resposta contra seus lábios, antes de beijá-lo com todo o amor de seu coração. Cada pedaço dela pertencia a ele.

— Isso significa que estamos prontos para todo o sempre.

NOTA DA AUTORA

Muito obrigada por ler a história de Asher e Savannah! Espero que você tenha gostado.

Operação Mend é uma organização real que já fez a diferença na vida de mais de cem veteranos feridos.

Durante todos os meses de junho e julho, tenho a honra de doar 50 por cento de meus lucros da venda de *O Coração da Fera* para a *Operação Mend*.

Essas pessoas são nossos verdadeiros heróis: os soldados que voltam para casa, os médicos, coordenadores, famílias, amigos e outros profissionais que fazem da *Operação Mend* uma realidade.

Saiba mais aqui: operationmend.ucla.edu/

AGRADECIMENTOS

Para todos os meus amigos no *Twitter* e no *Facebook*. Estou tão animada por compartilhar este livro com vocês! Obrigada pelo seu apoio diário e incentivo. Eu tenho os melhores fãs de todos os tempos!

Um grito especial para as *Katy's Ladies*, a equipe de divulgação mais gentil e mais incrível que um autor poderia pedir. Eu sou muito grata por todos vocês.

Para Kayla, Marijke, Cheer, Veronica, Summer e Winnie. Muito obrigada pela ajuda nos nomes! Espero que todas gostem de ver suas ótimas sugestões impressas!

Para Kim e Jennifer, no Killion Group. Obrigada por me fazer parecer bem, senhoras.

Para Jami Davenport e Allie K. Adams. Seu convite foi responsável por tudo acontecer.

Para Jennifer Bloechle, que me enviou um artigo sobre os “*10 primeiros mais importantes*” em qualquer relacionamento, que fez meu motor acelerar.

Às minhas leitoras beta que agitam meu mundo: Pam, Peggy, Summer e Tricia. Obrigada, obrigada, obrigada por lerem minha história em tempo recorde e me darem *feedback*. Seus comentários moldaram essa história no livro que é hoje.

Para Chris Belden e Melissa DeMeo, minhas editoras, que não me deixam escapar de nada. É assim que eu quero. É assim que eu preciso. Sua percepção, anotações e conselhos tornam minha escrita a melhor possível. Estou muito agradecida por trabalhar com uma equipe como vocês.

Aos meus pais, que nunca deixam de me encorajar e inspirar. Vocês são o verdadeiro amor.

E, finalmente, para George, Henry e Callie, meus queridos. A coisa *mais* importante é a gentileza e eu amo muito vocês.

SOBRE A AUTORA

A autora de best-sellers do *New York Times* e *USA Today*, Katy Regnery, iniciou sua carreira de escritora ao se inscrever em uma aula básica de história em janeiro de 2012. Um ano depois, ela assinou seu primeiro contrato e o primeiro romance foi publicado em setembro de 2013.

Vinte e cinco livros mais tarde, Katy reivindica a autoria no *New York Times* e do *USA Today*, dos mais vendidos, a série *Blueberry Lane*, que segue as famílias inglesas, Winslow, Rousseau, Story e Ambler da Filadélfia; os seis livros da série *Contos de Fada Modernos*; e vários outros romances autônomos e novelas.

Katy vive nas relativas selvas do norte do Condado de Fairfield, Connecticut, onde seu quarto de escrita dá para o bosque, e seu marido, duas crianças pequenas, dois cachorros e uma gatinha Blue Tonquês criam apenas um caos alegre suficiente para lembrá-la de que as melhores histórias de amor começam em casa.

Inscriva-se no boletim informativo da Katy hoje: www.katyregnery.com

Livro da autora já lançado pela editora Bezz:

O Silencioso Canto da Sereia (Um Conto de Fadas Moderno d'A Pequena Sereia)

Katy Regnery

Finalista do prêmio RITA® 2015 – categoria: Romance Contemporâneo Longo

Vencedora do prêmio *Kindle Book Awards* 2015 – categoria: Romance

Finalista do prêmio RITA® 2018 – categoria: Ficção com Romance Central

Notas

[[←1](#)]

Memorial Day é um feriado nacional americano que acontece anualmente na última segunda-feira de maio. O feriado homenageia os militares americanos que morreram em combate. É equivalente ao dia de finados brasileiro, mas com foco para os militares.

[[← 2](#)]

America the Beautiful não é o hino americano, é uma canção patriótica publicada a primeira vez no Quatro de Julho de 1895, como um poema, de Katharine Lee Bates. A melodia de Samuel A. Ward foi incluída e publicada a primeira vez em 1910, com o título que a tornou famosa.

[[←](#)3]

Em português, o nome bíblico é Aser.

[←4]

A autora usou, na verdade, a palavra ‘*readers*’. Este papel é de convidados pré-selecionados para lerem passagens bíblicas ao longo da cerimônia. Geralmente são escolhidos amigos chegados e pessoas da família. No Brasil, não existe uma palavra específica porque normalmente isso é feito por um dos *padrinhos*.

[←5]

A autora usou o verbo “to shag” – em referência ao nome do filme em inglês, ‘Shag’ – que pode tanto significar o ato de sovar a massa (culinária), quanto ser um termo mais vulgar para ter relações sexuais. Infelizmente, a brincadeira de duplo sentido do personagem não funciona em português.

[←6]

Organização do Tratado do Atlântico Norte

be22
EDITORA

NOS
BRAÇOS DO
ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

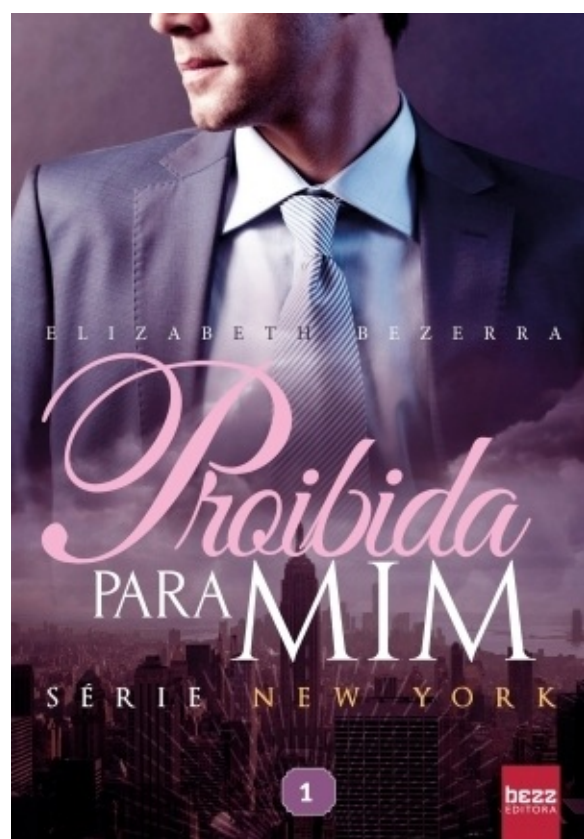
9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

KATY REGNERY

O Silencioso Canto da Sereia

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM A PEQUENA SEREIA



bezz
EDITORA

O silencioso canto da sereia

Regnery, Katy
9788568695890
350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Best-seller do New York Times, Katy Regnery apresenta um novo apaixonante conto de fada. A filha de um pescador. O filho do governador. Dois mundos muito diferentes. Laire, a filha de um pescador de uma ilha de Outer Banks, intocada pelo tempo, encontra Erik, o filho do governador da Carolina do Norte, em uma festa elegante onde ela estava trabalhando. Laire, que quer muito mais da vida do que sua pequena ilha pode oferecer, sente-se arrebatada pelo rico e sofisticado Erik, que, por sua vez, está seduzido pela ingenuidade e charme dela. Ela se torna a sua sereia em meio àquela paisagem paradisíaca. Os dois passam o verão juntos, até que o resultado se torna em corações partidos e cada um seguindo seu caminho. Anos depois, quando se veem frente a frente, sentimentos antigos ressurgem com grande força e se torna quase impossível que fiquem separados um do outro. Laire não é mais a pobre filha de um pescador, mas uma mulher com um objetivo bem definido na vida e ela não deixará que seu antigo amor por Erik atrapalhe sua nova jornada. Já Erik mais uma vez se vê enredado pela única mulher que já amou e vai descobrir, entre raiva e alegria, o mistério do silencioso canto da sereia. *Romance contemporâneo baseado no conto de fada A Pequena Sereia. Entretanto, contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto. Recomendável para leitores acima de 18 anos.

[Compre agora e leia](#)



A voz do coração

Bezerra, Elizabeth

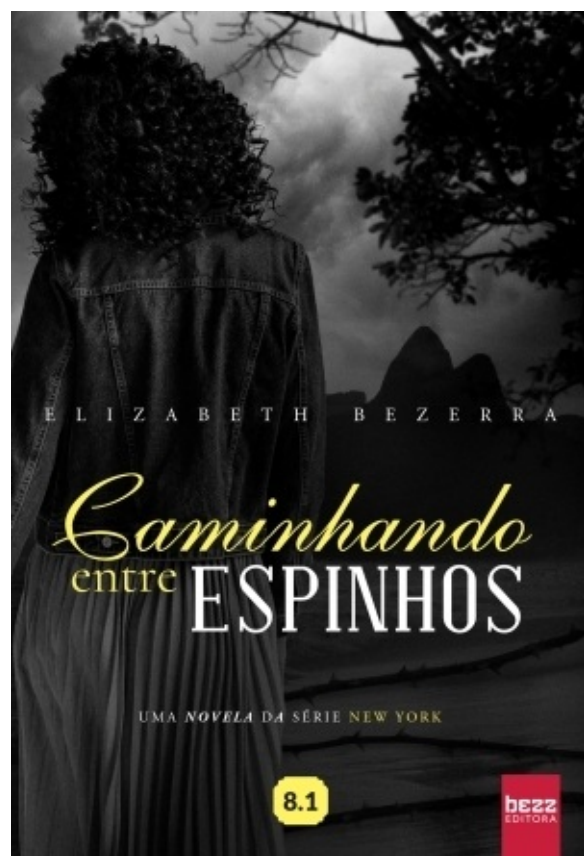
9788568695920

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

O último dos solteiros do seleto grupo de amigos de Nova York estava feliz em continuar assim... solteiro. Muralha, Grandão, Mulherengo, esses eram alguns dentre tantos atributos que Peter Stone encarava com bom humor. Mas ainda que ele fosse visto como o "Don Juan", havia um traço em Peter do qual ele carregava com orgulho: o de Salvador. Ele era o que ajudava em tudo e a todos. A regra era clara: não mexam com quem ele amava e protegia. E quando a jovem carregando cicatrizes internas e externas, Fabiana Mendes, é colocada sob seus cuidados, a ideia era apenas essa, protegê-la. No entanto, a couraça que ele construiu ao seu redor e que o ajudava a caçar bandidos e eliminar qualquer ameaça, agora sobre Fabiana, foi vencida graças à fragilidade, doçura e força interior desta mulher que tinha tudo para não sobreviver a tantas adversidades. As cicatrizes de Fabiana faziam com que Peter encarasse as dele. Fantasmas de seu passado ressurgiam para atormentá-lo e, em meio a tudo isso, ele se vê lutando contra o fascínio e o desejo incontável por sua Honey... O oitavo e último livro da série New York traz doses explosivas de romance, drama e ação, que farão seu coração viver momentos inesquecíveis.

[Compre agora e leia](#)



Caminhando entre espinhos

Bezerra, Elizabeth

9788568695821

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez uma garota... Que acreditava nas pessoas, na beleza da vida e em um amor puro e bonito. Era uma vez uma garota... Que descobriu que pessoas são ruins. Que o mundo em que vive é cheio de maldade e de dor. Era uma vez uma garota... Presa em uma torre alta, por um homem horrível e cruel. Era uma vez uma garota... Que deixou de acreditar em sonhos, contos de fadas e que príncipes encantados existem. Era uma vez uma garota... Que pulava entre as nuvens. Agora... essa garota caminha entre espinhos. Aviso: O livro é uma introdução do romance entre Peter e Fabiana. Contém cenas de violência e linguagem indevido. Aborda temas polêmicos como preconceito, abuso, escravidão sexual e tortura. Não recomendado para menores de 16 anos.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)